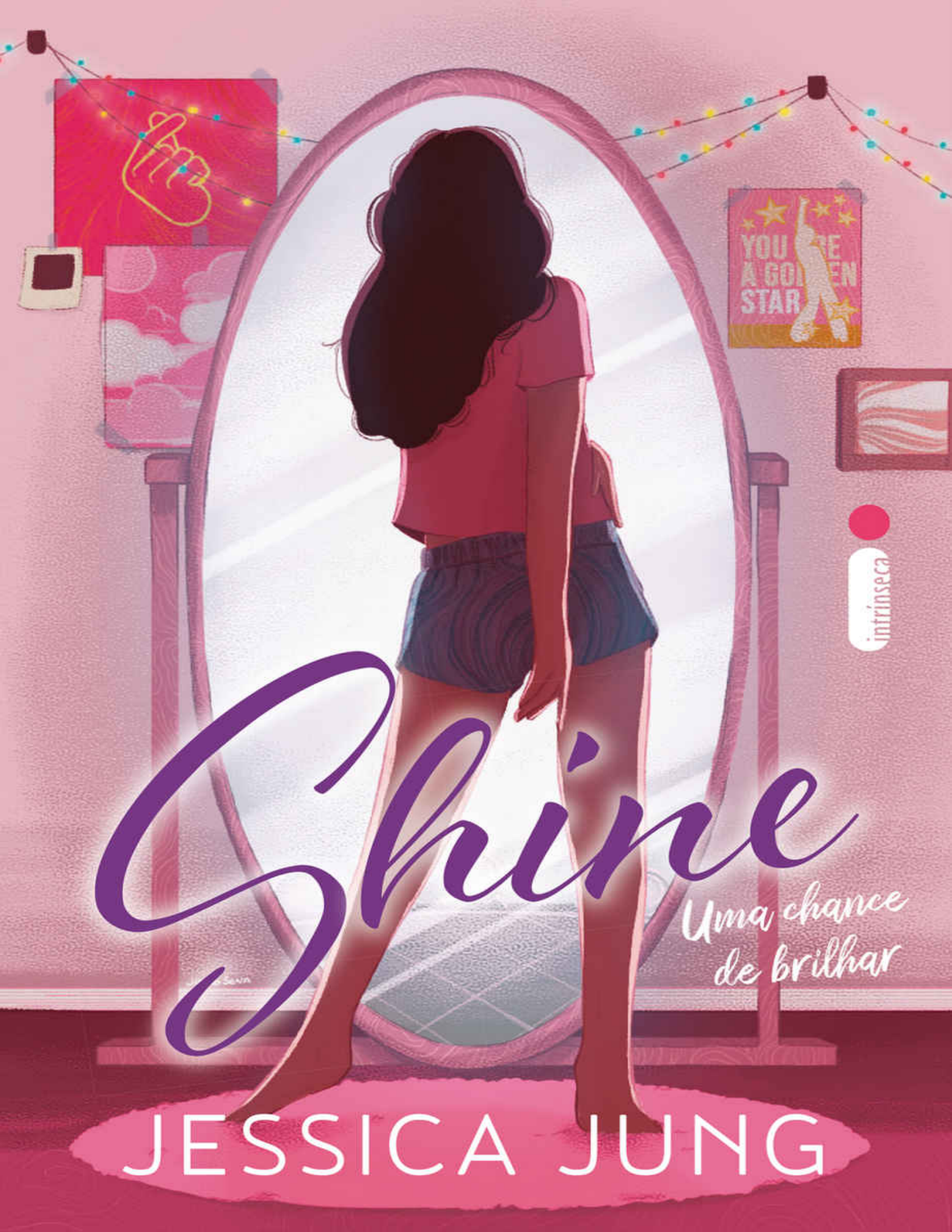

Shine
Uma chance de brilhar
JESSICA JUNG
intrínseca


No amor e no K-pop, vale tudo...
Shine
Uma chance de brilhar
JESSICA JUNG
intrínseca



JESSICA JUNG

TRADUÇÃO DE GIU ALONSO

intrínseca

Copyright © 2020 Jessica Jung e Glasstown Entertainment
Publicado originalmente nos Estados Unidos por BFYR, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division, Nova York, NY

TÍTULO ORIGINAL
Shine

REVISÃO
Marcela Ramos

REVISÃO TÉCNICA
Carolina Aguiar

IMAGEM DE SOBRECAPA
Junno Sena

DESIGN DE SOBRECAPA
Antonio Rhoden

ARTE DE CAPA
Sarah Creech
© 2020 Simon & Schuster, Inc.
ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK
Maíra Pereira

GERAÇÃO DE E-BOOK
Joana De Conti

E-ISBN
978-65-5560-051-3

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa original
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Sumário
Dedicatória

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete

Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

Para minhas Golden Stars

Um

Cabeça erguida, pernas cruzadas. Barriga para dentro, coluna ereta. Sorria como se o mundo inteiro fosse seu melhor amigo. Repito o mantra na mente enquanto a câmera foca em meu rosto. Os cantos dos meus lábios pintados com gloss cor-de-rosa se erguem em um sorriso perfeito e doce que faz você querer me contar todos os seus segredos.

Mas é melhor não contar. Sabe como dizem que a única forma de três pessoas guardarem um segredo é se duas estiverem mortas? Bem, essa é a mais pura verdade no meu mundo, onde todos estão sempre observando e segredos podem matar. Ou, pelo menos, podem matar a sua chance de brilhar.

* * *

— Meninas, vocês devem estar tão animadas!

O entrevistador é um homem de meia-idade, com cabelo preto oleoso penteado para trás e pele pálida. Ele poderia ser bonito, se não fosse a combinação de gravata de seda rosa-choque e camisa vermelha que tira a atenção de qualquer um. Ele se inclina, ávido, os olhos brilhando para as nove meninas sentadas à sua frente, um mar de cabelos perfeitamente ondulados e rostos impecáveis graças a anos de clareamento com máscaras faciais, todas coreografadas até os mínimos detalhes, do ângulo das pernas elegantemente cruzadas até os stilettos em ordem decrescente de cores em tons pastel.

— Atingiram o primeiro lugar em todas as paradas, e com o MV de estreia, ainda por cima! Só falta um resultado para o All-Kill! Como vocês se sentem com o sucesso do vídeo?

— Não poderíamos estar mais felizes — responde Mina, animada, abrindo um sorriso que deixa à mostra seus dentes

perfeitos.

Os músculos do meu rosto doem ao imitá-la.

— É a realização de um sonho — concorda Eunji, antes de estourar uma imensa bola de chiclete sabor morango.

— Somos muito gratas pela oportunidade de fazer isso juntas — comenta Lizzie, as camadas de sombra prateada reluzindo.

Os olhos do entrevistador se iluminam, e ele pergunta em tom de confidência:

— Então vocês todas se dão bem? Quer dizer, nove meninas deslumbrantes no mesmo grupo. Não deve ser sempre fácil.

Sumin dá uma risadinha descontraída, franzindo os lábios vermelhos bem delineados.

— Nada é “sempre fácil”. Mas nós somos uma família. E família sempre vem em primeiro lugar. — Ela passa o braço pelo de Lizzie, sentada ao seu lado. — Temos que ficar juntas.

O entrevistador leva a mão ao coração.

— Que gracinha. E do que vocês mais gostam em trabalhar juntas? — Seu olhar percorre o grupo lentamente, parando em mim. — Rachel?

Na mesma hora me viro para a câmera imensa atrás dele. Sinto a lente dando zoom em mim. *Cabeça erguida, pernas cruzadas. Barriga para dentro, coluna ereta.* Eu me preparei durante anos para este momento. Abro um grande sorriso, como se o entrevistador fosse meu melhor amigo. Mas me dá um branco.

Fale alguma coisa, Rachel. Qualquer coisa. Este é o momento pelo qual você tanto esperou. Minhas mãos começam a suar, e sinto as outras meninas cada vez mais tensas quando meu silêncio toma conta do estúdio. A câmera parece um holofote. Sinto a pele arder e pinicar. E minha boca fica tão seca que é quase impossível falar.

Finalmente, o entrevistador suspira, com pena de mim.

— Vocês passaram por tanta coisa, treinando juntas por seis anos antes de estrear! Essa experiência foi tudo que você esperava? — Ele sorri, me ajudando com uma pergunta fácil.

— Foi — consigo responder, com um sorriso meio congelado.

O entrevistador continua:

— Então me conte um pouco mais sobre como era sua vida enquanto treinava para a grande estreia do grupo. Qual era sua

parte favorita de morar na casa das trainees?

Seco as mãos discretamente no banco de couro enquanto minha cabeça gira em busca de uma resposta. Por fim, uma ideia surge.

— O que mais poderia ser? — digo, erguendo a mão e agitando os dedos com manicure perfeita de um jeito esquisito para a câmera. Minhas unhas estão pintadas de branco com listras cor de lavanda. — Oito meninas para fazer suas unhas. Era como viver em um salão de beleza vinte e quatro horas!

Ai, meu Deus. Qual é meu problema? Eu realmente acabei de dizer que minha parte favorita do treinamento era ter oito meninas para serem minhas manicures de graça?

Para minha sorte, a risada do entrevistador ecoa pelo estúdio, e sinto o alívio tomar meu corpo. *Certo, eu consigo.* Dou uma risadinha, e as outras meninas se juntam a nós. Então ele abre um sorriso seboso para mim. *Ops.*

— Rachel, você está recebendo muitos elogios como vocalista principal. Acha que seu talento inspira as outras meninas a se esforçarem mais?

Fico corada na hora, e coloco as mãos no rosto para esconder as bochechas vermelhas. Minha cabeça começa a girar de novo. Já pratiquei essas perguntas mil vezes, mas sempre que estou na frente das câmeras, fico paralisada. As luzes, os entrevistadores, os milhões de pessoas me assistindo. Parece que meu cérebro se desconecta do corpo, e nenhuma hora de treino ou preparo consegue fazer os dois se unirem. Sinto um nó do tamanho de uma bola de golfe na garganta e percebo que o sorriso do entrevistador está ficando cada vez mais tenso. *Merda. Faz quanto tempo que ele está esperando minha resposta?* Rapidamente, digo:

— Quer dizer, sim, eu sou talentosa. — Pelo canto do olho, percebo Lizzie e Sumin se entreolharem, as sobrancelhas erguidas. *Merda*. — Não que eu seja a *mais* talentosa. Quer dizer, bem, o grupo… Todas as meninas. Todas nós…

— Acho que o que Rachel está tentando dizer é que todas nós amamos nosso trabalho e nos inspiramos todos os dias — intervém Mina, com naturalidade. — Falando como dançarina principal do grupo, sei que aprendi muito com o meu pai sobre a importância de se dedicar arduamente a algo…

Ela é interrompida pelo toque agudo da campainha saindo dos alto-falantes. As câmeras desligam e o sorriso do entrevistador desaparece. Ele tira o paletó lentamente, revelando enormes manchas de suor debaixo dos braços, escurecendo a camisa de cetim, enquanto nós nove — integrantes do grupo principal de trainees de K-pop da DB Entertainment — aguardamos a avaliação da nossa simulação de entrevista.

— Quero ver um pouco mais de energia na semana que vem. Não se esqueçam de que, na DB, a única diferença entre uma trainee e uma estrela de K-pop é quanto você quer isso! Eunji… — A garota encara o entrevistador com os olhos arregalados e assustados. — Quantas vezes preciso dizer isso? Sem chicletes nas entrevistas simuladas! Mais uma advertência e vou mandar você de volta para as aulas dos iniciantes. — Eunji empalidece e abaixa a cabeça. — Sumin! Lizzie! — As duas erguem o rosto. — Mais personalidade, vocês duas! Ninguém vai pagar duzentos mil won por um show de K-pop com cantoras que usam maquiagem para esconder a falta de coisas interessantes a dizer. — Lizzie parece prestes a chorar, e um rubor vermelho-vivo, da mesma cor que os lábios, surge nas bochechas de Sumin. Por último, ele se vira para mim e diz, com uma voz quase entediada: — Rachel, já falamos sobre isso. Você é uma das melhores cantoras e dançarinas que já vimos, mas essa é só uma parte do trabalho. Se você não consegue se vender durante uma simples entrevista simulada, como pretende se apresentar diante de multidões todas as noites? Ou dar entrevistas de verdade, com plateia ao vivo? Esperamos mais de você.

Com um breve aceno de cabeça, ele deixa a sala de treinamento, tirando um cigarro do bolso da frente.

Praticamente derreto no banquinho minúsculo em que estou sentada faz uma hora, e meu sorriso desaparece enquanto massageio a perna direita para amenizar a cãibra causada pelos stilettos. Já ouvi tudo isso antes. *Se esforce mais, Rachel. Fique à vontade na frente da câmera, Rachel. Estrelas de K-pop devem ser adoráveis, eloquentes e perfeitas o tempo todo, Rachel.* Solto um grunhido de dor quando me viro para pegar meus All Stars. Mina me encara do seu banco.

— O que foi agora? — pergunto, com um suspiro.

Ela levanta a mão, mostrando as unhas com francesinhas perfeitas.

— *Oito garotas para fazer suas unhas*? Sério? Nós não somos suas empregadas, Rachel.

Ela revira os olhos. *Você deve saber bem como é isso*, penso. De todos na DB, Mina é quem provavelmente tem mais empregados. Ela é a filha mais velha de uma das famílias chaebol mais antigas e poderosas da Coreia, os Choo, também conhecida como família C-MART. Existem milhares de lojas C-MART no país inteiro, com sua marca laranja e branca, vendendo de tudo, desde kimchi, Yakult e japchae fresco a moletons amarelo-néon com imitações de personagens da Sanrio declamando frases ridículas em konglish, tipo “sua mãe é meu hamster”. Isso significa que Mina é riquíssima, e uma enorme dor de cabeça para mim.

— Você sabe que é por sua causa que temos tantas aulas de treinamento de mídia, né?

Meu sangue ferve. É verdade. Eu sei que é verdade. Mas não estou disposta a ouvir isso de Mina.

— Você pode pelo menos tentar responder como uma estrela de K-pop e não uma garotinha embasbacada em uma festa do pijama? — debocha ela. — Ou é pedir demais da nossa pobre princesinha coreana-americana?

Fico tensa. Não é segredo que eu nasci e cresci nos Estados Unidos (em Nova York, para ser exata), mas depois dos berros do treinador de dança por causa do meu atraso de três minutos para a aula esta manhã e do meu péssimo resultado na entrevista simulada, estou sem paciência para a grosseria de Mina.

— Não lembro do entrevistador te fazer *nenhuma* pergunta pessoal, Mina. Talvez você não seja tão interessante quanto pensa.

— Ou talvez eu só não precise mais treinar.

Eu suspiro. Pulei o café da manhã, e o esforço para manter essa briguinha com Mina exige pelo menos uma refeição, de preferência duas. Dou as costas e me afasto, guardando os sapatos de salto na minha velha bolsa de couro branco.

— O quê, você acha que é boa demais para falar comigo agora? Sua eomma não lhe ensinou boas maneiras? — provoca Mina.

— O que você esperava? — pergunta Lizzie, verificando o rímel em seu espelho com monograma. Ela o fecha com um estalo e estreita os olhos para mim. — A linda princesinha Rachel, proibida de entrar na casa dos trainees pela mamãe. Talvez seja por isso que ela acha que não temos nada melhor para fazer do que pintar as unhas umas das outras.

— Deve ser ótimo ser a favorita do sr. Noh — diz Eunji, com um suspiro exagerado. — Sabe, algumas de nós precisaram trabalhar muito para chegar aonde chegaram. Você não vê *a gente* recebendo favores do diretor da DB.

— Espero que você não se considere *algumas de nós* — retruca Sumin, se virando bruscamente para Eunji. — Não me lembro da última vez que vi você suar para conseguir alguma coisa.

— Falando em suor, é melhor se refrescar um pouco, querida — comenta Eunji, desenhando um círculo em volta do próprio rosto com o dedo. — Você está um pouco… brilhante.

— Bom, o seu nariz está um pouco falso — rebate Sumin.

— Vocês duas estão me dando dor de cabeça! — choraminga Lizzie para Mina. — Sunbae, mande elas ficarem quietas!

Mina sorri.

— Claro, Lizzie, querida. Por que não ligamos a câmera de novo? Elas vão se calar na hora! Ah, espera… Isso só funciona com a Rachel!

As garotas soltam risinhos, e meu rosto queima de raiva e vergonha. Eu deveria responder, mas não faço nada. Eu nunca respondo. Gosto de fingir que é porque estou seguindo os conselhos da minha mãe — sabe, seja melhor do que elas, sempre mantenha a compostura, nunca demonstre fraqueza, os mantras de feministas fortes do mundo inteiro —, mas o nó enorme que reaparece na minha garganta deixa claro que é mentira. Termino de amarrar os tênis e me ponho de pé.

— Com licença — digo, saindo da sala.

— Ah, pode ir — responde Mina, inocentemente.

Pelo canto do olho, vejo ela se aproximar das outras garotas, sussurrando sem parar, e sorrisos maliciosos surgem no rosto de todas.

* * *

O campus de treinamento da DB Entertainment é exatamente como as estrelas de K-pop que saem de lá: impecável, brilhante, impossível de tirar os olhos. É uma propriedade de luxo no coração de Cheongdam-dong, a capital do K-pop. No verão, trainees se reúnem para fazer ioga e pilates no jardim do terraço, disputando os cobiçados lugares à sombra para evitar qualquer dano solar na pele. Do lado de dentro, fontes gigantescas com água mineral vinda direto de Seoraksan decoram os saguões de teca e mármore. Os executivos da DB dizem que as fontes estão lá para nos ajudar a obter paz interior e alcançar nosso potencial — mas todo mundo sabe que isso é uma piada. Não existe a menor chance de se encontrar paz interior aqui.

Ainda mais com o anuário nos encarando todos os dias.

O anuário (batizado dessa forma porque a maioria dos trainees nunca terá um anuário do ensino médio de verdade) é como chamamos as paredes ao redor da fonte no hall da ala principal, cobertas por fotos emolduradas de cada estrela de K-pop que estreou do programa de trainees da DB. Os sorrisos perfeitos e o cabelo brilhante servem de lembrete para nós, meros trainees, do que aspiramos nos tornar enquanto corremos de uma aula para outra. E bem no centro da parede — o lugar onde todos sonhamos estar um dia — fica uma placa dourada com o nome de todos os artistas solo ou grupos da DB que estrearam uma música no primeiro lugar das paradas de Seul.

Quando chego ali, paro e olho a placa, meus olhos se embaçando diante dos nomes que memorizei anos atrás. Pyo Yeri, Kwon YoonWoo, Lee Jiyoung… E o mais recente, NEXT BOYZ. Sinto um aperto no peito — aquela combinação de estresse, pânico e desidratação que os trainees conhecem tão bem — ao lembrar do meu desempenho desastroso na entrevista. Fazendo uma careta, aperto o passo, correndo em direção às salas de treino individuais do lado oeste do prédio.

O corredor é repleto de brinquedos e acessórios aleatórios usados pelas maiores estrelas em shows pelo mundo inteiro. Metade da parafernália tem as insígnias da Electric Flower e de

Kang Jina (uma figura lendária da placa dourada e a líder do melhor grupo feminino de K-Pop dos últimos anos). Elas estrearam no primeiro lugar das paradas e nunca mais saíram de lá. Quando entrei na DB, eu idolatrava aquelas meninas, especialmente Jina. Eu as admiro ainda mais agora, sabendo pelo que tiveram que passar para chegar aonde estão. Mas às vezes me pergunto sobre as meninas que ficaram para trás. As que não entraram no grupo.

Será que eu serei uma das que estarão no topo, ou uma das que passam despercebidas?

Ouço uma batida reverberar pelo corredor. Espio uma das salas, onde uma trainee do segundo ano está praticando a coreografia icônica de “Don’t Give Up on Love”, da Blue Pearl. Ela erra o movimento lateral dos braços, então suspira, frustrada, e se arrasta até o painel dos alto-falantes para recomeçar a música. Meu corpo inteiro dói só de vê-la. Pelo suor na testa e as bochechas vermelhas, sei que ela está treinando há horas — o dia típico de uma jovem trainee. No final do corredor, encosto o dedo na tela eletrônica que determina a disponibilidade das salas de treino. Ainda está cedo, e é sábado, então estou torcendo para que tenha alguma livre para eu treinar minha dança à tarde, mas… Argh. Inacreditável. Todas as salas estão ocupadas.

Cerro os punhos e sinto meu corpo esquentar. Lizzie tem razão — eu não sou como as outras trainees, que ficam aqui vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, cantando e dançando nas salas de treino até as quatro da manhã, que dormem na casa dos trainees aqui perto, acordam e repetem tudo, todos os dias. Quando fui recrutada pela DB, minha mãe quase não me deixou vir. Isso exigiria mudar toda a nossa família de Nova York para Seul, afastar minha irmã da escola e dos amigos dela e meus pais abrirem mão dos empregos. Mais decisivo, porém, era o fato de que ela não entendia por que o K-pop significava tanto para mim, e *definitivamente* não entendia o estilo de vida dos trainees — a pressão intensa, os anos de treinamento, os escândalos de cirurgia plástica. Então, depois de três semanas implorando para minha mãe mudar de ideia, minha halmeoni morreu. Eu me lembro de como fiquei triste; de como chorei por horas com minha mãe e Leah; de como, enquanto estava viva, halmeoni se sentava comigo toda

manhã durante nossas visitas e trançava meu cabelo, sussurrando contos de fadas antigos nos meus ouvidos, me dizendo com sua voz tão reconfortante como eu seria bonita, inteligente e rica quando crescesse. Minha mãe não deixou Leah e eu faltarmos aula para ir ao funeral na Coreia, e, quando ela voltou, eu praticamente já tinha desistido dessa história de trainee, mas, para a minha surpresa, eomma fez um acordo comigo: a gente se mudaria para Seul, mas eu continuaria indo para a escola durante a semana e manteria a possibilidade do ensino superior em aberto, então poderia treinar nos fins de semana (começando na noite de sexta). (Alguns anos atrás, eu perguntei por que ela tinha mudado de ideia depois que halmeoni morreu, mas tudo que recebi em resposta foi um olhar distante seguido por um tapinha na minha cabeça.)

Os executivos da DB não gostaram da proposta de eomma no início, mas por algum motivo o sr. Noh decidiu abrir uma exceção para mim. Eomma acha que foi por causa do seu “empoderamento feminino americano” (nas palavras dela), mas sei que sou apenas uma das seletas favoritas do sr. Noh — uma das sortudas que ele decidiu alçar da obscuridade do programa de trainees e dar atenção extra. (Se bem que, no programa de trainees, atenção extra significa pressão extra.) Mesmo assim, a situação era bem inédita, e logo passei a ser chamada de “Princesa Rachel”, a trainee mais mimada da DB; a garota com ascendência coreana cujo passaporte americano (e atitudes americanas, como ódio por carne enlatada…) colocava uma distância maior do que o oceano Pacífico inteiro entre mim e os outros trainees. Agora, seis anos depois, embora eu esteja aqui há mais tempo que a maioria, o apelido segue firme e forte.

Era de se imaginar que as pessoas me julgariam pela minha dedicação. Pelo fato de que treino até a exaustão nos fins de semana. Pelo fato de que só durmo quatro horas por noite durante a semana porque treino depois de terminar meu dever de casa. Pelo fato de que implorei que minha escola permitisse que eu fizesse uma aula de canto à parte, só para ter cinquenta minutos sozinha todo dia na sala de música, praticando escalas. Mas em vez disso todo mundo julga minhas roupas limpas, meu cabelo bem penteado, o fato de que volto para casa e durmo na minha cama toda noite.

E sabe qual a pior parte? Eles têm razão. Todas as outras pessoas treinam vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. A maioria mora na casa dos trainees e só volta para as próprias casas uma vez por mês, se muito. Eles comem, dormem e respiram K-pop. Não importa como você encare a situação, eu não tenho como competir. Mas é exatamente isso que preciso fazer.

Pressiono a testa com a palma das mãos, tentando respirar fundo para me acalmar. Conforme me aproximo da idade de estreia, venho implorando a eomma para me deixar treinar em tempo integral, mas ela sempre recusa com firmeza. Como posso lhe explicar que é quase impossível entrar em um grupo feminino depois da adolescência? Como posso explicar que faltam três anos para eu estar velha? Já faz quase sete anos desde que a DB lançou a Electric Flower, logo antes da última grande Family Tour. A empresa não lançou outro grupo feminino desde então. Boatos de que os executivos estão planejando fazer isso — e *em breve* — circulam faz meses, e não posso esperar mais sete anos. Não posso esperar nem sete meses. Já vai ser tarde demais para mim. Essa estreia é a razão de todo o meu esforço, e de jeito nenhum vou permitir que não seja escolhida. Não importa o que eomma diga.

— Rachel!

Tiro as mãos do rosto às pressas e faço uma expressão agradavelmente neutra, me preparando para outra discussão com Mina. Porém, quando vejo Akari vindo a toda pelo corredor, o cabelo preto volumoso preso em um rabo de cavalo voando a cada passo, respiro fundo e sorrio.

Akari Masuda se mudou para Seul quando tinha dez anos, depois que o pai, um gênio da informática japonês, foi recrutado para trabalhar na base da Força Aérea em Osan. Ela estava entre as indicadas para começar a treinar na L-star Records, uma empresa de J-pop imensa em Tóquio, mas os pais não queriam que ela morasse sozinha tão jovem. Então o pai mexeu uns pauzinhos para que ela fosse aceita no programa da DB. Nós duas nos demos bem desde o primeiro dia, talvez porque saibamos como é ser uma estrangeira em Seul. Não é fácil fazer amigos quando tudo aqui parece uma competição, mas Akari é uma das poucas pessoas na DB em que posso confiar de verdade.

— Onde você estava? — pergunta ela, me dando o braço.

Akari tem a graciosidade natural de uma dançarina, graças às aulas de balé desde os quatro anos.

— Treinamento de mídia — respondo, como se não fosse nada.

Akari observa as minhas olheiras fundas e o rosto vermelho, então, com gentileza, começa a me afastar das salas de treinamento.

— Bom, eu te procurei por toda parte. Estava com medo de que você fosse perder a cerimônia de reverência dos novatos!

Eu reclamo, parando de andar na mesma hora.

— Ah, não. Por favor, não me faça ir. Você sabe o quanto eu odeio essas coisas!

— Odiando ou não, “a cerimônia de reverência representa a família. E, na DB, a família sempre vem em primeiro lugar”. — Akari dá uma risadinha, o rosto se contorcendo em uma imitação assustadoramente fiel do sr. Noh, o CEO da DB Entertainment, ou, como ele diria, o patriarca da família DB. Rá. Ela ergue as sobrancelhas. — Além disso, eu ouvi falar que vai ter bufê.

Meu estômago ronca, e lembro que não comi nada o dia todo.

— Deveria ter dito isso logo — comento, deixando que Akari me arraste pelo corredor. — Você sabe que eu nunca recuso comida de graça.

— E quem recusa? — grita Akari, quando saímos para o lobby principal.

O lugar está lotado — trainees correndo para suas aulas, funcionários passando às pressas para os escritórios, se preparando para o grande show da Electric Flower em Busan no fim de semana que vem. Passamos pelo refeitório, famoso por ser o único refeitório corporativo com estrelas Michelin na Ásia. Até famosos internacionais como Joe Jonas e Sophie Turner vieram para cá só para comer. Pena que a maioria dos trainees e idols que são representados pela DB não aproveita, porque somos pesados meticulosamente toda semana. Afinal, não podemos explodir em nossos figurinos no palco (alerta de sarcasmo).

O auditório é um dos meus lugares favoritos no campus, com o piso brilhante de madeira clara e os lustres pseudoindustriais de ferro pendurados no teto alto. O palco se ergue imponente no centro

(para representar melhor a experiência de se apresentar em um estádio, é claro), com assentos de veludo ao redor.

O sr. Noh já está no palco com os novos trainees alinhados atrás dele quando nos sentamos na primeira fileira. Olho para as crianças no palco; estão sorrindo e tremendo com a energia nervosa e animada que crianças normais sentem no primeiro dia de aula. O sr. Noh está brega como de costume, vestindo Prada dos pés à cabeça, com a mesma expressão de sempre: olhos críticos e atentos escondidos por óculos espelhados, capazes de encontrar um trainee despreparado a um quilômetro de distância. Numa tentativa falha de parecer paternal, pousa as mãos nos ombros dos novatos.

Enquanto ele fala sem parar dos desafios que esperam essa nova geração de futuras estrelas de K-pop, meu olhar passeia pelas mesas de comida arrumadas na lateral do auditório. É um banquete ocidental, com sanduíches de figo e *prosciutto*, donuts de água de rosas e pratos de frutas cheios de mangas e lichias frescas. Um grupinho de executivos da DB, assim como treinadores sêniores, já estacionou perto das mesas do bufê, devorando a comida. Reconheço um cabelo rosa-néon entre eles e aceno para Chung Yujin, a treinadora-chefe da DB. Foi ela que me descobriu enquanto eu cantava “Style” em um noraebang em Myeong-dong. Eu tinha onze anos e estava com Leah visitando nossa halmeoni em Seul durante as férias de verão. Estou com dezessete anos agora, e Yujin ainda é a pessoa na DB que mais admiro — ela é minha mentora, minha unnie. Mas Akari é a única pessoa que conhece nossa história, a única que sabe como somos próximas. Yujin sempre diz que minha vida de trainee de K-pop já é difícil o bastante (com o interesse do sr. Noh em mim e meus horários especiais), por isso, não quer piorar a situação contando que sou sua favorita. Ela acena de volta discretamente, fingindo estar interessada enquanto um executivo encarquilhado agarra o braço dela e começa a falar sem parar no seu ouvido. Yujin olha para mim do outro lado do auditório e movimenta os lábios: *Socorro!*

Dou uma risadinha, então meu olhar encontra a placa laranja e branca à mostra na mesa: EM NOME DE CHOO MINA E SEU PAI, TEMOS

ORGULHO DE FAZER PARTE DA FAMÍLIA DB. BON APPÉTIT! Meu sorriso desaparece. Talvez eu possa, sim, recusar comida de graça, afinal.

— Acho que perdi o apetite — digo, inexpressiva.

Akari segue meu olhar e vê a placa.

— Ah — diz com uma risada, tentando melhorar o clima. — Poxa, a Mina não é tão ruim assim.

— Lembra do que aconteceu na minha cerimônia de reverência?

Akari abre um sorriso que faz seus olhos se estreitarem.

— Aaaah, verdade. Eu amo essa história.

No meu primeiro dia de treinamento na DB, eu não tinha ideia de que deveria fazer uma reverência para os trainees mais antigos na cerimônia. Tinha acabado de sair do avião chegando de Nova York, e embora meus pais sejam coreanos, reverências não são o tipo de coisa que se faz muito nos Estados Unidos. Quando eu era criança, a gente só tinha esse hábito quando ia visitar os pais dos nossos amigos depois da igreja no ano-novo, e aí era uma reverência coreana formal (e valia a pena pela nota novinha de vinte dólares que eles sempre davam para a gente). Eu achei que a cerimônia fosse só um evento de boas-vindas, uma chance de conhecer os outros trainees. Yujin-unnie, sabendo que eu não teria ideia de como agir, cochichou no meu ouvido que eu deveria fazer uma reverência para os trainees mais antigos, então foi o que fiz… para os adolescentes mais velhos enfileirados. Mas quando chegou a vez de Mina, uma garota da minha idade, eu só estendi a mão, pensando que era a coisa certa (e educada!) a fazer. Foi como se eu tivesse dado um chute na barriga dela ou cuspido no seu cabelo, pelo nível do escândalo que ela fez.

Akari, que já tinha ouvido a história mil vezes, começou a imitar o showzinho épico de Mina.

— “Quem aquela vaca pensa que é?” — falou, gargalhando. — “Está se achando só porque veio dos Estados Unidos? Que novata mais mal-educada.”

Eu reviro os olhos, lembrando como ela foi me dedurar imediatamente para o sr. Noh, exigindo que eu fosse punida pela minha falta de respeito a um sunbae (literalmente *qualquer um* com mais experiência, mesmo que tenha a mesma idade ou seja mais nova que você). A sorte foi que Yujin controlou a situação. No

entanto, desde então Mina basicamente decidiu que seu objetivo de vida é me destruir.

— Ela é uma doida.

— Mas você não fez reverência para ela nem assim, né? — pergunta Akari.

— Vai ser preciso mais que uma filhinha de papai rica com complexo de superioridade para me forçar a fazer uma reverência para Mina.

— É isso aí. — Akari me dá um tapinha nas costas. — A Rachelzinha estaria muito orgulhosa de você.

Abro um breve sorriso para ela, mas meu coração fica apertado. Se eu pudesse voltar no tempo, sabendo a forma certa de me portar, será que eu realmente faria a mesma coisa? Gostaria de dizer que sim, que obviamente eu colocaria Mina no lugar dela, mas não sei se estou sendo sincera comigo mesma. Penso em como fugi da sala de treinamento hoje de manhã, em como sempre evito confrontos com as outras trainees, e Yujin sempre me diz para não dar atenção, me concentrar no treinamento, suas palavras ecoando na minha cabeça. Mas… será que a Rachel de onze anos ficaria mesmo orgulhosa de mim? Ou me chamaria de covarde?

Eu e Akari nos juntamos à cerimônia no palco, esperando nossa vez na fila com outros trainees sêniores para que os novatos nos cumprimentassem com reverências.

— Com licença — Lizzie rosna para nós. — Princesa e sua súdita, para o fim da fila.

As meninas ao redor arregalam os olhos, chocadas com a provocação.

Ao meu lado, Akari se volta para encará-la.

— Com licença *você* — retruca, o rosto colado ao de Lizzie, os olhos apertados de raiva. — Nós somos mais sêniores que você. Não vamos a lugar nenhum.

Lizzie, nervosa, procura o olhar de Mina, que está nos encarando com um sorriso metido. Mas não tem nada que ela possa fazer: todo mundo sabe que Akari tem razão.

— Dane-se. — Lizzie bufa, claramente derrotada. — Vocês ainda são estrangeiras.

A nossa volta, os trainees estão assistindo à cena e rindo. Chego no meu limite.

— Vem, Akari — resmungo, as bochechas vermelhas. — Não vale a pena.

Sei que Akari está irritadíssima pelo seu jeito de andar, bem ereta e tensa, mas ela me obedece. Não vale a pena, eu digo a mim mesma. É falta de profissionalismo fazer um escândalo na cerimônia dos novatos. Eu não sou como Mina.

Então vamos para a mesa do bufê. Yujin segura minha mão e aperta.

— Tudo bem aí? A situação pareceu… tensa.

Dou um sorrisinho forçado.

— Tudo bem. Não precisa se preocupar — digo, ignorando sua sobrancelha erguida e pegando um prato.

Distraída, estendo a mão para um sanduíche, decidida a afogar em comida a sensação de vergonha que não para de crescer no meu estômago, mas Akari detém minha mão e balança a cabeça.

— Pepino — avisa ela, apontando para a plaquinha.

— Eca. — Eu estremeço, colocando um misto-quente de bacon e queijo no prato. — Valeu. Você acaba de salvar minha vida.

— É para isso que servem as amigas. — Ela sorri. — Além do mais, não quero uma reprise da catástrofe do pepino de 2017. Ainda tenho pesadelos com você vomitando no refeitório inteiro depois de uma garfada minúscula de salada de pepino.

— A culpa não foi minha! Pepino é tipo o jogging do mundo vegetal. As pessoas fingem gostar só porque teoricamente é saudável, mas na verdade é só horrível. Deixa um gosto horrível na boca. Pepinos deveriam ser ilegais!

— Foi mal, mas acho que pepino tecnicamente é uma fruta — diz Akari com uma risada, e jogo um guardanapo amassado nela.

Se você entrar em qualquer aula de trainees de K-pop, vai encontrar alguns dos adolescentes mais talentosos do mundo — dançarinos excelentes, cantores impecáveis e, é claro, fofoqueiros de primeira.

— Ouvi dizer que ele pintou o cabelo de laranja — comenta Eunji.

— Não só de laranja, mas exatamente do *mesmo* tom personalizado do Romeo do BigM$ney — diz um trainee de calças

prateadas do primeiro ano, com voz de quem mal saiu da puberdade.

Parece que a aula começou.

Todas as fofocas, é claro, giram em torno de uma única pessoa: Jason Lee, a mais recente estrela de K-pop da DB e a última adição à tão desejada placa dourada do anuário, depois que seu grupo, NEXT BOYZ, estreou em primeiro lugar com o single “True Love”. É impossível dar um passo no campus — ou em qualquer lugar de Seul, na verdade — sem ouvir a voz de tenor de Jason cantando sobre encontrar seu verdadeiro amor. O sr. Noh nunca parecera tão feliz. Mas agora, aparentemente, o doce, humilde e fiel Jason e os executivos da DB estão envolvidos em uma briga enorme, e ninguém sabe por quê. Dou um gole em uma lata de Milkis, feliz por esquecer meu dia e ouvir as teorias se espalhando ao meu redor.

— Ouvi dizer que ele roubou algo da coleção de vinis do sr. Noh — sussurra uma terceira voz, se escondendo atrás de uma franja pesada castanho-avermelhada.

— O Anjinho? Roubando? Nunca!

— Será que o sr. Noh ia notar? Ele tem, tipo, mil discos.

— Você está falando sério? Ele é obcecado por aqueles vinis.

— Quem liga se ele roubou alguma coisa? Ele é lindo demais para ser demitido!

Meia dúzia de trainees assentem, concordando.

Balanço a cabeça de leve, sem acreditar. Discos roubados e tinta de cabelo? Esses são os piores boatos que a terrível fábrica de fofocas da DB conseguiu inventar? Alguns meses atrás, quando uma trainee, Suzy Choi, foi dispensada de repente no meio de um ciclo de treinamento, espalharam loucamente histórias de que ela era viciada e devia milhares de dólares para traficantes, que a venderam para um daqueles restaurantes temáticos da Coreia do Norte no Camboja. (Akari, por outro lado, diz que viu Suzy na rua andando de mãos dadas com um menino bonitinho, mas não acredito nisso. De jeito nenhum Suzy teria quebrado a regra mais importante da DB, “namoros são proibidos”. Nesta indústria, drogas ilícitas são mais prováveis do que um namorado ilícito.) Certa vez, ano passado, meus pais estavam trabalhando no domingo e pediram que eu trouxesse Leah para o treino — os boatos de que

ela era minha filha bastarda e que eu não podia treinar durante a semana porque tinha que cuidar dela só começaram a morrer agora. É claro que o fato de que sou só cinco anos mais velha que ela não pareceu importar para ninguém.

— A gente deveria estar se concentrando em treinar bastante, não em fofocas — diz Mina, cheia de superioridade, se alongando enquanto fica de pé e olha para o sr. Noh.

Luto contra o impulso de revirar os olhos. Dava para ela ser mais óbvia?

Concentrando-se em mim, Mina se aproxima com um sorriso ao ver o prato em minhas mãos.

— Rachel. Uma pena você não ter participado da cerimônia de reverência. Mas é melhor deixar para a gente que sabe o que está fazendo, não acha? Espero que você esteja aproveitando a comida.

Chega. Não aguento mais lidar com Mina hoje.

— Estou, com certeza — respondo animadamente, pegando um pedaço de bacon e colocando na boca. — Tenho sorte de ser naturalmente magra, então nem preciso tomar cuidado com o que como.

Eu lanço um olhar demorado para o prato dela, cheio de aipo e dotori-muk, enquanto um grupo de trainees mais jovens se vira para nós, arregalando os olhos e rindo.

Mina estreita os olhos, chocada e com raiva — ela não está acostumada a me ouvir responder. Tenho certeza de que vai me fazer pagar por isso. Erguendo a voz vários decibéis, ela retruca:

— Se você e Akari estiverem livres hoje à noite, por que não se juntam a nós para um treino vocal na casa dos trainees? A gente faz isso todo sábado, e não quero que vocês fiquem para trás.

A casa dos trainees. Até parece. Eomma nunca me deixaria ir, e Mina sabe disso.

Antes que eu possa responder, o sr. Noh se aproxima a passos largos. Os berros de Mina obviamente serviram seu propósito. Pelo menos ela aprendeu alguma coisa com essas lições de canto extra: a garota sabe projetar a voz.

— O quê? Ouvi falar em um treino noturno? — O olhar do sr. Noh percorre o grupo e para em mim. — Rachel, essa ideia foi sua? — pergunta ele, com um sorriso. — Nossa trainee mais esforçada!

Ele mantém o olhar em mim. Todos os outros trainees em volta ficam em silêncio, o mais eretos possível, alertas e prontos para serem chamados e impressionar a qualquer momento.

Ao meu lado, Mina parece furiosa que o sr. Noh tenha voltado suas atenções para mim mais uma vez. Forço um sorriso e abro a boca para responder, mas Mina me interrompe no último momento.

— Estarei lá, senhor! — Ela praticamente grita, alguns pedaços de aipo voando do prato.

O sr. Noh arregala os olhos, confuso, mas logo se recupera.

— Que ótima atitude. Muito bem, senhorita… Hum…

— Choo. Choo Mina. Meu pai é Choo Minhee… — Ela fica decepcionada. — Vocês são amigos de longa data…

— Ah, claro, claro, você é a filha de Minhee! — Sr. Noh dá uma risadinha com um olhar de alívio. — Obrigado por me lembrar.

Um sorriso explode no rosto de Mina.

— *Eu* que agradeço, sr. Noh — responde Mina, docemente. — O senhor está planejando encontrar o papai em breve? Ele sempre diz o quanto aprecia sua presença na festa de Natal da Choo Corporation…

— Sim, sim, tenho que ligar para ele qualquer dia desses. — Ele dá uma risadinha antes de voltar-se para mim. — E que ótimo gosto para amizades, Rachel! Você e Mina são ótimos exemplos para os outros trainees sêniores. Vocês deveriam considerar essa sessão de canto noturna uma prioridade. — Os olhos dele encontram os meus, e eu me vejo no reflexo dos seus óculos. — Especialmente para quem quer estrear em breve.

Sinto o estômago arder, mas não cedo. Sinto a expressão arrogante de Mina ardendo na lateral do meu rosto, mas só tomo outro gole de Milkis e sorrio.

— Pode contar comigo — digo.

O sr. Noh assente, satisfeito, e ergo a latinha para ele como se estivesse fazendo um brinde. *À família e a estar totalmente ferrada*.

— Mal posso esperar — completo.

Dois

Suor escorre pela minha testa enquanto dou outro soco no saco de boxe à minha frente. *Bam.* O sorriso arrogante de Mina. *Bam.* As regras de eomma. *Bam.* Eu fugindo das meninas depois do treinamento de mídia em vez de me defender. *Argh.* Eu soco tudo isso com força, tudo que me irrita, todos que se colocam no meu caminho… inclusive eu mesma.

Appa, que está apoiando o saco de boxe, solta um gemido quando dou golpe atrás de golpe.

— Você deve se inspirar muito em mim — comenta.

— Por que diz isso? — pergunto, a respiração entrecortada por conta do esforço.

— Você claramente pretende seguir meus passos. — Ele dá uma risadinha. Appa era lutador de boxe profissional. — Por que outro motivo minha filha de dezesseis anos estaria torturando esse saco de boxe?

— Dezessete, appa. Esqueceu que, na Coreia, eu tenho dezessete anos?

Na Coreia do Sul, considera-se que a pessoa tem um ano quando nasce, o que significa que sou um ano mais velha aqui do que nos Estados Unidos. *Um ano mais perto de ter passado do meu auge. Um ano mais perto de estar velha demais para estrear.* Dou outro soco.

— Desculpa, filha — diz appa, com um suspiro.

Dou um último soco e me afasto um pouco, com a respiração pesada. Meu rabo de cavalo está grudado na nuca suada. Se estivesse na DB, eu sentiria vergonha. Os treinadores odeiam quando as trainees suam, mesmo depois de horas de treinamento; dizem que isso nos faz parecer pouco profissionais e desleixadas. Além do mais, a maioria das meninas treina de maquiagem, e rímel escorrido não é nada bonito. Mas na academia de luta eu me jogo.

Sinto como se tivesse acabado com alguém, mesmo que tenha sido só na imaginação.

Appa me encara, pensativo.

— Está tudo bem?

Ele indica o outro extremo da academia, onde Akari e minhas amigas da escola, as gêmeas Cho, estão lutando, equipadas com protetores de cabeça e luvas. Elas vêm comigo às vezes quando visito appa na academia da nossa família; appa conta histórias dos seus dias de glória, e nós fazemos nosso exercício aeróbico.

— Tudo certo — respondo.

Por mais legal que appa seja, sei que qualquer coisa que eu contar a ele sobre minha vida de trainee vai, mais cedo ou mais tarde, chegar aos ouvidos de eomma. Não é que appa não saiba guardar segredo. Na verdade, sei que ele está guardando um segredo bem grande dela.

— Como vão as aulas, aliás? — pergunto.

Ele dá uma olhada em volta, como se eomma pudesse estar escondida atrás de um saco de boxe. Mas além de mim e das minhas amigas, a academia está vazia. Como de costume.

— Estão indo bem. — Ele pigarreia. — Você ainda não contou para a sua mãe ou para Leah, certo?

Balanço a cabeça. A única razão para eu saber que appa está fazendo aulas de Direito à noite escondido, para começo de conversa, é porque vi um livro didático no escritório em uma das minhas visitas à academia. Quando perguntei o que era aquilo, ele ficou todo nervoso e tentou fingir que estava lendo por lazer, mas depois de um tempo desistiu e me contou a verdade. Mesmo assim, me fez prometer não contar para eomma nem Leah.

— Não. Mas já fazem o quê, dois anos? Você não acha que está na hora de contar? Quer dizer, você está prestes a se formar!

— Não quero criar expectativas nelas — responde, a mesma coisa que falou no dia em que descobri. — Todos sabemos que a academia não está indo bem. Não é como antes…

Ele fica em silêncio, e eu penso em como era nossa vida em Nova York. Appa era meio famoso por seus dias de lutador profissional, e a academia dele no nosso bairro, o West Village, vivia lotada. Eomma estava quase virando professora titular de Literatura

Inglesa na NYU. Todo mundo era ocupado, mas ainda assim nós quatro estávamos sempre juntos. Depois da escola, eu e Leah ficávamos sentadas no fundo da sala de aula de eomma, fazendo dever de casa e desenhando. Nos fins de semana, a gente ajudava na academia, distribuindo água e toalhas para as pessoas enquanto eomma cuidava do escritório, ajudando com os horários de aulas e as entregas. Depois a gente tomava sorvete e levava Leah para ver o moço que fazia bolhas de sabão gigantes no Washington Square Park.

Mas tudo é diferente agora. Eomma precisa trabalhar em dobro para tentar conseguir a vaga de professora titular, o que ainda pode levar anos. Leah passa horas sozinha depois da escola enquanto nossos pais trabalham e eu faço meu dever de casa ou tento me manter em dia com o treinamento. E a academia do appa… Bom, ele a comprou mais ou menos um ano depois de nos mudarmos para Seul, mas ela nunca decolou. Em algumas semanas, eu e minhas amigas somos as únicas pessoas que aparecem.

Pela terceira vez hoje, sinto um nó na garganta. Sei que appa está feliz por mim e pela minha rotina como trainee de K-pop, mas não posso evitar o sentimento de culpa quando penso nos sonhos de que ele abriu mão para me deixar correr atrás dos meus. Appa balança a cabeça e dá um sorrisinho.

— Eu amo a academia, mas amo mais você, Leah e eomma. Vocês três são o que importa agora, e um diploma de Direito vai nos dar alguma estabilidade financeira. Mas eu não quero decepcioná-las. Principalmente Leah. Ela só tem doze… treze!... anos, e você sabe como ela fica animada com tudo. Vamos só esperar mais um pouco para ver se eu tenho alguma chance de me dar bem nisso.

Concordo, compreensiva. A ideia de decepcionar minha família, que abriu mão de tanta coisa para que eu pudesse treinar na DB e ser famosa, me apavora. Mas é por isso que para mim não é uma questão de “se” vou alcançar meus sonhos, e sim uma questão de “quando”. Para mim não existe outra opção além de ser bem-sucedida.

— Chega de papo de velho — diz appa, tentando manter a voz animada. — Vai se divertir com as suas amigas.

Agora Akari está segurando o saco de boxe para as gêmeas, que se alternam nos ataques. Cho Hyeri e Cho Juhyun são minhas melhores amigas na Escola Internacional de Seul desde o primeiro dia do quarto ano, quando o diretor as nomeou minhas guias oficiais. Eu estava tão nervosa a respeito do que as pessoas iam pensar sobre o meu programa de K-pop — será que me achariam estranha? Ou mimada? Ou talvez quisessem que eu fizesse uma reverência para elas, como Mina? —, mas Hyeri e Juhyun nem esquentaram a cabeça, pegaram minha mão antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa e me levaram para todos os cantos da escola. Estavam mais interessadas nos adesivos com glitter que eu havia costurado nos meus All Stars e em como tinha sido crescer tão perto das lojas chiques do SoHo e das tendas da Semana de Moda no Bryant Park — não que eu tivesse muito o que dizer sobre isso. As duas eram altas e magras, com maçãs do rosto pronunciadas e cabelo castanho brilhoso que caía em ondas naturais (segundo elas) pelos ombros. As duas poderiam ser modelos se quisessem e, como herdeiras da corporação de maquiagem Molly Folly, tinham os contatos certos para isso.

Mas a única coisa que Hyeri quer fazer na empresa da família é revolucionar o departamento de engenharia e design. Ela está sempre falando sobre as reações químicas necessárias para produzir delineadores que brilham no escuro ou sobre os experimentos feitos para chegar às embalagens cem por cento orgânicas e compostáveis da nova linha de sombras. Quanto a Juhyun, ela já é praticamente famosa com seu canal de beleza no YouTube. Mesmo suando na academia, a maquiagem continua impecável, desde o batom matte vermelho até os cílios perfeitamente curvados.

— Pausa para água? — sugiro, tirando as luvas de boxe.

— Sim, por favor — diz Hyeri, acertando um último soco. — Acho que ouvi alguém falar de sorvete e hotteok depois daqui?

— Foi *você* que falou de sorvete — retruca Juhyun.

— E daí? — Hyeri abre um sorriso e dá um soco de leve no ombro da irmã. — Foi você que falou: “Quem come sorvete sem hotteok?”

Juhyun dá uma risada.

— Bom, não estou errada.

Akari solta o saco de boxe, que range ao se balançar para a frente e para trás. A gente pega as garrafas de água e toma um longo gole. Akari molha o próprio rosto.

— Tá tudo bem, Rachel? — pergunta Juhyun, secando a boca com as costas da mão. — Você estava especialmente motivada hoje.

— Ainda está pensando no que aconteceu com Mina? — pergunta Akari, preocupada.

— Ah, shibal! O que aquela babaca fez dessa vez? — reclama Hyeri.

Conto para as gêmeas do convite da Mina para um treino noturno na frente do sr. Noh. Elas assentem, compreendendo. Não é a primeira vez que desabafo sobre a DB e a Mina.

— Ela fez de propósito! — Fico vermelha ao me lembrar do que falei para Mina e suspiro. Eu nunca deveria ter feito aquele comentário sobre poder comer o que quiser. — Minha mãe nunca vai me deixar ir para a casa dos trainees e, quando eu não aparecer, a Mina com certeza vai avisar o sr. Noh. Aí eu posso dar adeus para o meu futuro.

Só de pensar nisso eu fico toda arrepiada, em pânico.

— Então vai — diz Akari. — Vai, e mostra para ela e para todas aquelas outras trainees que você merece isso tanto quanto elas.

— E você? Ela também te convidou.

Akari dá de ombros.

— É “noite da família” lá em casa, e a presença é obrigatória. Eu iria se pudesse, mas na verdade não importa. Estou na DB faz cinco anos e acho que o sr. Noh nem sabe quem eu sou. Se não fosse pela Yujin-unnie, tenho certeza de que eles já teriam me cortado.

Faço uma careta. Embora more na base militar com a família, Akari está na DB todos os dias, treinando com Mina e as outras meninas. E a dança de Akari é inacreditável; Yujin diz que ela deixa até Frankie, da Red Hot, que é claramente a melhor dançarina de K-pop na indústria, no chinelo. Mas todo mundo sabe que, para os trainees, talento não é tudo. É por isso que todos ficamos desesperados para ser notados pelo sr. Noh e pelos outros executivos da DB. Porque a cada trinta dias, sem falta, os trainees

se reúnem no auditório com o conselho executivo da DB, esperando para serem avaliados, considerados aptos a permanecer no programa ou a ser expulsos. Depois de seis anos, o julgamento constante estava quase começando a parecer normal, mas alguns meses atrás Akari tinha sido chamada ao escritório do sr. Noh depois de uma avaliação — um sinal claro de que ela seria convidada a se retirar. De que ela não tinha feito o suficiente para se destacar. Não sei o que Yujin disse ou fez, mas Akari voltou no dia seguinte, um pouco quieta e triste, mas apareceu. Ela não tocou no assunto desde então. Olho para as gêmeas, que dão de ombros, sem saber o que dizer.

— Estou bem. Não quero que vocês fiquem com pena de mim! — Akari sorri, mudando de assunto rapidamente. — Além do mais, é só uma noite. E é da sua carreira que estamos falando.

— Tenho que concordar com a Akari — diz Hyeri, fechando a garrafa de água. — Você quer isso mais que tudo, né? Se um treino noturno na casa dos trainees vai te colocar no caminho certo, você precisa ir.

Olho de relance para appa. Ele está do outro lado da academia, quase destruindo um saco de boxe, suor voando para todo lado. Está focado.

— Não sei — comento. — Minha mãe ia pirar.

Juhyun inclina a cabeça para o lado.

— Vale a pena?

Limpo o suor do rosto. Vale a pena? Essa é a pergunta que me faço todos os dias. Tantos treinos, os fins de semana perdidos, os sacrifícios da minha família. A sensação constante de não pertencer a um lugar onde quero desesperadamente estar. Tudo para alcançar meu sonho de ser uma estrela de K-pop. Penso na Rachel de onze anos. A menininha que sempre se atrasava para as aulas porque não conseguia parar de ver vídeos de K-pop no banheiro durante os intervalos. Algumas coisas quase não haviam mudado. Outras mudaram completamente.

— Isso significa tudo para mim.

— Então está decidido — conclui Akari.

Os olhos de Juhyun brilham sob as luzes fluorescentes da academia.

— Mina te subestima, *Princesa Rachel*. — Ela tira as luvas de boxe e desenrola a faixa das mãos, revelando as unhas pintadas em um intrincado padrão floral rosa-claro e azul-marinho. — Agora vai mostrar para aquela vaca quem manda.

* * *

Aperto o botão do décimo oitavo andar, ansiosa para chegar em casa e tomar um banho depois que appa convenceu Akari e eu a entrarmos no ringue e lutar com ele por meia hora.

A primeira coisa que ouço ao entrar no apartamento é uma música de K-pop, seguida pela risada de Leah e de um grupo de meninas. Calço meus chinelos e vou para a sala, onde Leah está esparramada no chão com quatro colegas da escola, vendo o novo vídeo da Electric Flower no celular. Reconheço-o imediatamente: a lendária Kang Jina com o resto do grupo, todas dançando em macacões laranja brilhantes, se destacando com o fundo preto. É o vídeo que viralizou mais rápido na história da DB, passando de trinta e seis milhões de visualizações em menos de vinte e quatro horas. Leah fica de pé, segurando uma escova de cabelo como se fosse um microfone, e grita a letra, acompanhando cada nota da poderosa voz de soprano de Jina. Não consigo conter um sorriso. A menina tem talento.

Ao me ver, uma das amigas, com rosto em formato de coração e brincos de diamantes da Hello Kitty, cutuca Leah com o pé.

— Sua unnie chegou — avisa, me indicando com a cabeça.

Leah gira e estende a escova de cabelo para mim.

— É com você, unnie!

Faço um movimento desanimado para pegar a escova, mas a música logo termina, deixando um silêncio sem graça na sala.

— Que pena — diz a menina com rosto de coração. — A gente poderia ter visto a performance de uma trainee de K-pop de verdade.

Outra menina, de camiseta listrada, ergue a sobrancelha para mim, observando meu cabelo oleoso e embaraçado e minha calça de moletom larga.

— Hum, tem certeza de que *ela* é a trainee de K-pop? Talvez Leah estivesse falando de outra irmã.

Leah dá uma risada sem jeito, se jogando no chão outra vez e largando a escova de cabelo.

— Não… é ela, sim. Só tenho uma unnie.

— Eu mesma — digo.

A garota da camisa listrada fica chocada.

— Tem certeza?

Caramba, Mina e as outras trainees não são nada perto dessas pré-adolescentes maldosas.

Leah engole outra risada, as bochechas ficando vermelhas.

— Que isso, gente. Podem acreditar. Lembram daquelas meninas idiotas do nono ano que seguiram minha irmã no ônibus até a sede da DB só para ver se ela era mesmo uma trainee? Não sejam que nem elas.

— Se é mesmo uma trainee, o que sabe sobre a DB? — pergunta outra menina, se inclinando para a frente de olhos arregalados. — Você já viu o Jason Lee?

— Eu ouvi dizer que ele tem uma namorada secreta e que eles só se veem durante a lua cheia — diz a quarta garota do grupo. — É verdade?

— Ai, que romântico. — A menina com o rosto de coração suspira. — É verdade que ele escolhe uma superfã nas redes sociais e a surpreende com um dia juntos? Ele é incrível!

Rio comigo mesma. Mesmo fora da DB, as fofocas não conseguem estragar a reputação de Jason “Anjinho” Lee.

— Hum. Bom… na verdade eu não vejo ele por lá.

Estou sendo honesta, mas vejo que não era a resposta que elas queriam.

— Mas e a Electric Flower? Elas se dão bem? Eu aposto que a Kang Jina é a favorita do sr. Noh. Obviamente ela é a mais bonita.

— Eu não… sei?

Meu corpo está sentindo aquela luta de trinta minutos, e mal consigo acompanhar as perguntas delas.

A menina de camiseta listrada solta um suspiro exasperado, soprando a franja para cima.

— Que… interessante. — Ela cuidadosamente dá a volta no moletom suado que larguei no chão. — Acho que ser uma trainee não é tão divertido ou… *glamoroso*… quanto a gente achava. Erro nosso. Vamos, meninas. Vamos fazer compras na Coex.

Ela assente para as outras três, sem olhar para Leah. Todas se levantam e passam por mim em fila, calçando os sapatos.

— Ah, espera… Eu adoro compras! — Leah se levanta aos tropeços, vendo as meninas saírem. Dá um suspiro, cabisbaixa, quando a garota de rosto de coração bate a porta. Ai.

— Desculpa, Le…

Antes que eu possa terminar, ela se vira para mim, o rosto corado de raiva.

— Unnie! Será que é demais pedir para você pelo menos *fingir* ser uma trainee maneira?

Magoada, dou um passo para trás.

— O quê? Nem tenta dizer que isso é culpa minha! Toda semana você chama um grupo diferente de meninas para cá. Por que não tenta arrumar amigas que gostem de você por quem *você* é, para variar, em vez de garotas que só estão atrás de fofocas?

— Bom… Talvez elas começassem a gostar de mim com o tempo! Sabe, se você não tivesse assustado elas com esse moletom ahjussi e esse cabelo nojento — revida ela. — Eu sei que tem banheiro feminino na academia do appa. Para de ser preguiçosa.

Respiro fundo. Sei que aquelas meninas não eram suas amigas de verdade, mas também entendo que Leah esteja chateada. Assim como appa, ela não pediu para deixar Nova York e a vida que nossa família tinha para trás e se mudar para o outro lado do mundo, só para que eu pudesse correr atrás do meu sonho, mas mesmo assim Leah me apoiou desde o começo. Ela era muito nova naquela época, mas acho que em parte gostaria de fazer o teste para o programa de trainees da DB agora. O problema é que, depois de tudo que passei, eomma nunca deixaria, e Leah sabe disso. Então, sim, eu provavelmente poderia ter feito um showzinho para as amigas delas. Que mal teria?

Mas é tarde demais agora.

Penso em outra maneira de animá-la.

— Bom, talvez eu não tenha contado para as suas amigas o que está acontecendo na DB porque quero contar para você primeiro. — Eu me jogo no sofá e dou um tapinha no lugar ao meu lado. — Irmãs recebem as fofocas em primeira mão.

Hesitante, Leah se senta, fazendo questão de não chegar muito perto. Ela não está pronta para deixar de ficar brava comigo, mas está curiosa. Eu conto tudo o que aconteceu hoje, exagerando bastante: minha briga com Mina no treinamento de mídia, o convite dela para a casa dos trainees e o sr. Noh dizendo que meu futuro na DB depende da minha participação hoje. Leah se aproxima cada vez mais enquanto falo, os olhos se arregalando a cada palavra, até estar praticamente sentada no meu colo.

— Unnie! — grita ela, balançando meus ombros. — Uma noite na casa dos trainees! Parece um sonho.

Dou risada, deixando ela me sacudir como uma boneca de pano.

— Não fique animada demais, irmãzinha. Você sabe que a eomma não vai me deixar ir de jeito nenhum.

— Ah, é verdade — concorda Leah, escondendo o rosto nas mãos.

Penso na minha conversa com Juhyun.

— É claro — prossigo, determinada — que eu poderia sair escondida…?

Leah dá um gritinho.

— Eu ajudo com o seu plano de fuga! Já até pensei em como vai ser!

Estreito os olhos.

— Espero que não envolva sair pela janela do décimo oitavo andar e escalar a parede do nosso prédio.

Minha irmã mais nova é conhecida na família pela sua obsessão com o The Rock.

— Certo, então vou pensar em um plano B. — Seus olhos brilham. — Contanto que você me arrume um autógrafo do Jason Lee. Você sabe que ele é o meu *Ultimate Bias*!

— Como você quer que ele assine? “Para Leah Kim, minha querida futura esposa”?

Ela grita de novo, se jogando no sofá e balançando as pernas no ar, animada.

— Eu ia morrer! Não, primeiro eu ia emoldurar. *Aí* eu ia morrer. — Ela se senta de novo e agarra minhas mãos. — Promete que você vai enterrar o autógrafo junto comigo.

Dou risada.

Ouvimos a porta se abrir e eomma nos chamar. Leah e eu nos entreolhamos. Entrelaçamos nossos mindinhos, depois nos inclinamos para beijar os punhos e tocar as bochechas, completando nosso aperto de mão especial das irmãs Kim, criado anos atrás.

Eomma entra na sala, carregando uma sacola cheia de comida do Two Two Fried Chicken. Jantar. Eomma é professora de linguística na Universidade Feminina de Ewha e, com a prova para o cargo de titular chegando, tem estado cansada demais para cozinhar quando chega em casa. Não que a gente reclame. Para eomma, refeição caseira é cozinhar um ovo em uma panela de Shin Ramyun e cobrir tudo com uma fatia de queijo — delicioso, mas nada leve. Além disso, acho que ela me faz comer macarrão de propósito, para me deixar inchada para o treinamento no dia seguinte. Uma espécie de sabotagem inconsciente usando calorias.

— Estão com fome? — pergunta ela, erguendo a sacola.

A gente ataca, tirando as embalagens de frango frito fumegante, além de vários banchan, incluindo daikon kimchi e salada crespa coberta com o que parece ser molho de Big Mac. Faz frio para abril, então o aquecimento do piso da cozinha está ligado, deixando o ambiente bem quentinho. Eu me sento e pego um pedaço de yangnyeom chicken, o molho doce e apimentado grudando nos meus dedos, enquanto eomma separa alguns pedaços de frango com cebolinha, os favoritos do appa. Ele ficou na academia até tarde hoje, fazendo a limpeza semanal dos aparelhos (o que na verdade significa que está na aula de Leis de Propriedade Intelectual), então somos só nós três.

— Como foi seu dia, Leah? — pergunta eomma.

Leah começa a tagarelar sobre a Kang Jina, da Electric Flower (“Ela é *tão* linda”), Jason Lee (“Ouvi dizer que ele está criando uma instituição de caridade para fazer terapia musical com crianças na Coreia. Ele não é o máximo?”) e o K-drama a que está assistindo na Netflix (“Se Park Dohee de *Oh My Dreams* não recuperar a memória

rápido, juro que vou parar de ver"). Eomma assente, sorrindo distraída enquanto come a salada. Eu tiro a pele do frango cuidadosamente e espero ela me perguntar sobre o meu dia. É sábado, então ela sabe que estive na DB.

Por fim, Leah diminui o ritmo e eu me preparo psicologicamente, sonhando que, desta vez, eomma queira saber como foi na DB, que seja compreensiva quando eu contar sobre Mina e o sr. Noh e que me deixe ir à casa dos trainees à noite. Mas, finalmente olhando para mim, o que pergunta é:

— Terminou o dever de casa, Rachel? E a louça que pedi para lavar?

Ela lança um olhar irritado para a pia cheia de pratos sujos.

Puf. Sonho destruído.

Eu trinco os dentes e sinto a mandíbula retesar.

— Meu sábado foi ótimo, obrigada por perguntar. Eu passei o dia todo no treinamento, depois fui visitar o appa na academia. — Faço uma pausa. — Desculpa pela louça — completo, engasgando com as palavras como se fossem um osso de galinha preso na garganta. Não que eu me arrependa de me dedicar ao treino, mas eomma está franzindo os olhos naquela expressão típica de "vou fazer você se arrepender do dia em que nasceu" que ela usava quando eu e Leah não nos comportávamos no metrô durante a hora do rush em Nova York.

Eomma suspira e enfia a mão na bolsa, em cima da mesa.

— Sempre no treinamento. Por que não tenta fazer algo diferente? Não é saudável ficar tão obcecada por uma coisa só. — Ela tira uma pilha grossa de papéis da bolsa e me entrega. Leio as palavras INSCRIÇÃO UNIVERSITÁRIA UNIVERSAL carimbadas no topo da primeira página. Sinto tontura e pânico quando minha mãe bate palmas, um sorriso enorme no rosto. — Rachel! Eu trouxe isso para você. Amanhã vai ter um seminário educacional na Ewha! Serve para preparar alunos do ensino médio para o processo de inscrição na universidade. Por que você não vai? Eles vão te ajudar a começar a preencher isso, e depois eu posso até fazer um passeio pelo campus com você.

Sinto meu peito esquentar e ergo a mão para afastar os papéis. Mas então vejo a expressão de eomma — sorriso nos lábios, olhos

cheios de esperança —, e uma onda de culpa me atinge. Estamos aqui já faz seis anos e nunca nem vi o lugar onde ela trabalha — bem diferente de quando passava horas lendo debaixo da mesa de seu escritório enquanto eomma atendia seus alunos. Pego a papelada com um suspiro.

— Eomma — digo cuidadosamente. — Você sabe que eu adoraria conhecer a Ewha, mas… não posso. Amanhã é *domingo*.

— Estamos falando do resto da sua vida, Rachel, não só de um dia — responde ela, a voz branda.

— Claro. Mas… o treinamento *é* o resto da minha vida. Não é? Quer dizer, não foi por isso que viemos morar aqui?

Leah baixa o frango, os olhos indo de mim para eomma com uma expressão preocupada. Ela está acostumada a nos ver evitar essas discussões.

Eomma baixa o rosto para o prato e suspira.

— Nós viemos morar na Coreia por… muitos motivos. — Ela abre a boca como se fosse falar mais alguma coisa, mas então balança a cabeça de leve. Quando se vira para mim, quase vejo lágrimas em seus olhos, embora a voz esteja límpida e decidida. — Você sabe que eu jogava vôlei. — Resisto à vontade de revirar os olhos. Sério que ela vai comparar a época em que jogava vôlei no colégio com o meu treinamento de K-pop? — Mas onde eu estaria agora, onde nossa família estaria, se eu tivesse desistido de tudo pelo meu sonho?

— Mas é exatamente isso que você está me pedindo para fazer, abrir mão de tudo pelo que trabalhei por um seminário qualquer.

Enfio um pedaço de frango na boca, com pele e tudo. Danem-se as calorias extra.

Eomma dá de ombros, parecendo triste mas determinada.

— Só estou sugerindo que talvez você devesse manter suas opções em aberto. — Ela mexe em um pedaço de agrião apimentado no prato. — Você nunca sabe o que te espera no futuro, Rachel. E se as coisas não derem certo no treinamento… Não quero que você seja pega de surpresa.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e pisco com força, me recusando a deixá-las cair. Mesmo depois de seis anos, a atitude da minha mãe em relação ao treinamento ainda me afeta. Às vezes me

pergunto se ela se arrepende de ter se mudado para Seul, se preferiria ter vendido o apartamento da halmeoni e lavado as mãos de tudo aquilo. Ou se ela sequer acredita no meu talento. Mordo o lábio, a ponto de pedir licença do jantar, quando Leah se intromete, ficando de joelhos ao se virar para eomma.

— Aliás, que coincidência você mencionar o seminário, eomma — comenta. — As gêmeas Cho estão fazendo uma sessão de estudo preparatória para a faculdade esse fim de semana. Até contrataram um tutor e vão estudar até tarde. Acho que chamaram de "festa do pijama estudiosa", né, unnie? — Ela sorri inocentemente para a nossa mãe.

Eu levanto a cabeça. *É agora ou nunca, Rachel*.

— Isso mesmo — digo, devagar.

— Como você sabe disso? — pergunta eomma para Leah, erguendo as sobrancelhas.

— Ouvi Rachel falando com Hyeri no telefone — responde Leah, mentindo com facilidade.

Eu me concentro em mastigar, tentando manter uma expressão neutra. Senhoras e senhores, eis a minha irmã, futura ganhadora do Oscar.

Eomma se volta para mim.

— Por que você não me contou, Rachel? É disso que você precisa para ir pelo caminho certo.

Engulo, forçando uma nova onda de frustração a descer pela garganta com o frango.

— Eu… não queria passar a noite fora quando nem terminei minhas tarefas. — Dou uma olhada na pia cheia. — Desculpa — repito, por via das dúvidas.

— Ah. Bom, essa louça não vai tomar muito tempo. Por que você não termina isso e depois vai para a casa dos Cho? Conhecendo os pais das gêmeas, devem ter contratado o melhor tutor de Seul. Vou separar um pouco de frango para vocês.

— Sério? — Eu me sinto culpada por mentir, mas a culpa logo é substituída por uma energia elétrica que se espalha pelo meu corpo. Minha primeira noite na casa dos trainees! Um passo mais perto do meu sonho. — Obrigada, eomma.

Ela sorri e começa a limpar os pratos, guardando alguns pedaços de frango em um pote de plástico verde-limão. Quando nos dá as costas, Leah ergue os polegares para mim, e com uma piscadela eu agradeço silenciosamente.

Assim que termino de lavar a louça, eu corro para o chuveiro e prendo o cabelo molhado em tranças holandesas firmes. Visto uma legging preta e um suéter cor de creme confortável e larguinho que deixa meu ombro à mostra, um look despojado na medida exata. Coloco meu pijama mais confortável — o do Snoopy que comprei na Dongdaemun primavera passada — por cima, para eomma não desconfiar da roupa arrumada. Dou uma última olhada no espelho, coloco minha bolsa no ombro e, pegando o potinho plástico de eomma, vou para a minha primeira noite na casa dos trainees.

Três

As palavras de eomma se repetem nos meus ouvidos enquanto caminho até o ponto de ônibus. *Se as coisas não derem certo no treinamento… Não quero que você seja pega de surpresa*. É claro que eu sempre soube que me tornar uma estrela de K-pop não era algo garantido, mas é meu sonho faz tanto tempo que nem sei que outras opções eu teria.

Tudo começou quando eu tinha seis anos. Só havia mais uma menina asiática na minha turma, Eugenia Li. Embora ela fosse chinesa, todo mundo sempre perguntava se a gente era prima ou até irmãs gêmeas. Nunca liguei muito para isso até o dia em que fui picada por uma abelha durante o recreio. Eu estava na enfermaria, esperando eomma vir me buscar, quando a sra. Li entrou. A enfermeira não percebeu que tinha feito besteira, só sorriu e disse que minha mãe tinha chegado para me levar para casa. Pela primeira vez, eu me dei conta de que o mundo não me via como eu me via ou como a minha família me via. Tudo que as pessoas viam era meu rosto: o formato dos meus olhos e do meu nariz, meu cabelo liso e preto — e isso tudo me tornava indistinguível de meninas como Eugenia, embora a gente não tivesse nada a ver uma com a outra. Quando minha mãe finalmente chegou para me buscar na escola, eu não parava de chorar. A picada de abelha ainda doía, mas quando eomma perguntou qual era o problema, eu só conseguia pensar na sra. Li. “Queria não ser coreana”, eu me lembro de dizer, soluçando no peito da minha mãe. Então ela me pegou no colo e me levou para casa e, quando chegamos, ela me colocou na cama e abriu o laptop. Foi a primeira vez que vi um vídeo de K-pop. Ficamos vendo por horas, e eu fiquei maravilhada com as cantoras — todas tão diferentes, lindas e talentosas.

Me apaixonei. Eu assistia aos vídeos de K-pop o tempo todo, memorizando minhas letras favoritas e fazendo pequenos shows

para Leah nos fins de semana. A música me dava orgulho de ser coreana.

Eu gostaria de poder dizer que aquele dia com a sra. Li e a enfermeira da escola foi a única vez que me senti rejeitada pelo mundo, mas não foi. Tinha as crianças que tiravam sarro do kimchi que eomma mandava para o meu almoço; a mulher que uma vez se aproximou de mim no mercadinho da nossa esquina, gritando que eu deveria "voltar para casa" (mesmo morando no quarteirão seguinte, tive a impressão de que não era isso que ela queria dizer); teve a vez que me fantasiei de Hermione Granger no Halloween e todo mundo insistiu que eu era Cho Chang. Em todos esses momentos, o K-pop estava lá. Fazendo eu me sentir compreendida, como se houvesse um lugar no mundo a que eu pertencia, onde as pessoas me veriam por ser quem eu sou.

Penso em tudo isso enquanto caminho até o ponto de ônibus. O ar da primavera em Seul é fresco e límpido, e as calçadas estão cobertas de tantas flores de cerejeira que elas grudam na sola dos sapatos, a cidade transformada em uma névoa de pétalas cor-de-rosa peroladas. Eu ando até a esquina, entrando em uma loja de conveniência para comprar um isotônico, e depois subo no ônibus para a casa dos trainees, que fica a alguns quarteirões da sede da DB. O ônibus está cheio de jovens casais em moletons combinando, dividindo fones de ouvido, homens e mulheres de negócios assistindo a episódios antigos de *Running Man* nos celulares enquanto voltam do trabalho, e halmeonis com carrinhos de lona cheios de compras e garrafas vazias. Eu me acomodo em um assento e viro o resto da bebida enquanto a brisa da janela aberta balança minhas tranças. A senhora ao meu lado me cutuca, gesticulando para a lata vazia.

— Da mashisseo?

— Ne, halmeoni — digo, entregando a lata.

— Gomawo — responde ela, beliscando minha bochecha. — Ahh, ippeuda!

Faço uma reverência com a cabeça.

— Kamsahamnida.

O ônibus segue pela rua, mal parando quando as pessoas querem entrar ou sair. Em Nova York, eu não tinha permissão para

andar de transporte público sozinha, então me acostumar com isso quando nos mudamos para cá não foi fácil. Felizmente, assim como tudo o mais em Seul, os ônibus e o sistema de metrô são rápidos, superlimpos e fáceis de usar. Mas a melhor parte da vida nesta cidade? Wi-Fi literalmente em todos os lugares.

Pego meu celular e envio uma mensagem rápida para Hyeri: Se minha mãe perguntar, eu estava na sua casa hoje à noite.

Ela responde na mesma hora: Claro. Juhyun disse para "não se divertir demais sem a gente"!

Dou risada, então guardo o celular no bolso sem responder. Quanto menos elas souberem, menos vão deixar escapar se forem interrogadas. Estou tão tensa com a adrenalina de mentir para eomma e ir para a casa dos trainees que desço do ônibus um ponto antes e vou andando. Preciso gastar um pouco dessa energia antes de encarar Mina e as outras meninas.

Estou a meio quarteirão de distância quando me dou conta de que ainda preciso tirar o pijama.

Eu me escondo atrás de um arbusto particularmente folhoso na calçada e desabotoo a blusa, enfiando-a na ecobag. Estou de olho na rua, me certificando de que ninguém está vindo, quando tento tirar a calça do pijama. Ela fica presa nos meus tornozelos e eu me desequilibro, sem conseguir me recuperar a tempo. Tropeço no tecido embolado nas minhas pernas, girando e caindo de cara na terra.

Com um gemido, me levanto devagar, espanando a sujeira do suéter. Ainda bem que ninguém viu.

— Uau… Parece que isso doeu.

Meu corpo inteiro congela. Viro a cabeça e vejo dois tênis Nikes preto e branco novinhos parados na calçada. Meu olhar sobe, observando as calças de ginástica perfeitamente ajustadas da Ader Error e um casaco da Burberry que com certeza custou mais que meu guarda-roupa inteiro, tudo usado por um garoto com luzes prateadas no cabelo, olhos castanhos brilhantes e maçãs do rosto que poderiam cortar vidro.

Não é um garoto qualquer. É *o* garoto. Jason Lee.

Puta merda.

— Você está bem? — pergunta ele, um sorriso preocupado no rosto. — Aqui, deixa eu te ajudar.

Ele estende a mão.

— Você é… Jason… Lee — gaguejo, ficando de pé com dificuldade.

Mesmo antes de estourar com a DB, Jason já era famoso pelos covers de K-pop que postava no YouTube. Depois que um de seus vídeos viralizou, o sr. Noh foi para Toronto em pessoa e convenceu Jason a se mudar para Seul, onde ele logo se tornou o astro de K-pop mais querido da Coreia. Ser meio branco, meio coreano pesa a favor dele aqui, com todo mundo, de pré-adolescentes a fãs stalkers e ahjummas, elogiando seus olhos grandes com prega nas pálpebras e sua pele morena, como se ele tivesse escolhido os genes a dedo. Por algum motivo, seu status de estrangeiro faz com que Jason seja votado “Astro de K-pop Mais Sexy da Coreia”, enquanto eu sou forçada a ter aulas de cultura coreana.

— Ah, então você já ouviu falar de mim? — Ele ergue a sobrancelha e abre um sorriso. Definitivamente sabe fazer o tal “sorria como se o mundo inteiro fosse seu melhor amigo”; no caso dele, deve ser mesmo verdade. — Que tipo de coisa já ouviu?

— Bom, minha irmã Leah me falou sobre a instituição de terapia musical para crian…

— Voz de um anjo? Sorriso de um demônio? Corpo de um deus?

— Hum… quê?

— Sabe, a maioria das garotas desmaia quando me vê. Se bem que você caiu, então já é alguma coisa — diz ele, quase como se para si mesmo. — Então, me conta, o que andam dizendo ultimamente?

Ele abre um sorriso enorme para mim, uma expressão ridiculamente adorável.

— Que você rouba discos de vinil do escritório do sr. Noh — respondo, um pouco chateada com a arrogância dele. Nada parecido com o menino doce e humilde que faz caridade e ama os fãs. — E que você tem uma namorada lobisomem secreta e que só se veem na lua cheia.

— O quê?! Que loucura! Quem disse isso? Como se atrevem?! — Ele parece magoado, me encarando por um momento com

aqueles olhinhos de cachorro que se perdeu na mudança, mas então um sorriso maldoso se espalha pelo seu rosto. — Quer dizer, eu nunca roubaria nada do sr. Noh.

Reviro os olhos. É *esse* cara que o mundo todo ama?

— Claro que não. Cruz credo você fazer alguma coisa para estragar sua reputação perfeita. Mas com os boatos da sua namorada sobrenatural você não tem problema?

— Um cavalheiro nunca entra em detalhes — responde ele, galante. — Além disso, você sabe o que dizem: quanto mais as pessoas falam de você, mais você é alguém de quem vale a pena falar.

— Talvez funcione assim no seu mundo — retruco.

É claro que o infalível Jason Lee não precisa seguir a política de não namorar da DB.

Ele hesita, me encarando com superioridade.

— Acho que você está brava comigo.

— Não, não estou brava. Só quero chegar na casa dos trainees antes do fim do treino — digo, ajeitando meu suéter e torcendo para que Jason não tenha visto meu sutiã.

Os olhos dele se iluminam.

— A casa dos trainees! Por que você não falou antes? Estou indo para lá também. Vamos juntos.

— Não, obrigada — respondo, mas ele me ignora.

— Então por que eu não sei seu nome? — pergunta ele, inclinando a cabeça para o lado. — Qualquer trainee da DB com coragem suficiente para usar calças do Snoopy em público é alguém de quem vale a pena falar.

Minhas bochechas ficam vermelhas de vergonha de novo, mas forço minha voz a permanecer calma.

— Pois saiba que esse é o meu pijama favorito. Desculpa, nem todo mundo pode ser uma linda lobisomem — digo, revirando os olhos.

— Eu discordo — diz Jason.

— Do que você está fa...

— Obviamente você é linda — continua ele.

Meu corpo congela. *Hã… quê?*

— E tenho certeza de que poderia arrancar minha cabeça se quisesse. Além disso, hoje é noite de lua cheia, caso você não tenha percebido.

Ai, meu Deus. Preciso sair daqui. Começo a tirar a calça do pijama embolada, lançando um olhar mortal para Jason.

— Não preciso de plateia — respondo.

Ele tem a decência de corar, mas faz questão de se virar lentamente até ficar de costas para mim.

— Melhor?

Irritada, tento arrancar a calça com um puxão, mas estou tão nervosa que o elástico agarra no meu tornozelo de novo. Eu tropeço para a frente, caindo de cara nas costas de Jason. Instintivamente, seguro a cintura dele para me equilibrar, minha bochecha encaixando entre as suas omoplatas. Sem pensar, respiro fundo. Ele cheira a bordo e hortelã.

— Que atiradinha — comenta Jason. Não estou vendo seu rosto, mas consigo ouvir o sorriso na sua voz. Ele vira a cabeça, me olhando por cima do ombro. — Estava gostando da vista?

Alguém. Me. Mata. Agora. Dou um passo para trás, o rosto pegando fogo, e enfim me liberto das calças traidoras. Enfio o pijama com força na bolsa. Vou queimar esse troço assim que chegar em casa.

— Obrigada — digo, assentindo, seca.

Saio correndo na direção da casa, deixando Jason e sua risada para trás na calçada.

— De nada, Menina Lobisomem! — grita ele atrás de mim.

Ótimo. Outro apelido. Bem do que eu precisava.

Estou me xingando, xingando Jason, xingando a turma toda do Charlie Brown quando abro a porta da casa dos trainees.

Meu Deus.

O lugar está lotado de trainees e estrelas da DB, todas as superfícies cobertas de garrafas de soju e latas de refrigerante vazias, a música alta o suficiente para derrubar as paredes e uma televisão novinha passando os últimos MVs de K-pop.

É então que me dou conta. Jason estava vindo para cá também, para a casa dos trainees. Não é um treinamento.

É uma festa.

Um grupo de caras acena para mim, gritando em cumprimento. Eles são familiares, mas estou chocada demais para pensar direito. Eu aceno de volta devagar.

— E aí, Jason! — grita um deles por cima do meu ombro.

Baixo a mão na mesma hora, enquanto Jason entra atrás de mim. Seu amigo se aproxima, e os dois trocam aquele abraço masculino que é meio aperto de mãos, meio tapa nas costas. Preciso sair daqui.

— Quem é a gatinha que você trouxe? — pergunta o amigo de Jason, me olhando de cima a baixo.

Então o reconheço. Não é só um amigo do Jason. É Minjun, o dançarino principal da NEXT BOYZ e estrela global de K-pop.

— Essa é a… — Jason para, olhando para mim.

— Rachel — digo. Pelo menos minha voz ainda está funcionando. Não estou completamente incapacitada pelo choque. — Sou uma trainee sênior na DB.

— Americana — comenta ele, com um brilho nos olhos. Quase dou um passo para trás, me preparando para o insulto iminente. — Bem-vinda, Rachel. Meu nome é Minjun — completa, como se minha irmã não tivesse um pôster da sua cara em cima da cama nem o beijasse toda noite. — Pega uma bebida.

Olho por cima do ombro para a porta, confusa. Todos os meus instintos me dizem para ir embora. Não foi para isso que me preparei.

Jason apoia a mão no meu cotovelo, seus olhos brilhando.

— Isso, Rachel, vem com a gente. — Ele ergue a sobrancelha, em uma expressão travessa. — A não ser, é claro, que você tenha uma festa do pijama para ir.

Faço uma cara feia. Mas então me aprumo, jogando as tranças para trás. Eu vim até aqui. Tenho que pelo menos dar as caras. Não posso sair sem, no mínimo, pegar um autógrafo para Leah.

— Eu adoraria uma bebida.

A festa já está bombando, e tropeço em várias latas de cerveja vazias no caminho do que parece ser a área do bar, que fica diante uma sala de estar rebaixada, onde as pessoas servem shots de soju de toranja em copos de cerveja e viram. Alguém me oferece uma bebida e eu aceito, bebericando nas beiradas do copo. Não sou lá

muito fã de substâncias que fazem as pessoas perderem o controle e passarem vergonha. Já sou bem boa nisso sem ajuda, ao que tudo indica.

— Rachel! — grita uma voz do outro lado da sala.

Fico tensa. Reconheceria esse tom enjoativo em qualquer lugar. Mina aparece, perfeita e pronta para a festa, com o cabelo escovado e saltos brilhantes altíssimos. Ela ajeita a minissaia e o top cropped enquanto Eunji e Lizzie param atrás dela, as duas de jeans bem justo e tiaras.

— Estou *tão* feliz que você veio na nossa sessão de treinamento — provoca ela.

Mina dá uma olhada para as outras meninas, que rapidamente cobrem a boca para disfarçar as risadas.

— Também estou feliz — respondo, me recusando a ceder. — *Muito* obrigada por me convidar.

— Gostei da roupa, Rachel — diz Eunji, estourando uma bola de chiclete enquanto me olha de cima a baixo. — Pegou emprestada com a sua irmãzinha?

— Amei o cabelo — completa Lizzie, estendendo a mão e dando um peteleco na minha trança. — Super-retrô o estilo sexto ano.

— Você parece desconfortável, Rachel — comenta Mina, contorcendo o rosto em uma expressão de falsa preocupação. — Não está chateada por não ter o sr. Noh para tomar conta de você, né? Com certeza até a *Princesa Rachel* sabe se divertir em uma festa, certo?

Mina toma um gole de seu copo e me encara friamente. Quero revidar, chamando-a de mentirosa e dizendo exatamente onde ela pode enfiar sua “sessão de treinamento noturno”, mas minha coragem momentânea se esgotou. Em vez disso, bebo outro gole da minha mistura de cerveja e soju, estremecendo com o gosto amargo, meus dedos apertando o copo.

De repente, Jason aparece às minhas costas, olhando de mim para Mina, e então para as outras meninas, com um sorrisinho.

— Jason! — cantarola Mina. — Eu não sabia que você estava aqui! Veio me procurar? — pergunta, tomando um gole casual da bebida.

— Na verdade, eu estava procurando a Rachel — responde ele.

— O q-quê? — Mina engasga. — Mas… como você conhece ela?

Juro por Deus, se ele falar do pijama agora, eu vou matá-lo com minhas próprias mãos.

Jason sorri para mim.

— Ah, a gente se conhece faz tempo. Eu, Rachel e o Woodstock.

Mina abre a boca para retrucar, mas nesse momento Jason coloca as mãos nos meus ombros, me vira abruptamente e nos guia para o outro lado da festa.

— Só para constar, meu pijama é do Snoopy, não do Woodstock. Woodstock é o passarinho amarelo bobo. Snoopy é o leal cão-barra-piloto-de-avião — digo, rindo, quando nos sentamos em um sofá no canto da sala.

Jason assente, fingindo seriedade, e passa o braço por cima do meu ombro, me puxando para perto.

— Você tem razão. Claramente Snoopy é a escolha superior quando se trata de roupas para dormir. Me perdoa? Eu só estava tentando agilizar a operação de resgate.

Lanço um olhar para ele, desconfiada.

— O que você quer dizer com isso?

— Bom, estávamos cercados por três meninas que te encaravam como se quisessem arrancar sua cabeça — explica ele, o hálito quente na minha pele. — Sair dali me pareceu uma boa ideia.

O soju está esquentando meu corpo. Eu sorrio.

— Bom, você sabe o que dizem...

— O que é que dizem, Menina Lobisomem?

— Quanto mais as pessoas encaram você, mais você é alguém que vale a pena encarar.

Solto uma risadinha, e um miniarroto escapa dos meus lábios. Eu arregalo os olhos e tapo a boca correndo, mas Jason só me observa, claramente se divertindo. Ele me puxa ainda mais para perto, tanto que minhas pernas acabam quase em cima das dele. Minha mente está girando: *Isso está mesmo acontecendo? Eu definitivamente não deveria estar flertando com Jason. É quase pedir para acabar que nem Suzy Choi. Não que ela tivesse um namorado. E não que Jason seja meu namorado. Ai, meu Deus, no que estou pensando? Sem chance de eu pedir um autógrafo dele*

para a Leah agora… Fecho os olhos, tentando parar o monólogo induzido pelo soju que tomou conta da minha mente.

Minjun se joga dramaticamente no sofá ao meu lado, o cabelo cor de cobre cobrindo os olhos.

— Tô entediado. — Ele faz um biquinho. — E com fome.

Jason revira os olhos para o amigo e muda de posição, tirando o braço de cima de mim. Sinto um tremor involuntário percorrer meu corpo e puxo as mangas do suéter para cobrir meus ombros e aquecê-los.

— Por que você não vai ver o que os chefs deixaram na cozinha? — sugere ele, diplomaticamente.

— A única coisa de comer naquela cozinha é suco verde. Lembra como nos faziam morrer de fome na época de trainee? — Minjun fareja o ar. — Vocês estão sentindo cheiro de frango?

Engulo em seco, lembrando do potinho que eomma separou antes que eu saísse. Envergonhada, enfio a mão na minha bolsa.

— Hum, está falando desse frango aqui? — pergunto.

— Ah-ssa! — grita Minjun, arrancando o pote das minhas mãos e abrindo a tampa. — Two Two Fried Chicken! Meu favorito! Jason, essa menina é maneira mesmo.

Jason ri, e Minjun começa a devorar o frango, dois pedaços por vez.

Do outro lado da sala, sinto Mina observando nós três, os olhos apertados de raiva. Seu celular apita, e ela tira o aparelho da bolsa, fazendo uma careta para a tela. Mina mostra o aparelho para Lizzie e Eunji, e as duas fazem a mesma expressão azeda. Então ela guarda o celular na bolsa e se levanta, o rosto como uma máscara de sorriso perfeito. Ela bate palmas de leve, dando pulinhos.

— Atenção, festeiros! Chegou a hora das meninas, só as trainees! — anuncia. — Vocês sabem o que isso significa… Quem não é trainee pode dar o fora! E isso vale em dobro para os meninos! Até você, Jason… Quer dizer, isso se você conseguir se afastar da *Princesa Rachel*! — Ela dá um sorrisinho para nós.

Minjun limpa a gordura do frango na calça jeans antes de puxar Jason pelas mãos até ele ficar de pé.

— Bora, Jay-Star, vamos para aquela boate nova em Itaewon.

Jason se abaixa e murmura no meu ouvido:

— Boa sorte.

Sinto uma nova onda de arrepios.

Ele pula pelas costas do sofá e sai com os amigos, cantando o refrão de “Fake Crush” ao sumir na rua.

Ah, droga! O autógrafo de Leah. Eu dou um pulo, com a intenção de ir atrás dele, mas graças ao soju e a uma noite de flertes inesperados com Jason, minha cabeça está girando, e caio de volta no sofá no mesmo momento em que Mina se senta ao meu lado com duas taças de champanhe. Ao nosso redor, as outras meninas estão se servindo também, dando gritinhos quando o champanhe borbulha e transborda na mão delas.

— Um brinde — diz Mina, me entregando uma das taças. Quando não aceito de imediato, ela suspira e revira os olhos. — Por favor, Rachel, relaxa. Só estamos querendo nos divertir um pouco.

Nos divertir. Tenho que admitir que, embora esta noite não esteja nada parecida com o que eu imaginei, estou me divertindo. Aperto os lábios e baixo o copo de cerveja para pegar a taça.

Mina abre um grande sorriso e ergue a dela, se virando para as outras meninas.

— À nossa família! E a nos tornarmos as futuras maiores estrelas da Coreia!

As meninas gritam, dando os braços e fazendo brindes antes de virar o champanhe de uma vez só. Bebo devagar, o líquido ardendo na minha garganta mais do que eu esperava. Quase tenho uma crise de tosse, mas não quero dar a Mina a satisfação de me ver engasgar. Viro a taça, me forçando a beber tudo.

Afundo no sofá enquanto as meninas ao meu redor batem papo, servindo mais e mais champanhe. Olho em volta, observando a casa e desejando que Akari estivesse aqui para eu ter com quem conversar. Pego meu celular para mandar uma mensagem para ela, mas meus dedos parecem imensos e descoordenados, e tenho dificuldade de abrir as alças da bolsa, até que desisto. Falo com ela amanhã. Minha mão está gelada por causa da taça de champanhe, então apoio a palma no rosto, gostando do frio. Bebi demais. Não, bebi rápido demais. Tudo está girando. A voz alta de Eunji ataca meus ouvidos, e a música começa a parecer em câmera lenta. Olho

para Mina, que ainda está sentada ao meu lado... e tem duas dela. Estou vendo tudo em dobro. Tento piscar para afastar o pesadelo.

Eu me afundo ainda mais no sofá, a cabeça ficando mais confusa a cada segundo. Vejo os rostos embaçados de Mina se inclinarem para perto do meu.

— Funcionou! Ela nunca vai ser escolhida agora. — Escolhida? Do que ela está falando? — Terra para Rachel! Parece que você precisa de um pouco de ar fresco, Princesa.

A voz dela gira ao meu redor devagar, mas não consigo reunir forças para responder.

Eunji e Lizzie se aproximam de nós, rindo e bebericando seu champanhe.

— Linda Princesinha Rachel… Nem o sr. Noh vai poder te salvar agora — comemora Lizzie.

Ouço tudo isso como se estivesse no fundo de uma piscina. Alguém diz algo e eu começo a rir, incontrolavelmente, sem saber por quê.

— Vamos, Princesa. Vamos dançar! — Eunji me puxa até eu ficar de pé, e ainda estou rindo… Ou ela está… Ou nós duas estamos. Não tenho certeza.

Por entre os cílios, as pálpebras pesadas de repente, vejo Mina não muito distante, mas ela não está dançando. Seu celular está apontado na minha direção, e ela tem um sorriso cruel no rosto. Eunji me gira, e a sala gira conosco, um mar de luzes brilhantes e rostos risonhos.

Quatro

A primeira coisa que sinto ao acordar é uma dor de cabeça terrível. A segunda é o cheiro forte de pepinos secos.

Uma ânsia de vômito me sobe, minhas mãos voam para o rosto. Minha pele está coberta por uma máscara de pepino. Horrorizada, arranco as fatias do rosto e jogo tudo no chão, tentando não respirar pelo nariz. A náusea me domina, e preciso fazer um esforço hercúleo para não vomitar.

Mas que merda aconteceu ontem à noite?

Eu me sento, a cabeça girando. Fecho os olhos, respiro fundo três vezes, então os abro outra vez e analiso o entorno. Estou em um sofá no meio de uma sala cheia de copos vazios e garrafas viradas. Devagar, as memórias voltam. Estou na casa dos trainees. A sessão de treinamento noturna na verdade era uma festa. Jason Lee me viu de pijama. Faço uma careta ao me lembrar. A gente chegou aqui junto. Então… O que aconteceu depois? Cadê todo mundo?

Ainda com a cabeça latejando, remexo na minha bolsa, procurando o celular. Arregalo os olhos ao ver a hora. *Merda. Merda, merda, merda.* Já são onze da manhã. São onze da manhã de um *domingo.* Fico de pé num pulo e atravesso o corredor aos tropeços, abrindo várias portas para achar o banheiro. Não acredito que acordei atrasada num dia de treinamento. Isso não pode estar acontecendo.

Estou completamente perdida em uma casa desconhecida. Parte de mim quer culpar eomma. Se ela me deixasse vir à casa dos trainees, eu saberia me virar melhor. Mas sei que isso não é culpa dela; na verdade, é tudo culpa minha. Em uma única noite provei que eomma tem razão e decepcionei todo mundo que já acreditou em mim. *Meu Deus, Rachel, por que você tem que ser tão otária?!*

Abro mais portas e só encontro quartos, além de um armário bagunçado com o que parece (e fede a) vômito seco. Seguro a minha ânsia de vômito e bato a porta com força.

Por que é que, justo quando você mais precisa, não consegue encontrar um banheiro? Frustrada depois da quinta porta, que dava para um armário de serviço, corro de volta para a cozinha e lavo o rosto na pia. Então me seco com mil toalhas de papel e, usando a câmera do celular como espelho, tento me ajeitar até ficar o mais apresentável possível. Passo um delineador, que fica um pouco borrado, mas vai ter que dar para o gasto.

Minha roupa está um horror. Tem manchas de champanhe na legging e restos da máscara de pepino no meu suéter. Sinto ânsia de vômito de novo. Então, trinco os dentes e pego a outra roupa que tenho comigo. Parece que Jason não vai ser o único a me ver de pijama do Snoopy.

Desfaço as tranças bagunçadas enquanto corro porta afora. Posso estar fedendo a pepino podre, mas meu cabelo talvez esteja razoável. Dou uma olhada rápida pela câmera do celular, torcendo para ver ondas bonitas. Em vez disso, percebo que metade do cabelo está amassada e grudada na minha cabeça e a outra metade está cheia de frizz, parecendo um Albert Einstein eletrocutado.

Eu estou um desastre.

Mas não tenho tempo para lidar com isso agora. Já estou atrasada demais. Corro pela rua até a sede da DB, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo torto, a náusea subindo a cada passo.

Quando finalmente abro a porta do auditório, estou ofegante e suando no pijama do Snoopy. O sr. Noh já está no palco, apresentando os executivos da DB, sentados na primeira fileira.

Os executivos. Os executivos estão aqui. Meu estômago se enche de pavor. É dia de avaliação.

Todos os treinadores principais estão no palco. Yujin. O treinador de dança. A treinadora de voz. A nutricionista. Sr. Bae, diretor de marketing e publicidade. Todos estão reunidos para ver o progresso dos trainees e decidir se vamos permanecer no programa, se realmente valemos o investimento de tempo e dinheiro. É o único dia em que não poderia me atrasar. O único dia em que não poderia aparecer como se tivesse sido atropelada por um caminhão de lixo

cheio de pepinos. Meu coração é quase um nó na garganta, e sinto lágrimas ardendo nos olhos, mas me controlo. *Não demonstre fraqueza. Se você quer sobreviver, tem que ser forte.*

— Estamos ansiosos para ver o quanto cada um de vocês evoluiu no último mês — diz o sr. Noh, o reflexo da luz no seu terno azul-vivo brilhoso da Prada fazendo meus olhos lacrimejarem. — Os executivos e eu sabemos que todos vocês estão treinando muito, então…

Ele para de falar quando seus olhos de águia me encontram. Por um segundo, ele parece confuso, vendo meu cabelo bagunçado e meu pijama ridículo. Todos no auditório se viram para mim. Sussurros ecoam, sons dolorosos que enchem meus ouvidos e fazem parecer que minha cabeça vai explodir bem ali.

— Então, hum, lembrem-se de se esforçar ao máximo hoje — continua o sr. Noh, recobrando a compostura. Ele ergue a sobrancelha para mim. — Deem o melhor de si.

Não tem mais nada que posso fazer além de fingir que não estou tão envergonhada que quero evaporar dali. Mantenho o queixo erguido e sigo em direção a Akari, que está me encarando de boca aberta. Uma onda de inveja me atinge quando vejo sua maquiagem perfeita, o rabo de cavalo cheio, uma blusa cropped florida que compramos na A-Land alguns meses atrás. Ela está arrumada. Preparada. Descansada. Como eu *deveria* estar. Como todos contavam que eu estivesse.

— O que houve com você? — sussurra ela quando me sento ao seu lado.

— É uma longa história. — Solto um suspiro. — Mas não sei bem o que…

Paro de falar quando percebo o sr. Noh me encarando do palco, o rosto congelado em um sorriso perigoso.

— Como eu ia dizendo, hoje não é só o dia da sua avaliação mensal…

Pelo canto do olho, vejo Mina e as outras meninas cobrindo a boca, rindo em silêncio. Mina percebe que estou encarando e dá um tchauzinho. Ela ergue uma taça invisível e faz um brinde. Tudo que aconteceu na noite passada me atinge com uma força terrível. O

champanhe. O rosto de Mina, minha visão fora de foco. Sua voz animada, comemorando: “Funcionou!”

— … uma oportunidade incrível… a chance que todo jovem trainee na Coreia faria de tudo para ter. Hoje, uma de vocês…

Sinto uma onda de náusea e quase curvo meu corpo para a frente.

Não bebi demais, nem perdi o controle. E não foi só uma triste coincidência no pior momento possível. A coisa toda foi armada de propósito. *Mina* fez isso. Foi ela que me deu a taça de champanhe, que me pressionou a beber enquanto as amigas observavam.

Ela colocou alguma coisa na bebida.

Ela me *drogou.*

Esse fato pesa sobre mim como uma tonelada. Me sinto paralisada e impotente. Violada. Furiosa. Trinco os dentes com tanta força que parece que vão rachar. Estou prestes a explodir. Na minha cabeça, a imagem de Mina reaparece várias vezes, de pé na minha frente, gargalhando: “Ela nunca vai ser escolhida agora!”

— … selecionada para participar de um novo single com o astro da DB Jason Lee!

Sinto uma pontada no estômago quando o auditório explode em um arfar coletivo. Akari se vira para mim, a boca aberta, em choque.

— Dá para acreditar? — pergunta, animada.

Balanço a cabeça, pensando na noite passada e em Mina.

— Não mesmo.

— Rachel! — Akari me cutuca com força nas costelas. — Presta atenção! Você ouviu o que o sr. Noh disse?

Encaro Akari sem expressão, minha barriga e cabeça um redemoinho de champanhe e raiva e pepinos secos.

— Rachel. Se concentra. Os executivos, o sr. Noh… Eles vão escolher uma trainee para cantar um dueto com Jason. Uma música de verdade, e não só um exercício. A avaliação de hoje também é uma audição. Você pode ser escolhida!

Essas últimas palavras grudam na minha mente enquanto processo o que ela disse. Eu poderia ser escolhida. Essa não é uma avaliação mensal qualquer. É uma chance de cantar com Jason. De uma *trainee* — *eu* — cantar com o maior astro da DB. Eu poderia ser escolhida.

Ela nunca vai ser escolhida agora.

O nó na garganta aumenta e fico tensa, a coluna reta. Mina sabia o que aconteceria hoje. Ela armou para mim.

Akari me cutuca de novo. Com força.

— Que foi?! — pergunto, levando um susto, antes de notar que o sr. Noh já chamou o primeiro grupo para as audições de dança, e as outras trainees estão se dirigindo ao palco.

De certa forma, estou aliviada. Se algo não me forçasse a agir de forma normal, a seguir a rotina, eu talvez nunca me recuperasse. Mas tenho que me recompor. Tenho que dar um passo de cada vez. Então é o que faço, tentando esconder que estou tremendo.

Nós formamos uma fila nos bastidores. Os executivos estão na primeira fileira com seus iPads (faz alguns anos que a DB colocou todos os registros de progresso dos trainees na nuvem), com expressões sérias, nos chamando uma de cada vez. Mina para do meu lado, me olhando da cabeça aos pés com a testa franzida em uma falsa expressão de pena.

— Teve uma noite difícil, Rachel? — pergunta. — Você está com uma cara péssima. Mas o pijama é fofo.

Uma imagem minha derrubando-a no chão e arrancando seus cílios falsos surge em minha mente. Mas então o sr. Noh chama meu nome e eu subo no palco.

O holofote me ilumina. Só consigo imaginar como minha cara vermelha e mal maquiada deve estar sob a luz forte. Mas afasto a insegurança e coloco um sorriso no rosto, como fui treinada a fazer. Faço uma reverência aos executivos, depois me endireito. Cabeça erguida. Pernas ligeiramente cruzadas. Barriga para dentro, coluna ereta. Dou um grande sorriso — *como se o mundo inteiro fosse meu melhor amigo.*

Alguns executivos sorriem de volta, mas a maioria só olha minha roupa e meu cabelo bagunçado, sem entender.

Faça eles esquecerem sua aparência e só focarem no seu movimento, digo a mim mesma. Mais fácil falar do que fazer. Pelo menos não tem nenhuma câmera aqui, penso, pesarosa, lembrando da aula de treinamento de mídia de ontem.

A música começa, uma da Electric Flower que está entre as favoritas de Leah, e meu corpo responde imediatamente. Memória

muscular. Já pratiquei essa coreografia mil vezes. Mas minha cabeça ainda está latejando, e não me saio bem. Perco o ritmo várias vezes, vou para a esquerda quando deveria ir para a direita.

A frustração cresce no meu peito, me deixando ainda mais dura. Estou pensando demais, porém quanto mais tento me soltar, pior eu me saio. Não consigo fazer meus movimentos serem impactantes ou meus chutes serem altos o bastante. Por fim, quando dou o último passo fora do ritmo, estou ofegante e uma leve camada de suor brilha na minha testa. Luto contra o desejo de limpá-la. *Não chame mais atenção para suas falhas*. O objetivo da dança no K-pop é atrair os ouvintes para a música, mas pelas reações dos executivos, desde sorrisos constrangidos até caras de quem quer fugir do auditório aos gritos, sei que fiz exatamente o contrário.

— Ai — sussurra Mina, quando volto ao meu lugar na fila. — Isso não foi bonito. — Ela se inclina na minha direção e dá uma fungada exagerada, fingindo surpresa. — Omo! Você está de ressaca? Não deveria beber tanto antes de um dia importante como hoje. Ou pelo menos poderia ter escovado os dentes.

Não olho para Mina, mesmo estando enfurecida. Não vou me rebaixar a esse nível.

Ainda assim, a ideia de arrancar o cabelo dela é a única coisa me impedindo de gritar no meio do palco. Eu nem arrancaria tudo, só um tufo na frente para ela ficar meio careca por algumas semanas.

Uma a uma, as meninas dançam. Akari é graciosa como sempre e, por mais que eu odeie admitir, Mina é a melhor do grupo, atravessando o palco no ritmo exato da música com passos poderosos. Algumas garotas cometem pequenos erros, mas não tantos quanto eu. Rapidamente fica claro que sou a pior.

Eu *nunca* sou a pior.

Não posso ser a pior.

Não brilho na frente das câmeras, linda e adorável como Mina e muitas outras trainees. Quando fui recrutada pela DB, fiquei muito empolgada — um programa inteiro cheio de pessoas que sentiam o mesmo que eu pelo K-pop e a Coreia… ou era o que eu pensava. Com os insultos constantes, como o apelido de “Princesa Rachel”, e os comentários sutis sobre minha criação americana, não demorou muito para que eu me sentisse tão rejeitada aqui quanto nos

Estados Unidos. As palavras delas formavam um zumbido constante na minha mente. Enquanto Mina e suas seguidoras paravam na frente das câmeras com um sentimento inato de pertencimento, quando a câmera focava em mim, tudo que eu ouvia era esse zumbido. Mesmo após anos de treinamento, ainda sinto que a câmera é minha inimiga, me fazendo lembrar de todas as pessoas que olham para o meu rosto e pensam: “Ela não pertence a este lugar.” Então, em vez disso, me concentrei nas minhas habilidades, tornando-as o mais impecável possível — nem um passo fora do ritmo, nem uma nota fora do tom. E, até agora, havia funcionado. Posso não ser perfeita, mas sou talentosa o suficiente para que, mês após mês, ano após ano, tenha garantido meu lugar.

E agora tudo pode acabar. Será que esse é o meu fim? Vou ser expulsa do programa de trainees? Tento dizer a mim mesma para ficar calma, que os executivos devem levar em consideração minhas performances anteriores, mas estou me iludindo. Certo ano, cortaram uma garota porque ela não concordou em fazer uma cirurgia nas pálpebras. Em outro, cortaram um grupo de trainees inteiro por postar uma única foto no Instagram. Eles podem fazer o que quiserem, quando quiserem. E são implacáveis.

Um nó ressurge na minha garganta, e luto para contê-lo. Chorar no palco — mostrar qualquer tipo de emoção — só vai irritar ainda mais os executivos.

Respiro fundo outra vez quando me chamam para cantar. É o momento de me redimir. Eu tenho que fazer a melhor performance da minha vida, agora, ou acabou.

Alguém me passa um microfone quando o instrumental começa. É uma música lenta, um clássico do K-pop do início dos anos 2000. Respiro fundo e começo a cantar, minha voz falhando na primeira nota, a emoção contida saindo e me tirando do tom. A expressão da maioria dos executivos é ilegível, mas um deles está claramente tentando não fazer uma careta. *Não. Não posso deixar isso acontecer. Não vou deixar.*

Fecho os olhos e continuo. Penso naquele dia quando eu era criança, assistindo aos vídeos de K-pop na cama com minha mãe. Penso em como Leah e eu íamos à galeria dos sussurros da Grand Central Station sempre que possível, sussurrando músicas uma

para a outra por horas. Então, penso em quando eu era uma trainee iniciante. Yujin me pegava depois da escola e me levava ao seu noraebang favorito, onde nós duas cantávamos baladas de amor bregas do começo dos anos 1990 a tarde toda. Desde criança, a música é meu lugar feliz. O K-pop sempre me ajudou, me mostrou meu lugar no mundo, me deu um motivo para ter orgulho de quem eu sou, mesmo quando o mundo dizia que não deveria ter. Em todos os momentos, sempre pareceu a coisa certa. Sempre pareceu uma parte de mim.

Estou achando o jeito agora, minha voz flutuando sobre a melodia como um surfista sobre as ondas. É aí que finalmente recupero minha alegria. Lembro a razão pela qual estou fazendo tudo isso. Apesar de a minha cabeça estar latejando, eu me agarro àquela felicidade, meu rosto se abrindo em um sorriso enquanto canto.

Assim que chego ao refrão, ouço uma harmonia incrível flutuar com minha voz. Todos na plateia tomam um susto. *O que está acontecendo? Estou tendo uma alucinação por causa da ressaca?* Mas não é a minha voz. É um tenor masculino grave, e, quando viro o rosto, vejo Jason surgir dos bastidores, cantando comigo.

Estou chocada, mas não paro de cantar. Na verdade, a voz dele é como uma onda forte, me carregando mais longe, me levando mais alto. Ele dá uma olhada no meu pijama e ergue as sobrancelhas como se estivesse se lembrando de uma piada interna. Mantemos o contato visual enquanto nossas vozes se entrelaçam e se misturam. Ele dá um passo na minha direção, do outro lado do palco. Mesmo sem microfone, sua voz ressoa, complementando a minha com perfeição. Dou um passo à frente para me aproximar dele. O espaço entre nós parece elétrico, nossas vozes se misturando e iluminando o palco como um raio no céu noturno. O auditório inteiro está prendendo a respiração, assistindo ao nosso número.

Um pensamento surpreendente surge na minha mente: *Nós fomos feitos para cantar juntos.*

Caminhamos na direção um do outro até o espaço entre nós ser de menos de um dedo. Ele está quase tão perto quanto ontem,

quando caí nas suas costas. Ou quando ele me puxou para perto no sofá.

Jason se inclina para a frente, e vejo o marrom-escuro e dourado de suas íris. Seus olhos estão fixos nos meus, e o meu microfone amplifica sua voz. Estamos realmente em sincronia. Harmonia perfeita, combinação perfeita.

Ele passa o braço ao redor da minha cintura quando a música se aproxima do fim, e juntos cantamos o último verso do refrão. Sorrimos um para o outro, a respiração acelerada. Seus braços são fortes e quentes ao meu redor, e por um instante o silêncio pesa no ar.

Então a plateia explode em aplausos e gritos. Os trainees e os treinadores mais jovens estão vibrando. Só Mina e suas seguidoras estão caladas, de cara feia.

Não sei o que acabou de acontecer, mas foi mágico. Sorrio, com o coração disparado, e Jason sorri de volta. Ao contrário do sorriso metido de ontem, este é caloroso e me deixa sem ar. Quase me faz esquecer de como estou me sentindo péssima.

Mas então, sem aviso, sinto uma pontada na barriga. Meu estômago se revolta e se revira, e mal tenho tempo para pensar *Merda!* antes de vomitar nos sapatos brancos de Jason.

Ele franze o cenho, confuso, encarando seus Nikes antes imaculados. Um silêncio pesado se instala. Alguém solta uma gargalhada, e nem preciso olhar para saber quem foi.

Sinto o rosto arder de vergonha, e outra onda de náusea atravessa meu corpo. Preciso sair daqui.

Disparo para fora palco, saindo do auditório aos tropeços e correndo até o banheiro mais próximo. Empurro a porta de uma cabine enquanto sinto a bile ácida subindo pela garganta. Pelo menos desta vez vomito em um vaso sanitário, não nos sapatos de um astro internacional de K-pop. Argh.

Vomito até sentir que estou vazia por dentro. Boto para fora tudo que havia no meu estômago, e meu orgulho vai junto.

Com um gemido, me encolho no chão e apoio a cabeça nos joelhos, me sentindo péssima. Não faço ideia se os azulejos estão limpos, mas nesse momento nem me importo. Tenho certeza de que aquela foi a pior coisa que já aconteceu no palco em toda a história

da DB. Nunca mais vou poder dar as caras aqui. Adeus, Jason. Adeus, carreira no K-pop.

A porta do banheiro se abre e me encolho dentro da cabine, tensa. Ouço as vozes de Eunji e Lizzie quando elas se aproximam da pia, o som dos tubos de brilho labial sendo abertos.

— E aí, o que você achou? — pergunta Lizzie.

— Não acredito que não cortaram ela.

Eles não me cortaram. Meu corpo quase derrete de alívio.

— O sr. Noh disse que não iam cortar ninguém hoje porque era só um teste para o dueto com Jason.

Ouço uma bola de chiclete estourar e imagino Eunji fazendo um biquinho.

— Alguém filmou aquilo? Deveríamos espalhar na internet.

Merda. Será que alguém gravou aquele desastre? Estico o pescoço para ouvir a resposta de Eunji.

— Não, mas pode acreditar, as lembranças são fortes o bastante. As pessoas vão falar disso por meses.

Lizzie dá uma risadinha, então suspira.

— Tem razão. A gente deveria fazer umas camisetas. “Eu sobrevivi ao jato de vômito da Princesa Rachel.”

Argh. Realmente torço para que não façam isso.

— Eu queria ter visto a cara dela quando o conselho escolheu a Mina para fazer o dueto com Jason — diz Eunji.

Mas é claro. Escolheram Mina.

— Ela vai descobrir já, já. Vai ser hilário.

— Vamos tentar tirar uma foto da cara dela na hora. Podemos colocar na camiseta!

Lizzie estala os lábios.

— Certo, chega de papo sobre a Princesa Rachel. O sr. Noh estava olhando direto para mim quando anunciou a Family Tour da DB…

Sua voz some quando levanto a cabeça — rápido demais —, e cubro a boca quando meu corpo reage ao movimento súbito. Solto um gemido baixo. Uma nova Family Tour. A primeira em sete anos.

A DB vai anunciar um novo grupo feminino.

De repente, todas as peças do quebra-cabeça se encaixam. Mina não queria só o dueto. Queria me tirar do programa. Ela já devia

saber da turnê. E sabia que quem conseguisse cantar com Jason teria a chance de estrear antes do início da turnê no outono.

Ouço a porta se abrir. Risadas e gritos do corredor enchem o banheiro antes que a porta se feche outra vez. Como eu posso sair daqui? Lizzie tem razão — ninguém vai estar falando de outra coisa.

Quanto mais as pessoas falam de você, mais você é alguém de quem vale a pena falar. As palavras de Jason ecoam na minha mente.

Eu fico de pé devagar e me aproximo do espelho na parede dos fundos. Estou pálida e suada — e, ai, meu Deus, isso é vômito no ombro?! —, mas também estou determinada. Mina pode pensar que conseguiu exatamente o que queria, mas não conseguiu tudo. Ainda estou aqui. E vou me certificar de ser alguém de quem valha a pena falar.

Cinco

— Rachel, presta atenção!

Eu me abaixo, cobrindo o rosto com a raquete de tênis enquanto a bola amarela florescente passa zunindo por cima da minha cabeça. *Ufa, essa foi por pouco.* Dou uma olhada por cima da raquete e vejo a nova treinadora de tênis de braços cruzados. Nossa escola não acredita em professores de educação física. Em vez disso, recebemos diversos atletas profissionais como instrutores — Adam Rippon para patinação no gelo, Katie Ledecky para natação, Simone Biles para ginástica olímpica. No momento, estou ganhando uma cara feia de uma prodígio canadense de dezesseis anos que recentemente derrotou Serena Williams no Aberto da Austrália e foi capa da *Sports Illustrated* e da *Vogue*.

— A ideia é usar a raquete para acertar a bola — diz ela, revirando os olhos. — Não como, sei lá, o escudo do Capitão América.

— Desculpa, treinadora Sloat.

Eu me levanto, ajeitando a saia e o visor brancos.

Em geral, quando estou na escola, conto os minutos até o fim de semana, para voltar para a DB e para o treinamento. Tenho até um alarme no celular para as 15h30 de sexta-feira. Mas no momento o alarme está desligado, e a escola é uma distração absolutamente necessária para evitar que eu fique pensando o tempo todo no momento em que vomitei no Jason, em cima do palco, na frente de todos os trainees, treinadores e executivos da DB.

Já faz três dias, e a vergonha passou de um fogaréu escaldante que ameaçava me engolir para uma queimadura de sol de corpo inteiro. Ainda arde, e vou precisar tratar com cuidado, mas vou sobreviver. Acho. Contanto que não seja morta por uma bola de tênis na aula de educação física.

Vou correndo até as gêmeas Cho, que estão treinando o saque mirando em cones espalhados pela quadra.

— Rachel, você está com umas olheiras terríveis — diz Juhyun, baixando a raquete e se aproximando para observar meu rosto. — Tenho um gel anti-inchaço de framboesa no armário. Você quer pegar emprestado?

— Está tão ruim assim? — pergunto, tocando o rosto, envergonhada.

— Digamos que eu não ficaria surpresa se você dissesse que caiu no soco com a Mina e perdeu — brinca Hyeri, acertando a bola de tênis perfeitamente em um dos cones. Ela ergue o punho, comemorando. — Ah-ssa! É só acertar os ângulos, baby.

Eu suspiro, impedindo um bocejo.

— Eu bem queria que a Mina só tivesse me deixado de olho roxo. Não consegui dormir desde o Incidente.

— Você precisa parar de pensar nisso — aconselha Juhyun. — Não pense em como você arruinou totalmente seu teste e vomitou na cara do astro de K-pop mais famoso e mais querido do mundo.

— Foi só nos sapatos — retruco, na defensiva.

— Isso, exatamente. Nem foi tão ruim. Nikes branquinhos, né?

Hyeri suspira, tristonha, erguendo os olhos.

— Descansem em paz, tênis do Jason Lee. Vocês se foram cedo demais.

As gêmeas dão risadinhas atrás das raquetes de tênis. Estou prestes a retrucar quando um bocejo gigantesco me interrompe.

— Caramba, você está mesmo passando a noite em claro pensando nisso, né? — pergunta Hyeri.

— Não só pensando nisso — digo.

A treinadora passa pela gente, e eu finjo estar treinando saques. Ela assente e segue adiante. Tiro o celular do bolso da saia e abro uma foto de Jason e Mina cantando juntos no Instagram. Mostro a tela para as gêmeas.

— *Vendo* isso aqui também. A DB anunciou o dueto de Jason e Mina — acrescento.

Faço uma careta. Quando as vozes dos dois saem pelo alto-falante do celular, a única coisa que me dá algum consolo é o fato de Mina estar com aquela cara tensa que conheço muito bem

depois de seis anos fazendo treinamento vocal com ela. Essa cara significa que ela está tendo dificuldade para alcançar as notas mais agudas do refrão que canta com Jason. Mas claramente a DB não notou isso. Como todas as outras empresas de K-pop, a DB tem uma política de tolerância zero para redes sociais (não bastasse a política de tolerância zero para namoros). Ou seja, trainees não podem postar nada, nunca. Sob o risco de serem cortados do programa e, se os boatos forem verdade, mandados para a escola militar. O fato de a DB ter compartilhado esse vídeo de Mina significa que eles têm grandes planos para esse dueto… e para ela.

Hyeri abre os comentários, lendo em voz alta:

— “Daebak, esperei a vida inteira um solo do Jason Lee. E essa menina é tãããããão linda!”

— “Se ela está cantando com Jason, deve ser a melhor trainee da DB” — lê Juhyun, por cima do ombro da irmã. — “Eles ficam tão lindos juntos. Imagina os bebês desses dois!”

Solto um gemido, pegando o celular de volta e enfiando no bolso.

— Por favor. Fiquei acordada a noite toda lendo os comentários. Não preciso ouvir tudo de novo em voz alta.

Do outro lado da quadra, a treinadora Sloat apita.

— Hora do jogo, meninas. Formem duplas. Façam fila e esperem a sua vez.

— Ei, Juhyun! Amei o vídeo do delineador de gatinho de ontem — comenta Wan Somi, dando um sorriso doce para as gêmeas e se enfiando entre Hyeri e eu. Sua raquete bate nos meus joelhos quando ela me empurra.

Já estou acostumada. A Escola Internacional de Seul é uma das escolas particulares mais exclusivas da Coreia, educando o um por cento do um por cento do país: filhos de astros de K-drama ou oficiais do governo e meninas como Somi, cujos pais e avós administraram a corporação Sitisung pelos últimos cinquenta anos. Ela vive puxando o saco de Juhyun e Hyeri, mas como eu não tenho herança nem fama, nunca fui importante o suficiente para que ela me notasse. Nem meu status de trainee de K-pop me coloca no seu radar. Estou bebendo um gole da garrafa de água quando de repente Somi se vira para mim.

— Ei, Rachel, fiquei sabendo do dueto.

Engasgo com a água. *Wan Somi está falando comigo?* Olho para as gêmeas, que parecem tão confusas quanto eu.

Ela aperta os lábios numa expressão de pena forçada.

— Choo Mina é filha do presidente da C-MART, né? Nós passamos um verão juntas na Provença quando éramos criança. — *Mas é claro.* — Rica e talentosa. — Somi estala a língua. — Dois de dois, e você ainda com zero. E eu que pensava que a DB era exigente na seleção dos trainees.

Juhyun dá um passo para a frente, parecendo pronta para acertar a cara de Somi com a raquete, mas Goo Kyungmi, outra aluna da turma, a afasta ao se colocar entre mim e Somi.

— Não dê ouvidos a ela, Rachel! — grita Kyungmi.

Eu a encaro, chocada. Kyungmi é a maior fã de Juhyun e está sempre se oferecendo para carregar os livros ou a bandeja do almoço dela, ou deixando presentinhos colados no seu armário. Uma vez ela até trouxe um cachorrinho para a escola, para Juhyun brincar entre as aulas, mas o diretor a fez levar o bichinho para casa depois que ele fez xixi no gramado do campo de golfe. Mas essa é a primeira vez que ela fala comigo.

Kyungmi passa os braços ao redor dos meus ombros, quase me acertando na cara com seu rabo de cavalo alto que mais parece um chicote.

— Você deve estar com tantos sentimentos conflituosos a respeito desse dueto. Você está bem? Sabe que pode desabafar comigo se precisar, né? Pode me contar *qualquer coisa* da sua vida de trainee.

— Obrigada… Kyungmi… — digo, me soltando do seu abraço surpreendentemente forte. — Mas eu estou bem.

— Jura? Tem certeza? Ei, a gente deveria tirar uma selfie com o uniforme de tênis!

Ela pega o celular.

— Sem telefone na quadra! — grita a treinadora Sloat, vindo até nós a passos duros. Ela aponta para Somi e Kyungmi. — Vocês duas, já para lá. São a próxima dupla.

Somi resmunga e arrasta os pés até a quadra. Kyungmi me lança um olhar arrependido ao seguir Somi. Sloat se aproxima de mim com os olhos semicerrados.

— Desculpa, treinadora — digo rapidamente, começando a fazer polichinelos. — Já estou me aquecendo para o jogo!

— Espera — diz ela, olhando por cima do ombro para os outros alunos. Então se aproxima e sussurra: — É verdade que Mina e Jason estão namorando?

Encaro ela de queixo caído. *Isso é sério?* Até campeãs de tênis famosas que aparecem em capa de revista querem saber?

Ela percebe minha expressão e dá uma risada, coçando a nuca.

— Brincadeira, é claro. — Ela pigarreia, meio sem graça, e volta a atenção para a turma. — Ótimo saque, Kyungmi!

* * *

A Escola Internacional de Seul foi construída no limite de Hannam-dong, do lado oposto do rio Han em relação a Gangnam, um dos bairros mais ricos de Seul. É cercada das três áreas residenciais mais exclusivas da cidade, desejadas pela elite não só pela seleção de butiques e restaurantes da moda, mas também pelo fato de que Hannam-dong, ao contrário do restante da cidade, tem o luxo do espaço. Isso explica por que nossa escola ocupa mais de 20 mil metros quadrados de gramado bem-cuidado e ininterrupto no meio de uma das cidades de maior densidade populacional do mundo. Além das quadras de tênis de saibro, da piscina olímpica coberta, uma pista de atletismo completa e um campo de futebol, a escola tem um teatro fechado e um anfiteatro ao ar livre, uma sala de cinema e um rinque de patinação no gelo. O clube de jardinagem planta as orquídeas magenta que margeiam a entrada para carros até o prédio central da escola, e toda quarta-feira a sociedade pirotécnica e o clube de audiovisual fazem um show de fogos de artifício digno de qualquer comemoração de Quatro de Julho.

Enquanto eu e as gêmeas caminhamos para o vestiário depois da aula, vejo um pôster imenso anunciando o próximo Dia da Carreira, mês que vem. VOCÊ JÁ PENSOU NO SEU FUTURO? MARK ZUCKERBERG E MEGAN ELLISON ESTÃO AQUI PARA AJUDAR! Faço uma careta. Sei que minha mãe gostaria que eu participasse. É parte do motivo de tantos sacrifícios que meus pais fizeram para que eu e

Leah estudássemos aqui. Halmeoni deixou algum dinheiro para eomma quando morreu, e sei que a maior parte está sendo usada em mensalidades, e não em melhorias na academia de boxe do appa. “Pense nas oportunidades”, disse ela, me calando quando falei que não teria problemas em estudar no colégio público perto de casa.

Como será o meu futuro?, penso, debaixo da água quente do chuveiro no vestiário. Já se passaram três dias desde a avaliação e ainda não tenho ideia de como vou fazer para me destacar. Penso na aula de tênis e em como Somi e Kyungmi falaram comigo pela primeira vez. *Mas isso foi por causa do post da DB. A empresa não vai postar sobre mim de jeito nenhum. Será?*

De banho tomado, saio do vestiário com as gêmeas e, na porta, quase damos de cara com um menino de cabelo castanho escorrido repartido ao meio e óculos de aro de metal. A expressão dele está calma ao acenar para nós.

— Daeho! — exclama Hyeri, as bochechas ficando vermelhas e os lábios se abrindo em um sorrisinho.

— Oi. — Ele olha por cima do meu ombro. — Pronta para continuar nosso projeto, Hyeri?

— Você não precisava vir me acompanhar. A gente podia ter se encontrado na sala de engenharia.

— Não tem problema — diz Daeho, virando-se então para Juhyun. — Tudo bem, Juhyun?

— Tudo ótimo, obrigada — responde ela, me dando o braço e erguendo as sobrancelhas para mim. — Devo *acompanhá-la* à sala de descanso enquanto Hyeri vai fazer seus experimentos nerds? Ouvi dizer que o quiosque de patbingsu está de volta, agora que o clima esquentou.

Daeho se empertiga.

— Você gosta de patbingsu? Por acaso, eu sou expert em patbingsu. Criei uma receita perfeita, baseada na proporção ideal cientificamente comprovada entre gelo e feijão vermelho. Até inventei minha própria máquina de raspadinha.

— Hum… Nossa, Daeho. Quem diria que você era tão profundo? — zomba Juhyun.

Eu mordo o lábio, abafando uma risada, enquanto Daeho a encara, contente com o comentário.

Hyeri olha para ele e para a irmã.

— Eu também adoro patbingsu — comenta. — Quem sabe você faz sua receita para mim um dia? Parece excelente.

Daeho assente, o cabelo se agitando ao redor do rosto.

— Com certeza.

Hyeri se anima.

— Eu trago para você, e aí você divide com a Juhyun.

— Ah… tá bom. Claro. Ótimo plano, Daeho. — Ela nos dá um aceno desanimado enquanto segue Daeho pelo corredor. — Até mais, meninas.

Dou um tchauzinho triste e olho para Juhyun, que está analisando as sobrancelhas com o celular, ignorando totalmente o triângulo amoroso que acabou de se desenrolar. Para uma menina tão esperta, ela às vezes é muito noonchi eopseo.

— Vem — diz ela, guardando o celular na bolsa de ginástica e me puxando pelo braço. — O patbingsu nos espera.

Arrasto os pés enquanto atravessamos o corredor, o sol entrando pelas imensas janelas de vidro e metal da escola. A sala de descanso é o último lugar para onde quero ir no momento, sempre cheia de alunos assistindo aos mais novos vídeos de K-pop nas TVs de tela plana. Não estou pronta para ser bombardeada com perguntas sobre Jason e Mina.

— E se a gente for se esconder na Biblioteca do Vitral? — Eu me viro, tentando atrair Juhyun para a biblioteca cavernosa do outro lado do campus, batizada em homenagem à réplica do vitral da cena de abertura de *A bela e a fera* que um aluno fez como projeto de arte alguns anos atrás.

— Para você ficar choramingando sozinha em algum canto da biblioteca?

— Eu não estava planejando choramingar.

Tecnicamente é verdade. Meu plano era me encolher em uma das poltronas confortáveis e reassistir aos episódios de *The Vampire Diaries* no laptop.

— Sinto muito, Rachel, mas o que você precisa no momento é de pulso firme. E não de ficar shippando Klaus e Caroline.

Droga. Ela me conhece bem demais.

Quando nos aproximamos da sala de descanso, ouço o burburinho inconfundível de alunos animados.

— Coloca na tela grande!

Reconheço a voz aguda de Kyungmi e congelo. Será que estão colocando a foto de Jason e Mina na TV? Mal saí do meu surto de vergonha por causa do Instagram e não quero *mesmo* passar por outro agora.

— Então, sobre a biblioteca… — começo, mas antes que termine a frase, Juhyun me empurra pela porta.

Um monte de alunos está em volta da TV de tela plana, todos sentados em sofás confortáveis de couro com potes de patbingsu no colo, inclinados para a frente assistindo… a uma youtuber de beleza? Hum. Não era o que eu esperava.

Kyungmi se vira e me vê chegando com Juhyun.

— Olha essa youtuber nova! É uma garota de Suwon. Ela faz coisas com as sombras que eu nunca *vi*.

Ao meu lado, Juhyun fica tensa.

— Quantas visualizações ela tem? — pergunta.

— Nossa, uma loucura… quase meio milhão de visualizações em doze horas. Viralizou total. Ela já tem quase quatro milhões de seguidores!

— Mas… nem *eu* tenho quatro milhões de seguidores — murmura Juhyun, descrente, se afastando em direção ao quiosque de patbingsu.

Fico vendo a menina na tela cobrir o rosto com uma base com brilho prateado antes de transformar as pálpebras em uma explosão surpreendente de flores de cerejeira cor-de-rosa, com galhinhos minúsculos, cada um enfeitado por uma pedrinha preciosa. Juhyun enfia um pote de raspadinha nas minhas mãos, mas mesmo enquanto o gelo derrete, formando uma sopa de leite condensado e calda de fruta, não consigo tirar os olhos da tela. O vídeo é hipnotizante.

— Não é surreal? Um segundo ela é uma menina qualquer, brincando com maquiagem no quarto, e no seguinte é uma celebridade.

Franzo a testa, processando o comentário da minha colega. É mesmo incrível o impacto que um vídeo viral pode ter. Meu cérebro está com as engrenagens girando quando Juhyun me dá o braço.

— Argh. Está péssimo aqui. Vamos para a biblioteca.

Dou uma risada, me inclinando para beijá-la na bochecha.

— Aquela menina nem chega aos seus pés. Você reparou que os produtos que ela estava usando nem eram orgânicos? Hyeri teria um ataque!

Juhyun sorri, parecendo um pouco menos chateada, enquanto como o restinho do patbingsu derretido.

— Delícia, né? — comenta Juhyun. — Não era exatamente disso que você precisava?

— Ah… — digo, sorrindo por trás da colher. — Você nem tem ideia.

Seis

Quando comecei a treinar na DB, sentia muita saudade de casa. Sempre que eu ficava mal, Yujin deixava eu me esconder no seu escritório para chorar. Ela fazia carinho nas minhas costas e eu sentia o cheiro de eucalipto fresco das plantas que cobriam suas estantes e sua mesa. Até hoje, o cheiro de eucalipto me lembra de casa tanto quanto o cheiro dos amendoins assados que existe em toda esquina de Nova York.

Yujin abre a porta do escritório, e eu e Akari a cumprimentamos com uma reverência.

— Sentem-se — diz ela, indicando as cadeiras de couro branco em frente à mesa, e estreita os olhos para mim. — O que aconteceu com as suas sobrancelhas?

— Ah, é… — Eu abro um sorriso envergonhado. — Estou experimentando um estilo novo.

A aula de beleza e imagem de hoje foi sobre a importância do formato das sobrancelhas. As de Akari, naturalmente cheias e retas, se encaixam perfeitamente na estética coreana ideal da "sobrancelha masculina", mas as minhas precisavam de um pouco de atenção, e talvez eu tenha exagerado com a pinça. Encosto na sobrancelha esquerda, torcendo para ter feito um bom trabalho ao disfarçar com maquiagem o buraco que deixei.

Yujin franze o cenho e se recosta na cadeira, cruzando os braços.

— Como posso ajudar vocês duas?

Sua voz está estranhamente fria, o que me deixa nervosa. Dou uma olhada em Akari, que assente, me encorajando. *Certo. Eu consigo.* Respiro fundo e começo.

— Eu tenho uma ideia para conseguir uma segunda chance de cantar o dueto com Jason — anuncio. Faço um sinal com a cabeça para Akari, que pega o celular, dando play no vídeo da youtuber de maquiagem que viralizou. — Você já viu isso?

— É claro. O festival das cerejeiras foi no fim de semana passado. Esse vídeo estava em tudo quanto é lugar. — Yujin franze a testa ainda mais. — O que você está sugerindo? Vai tentar compensar aquela apresentação com alguma maquiagem ridícula?

Faço uma careta. Sei que as coisas são diferentes agora que estou perto da idade de estreia, mas às vezes sinto saudade dos dias em que Yujin me deixava chorar no seu sofá.

— Não exatamente — prossigo. — Mas como você mesma disse, o vídeo estava em todos os lugares. E agora a SKII quer patrocinar essa garota, e ela está diante de oportunidades que nunca imaginou que teria. Quando um vídeo viraliza, as pessoas falam. E as outras *têm* que ouvir.

Eu remexo na bainha da minha jaqueta. Eu me imaginei saindo do escritório de Yujin como Sandra Bullock no Met Gala, a mente por trás de um plano brilhante, com um time especializado de mulheres incríveis para ajudá-la. Respiro fundo.

— Todo mundo sabe que Mina não canta bem o suficiente para fazer o dueto com Jason. Então pensei que, se conseguir fazer um vídeo meu cantando viralizar, os executivos vão ouvir o burburinho e serão obrigados a me dar outra chance.

Yujin permanece em silêncio. Eu e Akari nos inclinamos para a frente, na expectativa.

— Essa é a ideia mais ridícula que eu já ouvi.

Eu me encolho. Adeus, minha fantasia de *Oito mulheres e um segredo*.

— Seu teste não foi só decepcionante, Rachel, foi um *desastre* — afirma Yujin, estreitando os olhos. Eu me encolho ainda mais na cadeira, mas ela ainda não terminou. — Você está na DB faz seis anos. Sabe bem como as coisas funcionam. Ninguém está te forçando a treinar aqui. Você precisa querer. Como posso confiar que você é capaz de cantar um dueto com Jason Lee quando ainda recebo relatórios dizendo que você continua travando nas aulas de treinamento de mídia? Como vai fazer um vídeo viralizar se ainda tem medo das câmeras?

Sinto um nó na garganta. Ela tem razão. É claro que tem razão. Sou tomada de vergonha e culpa. Como pude acreditar que tudo

teria uma solução tão simples? Mordo o lábio e concordo com a cabeça, baixando os olhos e tentando não chorar.

— Olha para mim quando estou falando — exige Yujin, irritada. Eu ergo a cabeça na hora. — Todos nós tínhamos altas expectativas para você, Rachel. *Eu* tinha altas expectativas. Não só você se humilhou, como me humilhou também. Eu sou a treinadora principal da DB, minha reputação está em jogo! Sua performance refletiu mal para nós duas. Então, me diga, por que alguém deveria te dar uma segunda chance?

Sinto a vergonha apertar meu peito.

— Eu sinto muito, muito mesmo, Yujin. Eu sei que te decepcionei. Mas também sei que consigo fazer melhor do que aquilo. Por favor, me dê uma segunda chance, porque… porque…

O olhar frio de Yujin me lembra do olhar vazio da lente de uma câmera, e abaixo a cabeça, as palavras me fugindo. O que posso dizer? Não tem nada que possa compensar aquele teste.

— Porque você se lembra de como foi ouvir Rachel e Jason cantando juntos. — Akari aperta minha mão ao dizer isso. Ela olha Yujin nos olhos, falando com confiança. — Eu sei que você sentiu a eletricidade no auditório. Todo mundo sentiu. Eles dois têm que cantar juntos. Vai negar?

Yujin encara Akari com a mesma intensidade.

— E como vocês planejam evitar a proibição de redes sociais da DB?

— É contra as regras *nós* postarmos nas redes sociais — diz Akari, com um sorriso travesso. — Mas se o vídeo não aparecer nas redes sociais da Rachel, tecnicamente não é culpa dela. O que ela pode fazer se um vídeo em que ela *por acaso* está cantando vazar e viralizar?

Certo, talvez eu não seja a Sandra Bullock, mas Akari com certeza é a Cate Blanchett, penso, impressionada com sua habilidade de dizer a coisa certa no momento certo. *Só falta um terninho brilhante com caimento perfeito.*

O olhar de Yujin se volta para mim, e rapidamente seco as lágrimas que ameaçam escorrer pelo canto dos meus olhos, borrando a maquiagem das sobrancelhas sem querer. Merda. Eu estou um caos. Talvez eu tenha sido idiota por pensar que Yujin me

ajudaria como sempre fez. Até minha mentora tem seus limites, e claramente vomitar no palco ultrapassou todos eles.

Temerosa, ergo os olhos e a encaro. Seu olhar se suaviza, e ela suspira.

— Aquela performance foi mesmo incrível.

Meu coração dá um pulo.

— Eu prometo que, se tiver uma segunda chance, não vou desperdiçar — digo rapidamente. Respiro fundo. — Foi você quem me ensinou a acreditar em mim mesma. Eu sei que consigo.

Yujin toca de leve o bambu em um vaso na mesa. Então pega um cartão de visitas de um potinho e escreve algo no verso com letras de forma precisas. Ela desliza o cartão para mim. É um endereço qualquer em Itaewon.

Eu e Akari olhamos para Yujin, e desta vez é ela que abre um sorriso travesso.

— Me encontrem nesse endereço depois do treino amanhã à noite. Se certifiquem de que ninguém está seguindo vocês. Combinado?

Akari dá um gritinho.

— Isso significa que você vai nos ajudar?

— Significa que essa conversa acabou.

Yujin indica a porta com a cabeça. Eu pego o cartão e guardo no bolso da jaqueta.

— Rachel — chama Yujin, quando estamos prestes a sair. Eu me viro para trás e a vejo sorrindo. — Dê um jeito nessa sobrancelha até amanhã, ouviu? Quero que você esteja impecável no vídeo que o mundo inteiro vai ver.

Sinto uma onda de esperança crescer no peito. Faço uma reverência.

— Obrigada, Yujin-unnie. Não vou decepcionar.

* * *

Estou em frente ao espelho do quarto, prendendo o cabelo em um coque alto para mostrar a gola Peter Pan da minha blusa lilás. Argh. Pareço uma bibliotecária.

Solto o cabelo e jogo a blusa na pilha de roupas já descartadas. Será que devo ir toda de preto, com uma jaqueta de couro e jeans justos? Ou talvez o vestido longo de oncinha, com mangas largas? Visto um short jeans de cintura alta e uma camisa oversized do mesmo tecido, dando uma olhada no espelho. *Definitivamente não.* Quero usar algo que diga: *Sim, vocês podem confiar em mim. Não cometeram um erro me escolhendo.* Não: *Oi, eu sou a Rachel, a Smurf perdida.*

Abro o armário, revirando as roupas em busca de outra opção. Há várias fotos presas na parte de dentro da porta, e uma delas chama minha atenção: estou com alguns primos no meu primeiro noraebang, durante as férias de família em Seul, quando tinha onze anos. Eu estava animada para ir ao noraebang desde o início do verão: as salas particulares cheias de microfones e os sofás de couro, o globo de espelhos refletindo as luzes néon nas paredes, os tamborins, os petiscos infinitos. Até então, eu só tinha cantado no nosso apartamento minúsculo em Nova York — mal podia esperar para dar um show de verdade, como uma estrela de K-pop, como em todos os vídeos a que eu assistia havia anos.

Foi nessa noite que conheci Yujin. Eu tinha acabado de cantar “Style”, da Taylor Swift, e meus primos estavam todos comemorando, quando ouvi alguém aplaudir atrás de mim. Eu me virei e dei de cara com uma mulher de cabelo azul brilhante apoiada na porta aberta (minha prima tinha se esquecido de fechar quando voltou do banheiro). Ela perguntou meu nome e disse que eu a lembrava de uma estrela de K-pop que ela conhecera anos antes. Então deu uma piscadela e me entregou seu cartão, pedindo que meus pais ligassem para ela.

Pego uma pantalona xadrez cinza da prateleira de cima do armário e um suéter cropped branco de gola alta. Fechando a porta do armário, reviro a gaveta de joias na escrivaninha até achar minhas argolas douradas, colocando-as enquanto prendo metade do cabelo em um coque alto. *Perfeito*, digo para mim mesma ao pegar minha bolsa e calçar tamancos de couro bege.

Yujin esteve ao meu lado desde então. Quando era criança, eu amava K-pop. Mas ela me ajudou a transformar esse sonho aparentemente impossível em realidade. Ela me mostrou que havia

um mundo inteiro de pessoas que sentia o mesmo que eu por esse tipo de música — e que por isso ser uma cantora de K-pop é tão especial. Tem a ver com contar uma história, se conectar com públicos no mundo inteiro. Ela me disse que ser meio coreana, meio americana, me tornaria especial nesta indústria. Ela fez com que eu me apaixonasse pelo K-pop de uma maneira totalmente nova. Não posso decepcioná-la. De novo, não.

* * *

— Acho que estamos perdidas.

Olho para o cartão que Yujin me deu. Eu e Akari estamos andando pela mesma rua em Itaewon já faz vinte minutos, mas o endereço é impossível de encontrar. Passamos por um restaurante de dakgalbi tantas vezes que as pessoas sentadas lá dentro começaram a olhar para a gente com desconfiança.

— Vamos tentar por ali de novo — sugere Akari. Ela ajeita a gola da blusa amarela soltinha de um ombro só, e vejo que sua nuca está vermelha e suada, o que acontece quando ela fica nervosa. — A gente não procurou atrás daquela Coffee Bean, procurou?

— Só umas seis vezes — respondo. Sopro uma mecha de cabelo para longe do rosto, dando zoom no aplicativo Naver Maps. — Não entendo. Era para estar bem aqui!

— Ai, meu Deus — diz Akari.

— Né? Eu nem sei o que a gente está tentando encontrar!

— Não, não é isso!

Akari agarra meu braço e me arrasta para trás de uma fileira de motos estacionadas. Ela aponta para o outro lado da rua, onde um homem barbado de ombros largos com um rabinho de cavalo acaba de sair de um prédio marrom baixo por uma porta de metal arranhada. Ele coloca óculos escuros e um gorro que cobre sua testa.

— É Han Minkyu, de *Oh My Dreams* — explica Akari, a voz aguda e surpresa.

Olho para ela sem entender. Não tive muito tempo para K-dramas nos últimos seis anos.

— Você *sabe*. Foi ele que sequestrou Park Dohee depois que ela perdeu a memória caindo da moto do namorado. Ele fingiu ser médico para entrar no quarto do hospital. Rachel, ele fez ela acreditar que estava apaixonada por ele o tempo todo! — Sua testa se franze de preocupação. — Melhor a gente se esconder. Quem sabe do que esse homem é capaz? Ele pode nos sequestrar agora mesmo, se quiser.

— Hum, Akari, isso era só um personagem. Ele provavelmente não é um sequestrador mentiroso na vida real.

— Ah. Verdade. — Akari hesita, estreitando os olhos e observando o ator desaparecer pelo beco. — Mesmo assim. Não confio nele.

Dou uma olhada para o prédio. Não é nada de mais, eu nem tinha notado antes. Todas as janelas são escuras, então não dá para ver nada do lado de dentro, e as paredes precisam desesperadamente de uma pintura. Mas talvez…

Curiosa, faço um gesto para Akari me seguir.

Empurro a maçaneta e a porta de metal se abre sem resistência, revelando um corredor estreito com painéis de madeira. Nós duas entramos e a porta bate às nossas costas. Akari vira para mim, pálida.

— Você ainda acha que a gente não vai ser sequestrada hoje?

Eu faço um gesto pedindo silêncio e tento ouvir alguma coisa.

— Está escutando isso? — pergunto.

— O som da nossa morte iminente? Ah, sim, com certeza — sussurra Akari, dramática.

— Não, boba. É música.

No fim do corredor, há uma cortina pesada de veludo. Ouço música vindo do outro lado. Olho para minha amiga.

— Pronta?

Ela olha em volta, nervosa.

— Não?

Dou uma risada e puxo a mão dela, passando pela cortina.

Ao nosso redor, as paredes explodem em imagens etéreas de jardins que parecem saídos direto do interior da França. Lá em cima, trepadeiras de glicínias roxas e rosa atravessam o teto, pendendo de um lustre angular dourado com vidro fumê. O lugar

está cheio de pessoas em assentos de veludo em cores fortes, conversando e ouvindo um pianista tocar jazz em um palco impressionante que ocupa o lado direito do espaço. Em uma mesa perto de mim, vejo uma mulher beber um *latte* com um desenho de cisne tão perfeito e delicado que sinto que é capaz de ele abrir as asas e sair voando da caneca.

Caramba. Que lugar é esse?

Ouço uma voz gritar, me tirando do transe:

— Rachel! Akari!

Yujin se aproxima de nós com passos apressados, o cabelo cor-de-rosa e os brincos de bronze voando. Ela coloca os braços ao redor de nossos ombros, sorrindo.

— Já estava na hora! Bem-vindas a Kwangtaek.

— Onde estamos? — pergunta Akari. — Além disso, você conhece Han Minkyu?

— Eu até poderia te contar — responde Yujin, rindo, ao levar nós duas para um dos cantos do salão. — Mas conheço alguém que vai saber explicar melhor.

Ela para na frente de uma cabine confortável onde uma senhora vagamente familiar já está sentada, bebendo chá em um conjunto de porcelana. Parece ter saído direto de um filme de Hollywood dos anos 1940, com o cabelo prateado preso em um penteado elaborado e os ombros casualmente envoltos pelo xale bordado mais luxuoso que eu já vi.

— Rachel, Akari, conheçam minha mãe — apresenta Yujin, sentando-se no banco ao lado da mulher. — Chung Yuna.

Chung Yuna? Yujin acabou de dizer que é filha de Chung Yuna?

Ao meu lado, Akari solta um gritinho.

— A senhora é *a* Chung Yuna? — pergunta, se virando para encarar Yujin. — Caramba… Unnie, como você nunca contou que sua mãe é a estrela de K-pop original?

Não consigo acreditar. Chung Yuna é uma verdadeira lenda. Antes dela, o K-pop nem existia. Agora, quarenta anos depois da sua aposentadoria, todo mundo ainda conhece seu nome e é apaixonado por ela. A Electric Flower fez uma homenagem de vinte minutos com os maiores hits de Chung Yuna na última turnê mundial.

Na mesma hora ajeito minha postura e faço uma reverência completa.

— Annyeonghaseyo.

Akari faz o mesmo. Yuna dá um tapinha no assento a seu lado.

— Ah, isso faz muito tempo. Deixo o K-pop para meninas como vocês agora.

Yujin dá uma risada.

— Vocês parecem dois peixes fora do aquário. Fechem a boca antes que entre mosca.

Eu me forço a sorrir o mais calmamente possível, embora esteja surtando por dentro.

— Então, onde é que estamos?

Presto atenção em Akari, que ainda está com os olhos tão arregalados que parecem prestes a explodir.

— Kwangtaek é um café *underground* que abri para celebridades coreanas — explica Yuna, bebendo um gole da sua xícara. — Um espaço para as pessoas relaxarem e escaparem dos fãs e paparazzi, mesmo que seja só por alguns minutos. Não havia nada parecido quando eu estava na indústria, e sempre desejei um lugar assim. Então, alguns anos atrás, pensei: se quero tanto um café desses, por que eu mesma não abro? Levei um tempo para encontrar o estabelecimento perfeito, mas tem sido muito útil.

— É incrível — diz Akari, os olhos se arregalando ainda mais. — Quer dizer, eu já ouvi boatos sobre cafés secretos para celebridades, mas nunca achei que fossem reais.

Yuna dá uma risada.

— São reais, com certeza. Agora, me diz uma coisa… O que você acha das glicínias? Estou na dúvida se não seria melhor uma coisa mais minimalista…

Akari abre um enorme sorriso enquanto discute a decoração com Yuna. Do outro lado da mesa, Yujin segura minha mão e fica de pé.

— A gente já volta — avisa ela.

Akari acena enquanto Yuna começa a pesar prós e contras de veludo molhado e cristal.

Enquanto atravessamos o café, tento não encarar as celebridades ao redor, mas… Meu Deus! Aqueles são Park Dohee e Kim Chanwoo sentados ali? Eles são um casal em *Oh My Dreams*,

e pelos olhares que estão trocando por cima do prato de macarons em tons pastel, parece que estão juntos na vida real também. Desvio o olhar; afinal, eles estão aqui para escapar de olhares indiscretos.

— Yujin — digo —, por que você não seguiu os passos da sua mãe e se tornou uma estrela de K-pop? Ela é tão inspiradora!

— Eu fui inspirada por ela — concorda Yujin, sem hesitar. — Só que de uma forma diferente. Eu sabia desde cedo que não queria estar nos palcos. Em vez disso, decidi usar o que aprendi com a minha mãe para guiar uma nova geração de estrelas. — Ela aperta minha mão. — Pessoas que foram feitas para os holofotes, como você.

Meu coração se enche de esperança ao mesmo tempo que engulo em seco, tensa. *Feita para os holofotes*. Aperto sua mão de volta.

Ela me leva para uma mesa perto do palco e puxa uma cadeira para mim. Eu me sento, contente em deixar as maiores estrelas da Coreia do Sul beberem café ao meu redor enquanto converso com Yujin, como nos velhos tempos (bom, se você substituir as celebridades de Seul por vários vasos de planta), mas ainda tem uma coisa que não entendi.

— Yujin-unnie, esse lugar é incrível. Mas, hum… — Baixo a voz. — O que exatamente estamos fazendo aqui? E o vídeo?

Ela dá uma piscadela.

— Você vai ver. Só me deixa pegar uma bebida. Já volto.

Ela desaparece em direção ao balcão perto do palco. Minhas mãos estão começando a tremer de nervoso, então pego um guardanapo e começo a desenhar nos cantos. Qual o plano de Yujin? Talvez ela queira que eu cante para a mãe? Isso com certeza iria viralizar. Ah, talvez ela queira que Dohee e Chanwoo estejam no vídeo? Rio sozinha. As amigas de Leah *com certeza* ficariam impressionadas. Quando já enchi o guardanapo de círculos e florzinhas estranhas, deixo-o de lado e fico remexendo na colher de chá na mesa. Solto um suspiro. Por que Yujin está demorando tanto?

Dou uma olhada em volta, procurando por ela, e vejo Dohee e Chanwoo se beijando. Ah-ssa! Estão mesmo juntos! Leah vai *pirar*

quando ficar sabendo. Estou tão perdida em pensamentos que faço um movimento brusco e a colher acerta meu rosto.

— Ai!

Esfrego o nariz, olhando em volta para ver se alguém percebeu. Por sorte, não sou o centro das atenções num lugar como esse. Suspiro aliviada e me reclino na cadeira.

— Uau… Parece que isso doeu.

Sete

Jason puxa a cadeira ao meu lado e se senta. As mangas do seu suéter estão dobradas até os cotovelos, e não consigo evitar notar como seus braços são bonitos. Bronzeados e magros, surpreendentemente macios. E fortes. Engulo em seco ao pensar em quando ele me abraçou no final do teste. Logo antes de eu descarregar um litro de soju e champanhe nos sapatos dele.

Meu rosto queima ao lembrar.

— O que você está fazendo aqui? — gaguejo.

Preciso me controlar.

— É você que está sentada na minha mesa de sempre — diz ele, estreitando os olhos ao se inclinar para a frente, colocando a boca bem perto do meu ouvido e sussurrando: — Deixa eu adivinhar, você está me stalkeando.

Forço uma risadinha. Essa noite toda pode ter sido armada para conseguir o dueto com Jason, mas não preciso alimentar ainda mais seu ego. Ele já tem todos os boatos da DB a seu favor.

Ele se reclina na cadeira e sorri.

— Acho que eu te deixo nervosa.

Meu rosto está pegando fogo.

— Claro que não — respondo, um pouco insistente demais. — Você está louco.

— Sério? Porque você está toda vermelha. — Ele coloca a palma da mão no meu rosto. — Quente também.

Eu afasto a mão dele.

— Com licença? Não me lembro de ter deixado você encostar em mim.

Jason ergue as mãos, resignado.

— Você tem razão. Sinto muito. Só queria me certificar de que você está se sentindo bem… Não quero ninguém passando mal nesse estabelecimento tão elegante que é o café de Chung Yuna.

Isso afastaria todos os atores de K-drama daqui. — Ele baixa a voz para um sussurro forçado ao indicar Dohee e Chanwoo. — Eles são conhecidos por ter o estômago fraco.

Nesse momento a garçonete chega à nossa mesa, carregando uma bandeja com dois cafés fumegantes e alguns petiscos. Jason abre seu sorriso perfeito ao pegar o café.

— Bem na hora. Como você sabia que era exatamente isso que eu queria?

A menina ri, baixando a cabeça antes de sair às pressas. Sério, existe alguém que ele não consiga conquistar?

— Eu te perdoo, aliás — diz Jason, ao virar metade do pote de açúcar no café. — Pelo vômito.

Olho para ele, nervosa.

— Quer dizer, tive que jogar fora meus tênis favoritos, mas tirando isso… — Ele abre seu sorriso perfeito para mim dessa vez.

Sinto um frio na barriga em resposta, mas me forço a ignorar a sensação e reviro os olhos para ele.

— Obrigada. Fico feliz de saber que alguém está se divertindo com a coisa mais vergonhosa que já aconteceu comigo.

Ele fica meio sério e trinca os dentes.

— Tá bom, tá bom! Eu estava brincando sobre os sapatos. Mas é sério. Sei como esses testes da DB podem ser assustadores. Já passei por isso.

Se ao menos tivesse sido só o nervosismo. Mas percebo que ele está sendo sincero. Concordo com a cabeça de leve.

— Obrigada. De verdade.

Jason sorri, virando a leiteira toda no café. Ele balança o pote até as últimas gotas caírem, depois me olha com uma expressão de desculpas.

— Opa. Você queria?

— Tudo bem. Eu gosto de café puro. — Franzo o nariz para o líquido cor de caramelo dele. — E você obviamente gosta que seu café tenha gosto de milk-shake.

— O que posso dizer? Sou uma formiguinha. — Ele dá uma piscadela, bebericando aquele troço que chama de café.

Ficamos sentados em silêncio por um minuto. Não é estranho, mas também não é confortável. O plano do vídeo viral está pesando

na minha mente. O que diabos Yujin está aprontando?

— Então, Rachel, me conta — diz Jason, pegando um petisco. — Além de ser um ícone da moda para dormir e uma esnobe de café, o que mais devo saber sobre você?

Minha mente fica às voltas, tentando encontrar o que dizer. Que sou uma trainee de K-pop? Mas ele já sabe. Que estou disposta a fazer qualquer coisa para estrear? Mas ele já passou por isso. Que estou aqui para gravar um vídeo na esperança de que ele viralize, todo mundo veja como eu canto muito melhor que Mina, e o sr. Noh e os executivos da DB me deem outra chance de fazer o dueto com ele? Mas é óbvio que não posso dizer isso. Por sorte, nesse momento, a garçonete reaparece, colocando uma bandeja branca pequena na mesa. Um sorriso se abre no rosto de Jason.

— Você vai adorar, é a sobremesa mais famosa da Yuna.

Ele pega um potinho da lateral da bandeja e começa a derramar chocolate ao leite derretido em uma esfera transparente de fios de açúcar no centro, que parece recheada de morangos e flores comestíveis. A esfera derrete, o conteúdo escorrendo por cima de camadas de *panna cotta* de amora e *crumble* de biscoito de gengibre. *Uau.*

— Com certeza é melhor que a última sobremesa que comi — conto para Jason, com a boca cheia de chocolate e morangos. — Minha mãe comprou doces folheados e eu peguei um, achando que era de fruta ou sei lá… mas era de linguiça! Com milho! E algum molho adocicado esquisito.

— Pão de linguiça se passando por doce folheado… — diz Jason, baixando a colher e balançando a cabeça, decepcionado. — Péssimo.

— Por que coreanos colocam linguiça em tudo? — pergunto, pegando outra colherada da *panna cotta* cremosa.

— E queijo — completa Jason. — Adoram colocar queijo em tudo. Ramyun de queijo.

— Kimbap com queijo.

— Dakgalbi de queijo.

— Linguiça com queijo.

Ele ri.

— Dá para colocar mais linguiça com queijo nessa linguiça com queijo?

— É claro! Estamos na Coreia. Dá para pedir queijo com queijo extra e linguiça com linguiça extra.

Nós dois explodimos em risadas, e por um segundo deixo todo o resto para lá. Não existe DB nem Mina, não existem planos secretos nem últimas chances. É como se Jason fosse um amigo normal e essa, a nossa vida normal, tomando café e comendo sobremesas chiques. Mas então o momento passa, e minha risada se esvai. Não sei o quanto a política de não namorar da DB é rígida, mas apostaria que uma trainee rindo e comendo doces com um superastro da empresa seria malvisto. Desvio o olhar, envergonhada, pegando o guardanapo para limpar a calda da boca.

Antes que eu me dê conta, Jason estica a mão e segura meu pulso. Eu congelo e ergo os olhos para ele. Jason está olhando para os meus lábios. *Ai, meu Deus. Ele vai…? Mas não pode!*

— O que é isso no seu guardanapo?

Hã? Ele tira o papel das minhas mãos e estica na mesa. *Ah. Então ele definitivamente não ia…* Minhas bochechas ficam vermelhas.

— Não é nada — digo, tentando pegar o guardanapo de volta. Jason afasta o papel das minhas mãos e eu suspiro, desistindo. — São só uns rabiscos. Eu gosto de desenhar roupas e tal quando estou entediada.

— Roupas?

— É, roupas. Eu cresci na capital da moda. Estava sempre de olho nas roupas das pessoas.

Ele não diz nada, observando o guardanapo. De repente me sinto vulnerável, como se ele estivesse olhando o interior do meu guarda-roupa.

— Foi você que desenhou? — pergunta, a voz surpresa mas gentil. — Estão ótimos. Muito bons mesmo.

Quando ele me olha, sua expressão é sincera. Genuína. Talvez até um pouco impressionada. Sinto que ele está prestes a me pedir para desenhar um retrato seu ou algo assim. Não, de jeito nenhum. Eu arranco o guardanapo de suas mãos e o amasso, enfiando na xícara de café dele.

Jason fica de queixo caído.

— Não acredito que você fez isso.

— Não era nada, são só uns desenhos bobos. E esse seu café estava doce demais. Estou te salvando da diabetes.

Ele pega o guardanapo encharcado de café com a ponta dos dedos e geme.

— Que triste. Um café perfeito, arruinado pelos seus desenhos. — Jason para. — Na verdade, isso daria uma boa letra.

Eu ofereço um guardanapo limpo.

— Talvez seja melhor anotar — brinco. — Sabe, para o dia que a DB decidir deixar você escrever suas próprias músicas.

Espero que ele responda com outra piada, mas seu rosto fica sério. Jason dá uma risada irônica, largando o guardanapo molhado na mesa.

— Você não sabe da missa um terço.

Seu rosto se fecha numa expressão sombria que eu nunca tinha visto. Por um instante, todos os sinais da sua energia charmosa e animada desaparecem e seus ombros desabam, como se ele estivesse cansado.

— Jason? Tudo bem?

Ele abre a boca para responder, mas antes que possa dizer qualquer coisa, o som agudo de microfonia o interrompe.

Um grupo de quatro meninos subiu no palco. Um deles está batendo o dedo no microfone e sorrindo para nós. Eu o reconheço. Na verdade, reconheço todos. É a banda de Jason, NEXT BOYZ, e o cara no microfone é Minjun. Superastro internacional e também o garoto que comeu o potinho de frango frito da minha mãe.

— Chamando Jason Lee e sua amiga para o palco — diz Minjun, a voz animada e brincalhona reverberando pelo café. — Essa é a regra do estabelecimento. Se vocês querem café de graça, tem que subir aqui e cantar.

Todo mundo aplaude. Só aí percebo que o pianista parou de tocar, e o lugar está em polvorosa. As pessoas sussurram tapando a boca com a mão, lançando olhares curiosos e apaixonados para nós (curiosos para mim, apaixonados para Jason, é claro), como eu fiz mais cedo com Dohee e Chanwoo. Vejo Yujin se recostar na mesa do canto com a mãe e Akari. Ela olha para mim e dá uma piscadela.

Jason passa o braço pelo encosto da minha cadeira e abre um sorriso para mim, todos os traços da expressão sombria desaparecendo.

— Pode ignorá-los, Rachel. Minjun só quer me fazer pagar por ter saído da noraebang mais cedo depois da festa naquele dia. Eu pago as nossas bebidas.

Dou uma olhada para Yujin de novo. Ela faz um gesto discreto para o celular e indica o palco com a cabeça. Eu me viro para Jason, compreendendo tudo de repente. Então é por isso que Yujin me trouxe aqui. Não só para gravar um vídeo viral, mas para gravar um vídeo viral *com Jason*. É agora ou nunca.

Reunindo toda a minha coragem, eu pego a mão de Jason. O café explode em ainda mais sussurros, e ele arregala os olhos, surpreso, quando fico de pé e abro um sorriso.

— Vamos! Todo mundo já está falando de nós, então é melhor a gente dar algo para falarem.

Por um segundo completamente assustador, penso que ele não vai aceitar. Mas então Jason sorri para mim e se põe de pé.

— Você sabe o que dizem por aí, Menina Lobisomem.

Ele aperta minha mão, e sinto meu coração dar vários saltos enquanto sigo para o palco à sua frente.

O café todo está aplaudindo e assobiando. Minjun me entrega o microfone com uma expressão divertida, enquanto os outros rapazes da NEXT BOYZ batem os pés e gritam na frente do palco.

— Estamos torcendo por você — diz ele, com uma piscadela.

Do lado oposto do palco, Jason pega o microfone no outro pedestal e me encara.

— Pronta?

Procuro Yujin entre os clientes. Ela ergue o polegar e aponta o celular para o palco.

Engulo em seco. Câmeras a postos.

— Tão pronta quanto possível.

— Trezentos e vinte e cinco dólares — avisa ele, afastando o rosto do microfone para que só eu escute.

Franzo a testa, confusa, e ele indica os sapatos com a cabeça.

— Foi quanto meus tênis custaram. Trezentos e vinte e cinco dólares. Eu te dei uma colher de chá da última vez, mas vou esperar

meu cheque se você estragar esses também.

Não consigo me segurar e solto uma risada no microfone, meus ombros relaxam.

O público se aquieta quando o pianista começa a tocar os acordes iniciais de uma balada conhecida. Todo mundo no café solta um suspiro. É um clássico de Chung Yuna. Um dueto romântico dos anos 1980 que me deixa à beira das lágrimas instantaneamente. Uma lembrança repentina me ocorre, eomma e appa dançando essa música juntinhos na cozinha azul e apertada do nosso apartamento de Nova York. Eu me lembro de estar sentada embaixo da mesa, observando os dois, e saber, mesmo tão pequena, que aquilo era viver com o coração completo. Com appa trabalhando até tarde na academia e fazendo suas aulas de Direito escondido, e eomma trabalhando nos fins de semana para ter uma chance de se tornar professora titular, já faz muito tempo que não vejo os dois dançando assim.

Jason começa a cantar o primeiro verso. Sua voz é como seus braços: forte mas gentil, uma melodia que parece te envolver em um abraço.

Olho para a plateia e vejo Yujin com o celular apontado para nós. Sinto uma onda de pânico surgir no meu peito enquanto encaro a lente da câmera. Meus pensamentos começam a girar em alta velocidade, abafando a música. *O que eu tinha na cabeça? Achava que meu medo das câmeras acabaria num passe de mágica só porque decidi gravar um vídeo viral? Que estupidez. Seria melhor eu simplesmente vomitar no palco de novo, isso sim viralizaria.*

Ao meu lado, a voz de Jason está crescendo rumo ao refrão. É minha deixa para entrar na harmonia, mas estou paralisada. Abro a boca, mas nada sai. Eu me viro para Jason com pânico nos olhos. Ele pega minha mão, tentando me fazer andar pelo palco enquanto canta o refrão sozinho, mas meus braços continuam presos ao corpo. Tem um curto intervalo instrumental antes da segunda estrofe, e Jason para atrás de mim, colocando as mãos na minha cintura, e me gira. Meu instinto do treinamento entra em ação e eu completo o giro, rodopiando pelo palco apertado. Um sorriso começa a surgir no meu rosto quando me lembro de como eu girava Leah pela nossa cozinha, cantando músicas de K-pop a plenos

pulmões, e ela gritava de alegria. *Eu pertenço a este lugar.* Sinto uma fagulha se espalhar pelo meu corpo quando seguro a mão de Jason e pisco para ele. *Que nem da outra vez*, comunico em silêncio antes de a segunda estrofe começar. Todo mundo no café está em silêncio. Eu me concentro no toque da mão de Jason enquanto nossas vozes se entrelaçam como nossos dedos. É como naquele dia no auditório. Nós fomos feitos para cantar juntos, e vejo nos seus olhos que Jason está sentindo a mesma coisa.

Eu me afasto dele com gentileza e caminho pelo palco cantando meus versos. Penso na Rachel de seis anos, ouvindo K-pop pela primeira vez e se sentindo especial por ser coreana pela primeira vez. Penso na Rachel de onze anos cantando com o coração em um noraebang, sonhando com algo impossível. Elas estariam tão felizes de me ver neste palco agora. Um passo mais perto do nosso sonho. De dividir nosso amor pelo K-pop com o mundo. Então a voz de Jason se mistura à minha de novo, e somos imbatíveis, sentindo cada subida, cada descida, cada movimento do nosso coração em meio à adrenalina.

Ele se aproxima até estar do meu lado, uma das mãos segurando a minha, a outra erguida para tocar meu rosto, mas ele hesita. É uma pergunta. Decido responder só desta vez e, quando nossas vozes se erguem durante o último verso, inclino o rosto até encostar a bochecha em sua palma por um breve momento.

Devagar, me afasto com o fim da música. Nos entreolhamos, ardendo, a energia entre nós dizendo tudo que não consigo colocar em palavras. *É mágico cantar com você*.

De repente, o público explode em comemoração, ficando de pé para nos aplaudir. Nós dois piscamos, o momento acaba. Jason sorri e pega minha mão, se virando para a plateia. Fazemos uma grande reverência. Yuna se levanta e sobe no palco, me abraçando com força.

— Foi simplesmente maravilhoso — elogia ela, segurando meu rosto com as mãos. — A melhor versão da minha música que ouvi em anos.

Eu faço uma reverência.

— Muito obrigada. Espero estar à altura da sua criação.

Ela vai abraçar Jason. No canto do café, vejo Yujin baixar o celular com um imenso sorriso no rosto. Respiro fundo ao voltar para a realidade. Primeira parte do plano cumprida.

* * *

Naquela noite, estou deitada na cama pensando no sorriso de Jason e em como nossas vozes se uniram em perfeita harmonia. Não consigo evitar um pouco de culpa por tê-lo usado como parte do meu plano, mas ele mesmo disse que já passou por isso. Jason sabe como o treinamento da DB é difícil. Temos que fazer todo o possível para alcançar nossos sonhos.

Ainda assim, a culpa está me corroendo. Entro no feed do meu perfil secreto no Instagram (que só as gêmeas Cho sabem que existe), tentando me distrair. Parece que Hyeri e Daeho comeram tteokbokki depois de um dia inteiro trabalhando no experimento. Fofos. Tento me lembrar de implicar com ela mais tarde por causa dessa paixonite, e toco na foto duas vezes para curtir.

Ouço uma batida na porta, e eomma enfia a cabeça dentro do quarto.

— Rachel, já está dormindo?

— Só descansando — respondo, me sentando na cama. — Foi um longo dia de treinamento.

Ela aperta os lábios.

— Já terminou o dever de casa?

Penso na montanha de trabalhos em que nem encostei.

— Sim, eomma.

Seus olhos percorrem o cômodo em busca do que reclamar, e param na montanha de roupas jogadas no chão.

— Olha só esse quarto. Está uma bagunça! Não fique pensando que eu sempre vou arrumar as suas coisas!

— Eu não penso isso — digo, suspirando e desabando de volta na cama.

Fecho os olhos e vou para o meu mundo de fantasia, onde ela me pergunta como foi o treino e eu conto tudo sobre o momento mágico em que cantei com Jason. A gente poderia até ouvir a

música original de Chung Yuna juntas, e eu falaria sobre a minha lembrança dela dançando com appa na cozinha. Mas não. Ela continua reclamando.

— Cheguei — grita appa da porta de casa.

— Yeobo, vem cá dar uma olhada no chiqueiro que é o quarto da sua filha — responde eomma.

Appa entra no quarto ao lado dela. Ele está com olheiras e parece mais magro desde a última vez que o vi. As noites na academia e na faculdade estão cobrando seu preço. Talvez eu devesse lhe oferecer um pouco do creme antiolheiras da Juhyun.

— Coloca juízo na cabeça da sua filha! — exige eomma.

— Rachel, arruma seu quarto — diz appa, com uma voz cansada.

— Pode deixar, appa — respondo. Não quero estressá-lo ainda mais. — Vou arrumar amanhã.

— Pronto, a harmonia foi restaurada no lar dos Kim — diz appa, com um sorriso que não se reflete em seus olhos, enquanto arrasta os pés porta afora.

Eomma franze a testa em uma expressão preocupada e corre atrás dele sem fechar a porta. Eu mesma me levanto para fechá-la, mas antes que consiga Leah aparece, falando mil palavras por segundo.

— Oi, unnie! — exclama ela, acenando na minha cara. — Você não imagina o que aconteceu em *Oh My Dreams* hoje. Os personagens de Park Dohee e Kim Chanwoo terminaram! Ela estava tendo um caso secreto com o irmão dele o tempo todo! Mas na verdade não era culpa dela, porque tinha sido hipnotizada e acreditava que era uma artista circense solteira que morava com ele na Austrália e…

Lembro de Kwangtaek. Mal posso esperar para contar a Leah a verdade sobre seu casal favorito da TV, mas agora não é a hora. Ela nunca mais sairia do meu quarto. Eu a empurro porta afora.

— Volta depois, irmãzinha. Está na hora do descanso.

— Mas eu não tenho mais ninguém pra conv…

Bato a porta e tranco. Com um suspiro, me jogo na cama e fecho os olhos. Mas não adianta. A culpa agita meu corpo como se eu tivesse tomado um espresso triplo. Não consigo parar de pensar nos olhos cansados de appa e no rostinho doce de Leah. Se eu

estreasse, tudo valeria a pena. Eles veriam que tudo que sacrificaram por mim — deixar o emprego, os amigos, os Estados Unidos para trás — não foi em vão. Minha estreia resolveria tudo.

Meu celular apita com uma mensagem no Kakao. É de Yujin.

Veja seu Instagram.

Ai, meu Deus. Minhas mãos tremem enquanto abro o aplicativo no celular. Um vídeo meu cantando com Jason em Kwangtaek surge no topo do feed.

Já tem mais de duzentas mil curtidas.

Continuo rolando o feed, procurando as maiores contas sobre K-pop e fofoca que sigo, e o vídeo está em toda parte. Não sei para quem Yujin vazou, mas deu certo.

E as pessoas estão *pirando*.

Dou uma olhada nos comentários, sem respirar.

Essa é a yeochin do Jason Lee?
A voz dela é incrível. Eles cantam tão bem juntos!
#AmanteDaLuaCheia revelada?
OMG essa música, chorei!
Onde dá para baixar isso??? Preciso colocar como toque do meu celular!

Meu aparelho está vibrando sem parar com mensagens das gêmeas Cho e de Akari (PUTA MERDA! Yujin é nossa heroína!). Minhas DMs do Instagram apitam, e vejo uma mensagem da treinadora Sloat (Parabéns, Rachel! Se você e Jason quiserem fazer uma aula de tênis particular, me avisa!). Alguém bate com toda a força na minha porta, e ouço Leah gritar:

— Unnie! Abre a porta agora! É mesmo você?

Mas não consigo prestar atenção em nada disso.

Fico jogada na cama, abraçando o celular, um sorriso enorme no rosto. Toda a culpa que senti antes é esquecida quando vejo o número de curtidas aumentando. Solto um gritinho de alegria.

Eu consegui. Eu *consegui*!

Estou um passo mais perto da minha segunda chance.

E não vou desperdiçá-la.

Oito

Doze pares de olhos estão fixos em mim, observando cada movimento. Eu ajeito meu blazer e arrumo uma prega na cintura da minha calça jeans skinny preta. O look de hoje é chique e profissional — o modelito de uma trainee de K-pop perfeita —, porque é assim que preciso que os executivos da DB me vejam.

O sr. Noh está na cabeceira da longa mesa da sala de reunião, o rosto brilhando na superfície de mogno lustroso, os dedos entrelaçados embaixo do queixo. Yujin e eu estamos de pé na outra ponta da mesa, com a postura perfeita. Só alguns dias atrás, ela era minha cúmplice. Hoje parece que é minha advogada.

— O vídeo que vazou se tornou viral — explica Yujin. — As pessoas adoraram ouvir Jason e Rachel cantando juntos. É o vídeo mais visto da semana no Instagram, com mais de três milhões de visualizações. O burburinho em torno deles já existe. Se Rachel fizer o dueto com Jason, ele só vai aumentar. É sucesso garantido.

— Espera aí. — Um executivo chamado sr. Lim ergue a mão. Ele é ainda mais velho e chato que o sr. Noh, com oclinhos de metal apoiados na ponta do nariz torto. — Você está sugerindo que devemos dar outra chance para Rachel depois que ela *vomitou* no nosso astro? Srta. Chung, com todo o respeito, acho que está deixando seus sentimentos pela garota afetarem seu bom senso.

Eu mantenho a expressão neutra, me lembrando de deixar Yujin falar, como combinamos.

— Jason claramente já perdoou isso — diz Yujin, indicando o celular com um gesto. — Talvez seja hora de fazermos o mesmo.

— Talvez seja hora? — repete uma executiva chamada srta. Shim, incrédula, as veias pulsando no pescoço extremamente magro, a boca torcida no que suponho que seja uma careta permanente. — Só faz algumas semanas. Vai levar muito mais tempo do que isso para Rachel recuperar nossa confiança, se é que

vai conseguir. Foi o pior teste que já vi em todos os meus anos na DB.

Vários outros executivos assentem, concordando. Fecho os punhos, mas permaneço calada. Por mais que eu odeie que falem de mim como se eu não estivesse presente, falar sem ser chamada não é uma opção para uma trainee de K-pop. Nem mesmo uma trainee com um vídeo viral.

O sr. Noh ergue a mão, e todos fazem silêncio.

— Acho que chega por hoje. Está óbvio que a maioria de vocês acredita que Rachel… não está pronta — diz ele, parecendo quase decepcionado. — Alguém tem algum comentário final?

Sinto minha temperatura aumentar. *O quê? Não!* Não posso deixar que isso termine assim. Não tão perto. Sinto que estou prestes a explodir quando Yujin toca meu cotovelo. Ela balança a cabeça para mim de maneira quase imperceptível. *Não piore as coisas*, é o que quer dizer. *Você já está em maus lençóis.* Meu coração aperta. Ela tem razão. Melhor continuar no programa e não cantar o dueto do que ser expulsa. Nosso plano falhou.

Engulo tudo — minhas lágrimas, meu orgulho, minhas últimas esperanças. Eu me viro para seguir Yujin porta afora quando de repente alguém fica de pé.

— Esperem! — Nós duas nos viramos. Um dos executivos, um homem mais jovem, com um rosto infantil e cabelo bem-arrumado, ergue o celular. — Acho que não podemos terminar essa discussão sem ver o vídeo em questão. Sr. Noh, posso, por favor, conectar meu celular ao projetor?

O sr. Noh hesita, então assente, tenso.

— À vontade, sr. Han.

O sr. Han dá uma olhada para mim e pisca. *O quê? Ele está tentando me ajudar?* Sinto uma centelha de esperança se reacender no meu peito.

Ele abre o vídeo no celular, conectado ao projetor, e de repente o som de Jason cantando enche a sala de reunião. A expressão de alguns dos executivos se suaviza com os primeiros acordes do clássico de Chung Yuna. À minha esquerda, a srta. Shim suspira, feliz, um sorriso distante no rosto, e leva as mãos ao coração,

enquanto Jason continua cantando no vídeo. Existe alguém no mundo que não tem um fraco por esse menino?

Prendo a respiração, esperando minha parte. Quando ouço minha voz sendo reproduzida, dou uma olhada no sr. Noh. Seus olhos estão escondidos pelos óculos escuros, e, como sempre, ele está tamborilando no ritmo da música. Todos os executivos estão fazendo a mesma coisa. Alguns até começaram a sorrir e cantar junto. No último refrão, vejo a srta. Shim secar os olhos. Abro um sorrisinho. Lágrimas! Sempre um bom sinal.

A música acaba e a tela fica preta. Todo mundo aplaude, e o sr. Han dá um assobio. Minha esperança está aumentando, mas ainda não ouso respirar com tranquilidade. Será que foi o suficiente?

— Tenho que admitir que foi muito lindo — diz a srta. Shim, quase a contragosto.

— E as pessoas amam os dois juntos — completa o sr. Han, olhando os comentários. — As redes sociais estão explodindo com essa performance.

— Ainda assim — diz o sr. Lim, rabugento. — O talento de Rachel nunca esteve em questão. Todos sabemos que a menina canta bem. Mas ela consegue ser profissional? Todos já vimos os relatórios de treinamento de mídia. Ela vai conseguir se apresentar na frente das câmeras? Está determinada a defender a imagem da família DB? Essa é uma questão totalmente diferente.

— É verdade — acrescenta a srta. Shim. — Precisamos que sua imagem seja impecável se vai acompanhar Jason. E o teste dela não foi nada impecável.

— Mas *por que* ela precisaria ser impecável? — questiona o sr. Han. — Já sabemos que o dueto deles seria um sucesso, temos os números que provam isso. É um movimento estratégico. Sem contar que o público hoje em dia está mais interessado em ver alguém autêntico, não perfeito. Como nesse vídeo. Os fãs querem ver pessoas reais com quem podem se identificar, que têm talento e disciplina. E Rachel tem tudo isso. Além do mais, é só vê-la cantar para saber que ela superou seu medo das câmeras.

Meu rosto arde com esse último comentário, mas não ouso abrir a boca.

Sinceramente, não acredito no que estou ouvindo. Todos os executivos de K-pop, e especialmente os da DB, são famosos por serem incrivelmente rigorosos e tradicionais, sem aceitar nada menos do que artistas dispostos a colocar as necessidades e os desejos da DB acima de qualquer coisa. Tradição, não inovação. Perfeição, não autenticidade. É assim que o K-pop é. Mas o sr. Han parece enxergar as coisas de maneira diferente. Eu não sei o que isso significa, mas me pego concordando com tudo o que ele diz.

— Rachel — chama o sr. Noh, falando diretamente comigo.

Eu me estico na hora.

— Sim, sr. Noh.

— Por que nós deveríamos lhe dar uma segunda chance?

Meu impulso é olhar para Yujin, mas me forço a manter os olhos fixos no sr. Noh. Ele quer ouvir o que eu tenho a dizer. Respiro fundo e ergo o queixo.

— Porque meu brilho não tem limites. Aquele vídeo foi só o começo. Se os senhores me derem uma segunda chance, vou me esforçar em dobro e brilhar duas vezes mais. Se me derem três chances, meu brilho vai triplicar. E eu sei que não existe outra pessoa no mundo que possa se sair melhor nisso do que eu.

A sala fica em silêncio. O sr. Noh se reclina na cadeira, os óculos espelhados fixos em mim. Eu o encaro, de cabeça erguida. Ele assente, um sorrisinho de aprovação no rosto.

— Estão dispensados — diz ele.

Franzo o cenho, confusa, enquanto os executivos recolhem suas coisas. Dou uma olhada para o sr. Han e depois para Yujin, que parecem tão confusos quanto eu.

— Espere! — peço enquanto o sr. Noh segue para a porta. Sei que estou indo contra todas as regras ao falar diretamente com ele, mas preciso saber. Ele se vira, de sobrancelhas erguidas. — Isso significa que vou fazer o dueto com Jason?

Ele abre um enorme sorriso. Há um toque calculista nele que faz meus braços se arrepiarem.

— Sim, Rachel — responde ele. — Você vai cantar com Jason. Mas não será um dueto. Será um trio: você, Jason… e Mina.

Trio. Vou cantar com Jason e Mina.

— E, srta. Kim…

Ergo o rosto na hora.

— Sim, sr. Noh.

Seu olhar se torna frio, me atravessando.

— Eu não tenho o hábito de dar terceiras chances. Não importa o seu brilho.

* * *

No caminho para casa, eu praticamente saio saltitando do ônibus, parando no Dunkin Donuts para comprar um agrado para Leah. Compro uma caixa de donuts e uma vitamina de banana com morango, a favorita dela.

Sinto que estou sonhando, e não quero acordar. Vou cantar com Jason. Eu, Rachel Kim, vou cantar com Jason Lee! Estou sorrindo sem parar, e o único ponto negativo é que Mina vai cantar conosco. Ela não fazia parte da equação original…

Tanto faz. Esse é um problema para amanhã.

Corro para casa.

— Leah! — grito assim que entro. Tiro os sapatos com dois chutes. — Sua unnie chegou e trouxe duas das suas coisas favoritas: donuts e fofocas!

Entro na sala e paro de repente. Eomma está no sofá, segurando o celular com tanta força que seus dedos estão brancos. Ela estreita os olhos para mim, os lábios em uma linha fina.

— Eomma — digo, hesitante. — Você chegou mais cedo.

Seu olhar faz meu estômago revirar. Um pensamento passa pela minha mente. Alguma coisa aconteceu com appa. Ela descobriu as aulas de Direito e está furiosa por guardarmos segredo. Eu tento encontrar as palavras para explicar, mas ela fala primeiro, a voz totalmente sem emoção:

— Você quer me contar o que é isso? — pergunta, erguendo o celular.

Eu me aproximo devagar, a vitamina de Leah suando na minha mão. Tem um vídeo passando na tela do aparelho. Não qualquer vídeo. Um vídeo de *mim.*

E não é o que viralizou.

Sou eu, na festa na casa dos trainees, minhas roupas tão molhadas de álcool e suor que dá para ver meu sutiã por baixo da camiseta. Estou totalmente doida, rindo sem motivo, dançando na mesa com uma garrafa de champanhe na mão, e um pote de plástico verde-limão na outra. Percebo os olhos de eomma se apertarem para o pote enquanto Lizzie e Eunji gritam e assobiam para mim ao fundo. Meu Deus. Nem dá para chamar aquilo de dança. Estou balançando os braços e as pernas e passando vergonha. Não tenho *nenhuma* lembrança disso. Mas que porcaria Mina colocou na minha bebida?

Penso na festa de novo. Lembro de adormecer no sofá e de ver Mina do outro lado da sala, o celular apontado direto para mim. Engulo em seco, a garganta tão apertada que mal consigo falar.

— Eomma, onde…

— Alguém me mandou esse vídeo por mensagem hoje — diz ela, baixinho, os olhos ardendo.

Engulo em seco. Eu deveria saber que Mina não ia se contentar em me drogar e estragar meu teste. Abro a boca para falar, mas eomma ergue a mão.

— Antes que você tente se explicar, só me diga uma coisa: isso é na casa dos trainees?

Eu olho para o chão, em silêncio, e faço que sim com a cabeça.

— E eu falei ou não falei que você não tinha permissão para ir à casa dos trainees?

— Você falou — sussurro, a voz embargada.

— Então você mentiu para mim quando disse que ia estudar com as gêmeas Cho. E foi para um lugar que eu explicitamente falei que você não tinha permissão para ir. E *aí* ficou bêbada de cair e fez um striptease na frente das suas amiguinhas inúteis do K-pop?

Eu ergo os olhos, cheios de lágrimas.

— Eomma, por favor, não é o que você está pensando.

— Por que você está chorando? — retruca ela, erguendo a voz. Eu me encolho. Nunca a vi tão brava antes. — O que você fez para merecer chorar? Lágrimas são para os arrependidos, mas você não parece nem um pouco arrependida.

— Estou arrependida, sim! — grito. — Sinto muito por ter mentido. E sinto muito por você ter descoberto isso dessa maneira.

Eu nunca imaginei…

— O que você acha que seu pai vai dizer quando vir isso? Ele vai ficar de coração partido! — Ela balança a cabeça, a voz embargada. — Eu sabia que esse mundo do K-pop seria uma má influência. Está te envenenando.

— Não está! — insisto, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Tento limpá-las desesperadamente, mas não param de cair. — Por favor, eomma, me deixa explicar.

— Quando foi que minha filha se tornou essa desgraça? Como você pode viver com a consciência tranquila? Hein, Rachel? Você está fora de controle!

No meio de toda a culpa e arrependimento, sinto outra emoção surgir. Raiva. Será que ela não pode me dar nem uma chance de me explicar? Ela é minha mãe. É para ela estar do meu lado.

— Bom, talvez eu não tivesse que mentir se você me desse apoio de vez em quando! A gente só se mudou para cá para que eu pudesse treinar na DB, mas você age como se o K-pop fosse um passatempo qualquer que tenho faz seis anos — explodo. — Você acha que eu queria fugir pelas suas costas? Eu tive que fazer isso, por sua causa, por causa das *suas* regras. Eu tive que fazer isso para conseguir uma chance de ser notada pelos executivos. E, aliás, eu consegui. A maioria dos pais ficaria orgulhosa ao saber que a filha vai cantar com Jason Lee no seu próximo single. — Eu paro de repente, sem ar.

Um olhar de surpresa surge no rosto dela.

— Você conseguiu o dueto?

— Não é mais um dueto, mas sim. — Eu respiro fundo, tentando me acalmar. — Consegui.

— Bom… parabéns, Rachel. Eu sei o quanto você queria isso. — Ela fica séria. — Mas isso não muda o fato de que você teve que mentir para conseguir. Essa indústria é tóxica.

— Não é *tóxica*, eomma. É competitiva. Exige que as pessoas deem o melhor de si.

Eomma dá uma risada irônica.

— Então esse é o seu melhor? — Ela ergue o celular. — Bêbada e se mostrando para as pessoas com quem você treina?

Meu rosto arde de vergonha, e quando abro a boca, nada sai. Quero contar a ela o que Mina fez, o motivo pelo qual estou tão bêbada naquele vídeo, mas isso só faria ela achar que tem ainda mais razão. Só que não tem. Não desta vez.

O olhar de eomma é implacável, e sua voz está seca.

— Eu deixei a situação sair de controle. Não vou mais permitir que faça parte disso. Não se o treinamento faz você agir dessa maneira.

Ela me dá as costas e sai da sala. Eu fico olhando, sem acreditar. É sério que ela vai terminar essa conversa assim?

Vou para a cozinha atrás dela, batendo os pés.

— Como assim, não vai permitir que eu faça parte disso? Você não ouviu? Vou cantar com *Jason Lee*. Logo antes da DB Family Tour no outono. Foi exatamente assim que a DB fez a estreia da Electric Flower, quase sete anos atrás, eomma. Isso significa que tudo que lutei tanto para conseguir nos últimos seis anos está prestes a acontecer. Isso significa que *eu* vou estrear. — Estou implorando, a raiva sumindo da voz aos poucos. Estou desesperada para que ela me olhe, acredite em mim, talvez até um pouco desesperada para acreditar no que eu mesma estou dizendo. — Por favor, eomma. *Por favor.* Estou tão perto.

Ela não diz nada, só pega uma cebola na geladeira e começa a cortar. O cheiro da cebola se mistura ao meu pânico e lágrimas escorrem pelo meu rosto. Não consigo segurar os soluços. Eomma se vira para mim. Sua postura ainda é tensa, mas seus olhos não estão mais cheios de raiva. Ela parece quase triste.

— Rachel... Tem tantas coisas que você simplesmente não compreende. Não tem como compreender aos dezessete anos. — Ela suspira. — Mas você é minha filha. O que significa que precisa tentar. Então, pode cantar essa música com Jason, veja no que vai dar.

Bem quando meus ombros começam a relaxar, ela ergue um dedo.

— Mas — completa, com a voz firme —, você mesma disse. Se não tiver estreado quando a turnê começar, vou te tirar da DB. Sem discussão.

Eomma larga a cebola meio cortada no balcão da cozinha, entra no quarto e bate a porta. Eu desabo numa cadeira, a vitamina de Leah e os donuts esquecidos na mesa. Como eu fui do topo do mundo para uma queda livre rumo ao fundo do poço em tão pouco tempo? Engulo outro soluço. Essa música com Jason e Mina não é mais só meu próximo passo em direção à estreia. É meu único passo. Se não funcionar, tudo pelo que me esforcei, tudo com que sonhei… vai acabar.

Nove

Quem disse que exercícios geram endorfina claramente nunca foi trainee de K-pop.

— Talvez seja melhor fazer uma pausa, unnie. Você está com uma cara péssima, assim vai ficar com rugas na testa antes do tempo.

Leah está sentada de pernas cruzadas na minha cama, comendo um pacote de batatas sabor manteiga e mel. Pelo menos alguém na casa concorda com a obsessão coreana em transformar comidas salgadas em doces.

Faço uma careta para ela pelo espelho da parede e me aproximo para examinar meu reflexo, esticando a pele da testa.

— Que rugas?

— Elas aparecem quando você faz a cara de “Estou tão estressada que parece que não faço cocô há três dias”. — Ela joga uma batatinha para cima e pega com a boca. — Basicamente, essa é a sua cara desde que você começou a treinar com a Mina para o trio. Você deveria relaxar, sério.

Ela balança o pacote de batata debaixo do meu nariz, mas faço uma careta por causa do cheiro.

A verdade, porém, é que Leah não está errada. Já faz uma semana desde a minha reunião com o sr. Noh, e as coisas estão ainda mais intensas que antes. Temos pesagens e treinos de entrevistas constantes, além de exercícios aeróbicos sem parar. Acordo todo dia às quatro da manhã para chegar à DB antes do nascer do sol, treino o dia todo e caio na cama por volta da meia-noite, só para acordar no dia seguinte e repetir tudo.

Ainda é só nos fins de semana, mas não vou tentar renegociar meu cronograma de treino com eomma. As coisas já estão bastante tensas entre nós duas; mal nos falamos desde o ultimato. Os dias passam, a DB Family Tour se aproxima e a estreia do novo grupo

feminino é iminente, então não posso descansar. Nem por um segundo.

Por sorte, Leah está aqui para me manter na linha durante a semana. Ela é quase tão severa quanto os treinadores da DB.

— De novo, Rachel — ordena ela quando volto à posição. — Do início.

Leah aperta o play no celular. Meus músculos gritam de dor enquanto faço a coreografia pelo que parece ser a milésima vez nesta noite, parando só para assistir aos vídeos dos meus ensaios com Mina. Tem um movimento na segunda estrofe que não consigo acertar, e as críticas constantes dos treinadores se repetem sem parar na minha mente:

Você nunca vai estrear se não acertar esse passo, Rachel!

Sua dança é uma desgraça para a DB, Rachel!

Você parece um elefante de zoológico dançando, Rachel!

Rachel!

Continuo treinando até tão tarde que Leah cai no sono na minha cama, migalhas cobrindo a boca, e meus olhos também estão pesados. Cubro minha irmã com um cobertor e pego o pacote de salgadinho. Ainda tem uma batatinha de manteiga com mel lá dentro. Estou com tanta fome que até essa porcaria parece apetitosa.

Melhor não. A DB nos pesa quase todo dia. E eu e Mina vamos experimentar os figurinos do MV amanhã.

Eu meio que surtei quando Yujin disse que teria um *music video*. Os treinadores, com suas críticas constantes, são como uma horda de abelhas zumbindo na minha mente, e sei que os executivos estarão me observando como gaviões nesse dia para ver como me sairei diante das câmeras durante uma gravação inteira. Mas então Yujin deu uma notícia boa: teremos figurinos exclusivos para o vídeo. Um dia inteiro experimentando roupas? Definitivamente vale a pena. Agora só preciso me certificar de que os executivos não tenham sequer uma crítica a fazer ao meu corpo.

Eu suspiro, jogo o pacote de batatinhas no lixo e dou play no celular de Leah mais uma vez.

* * *

— Ai-yah! Olha essa barriga. Parece uma vaca. Tire isso imediatamente.

Estou lutando para respirar nesse corpete de lantejoulas roxas. Aperta tanto minha cintura que chega a doer quando encolho a barriga para evitar que o troço exploda.

— Pena — diz a estilista, Grace, soltando os laços do corpete enquanto sua equipe de assistentes me ajuda a tirar a saia, um pesadelo de couro lilás com uma cauda de tule gigantesca saindo da bunda. — Eu queria tanto que o conceito sereia funcionasse. Próximo!

Graças a Deus.

Ela me coloca em um vestido xadrez laranja meio Twiggy, com mangas impactantes, então dá um passo para trás e faz uma careta, girando o dedo para pedir o próximo look.

Uma jaqueta de couro branco com short de cintura alta e estampa de cobra.

Um macaquinho amarelo-ouro com ombreiras de babado tão altas que chegam às minhas orelhas.

Um macacão floral com um cinto prateado largo e mangas rendadas que fazem meus braços coçarem.

Ser uma Barbie não é tão divertido quanto achei. Fico menos de dez segundos em cada roupa até Grace pedir a próxima. Mina está passando pelo mesmo processo à minha esquerda, o rosto contraído enquanto assistentes fecham os muitos zíperes de um vestido de látex cor-de-rosa. Meu Deus, ela parece um chiclete. Seria engraçado se eu não fosse vestir exatamente a mesma coisa a seguir.

— Sabe, é raro encontrar alguém que fique apagada com qualquer cor — diz Mina, dando uma olhada para mim. — Quase não te vi aí. Você desaparece!

Vejo uma das assistentes da Grace dando um sorrisinho debochado para mim com as sobrancelhas erguidas. Meu rosto arde, mas eu não recuo. Não posso recuar. Não quando sei que Mina está disposta a fazer de tudo para me ver cair.

— Por sorte, as pessoas que realmente importam me veem, ou então não teriam decidido que você não é capaz de dar conta do dueto com Jason sozinha — respondo imediatamente.

Isso causa alguns risinhos, e Mina fica de boca aberta, furiosa. Mas antes que possa retrucar, Grace se mete, pegando um vestido preto em camadas e franjado da arara.

— Vamos tentar o look melindrosa — sugere.

Eu entro no vestido enquanto ela enfia um arco de pérolas no meu cabelo. Grace anda ao meu redor, ajeitando as franjas do vestido e coçando o queixo.

— Certo. Estou vendo. Estou vendo. — Ela estala os dedos para um dos assistentes. — Marque este como talvez. E vamos trazer alguns sapatos para Rachel experimentar.

Nesse momento Heejin, uma das treinadoras, entra na sala com um iPad e uma garrafa de chá de cevada, o bori-cha, nas mãos.

— Rachel, Mina, venham se pesar aqui — chama ela, bruscamente. — Rápido. Não tenho o dia todo.

A equipe de figurino me ajuda a tirar o vestido para eu me pesar só de calcinha e sutiã. Vou até a balança, onde Heejin me espera, Mina logo atrás.

— Primeiro você, Princesa Rachel — diz Mina com um floreio exagerado.

Eu a ignoro e subo na balança. Heejin se abaixa para ver o número, com a caneta do iPad a postos.

O número aparece e estou com… cinco quilos a mais que semana passada? Que merda é essa?! Não é possível!

Meu queixo cai e começo a gaguejar:

— Eu... isso é... a balança *só pode* estar quebrada.

— O que está acontecendo aqui, Rachel? — reclama Heejin, erguendo o rosto para me encarar, incrédula. — Você sabe que vou ter que avisar o sr. Noh de um ganho de peso tão grande assim! De jeito nenhum você vai continuar nesse trio. O que você fez pra engordar cinco quilos em uma semana?!

Mina dá uma risadinha atrás de mim, e me viro a tempo de vê-la afastando o pé. Estreito os olhos.

Mina. É claro que ela estava pisando na balança para me fazer parecer mais pesada. Esse é um novo nível de baixeza. Meu corpo parece prestes a explodir de raiva quando dou dois passos na direção dela.

— Que tentativa patética de sabotagem, Mina. Parece que você perdeu a coragem — digo em voz baixa.

— Não tenho ideia do que você está falando, Princesa — responde, a voz doce mas os olhos ardendo de ódio.

— Tudo que preciso fazer é contar a Yujin o que você fez comigo e vai ser expulsa da DB para sempre.

Mina dá um sorriso condescendente.

— Quer dizer que você só precisa admitir para Yujin que sua princesinha perfeita e bem-comportada foi numa festa na casa dos trainees e, *que horror!*, ficou bêbada?

— Eu não "fiquei bêbada", Mina. Você colocou alguma coisa na minha bebida! Você me drogou! Você e as outras trainees fizeram de propósito para me…

— Que ótima história, Rachel — interrompe Mina. — Mas eu adoraria ver você provar.

Ela dá um sorrisinho e, quando não respondo, se afasta.

Quero ir atrás dela, mas para quê? Ela tem razão. Eu nunca conseguiria provar isso e, mesmo se conseguisse, de que me serviria? Eu teria que admitir que estava numa festa e que bebi. Eu perderia minha chance de cantar com Jason e, se o vídeo fosse divulgado, provavelmente seria expulsa da DB.

Em vez disso, me viro de volta para Heejin e trinco os dentes.

— Por favor, me deixe tentar de novo. É óbvio que houve um erro.

Ela suspira, irritada.

— Vamos logo, então.

Eu subo na balança de novo, olhando com ódio para trás e me certificando de que Mina não está por perto desta vez. O número que surge na tela é o mesmo da semana anterior. Eu suspiro de alívio e Heejin assente, satisfeita.

— Certo, Mina, sua vez — diz Heejin, anotando meu peso no iPad.

Mina sobe na balança e prende a respiração. Sua expressão se transforma ao ver o resultado.

Heejin faz um bico.

— Meio quilo a mais que semana passada — diz com uma voz irritada. — Também é um erro, Mina?

— Eu… — Ela olha para os pés. — Sinto muito.

— Me diga. — O tom de Heejin é grave e assustador. — Me diga tudo que você comeu desde a última pesagem.

Merda. Um interrogatório alimentar completo. Eu sentiria pena se não fosse Mina.

— Comi uma salada grega, as vitaminas que você recomendou e… — Mina para de falar. Quando recomeça, sua voz está quase inaudível. — Uma pizza.

— Quantas fatias?

— Três.

Solto um assobio baixo como se dissesse: *Caramba. Três fatias inteiras de pizza.* Mina me olha de cara feia e sinto vergonha por uma fração de segundo, antes de me lembrar de todas as vezes que Mina tentou arruinar minha vida, e só nas últimas semanas.

Heejin balança a cabeça.

— Nenhum autocontrole! — grita. — Absolutamente nenhum. Se você não quer fazer isso, pode ir embora. Pode sair pela porta agora mesmo. Você quer desistir? Hein? Quer? Porque parece que já desistiu.

Mina baixa os olhos, envergonhada.

— Não. Sinto muito. Não quero desistir. — Ela morde o lábio. — Vou me sair melhor semana que vem.

— Eu acho bom mesmo. Senão vou ser obrigada a contar para o seu pai que infelizmente a filha dele está ficando gorda demais para ser uma estrela de K-pop — responde Heejin. — Se não quer decepcioná-lo, acho melhor parar de comer pizza que nem uma draga.

O rosto de Mina fica pálido com a menção ao pai. Ela está sempre se gabando de como ele é amigo do sr. Noh, de como dá festas e jantares para todos os treinadores e executivos da DB, e de como ela conhece todos tão bem, mas não parece tão feliz com essa ligação agora.

Mina se ajeita, estufando o peito.

— Não precisa dizer nada a ele. Não vou engordar mais. Prometo.

Heejin faz uma careta e digita alguma coisa no iPad. Seus olhos param por um segundo nas pernas de Mina.

— E se a dieta não funcionar, a gente considera cirurgia plástica nessas pernas de daikon. Seu peso vai direto para as panturrilhas.

Caramba. Eu deveria aprender com Heejin a como insultar Mina. Ela fecha a capa do iPad e sai da sala às pressas. Mina desce da balança e eu abro um sorriso brilhante para ela.

— Foi divertido, não? — digo.

Seu rosto se contorce e ela esbarra no meu ombro de propósito, se afastando para pegar suas roupas.

* * *

À tarde já estou de volta no meu conjunto favorito da Adidas para o treino de dança. Mina está me ignorando desde a pesagem, o que, sinceramente, é melhor para mim. Ah, se a gente conseguisse descobrir uma forma de passar os próximos meses sem nos falar…

Descendo o corredor, ouço uma voz familiar cantando.

— De novo! — alguém grita. — Você ainda não tem controle suficiente nas notas agudas.

Eu e Mina viramos, e vejo Akari agachada junto à parede do lado de fora de uma das salas de treinamento vocal, a treinadora de pé à sua frente, de braços cruzados. Em seguida, Akari começa a cantar o verso de novo, suor brotando da testa.

— Do diafragma! — grita a treinadora.

As pernas de Akari estão começando a tremer, mas ela continua cantando. De repente, sua voz falha no agudo e a treinadora se abaixa e dá um tapão na barriga dela. Akari faz uma careta com o golpe, mas não para de cantar.

O agachamento na parede é uma das piores punições dos treinadores, nos forçando a cantar enquanto apoiamos as costas numa parede com as pernas dobradas em um ângulo de noventa graus. Os tapas na barriga teoricamente são para fortalecer o diafragma, mas na verdade é só dolorido mesmo.

Meu corpo dói ao ver o rosto de Akari ficar mais vermelho a cada segundo; ela claramente está lutando para controlar as lágrimas.

A treinadora bate nela de novo. Com mais força.

— Você é fraca. Se não consegue nem aguentar isso, como vai aguentar todo o resto? De novo!

Pobre Akari. Suspiro e olho para Mina, mas… Ei? Para onde ela foi? Olho o relógio.

Merda. Estou atrasada para o ensaio de dança.

Tento entrar na sala o mais discretamente possível, mas assim que Mina me vê, ela encara o relógio na parede.

— Caramba, Rachel. Três minutos atrasada. — Ela se vira para os treinadores, balançando a cabeça. — Claramente ela não compreende a importância do tempo de vocês.

— Chega, Mina — interrompe Yujin. Eu quase sorrio, mas logo ela se volta para mim de olhos semicerrados. — Agora que as duas chegaram, vamos começar logo a coreografia, está bem?

Ela me encara, e faço uma reverência para os treinadores, pedindo desculpas. Tem três executivos sentados no fundo da sala hoje, todos com iPads a postos.

Merda, eu preciso ficar ligada. Pra ontem.

Eu e Mina vamos para as nossas marcações no meio da sala. A música começa bem quando Yujin liga a câmera. Mina abre um sorriso convencido para mim, e de repente a luz vermelha da câmera parece um mosquito que entrou direto no meu cérebro. Mas então algo inesperado acontece. O rosto de Akari — desesperada e determinada ao se forçar a cantar aquelas notas agudas no corredor — surge na minha mente. O zumbido não para, mas fica mais baixo, e consigo me concentrar no rosto dela, tentando ignorar a câmera a poucos metros de mim.

A música que vamos cantar com Jason se chama “Summer Heat”, e é alegre e cheia de energia. Uma música pop animada e chiclete sobre ser jovem, livre e sem preocupações no verão.

Rá.

Consigo passar pela primeira estrofe bem, acertando os passos complicados, enquanto entramos no refrão. Mas começo a ficar tensa quando a segunda estrofe está para começar. Embora Leah tenha treinado comigo a semana toda, simplesmente não consigo acertar essa parte da coreografia.

Mantenho os olhos fixos no espelho. *Vamos lá, Rachel. Você consegue.*

Eu acerto o primeiro passo, mas quando entramos no segundo meu corpo quer girar para um lado enquanto minha cabeça manda ir para outro, e acabo perdendo o ritmo totalmente. Mina, por outro lado, está impecável. Até eu tenho que admitir que ela está arrebentando. Fico observando pelo canto do olho, maravilhada com como suas pernas parecem fazê-la voar pela sala, e percebo que errei totalmente o próximo passo.

Merda. Logo encontro o ritmo de novo, mas minha temperatura está lá no alto, minha cabeça cheia do zumbido de mil mosquitos, todos famintos pela primeira refeição do verão. Não sei para onde olhar. Yujin? A câmera? Os executivos?

Luto para terminar a última estrofe e fico grata quando a música finalmente acaba.

Um segundo depois, a porta se abre e Jason desfila pela sala de treino, segurando um saco da Lotteria Burger em uma das mãos e um hambúrguer de frango pela metade na outra. Ele dá um sorriso para os executivos, e os olhos da srta. Shim se iluminam quando ela acena para ele, os outros dois ficando de pé imediatamente para apertar sua mão. Típico. Jason chega no ensaio atrasado, comendo uma porcaria de um hambúrguer, e ainda assim os executivos estão babando por ele.

— Tudo bem — diz Yujin. — Vamos passar para o canto agora. Precisamos decidir que parte cada uma vai cantar, então as duas vão fazer uma tentativa completa sozinhas. Mina, começamos por você.

Largo o corpo suado em uma cadeira enquanto o instrumental toca e Mina começa a cantar. Mesmo sem microfone, não me surpreenderia se desse para ouvi-la do telhado. Jason se senta na cadeira ao meu lado, estendendo o saco da Lotteria Burger.

— Batata frita? — sussurra ele.

Eu o ignoro, tentando me concentrar na voz de Mina.

— Mais emoção, Mina — instrui a srta. Shim. — Sua voz está boa, mas não estou *sentindo* nada.

Jason ergue o saco bem próximo do meu rosto.

— Juro que não tem salsicha com queijo escondida. Pode pegar.

Continuo ignorando-o, mas não consigo segurar um sorrisinho. Logo fico séria, mas é tarde demais. Ele sorri.

Malditos lábios, me traindo.

— Não é legal, a gente cantar essa música juntos?

— Ah, sim, bem legal. — Continuo de olhos fixos na performance de Mina.

— Mina, você está com uma cara de que mataram seu cachorro! É assim que se sente sendo uma estrela da DB? Sorria! — grita outro executivo.

Vejo a tensão no pescoço dela a cada comentário.

— Bom, eu estou animado. Você sabe por quê, né? — pergunta Jason.

Ele se aproxima tanto que sinto o cheiro de batata frita no seu hálito. Hum… Não é ruim, na verdade. Nem me lembro da última vez que comi uma batata frita.

Não respondo. Ele espera, ansioso, seus grandes olhos castanhos pidões me encarando, e suspiro.

— Tá bom, desisto. Por que você…

— Rachel! — Uma voz irritada me interrompe. Uma das treinadoras me olha de cara feia, com um dedo diante dos lábios. — Atenção. Você não tem educação?

Fico vermelha de vergonha. Do outro lado da sala, Yujin coloca a mão na testa, parecendo mortificada. Eu desvio o olhar de Jason e me concentro na música, mas por dentro estou fumegando. Por que chamaram a *minha* atenção quando é Jason que está puxando conversa?

Depois de um segundo, ele se aproxima e sussurra de novo:

— Você não ouviu minha resposta.

Eu continuo olhando para a frente, ignorando-o. Já me meti em problemas o bastante por hoje.

— Você não quer mesmo saber?

Chega. Eu viro o rosto, pronta para brigar com ele, mas sua proximidade me pega de surpresa. Estamos quase nariz com nariz, nossos olhos fixos um no outro.

— Hum — murmura ele, a voz tão baixa que só eu consigo ouvi-lo. — Sempre achei que seus olhos fossem castanhos, mas, de perto, estou vendo pontinhos dourados. Aposto que a maioria das pessoas não percebe isso em você. — Ele sorri. — Uma pena. São

lindos. Por outro lado, eu meio que gosto de ser um dos poucos a saber.

Fico encarando Jason de queixo caído, sem palavras. Mina finalmente termina a música, e ele olha para o relógio na parede.

— Desculpa, pessoal — diz ele, dirigindo-se a todos na sala, e se levanta. Ele amassa o saco da Lotteria Burger. — Tenho uma reunião com o sr. Noh para discutir, hum, negócios importantes. Odeio sair mais cedo, mas quando o sr. Noh chama…

Ele faz uma cara engraçada para todos, e os treinadores e executivos dão risada. Com um último sorriso enorme para mim, ele sai da sala e bate a porta.

Dez

Estou na sala de ensaio com Jason, mas desta vez somos só nós dois. Ele segura um saco enorme cheio de batatas fritas bem gordurentas com um cheiro delicioso, e estamos sentados de costas para a parede de espelhos, comendo e rindo. De repente, ele se vira para mim, olha no fundo dos meus olhos e diz, baixinho:

— Sempre achei que seus olhos fossem castanhos, mas, de perto, estou vendo pontinhos dourados. Eu meio que gosto de ser um dos pou…

— TERRA PARA RACHEL! ACORDA, RACHEL!

Hein?

Meus olhos se abrem e vejo os olhos castanho-escuros de Juhyun e Hyeri me encarando de cima.

— Meu Deus, você está bem? — pergunta Kyungmi, o rosto surgindo entre as gêmeas. — Você levou a maior porrada daquela bola de tênis!

Estou na aula de educação física?

Quando apoio as mãos na quadra de saibro e me sento devagar, ouço um *clic, clic* estranho que parece vir de dentro da minha cabeça.

Meu Deus, será que eu estou com dano cerebral permanente?

Eu me viro e vejo a treinadora Sloat tirando o celular de Kyungmi.

— Sai, Kyungmi. Cinco voltas ao redor da quadra! — Ela se abaixa para olhar o galo na minha testa e faz um som de reprovação. — Você precisa prestar mais atenção no jogo, Rachel. Melhor ir para a enfermaria.

— Eu levo! — exclama Kyungmi, ainda por perto.

— Kyungmi! Correndo! Agora! — grita a treinadora por cima do ombro.

— Não precisa. — Juhyun fica de pé ao meu lado, protetora. — A gente pode levar a Rachel.

Hyeri passa o braço ao redor dos meus ombros e eu sigo as gêmeas em direção ao prédio.

— Obrigada, meninas — digo, enquanto elas me levam para o vestiário.

Vejo meu reflexo quando passamos por um dos espelhos. Eita. Meus olhos estão distantes e fora de foco, e minha testa está vermelha pra caramba. Tomara que eu não fique com uma mancha roxa. Só posso imaginar o quanto Mina ficaria feliz se eu aparecesse no treino com a testa toda ferrada.

— Dá para acreditar que eu apaguei na aula de educação física? — comento, balançando a cabeça devagar.

As gêmeas trocam um olhar.

— Na verdade… dá — responde Hyeri. — Você está distraída a semana toda.

— Tipo na aula de botânica, na segunda, quando você estava cantando enquanto podava seu bonsai e aí se distraiu tanto tentando lembrar a letra da música que acabou cortando todos os galhos — comenta Juhyun.

— Ou lembra no refeitório quando você estava praticando a coreografia na fila e derrubou o mandu ramyun do Daeho? Ele ficou cheirando a bolinho de carne de porco o dia todo. — Hyeri sorri, mas logo se controla e me encara, preocupada.

— Ou na aula de teatro, quando…

— Tá bom, tá bom — digo. — Entendi. É que estou com muita coisa na cabeça. Sabe, coisas do treino.

E coisas do Jason, penso, minha mente voltando para o sonho induzido pelo impacto da bola de tênis na minha testa. Mas não comento essa parte.

— Bom, para a sua sorte tem um feriado chegando. Você pode descansar, relaxar, melhorar sua técnica de poda de bonsai… — brinca Hyeri, mas mal presto atenção.

Feriado. Eomma não me deixa treinar durante a semana, mesmo que eu não tenha aula, mas não ligo desta vez. É exatamente disso que preciso. Nada de escola, nada de treino, nada de compromissos. Mal posso esperar para passar um dia inteiro em casa sem fazer absolutamente nada.

* * *

— Unnie, acorda! — Sinto alguém me cutucar na bochecha.

É a semana seguinte, e não tenho que ir para a escola, finalmente. Tenho grandes planos de dormir até tarde, comer frango frito com Juhyun e Hyeri, talvez assistir a alguns episódios de *My Only Love Song* na Netflix mais tarde.

Outro cutucão.

Eu solto um grunhido e abro um pouco os olhos. Leah está de pé com uma saia xadrez e um moletom cor de creme que é curiosamente parecido com o que comprei mês passado. Ela sobe na cama e senta em cima de mim.

— Leah, meu Deus, sem falar, tá? Vamos dormir. Shhh… — digo, fechando os olhos de novo.

— Unnie, acorda, por favor, é importante!

— Leah, nada é mais importante do que dormir até tarde em um feriado. Talvez sua irmã mais nova trazer seu café na cama daqui a três horas. — Eu sorrio, sem abrir os olhos, e me viro, já caindo no sono de novo.

— Tá bom, unnie. A gente se vê depois.

Sinto Leah saindo da cama, mas algo na sua voz me aperta o coração.

Abro os olhos e me apoio nos cotovelos.

— Tá bom, o que é tão importante?

Por favor, diga que é uma maratona de Her Private Life*…*

— Boooom… — Leah morde o lábio. — Eu ganhei um concurso. Para ir a um lugar. Com você.

— Sério? Mas você nem falou nada…

— Eu ia contar antes, mas você estava tão ocupada com o treino e a escola e tudo… — diz ela.

Ela para de falar, e eu suspiro, a culpa sufocando meu coração. Abro bem os olhos e dou meu sorriso mais bobo.

— Bom, é por isso que hoje é oficialmente o Dia das Irmãs Kim! A gente pode fazer o que você quiser! — Leah sorri e eu aperto seus pés, fazendo cócegas enquanto ela tenta escapar. — Bom, não faz suspense! Aonde você vai me levar?!

— Eu me inscrevi no concurso para um *fansign* exclusivo com a NEXT BOYZ e GANHEI! — Ela perde o fôlego enquanto faço cosquinha. — Dá para acreditar? Vamos ao evento! Hoje!

Minhas mãos (meu corpo inteiro, na verdade) congelam, e eu a encaro, esperando que diga que está brincando. Mas ela só pula da cama, gritando e dançando pelo quarto. Meu Deus. Ela está falando sério. É claro que está. Afinal, essa é a Leah. A futura esposa de Jason Lee.

— Não — digo. — De jeito nenhum. Não vamos fazer isso.

Leah para de dançar.

— Por que não? Você acabou de dizer que a gente podia fazer o que eu quisesse!

Balanço a cabeça.

— Qualquer coisa menos isso. Por favor, Leah. Não posso ir a um evento de autógrafos da NEXT BOYZ!

— Por que não?

Consigo pensar em mil razões, a número um é que não sei se quero ver Jason mais do que sou obrigada. Tenho uma sensação estranha na barriga sempre que ele está por perto, e quanto mais o vejo, mais essa sensação pode aparecer. Ou pior, *aumentar*. Não quero arriscar. Não quando estou tão próximo de estrear. Jason já está ocupando muito mais espaço mental do que quero admitir. Na verdade, eu preciso mesmo é de um detox de Jason. Mas de jeito nenhum posso admitir isso para Leah. Já estou me sentindo culpada o suficiente. Não posso adicionar “ladra de crush” à lista de decepções que causei a ela recentemente.

— É vergonhoso — digo, por fim. — É para eu ser uma colega de trabalho de Jason, não uma fã.

— Sim, eu imaginei que você fosse dizer isso — responde Leah, solene, mas os cantos dos lábios se erguem num sorrisinho travesso. — Mas eu cheguei a mencionar que o evento é na Style Dome?

Puta merda.

A Style Dome é a mais nova loja de roupas só para convidados de Seul. Abriu ano passado e já tem uma lista de espera de mais de um ano para entrar. Ouvi dizer que até a Kang Jina teve que esperar duas semanas para conseguir um horário. As roupas são uma

mistura de *haute couture*, tendências atuais e vintage, com peças em todas as faixas de preço e estilos, para todos os gostos. Só de pensar em visitar a loja me dá vontade de arranjar um guardanapo para desenhar uns esboços.

— Mas, se você não quiser ir, eu posso dar nossos ingressos para outra pessoa… — completa Leah, voltando para a cama com um sorriso travesso.

— Nem pense nisso, sua demônia! — grito, agarrando-a e jogando-a na cama comigo. — Eu *acho*… que a gente pode ir no *fansign*. Mas é só porque eu sou a melhor irmã mais velha do mundo, entendeu?

Leah dá um gritinho, me abraçando.

— Sim, sim, sim, você é a melhor! Não acredito que vou conhecer o Jason!

E eu não acredito que vou entrar na Style Dome!

* * *

Três horas depois, a animação passou para nós duas.

O céu ainda estava escuro quando eu e Leah saímos do apartamento — algo que não percebi quando ela me acordou, às quatro da manhã. Mas, de acordo com a minha irmã, mesmo tendo ingresso garantido em um *fansign*, ainda é preciso acordar antes do nascer do sol, porque não basta *estar* lá. Tem que estar no começo da fila também.

Já tem meia dúzia de pessoas na porta quando chegamos à Style Dome, e a gente se prepara para esperar, mas Leah está tão cansada que fica pegando no sono toda hora e deixando cair o pôster — feito à mão, em uma cartolina gigante, com direito a uma timeline ilustrada com fotos da carreira de Jason, de sucesso canadense no YouTube até sensação do K-pop mundial, coberta com glitter, fita adesiva cor-de-rosa e recadinhos manuscritos.

— Aqui, deixa que eu seguro para você — falo, pegando o pôster.

— Obrigada, unnie.

Ela segura um bocejo, as pálpebras pesadas.

A fila aumenta, dando a volta no quarteirão, e olho o relógio. Ainda falta uma hora para o começo do evento.

— Vou comprar alguma coisa para a gente beber naquele café ali — digo, apontando para o outro lado da rua. Talvez um pouco de açúcar dê energia para ela. — Já volto, tá?

Leah assente, os olhos entreabertos.

Atravesso a rua correndo, com o pôster na mão. Dou uma olhada rápida em volta ao entrar no café. A última coisa que quero é que Goo Kyungmi apareça do nada e tire uma foto minha segurando um pôster de Jason. Por sorte, a barra está limpa. Só alguns madrugadores tomando café e um funcionário limpando o chão.

Peço um café gelado para mim e um frapê de morango para Leah. Assim que saio da fila para esperar o pedido, alguém com moletom de capuz passa correndo e esbarra em mim. Eu escorrego no chão ainda úmido e deixo o pôster cair ao me apoiar em um balcão próximo.

— Você está bem? — pergunta uma voz atrás de mim.

Espera. Não é qualquer voz.

Eu levanto o rosto e vejo Jason me encarando.

— Rachel?! — exclama ele, incrédulo, baixando o capuz do casaco.

— Oi. — Eu sorrio, tentando usar o pé para empurrar o pôster para longe, mas ele é mais rápido.

— Deixa que eu pego isso para você — diz, ao se abaixar e pegar a cartolina. Ele vira o pôster e abre um sorriso enorme e presunçoso. — Isso é para mim? — pergunta, todo feliz. — Feito à mão por Rachel Kim *em pessoa*?

Isso não pode estar acontecendo.

Tiro o cartaz das mãos dele, percebendo um rasgo na parte de baixo.

— Eu… Não é… — gaguejo, tropeçando nas palavras. — É da minha irmã. Ela que fez. Ela veio comigo! Quer dizer, eu vim com ela. Não teria vindo se ela não quisesse vir. É feriado, e eu falei que viria com ela.

Meu Deus. Por que não consigo parar de falar?

— Então, é isso. Entendeu? — prossigo. — Só para ficar bem claro: o pôster é da minha irmã mais nova. Eu só estou aqui por

causa dela, e agora está rasgado, e ela com certeza vai ficar tão…

— Pedido dezessete! — grita a barista.

Salva pela barista. Dou as costas para Jason e pego as bebidas, colocando o pôster debaixo do braço.

Jason abre um sorriso.

— Bom, eu tenho que ir para o evento. Acho que a gente se vê na fila.

Ele dá uma piscadela e sai do café.

Volto para a fila e vejo Leah cercada por um grupo de meninas. Eu sorrio, pensando que Leah fez algumas amigas, mas ao me aproximar percebo que ela está de braços cruzados e com cara de choro.

— Se a sua irmã realmente fosse a "melhor trainee" da DB, como você sempre diz, por que você teve que vir para um *fansign* conhecer o Jason Lee? — O grupo de meninas ao redor dela explode em risadinhas, e Leah fica com o rosto vermelho-vivo. — Provavelmente sua irmã é a pior trainee deles… por isso que não deixam ela chegar nem perto de estrelas de verdade, como o Jason.

Estou quase chegando na fila quando reconheço o rosto em formato de coração de uma delas. Sinto meu peito apertar. São as meninas que estavam lá em casa naquele dia.

Marcho até minha irmã, equilibrando as bebidas em uma das mãos e empurrando-a para a frente com a outra. Com um sorriso, me viro para Cara de Coração.

— A fila está andando. É melhor voltarem para o lugar de vocês, *lá no final*.

Ela me olha de cara feia, mas começa a se afastar. De repente, uma das garotas se vira de volta com um sorriso falso no rosto.

— Aliás, Leah, *muito obrigada* por me contar sobre esse concurso. Pena que ninguém quis vir com você… Eu teria até considerado aceitar, se soubesse que você não tinha mais nenhuma amiga para chamar e teria que vir com a sua irmã! — Ela dá uma gargalhada e sai correndo para alcançar as amigas.

Olho para Leah, que está com o rosto molhado de lágrimas.

— Leah — chamo, hesitante, mas ela não olha para mim, só continua seguindo em frente e passa pelas portas duplas da Style Dome.

Eu vou atrás, sentindo o peso do que acabou de acontecer nos meus ombros, como uma mochila cheia de tijolos. Leah era nova demais para ter uma vida social ativa em Nova York, mas sei que se mudar para a Coreia só dificultou as coisas. Todo mundo na nossa escola sabe quem é Leah porque sabem quem eu sou — a trainee da DB, a futura estrela de K-pop. Metade das pessoas não quer ter nada a ver com ela por causa disso (a fama do K-pop, ou qualquer fama, na verdade, é muito "novo-rico", emergente, para alguns dos esnobes daquela escola), e a outra metade só quer usá-la para ficar sabendo das fofocas do mundo do K-pop ou das últimas teorias da conspiração sobre mim.

Mal estou prestando atenção enquanto a fila avança pela Style Dome. Mas, quando levanto o olhar, a briga de Leah com as garotas malvadas da escola some da minha mente. Há um elevador imenso de vidro e bambu no centro da loja de sete andares, que vai até uma claraboia gigantesca. Cada andar tem uma cor diferente, de branco no primeiro a preto no sétimo. Ao nosso redor, araras e mais araras de roupas estão alinhadas em um gradiente perfeito, do creme ao pérola, ao marfim e então a um branco tão brilhante e fluorescente que mal consigo olhar para ele.

Quero me perder no meio disso tudo.

Estou tão distraída que não percebo quando chegamos ao início da fila. Uma mesa de autógrafos foi montada bem em frente ao elevador, coberta por um tecido sedoso em off-white com minipompons e cadeiras de acrílico.

Minjun me vê primeiro e dá um tapinha no ombro do Jason.

— Você não falou que sua namorada vinha.

Jason abre um sorriso imenso e acena, balançando os dedos.

— Ora, olá, minhas fãs mais fiéis. Que bom ver vocês aqui.

O corpo todo de Leah está vibrando ao meu lado, e ela me dá uma cotovelada com força. Quando olho para baixo, seu sorriso é tão grande que quase consigo ver seus molares. Parece que as meninas malvadas foram esquecidas.

— Ai — reclamo, esfregando a barriga.

Ela me ignora.

— Unnie, rápido, me dá o pôster — pede ela, puxando meu braço.

— Hum, então… — Eu entrego o pôster rasgado, de cabeça baixa. — Eu rasguei sem querer no café. Sinto muito, Leah.

Por um segundo ela parece triste. Mas então sorri, apertando minha mão.

— Tudo bem, unnie. Foi um acidente. Além do mais… — Ela tira um rolo de fita adesiva do bolso da saia e começa a cortar pedacinhos. — Eu vim preparada!

Ela conserta o pôster na velocidade da luz e o abre com força na frente de Jason.

— Jason oppa, isso é para você. Eu queria te mostrar sua trajetória desde que começou o canal no YouTube e como conquistou o mundo com a sua voz e o seu cabelo tão brilhoso. — Ela junta as mãos sob o queixo e sorri. — Eu sou sua fã número um!

Jason observa cada pedacinho do cartaz.

— Eu amei — diz ele, embasbacado. — Você até colou um adesivo do Toronto Raptors! Preciso tirar uma foto disso.

Ele pega o celular e tira uma selfie com o pôster, então sorri e acena para Leah.

— Agora não quer tirar uma selfie comigo?

Ela solta um gritinho, apontando para si mesma.

— Uma selfie? Com você?!

Leah voa para o outro lado da mesa de autógrafos e se abaixa perto de Jason, fazendo um coração com o indicador e o polegar enquanto ele tira várias fotos dos dois. Eu espero, observando a cena. Meu coração fica quentinho. Não tenho conseguido dar muita atenção para Leah desde que comecei a treinar para lançar a música com Jason, e agora ela está tão feliz… Só por isso a viagem até aqui já valeu a pena.

É claro que seria ainda melhor se eu pudesse dar uma olhada nas roupas.

Estou prestes a me afastar quando Leah se vira para mim e diz:

— Unnie, posso pegar seu celular? Eu esqueci o meu e também quero tirar fotos!

Entrego meu celular e eles tiram mais algumas fotos. Fico morrendo de vergonha quando Leah começa a pedir fotos com expressões combinando (“Cara de surpresa! Cara de Diva! Agora

cara de Fã Número Um do Jason Lee!”), mas Jason só faz o que ela pede, parecendo se divertir. De repente ele se vira para mim.

— Ei, vem cá. A gente deveria tirar uma foto de nós três.

— Eu também? Ah, não. Obrigada, mas não precisa. — Balanço a cabeça, recuando mais. — Hoje é o dia da Leah.

— Eu *adoraria* uma foto de nós três! — grita Leah.

— Viu? — insiste Jason. — Leah quer uma foto, e hoje é o dia da Leah.

Ela assente, animada.

— Jason tem razão. É o dia da Leah, e eu sou a Leah.

Ela agarra meu braço, me arrastando para ficar entre ela e Jason. Ele me devolve o celular e tira uma selfie com o dele. Leah está exagerando, agora fazendo o gesto de coração com as duas mãos. Abro o sorriso mais animado que consigo, mas ficar tão perto de Jason está fazendo meu coração disparar. Era exatamente isso que eu queria evitar.

Jason está de braço dado comigo. Dou uma olhada para ele e vejo que está me observando também. Ele sorri. Sinto um frio na barriga.

Merda. Esquece coração disparado; meu coração praticamente voou do peito agora. Pelo canto do olho, vejo Minjun dando um sorrisinho para a gente e logo desvio o olhar de Jason.

— Certo, chega de selfies! — digo, um pouco alto demais.

— Eu mando as fotos para você — oferece Jason. — Me dá seu telefone. — Eu hesito, e ele ergue a sobrancelha. — A gente deveria ter o número um do outro, não acha? Afinal, a gente trabalha junto.

Ele tem razão. Mesmo assim, reviro os olhos ao destravar o celular e passar o aparelho.

Na fila atrás da gente, uma menina de cabelo verde ergue a voz.

— Vocês não são as únicas que querem ver o Jason, sabe — reclama, claramente irritada.

— É, a gente também quer falar com ele! — concorda uma fã usando uma camiseta preta da NEXT BOYZ.

A amiga, com uma versão branca da mesma camiseta, me encara e estreita os olhos.

— Espera, essa não é a Rachel Kim… daquele vídeo? É ela que estava cantando com o Jason!

— Ah, meu Deus, é mesmo! — diz a menina de camisa preta. — Rachel, eu amo sua voz!

Eu fico corada e feliz. É a primeira vez que me reconhecem em público.

— Obriga…

— Posso tirar uma foto sua com o Jason? — pede a menina de camisa branca.

— Espera, eu também quero! — grita a menina de cabelo verde.

— Rachel! Rachel! Nós te amamos! — A multidão começa a avançar, pessoas gritando meu nome de todos os lados. Dou um sorriso nervoso e recuo mais um pouco, parando atrás da mesa de autógrafos e abraçando Leah.

— Essa vaca é mesmo namorada do Jason? — grita outra pessoa.

— Você não é bonita o suficiente para ele! — berra outra.

Eita. Foi legal por tipo dois segundos, mas ficou assustador bem rápido. A multidão se aproxima ainda mais da mesa, as mãos esticadas para nos tocar. Jason fica de pé.

— Ei, pessoal, vamos ficar calmos! Um passo para trás, por favor!

As palavras dele são engolidas pelo caos. Uma menina chega tão perto que consegue arrancar o pôster das mãos de Leah.

— Ei! — grito, tentando pegar de volta, mas não adianta. Tem gente por todo lado.

De repente, a equipe de segurança da banda entra em ação, cercando Leah e eu, e nos guia pelo mar de fãs, que não param de gritar. Olho para Jason lá atrás, o rosto tenso e chateado apesar da multidão de garotas gritando seu nome, e enfim saio pelas portas da Style Dome.

— Isso foi uma loucura! — exclama Leah enquanto caminhamos para o metrô, o rosto brilhando de animação. — Não acredito que alguém roubou meu pôster do Jason Lee.

— Você não está chateada?

— O quê? Não! Foi incrível! A gente causou uma revolta de fãs no evento!

Está mais para um estouro de manada. Seguro a mão dela.

— Vamos, Leah. Vamos para casa.

* * *

À noite, estou deitada na cama, falhando em me concentrar no texto de botânica — a escola vai fazer um passeio para a ilha de Jeju em breve, e só pessoas com nota acima de 90 vão poder ir —, quando uma mensagem do Kakao aparece no meu celular. É de alguém chamado Garoto do Café Doce.

Jason.

Parte de mim quer deletar a mensagem e deixar meu celular de lado, mas minha mão é contra essa ideia e só fico com um sorrisão idiota ao ver todas as fotos que ele acabou de me mandar. Tem várias dele com Leah, e outra série de nós três.

Para o próximo pôster da Leah ;)

Dou uma risada, animada para mostrar as fotos para ela de manhã.

Mais uma mensagem apita.

Ah, e outra coisa...

Mais uma foto aparece. E me deixa sem fôlego. Nossos rostos enchem a tela. É uma selfie que ele deve ter tirado bem no momento em que nos entreolhamos, seus lábios em um sorrisinho, os meus entreabertos em uma expressão de surpresa por pegá-lo me olhando. Meu dedo para em cima do botão de deletar. Eu sei que não deveria guardar essa foto. Para quê? E se alguém a visse e achasse que tem algo acontecendo entre nós, quando *definitivamente* não tem? É melhor não arriscar. Mas então uma última mensagem aparece na tela.

Essa é só para você. Boa noite, Menina Lobisomem.

Meus lábios se abrem em um sorriso sem que eu me dê conta.

Onze

Passo para o lado, quebra o quadril, desliza e… Não. Quebra o quadril, desliza, passo para a direita… Ou era para a esquerda?

Sopro um fio de cabelo para longe do rosto e me encaro no espelho da sala de treino. É um dos passos mais fáceis da coreografia, por que estou tendo tanta dificuldade?

A sala fica aberta para todo mundo por um período na sexta-feira à tarde. Em geral saio da escola tarde demais para aproveitar, mas o motorista das gêmeas se ofereceu para me deixar aqui antes de levá-las para fazer compras em Gangnam. A sala está lotada de trainees, inclusive Mina, que está fofocando nos fundos com Eunji e Lizzie. Ouço sua risada alta e olho para trás, e ela me encara, mas eu logo desvio o olhar. Não quero interagir com ninguém hoje. Só quero acertar esse passo.

Eu começo de novo, do início. Observo meu reflexo no espelho, mas tudo que vejo é Jaehyun, nosso treinador de dança principal, fazendo cara feia.

— Tudo errado — gritou ele para mim no último ensaio. — Como você consegue errar um passo tão fácil? Não entendo o que Yujin vê em você. De novo!

Mantive a expressão estoica, me recusando a acrescentar a voz dele à cacofonia de críticas duras que já se repetem na minha mente. Em vez disso, comecei a dança de novo com toda a energia que consegui reunir. Ele desligou a música quase que imediatamente.

— Não. Já errou. Estou vendo você pensar demais antes de dar o primeiro passo. Começa de novo.

Respirei fundo, tentando não trincar os dentes, mas Jaehyun percebeu a frustração no meu rosto.

— Olha, se isso for difícil demais para você, vá para casa — disse ele, parando a música de novo e pisando forte, vindo até mim.

— Você acha que ficar de cara feia vai te fazer dançar melhor? É bom parar com essa merda e se esforçar mais. Se você não conseguir acertar esses passos, nunca vai chegar a lugar nenhum.

Ainda não consigo tirar sua voz da minha cabeça. É como um carrossel horrível girando sem parar — quanto mais eu penso nisso, mais erro, e quanto mais erro, mais penso nisso. Eu me jogo no chão, fazendo uma careta para o meu reflexo suado. Vejo Mina me observando, mas por algum motivo sua expressão não é tão desdenhosa quanto o normal. Ela parece menos irritada e quase um pouco… com pena?

Cubro o rosto com as mãos. Devo estar realmente patética se até Mina está com pena de mim. Ela parece prestes a se aproximar quando a porta da sala se abre.

Todos os trainees encaram quando o sr. Han entra, e imediatamente começam a sussurrar.

— *O que um executivo está fazendo na sala de ensaio durante o treino livre?*

— *Aposto que o sr. Noh mandou ele vir aqui para fazer o trabalho sujo.*

— *Você acha que ele veio expulsar alguém?*

— *Sumin está bem caída esses dias…*

Lizzie se ajeita, enrolando uma mecha de cabelo no dedo e piscando os olhos grandes de pálpebras duplas para ele. Não posso culpá-la. Comparado aos outros executivos, o sr. Han é tipo um Chris Hemsworth coreano. Seria difícil imaginá-lo sentado entre vários velhinhos enrugados de terno se não tivesse visto isso com meus próprios olhos.

Ele atravessa a sala, ignorando o fato de que metade das pessoas está falando sobre ele e a outra metade está encarando-o com desejo, e para bem na minha frente. Fico tensa. Espera, é *por minha causa* que ele veio aqui? Os sussurros param quando todos nos encaram, sem nem fingir que não estão prestando atenção.

— Oi, Rachel — diz ele alegremente, se aproximando e baixando a voz. — Sua mãe está no telefone na secretaria.

Sinto o sangue gelar.

— Está tudo bem?

— Ah, sim, está tudo ótimo. Parece que ela só quer checar que horas você vai chegar para o jantar.

A sala explode em risadinhas.

Não sei que impulso é mais forte no momento: minha necessidade de sair da sala de treinamento e nunca mais voltar, ou minha necessidade de ir para a secretaria e destruir o telefone. Trainees não podem ficar com os celulares enquanto estão no campus da DB, então os pais ligam para a secretaria quando precisam falar com a gente.

Não que os pais das outras pessoas façam isso. É tipo anunciar para a DB inteira que seus pais ainda te tratam que nem criança. Já é ruim o bastante eu morar em casa e ir para a escola quando a maioria dos trainees da minha idade mora na casa dos trainees e treina o tempo todo. Isso é exatamente o que Mina e suas seguidoras precisavam para me torturar por semanas.

Eu sigo o sr. Han, envergonhada, tentando não olhar para ninguém. Quando passo por Eunji, ouço ela sussurrar:

— Ah, gente, que fofo. A mãe dela quer saber se ela usou o troninho hoje!

Meu rosto arde.

O sr. Han para por um momento na porta e sorri para Mina, que rapidamente sorri de volta. Lizzie ergue as sobrancelhas, mas Mina abana a mão.

— Ele é amigo do meu pai. Foi jantar lá em casa semana passada — explica ela enquanto saímos.

— Hum, obrigada por vir me buscar, sr. Han — digo, seguindo-o pelo corredor. — Espero não ter interrompido nada importante.

— De forma alguma, Rachel. Por acaso eu estava na secretaria quando sua mãe ligou, então pensei em fazer uma visita. Não se preocupe, eu entendo — completa, indicando a sala com um aceno da cabeça. — Minha mãe também é do tipo nervosa. Ela gosta de ligar cinco vezes por dia. Sempre falo para mandar mensagem, mas ela reclama que as letras no celular são pequenas demais. Na verdade — diz ele, erguendo a manga do terno e olhando o relógio —, acho que está na hora da ligação.

Ele sorri e eu retribuo, observando o relógio no pulso dele. Parece vintage, o couro da pulseira gasto mas bem conservado, e a

face quadrada dourada brilhando com a quantidade certa de polimento.

— Amei seu relógio, sr. Han — comento.

Ele observa o objeto e sorri.

— Obrigado. Era do meu avô. Ele me deu quando assumi a posição dele de executivo da DB. — Ele gira o pulso para mim. — Vê os rubis em volta da face? — Eu concordo. — Ele mandou colocar especialmente para representar o legado da nossa família… "Não existe família como os Han", ele sempre dizia. Mas vou te contar um segredo… — Ele faz um gesto para eu me aproximar. — Eu acho que ele só é louco por futebol.

O sr. Han dá uma gargalhada e eu dou risada junto. Poderia me acostumar a ter executivos como ele por perto.

— Então, como você está se sentindo em relação ao ensaio geral no domingo? — pergunta ele, erguendo as sobrancelhas. — Todos os trainees, treinadores e executivos vão estar presentes para ver o progresso de vocês três. Está pronta?

Vejo novamente a expressão irritada de Jaehyun.

— Não exatamente — admito.

A essa altura, sinceramente me pergunto se vou estar pronta algum dia. Um arrepio de pânico atravessa meu corpo.

— Continue treinando — diz ele, animado. — Você vai conseguir.

Dou um sorriso fraco. Espero de verdade que ele tenha razão.

* * *

Na manhã seguinte, eu me preparo psicologicamente para o ensaio de dança com Mina. Não estou muito animada para ver Jaehyun de novo, mas terei que enfrentá-lo mais cedo ou mais tarde se quiser acertar essa coreografia.

Fico parada na porta antes do início do treino, sem querer entrar, mas quando enfio a cabeça vejo que a sala está vazia. A única pessoa lá dentro é Mina, se alongando em frente ao espelho. Ela se vira ao me ver, colocando as mãos na cintura.

— Já não era sem tempo. Vem, vamos começar.

Largo minha bolsa no chão, franzindo a testa.

— Cadê Jaehyun? E os outros treinadores?

— Fazendo massagens e aproveitando as hidromassagens no jimjilbang de luxo no fim da rua — responde ela. Quando ergo as sobrancelhas, ela faz um gesto com a mão, me dizendo para ignorar. — Achei que a gente poderia praticar a sós um pouco, então pedi para o meu pai mandar um presente para eles por darem "tanto apoio à menininha dele". Eles caíram direitinho.

— Mas… por quê? — Nem tento esconder a desconfiança em minha voz. Dou um passo para trás em direção à porta. — Não estou entendendo.

Mina suspira.

— Você vai mesmo dificultar, né? Olha. Nós duas sabemos que você está tendo problemas com parte da coreografia. E eu não estou me dando tão bem assim com algumas partes da música. Então eu tive uma ideia. — Ela atravessa a sala e para na minha frente. Eu mantenho uma das mãos na maçaneta caso ela tente fazer alguma coisa má, mas quando ela volta a falar, sua voz é sincera e até meio animada. — Eu pensei, por que a gente não troca algumas coisas? Tipo, você pode cantar o verso que eu tenho dificuldade, e eu danço a parte que você não consegue. Todo mundo ganha.

— Hum, sim, todo mundo, menos os treinadores e executivos que vão ficar furiosos quando descobrirem que a gente desrespeitou a decisão deles. Fala sério, Mina, você acha mesmo que vou deixar você me enrolar num truque óbvio desses? Você me *drogou*. Tentou estragar minha audição. E ainda mandou um *vídeo* de tudo isso para a minha mãe! Nós duas sabemos que não tenho como provar, mas não me diga que acha que sou ingênua a ponto de cair nessa. É capaz de você me fazer entrar na sua e depois dizer para os executivos que *eu* droguei *você* e te forcei a dançar a minha parte. Então… só me deixa em paz.

Ela revira os olhos, mas vejo que suas bochechas ficaram um pouco vermelhas.

— Tá, eu fiz isso mesmo. É verdade. Você tem razão. Mas não vou pedir desculpas por nada…

Eu bufo.

— Que surpresa.

— Mas eu prometo que *não* estou tentando te enganar agora. Eu sei que os executivos talvez fiquem irritados no início, mas eles vão concordar que é o melhor a fazer quando virem o ensaio. A gente está se esforçando pra caramba. Por que não podemos fazer uma mudançazinha que vai mostrar o potencial de nós duas?

Ela até que tem razão.

— Por favor. — Mina junta as mãos. — Podemos pelo menos tentar?

Estou hesitante. Reparo pela primeira vez como ela parece cansada. O brilho normal de seus olhos foi substituído por olheiras escuras e inchadas, e ela fica massageando os ombros como se eles doessem tanto quanto sei que os meus estão doendo. Ela está parecendo… comigo. Determinada, mas exausta. Faz sentido, não sou a única nesse cronograma louco de treinos. Tudo que estou fazendo, ela também está.

— Tá bom — concordo, devagar. — A gente pode tentar. Mas só por hoje. Depois decidimos o resto.

Mina respira fundo, relaxando os ombros.

— Certo. Ótimo. Vem, vamos começar com o passo que você não consegue fazer. Eu tenho prestado atenção em você nos ensaios e acho que sei qual é o problema…

* * *

Houve uma época em que eu amava domingos — quando domingos significavam dormir até tarde e assistir a desenhos animados com Leah o dia todo. Mas este domingo chegou cedo demais, e entre as horas de dever de casa que tive que fazer às pressas e as horas extras de treino com Mina, estou exausta quando chega o momento do ensaio geral, à tarde. Exausta e também nervosa — porque as mudanças que Mina e eu fizemos… ficaram ótimas. Pelo menos eu acho. A questão é: os executivos vão gostar ou vão querer nos matar?

Dou uma olhada dos bastidores para o auditório onde todos os trainees, treinadores e executivos estão sentados, esperando a apresentação do nosso trio. Vejo o sr. Noh no seu terno de risca de

giz prateado e sapatos sociais pretos bem engraxados com um homem sentado ao seu lado. Sr. Choo. Mesmo se não tivesse passado as últimas semanas cara a cara com a Mina durante horas todos os dias, seria fácil perceber quanto ela puxou o pai. Os dois têm a mesma testa alta e traços fortes.

— Pronta?

Mina aparece ao meu lado. Seu vestido é rosa-choque e acinturado, com um corpete prateado. Usa uma gargantilha preta com “Summer” escrito com diamantes. É quase igual a que eu estou usando, com a palavra “Heat”.

Eu assinto, batendo os saltos das botas de cano alto de camurça branca, mas minha boca está seca. Podem não haver câmeras aqui, mas um auditório cheio de trainees e executivos da DB é quase tão ruim quanto. De repente, ouço um grito agudo e alegre chamando meu nome. Ao me virar, vejo Akari vir saltitando com um imenso sorriso no rosto.

— Chegou a hora! Estou tão orgulhosa de você. Isso é só o começo de tudo o que você se esforçou para…

— Desculpa interromper esse momento de amor — diz Mina, parando entre nós duas —, mas a Rachel tem que ir agora. — Ela olha para Akari com desprezo. — Algumas pessoas têm que se preocupar com um futuro de estrela de K-pop… não que você saiba como é isso. — Ela olha para mim e dá as costas para Akari. — Jason vai começar os fogos de artifício — avisa, e se afasta em direção ao seu ponto de entrada, à direita do palco.

Akari continua parada, de boca aberta, encarando Mina, os olhos pegando fogo de raiva. Sinto que faz semanas desde que a vi ou sequer conversei com ela, e tudo que quero é ficar ali e falar mal de Mina, mas ouço as primeiras notas da música.

— Tenho que ir! — digo com um sorriso de desculpas, correndo para o meu ponto de entrada.

Dou uma olhada e vejo o sorriso de Akari diminuir enquanto ela volta para a plateia.

Deixo isso pra lá, dizendo a mim mesma que terei muito tempo para conversar com a minha amiga. Mas de repente as luzes diminuem, e Akari é a última coisa na minha mente quando olho para o palco e vejo a silhueta de Jason. O auditório todo está em

silêncio, e luto contra o impulso nervoso de morder o lábio. Não posso estragar minha maquiagem. Então, de uma só vez, o holofote se acende e a música começa.

Jason gira e canta o primeiro verso. Ele está tão bonitinho com terno de risca de giz e fedora que preciso fechar os olhos. O público começa a bater palmas no ritmo da música. Ouvir sua voz se erguer na melodia animada, cada nota tão natural quanto uma respiração, faz com que eu me sinta viva. Meu nervosismo passa, substituído pela eletricidade e animação que correm pelas minhas veias. Quero ir até lá e cantar com ele. Só mais alguns segundos…

Logo antes de o segundo verso começar, as luzes diminuem no auditório e eu e Mina saímos dos bastidores na nossa deixa. Por um momento o público fica totalmente em silêncio. Sinto seus olhos em mim. Quase consigo ouvir as pessoas pensando que não era para eu estar aqui, que não era para eu estar neste palco. E fico paralisada. Mas então as luzes se acendem de novo e há uma explosão de som na plateia — os trainees vibram, alguns batendo os pés e assobiando, e eu sorrio. Vou conseguir. Troco um olhar com Yujin, que dá uma piscadela. Espero que ela ainda fale comigo depois dessa performance…

A estrofe começa, e vou desfilando até Jason, meus passos no ritmo da música, enquanto atravesso o palco cantando meu verso.

Quer dizer, meu novo verso. Para os treinadores e executivos, esse era o momento da Mina. Percebo que ficam paralisados, tentando processar o que está havendo no palco. Ouço alguma comoção, alguns sussurros.

— *O que diabos está acontecendo?*

— *Sr. Noh, o senhor aprovou isso?*

Mina começa a cantar alguns versos depois, e entramos na coreografia que me estressou durante semanas. Disfarçadamente vou para o fundo do palco, enquanto Mina vai para o lugar de destaque ao lado de Jason, e os dois voam pela sequência com facilidade. Eu e Mina trocamos de lugar na metade da segunda estrofe, e minha voz explode no verso que era originalmente dela, eu e Jason em perfeita harmonia. Mais uma vez, é moleza.

Começamos o refrão, e nós três sorrimos. Sentimos a energia do palco se espalhando pelo auditório como eletricidade. Em algum

lugar da plateia, ouço Akari gritar com as mãos em torno da boca. Até alguns dos treinadores estão se divertindo, cantando junto e estalando os dedos no ritmo. Mas na primeira fileira vejo o rosto do sr. Noh ardendo, tão vermelho quanto meu batom.

Engulo em seco. Nossa eletricidade pode ser contagiante, mas sinto que outro tipo de tempestade nos aguarda depois da apresentação.

Quando a música termina, o público irrompe em aplausos. Yujin balança a cabeça para mim, mas nem ela consegue conter o sorriso no rosto. O sr. Noh simplesmente se levanta e vai para os bastidores, os executivos logo atrás dele. O sr. Choo os acompanha, a expressão inescrutável.

Jason, Mina e eu fazemos uma reverência e corremos para os bastidores. Eu grito, cheia de adrenalina, e Jason abraça nós duas ao mesmo tempo.

— Vocês arrasaram! — exclama ele, nos apertando e sorrindo. — E valeu mesmo por me avisar da troca.

— Desculpa — diz Mina. — Mas a gente não queria que você nos dedurasse para os executivos.

Ela revira os olhos, mas pelo seu sorriso dá para ver que está de brincadeira.

Fico vermelha com a sensação do braço de Jason ao meu redor, então logo me afasto.

— Você também foi incrível! — digo. — Vocês dois estavam…

— Uma desgraça. Total desrespeito com autoridade.

O sr. Noh se aproxima de nós, com o sr. Choo e os executivos marchando atrás, todos com expressões sombrias e irritadas. Parece que ele está prestes a explodir, mas antes que possa dizer qualquer coisa, o sr. Han se mete na frente, estende os braços e abraça Mina e eu.

— Que apresentação simplesmente impressionante! Incrível! Nós sabíamos que tínhamos feito a escolha certa ao juntar vocês três. As maiores novas estrelas da Coreia, vocês duas. Isso sem contar o aclamado Jason Lee, é claro. — Ele aperta nossa mão com entusiasmo e se vira para os outros executivos. — A química deles foi incrível, não?

— Foi… interessante — admite a srta. Shim, dando uma olhada para o sr. Noh.

— O que eu vi foram essas duas trocando suas partes e ignorando nossas instruções — diz o sr. Lim, erguendo a sobrancelha para nós em uma expressão de acusação. — O que tem para se elogiar nisso?

— Nada, é claro, se a apresentação tivesse ficado pior — diz o sr. Han. — Mas acho que na verdade ficou ainda melhor. Isso é o que eu chamo de inovação! A próxima geração do K-pop!

Alguns dos outros executivos murmuram, concordando, mas a maioria faz cara feia para o sr. Han. Dou uma olhada no sr. Noh, prendendo o fôlego. Seu rosto não está mais vermelho, mas seus olhos ainda estão apertados de raiva. Ele olha de nós para o sr. Han em silêncio, claramente dividido entre querer gritar conosco por desobedecê-lo mas sem poder negar o que o sr. Han disse.

Por fim, ele olha para mim e para Mina.

— Continuem treinando. Não quero ver isso de novo até estar perfeito — ordena, dando meia-volta e indo embora, com os executivos atrás.

O sr. Han ergue o polegar antes de segui-los.

Solto o ar. Não acredito que conseguimos escapar dessa.

— Meninas, é sempre um prazer — diz Jason, sorrindo para nós duas. — A gente se fala depois? Acabei de lembrar que tem algo que esqueci de falar com o sr. Noh.

Ele acena e sai, dando uma corridinha. Por um segundo fico observando-o, o cheiro doce de menta e bordo que deixou para trás dominando meu cérebro, mas desperto quando percebo que Mina está falando comigo.

— Desculpa, o que você disse?

Mina dá de ombros.

— Só que Jason é corajoso. Eu não gostaria de estar perto do sr. Noh agora.

— Ah, verdade — digo, desesperada para mudar de assunto. — Bom, melhor a gente trocar de roupa. O que você acha de pegar uns patbingsu no refeitório para comemorar?

— Ah, acho que não posso.

— Que isso, a gente merece. Acabamos de gastar tipo dez mil calorias no palco.

— Pode ir na frente — comenta Mina, olhando para as cortinas. — Já vou.

Sigo seu olhar e vejo que o sr. Choo ainda está parado ali, de braços cruzados. Faço uma reverência, me sentindo desconfortável, e sigo às pressas para o camarim. Quando estou sozinha, solto um gritinho.

Nossa apresentação foi tudo.

Pela primeira vez em muito tempo, sinto que finalmente, finalmente, estou no caminho certo.

* * *

Meu coração ainda está disparado de adrenalina ao tirar a saia quadriculada em preto e branco, vestir minha jaqueta verde e meu jeans skinny preto favorito. Sigo de volta para o auditório, pensando em como chamei Mina para comer patbingsu. Dou uma risada. Dois dias atrás, comemorar qualquer coisa com ela seria um pesadelo. Mas, bom, talvez seja o começo de uma nova era.

Prendo o cabelo em um rabo de cavalo ao voltar para os bastidores procurando por ela. Mina não apareceu no camarim, então talvez ainda esteja aqui. Ouço uma voz vindo do outro lado do palco.

— … uma vergonha completa. Como você *ousa* desrespeitar os executivos e treinadores?

Eu fico tensa e me escondo atrás de uma imensa caixa de som. Alguns metros à frente, o sr. Choo está gritando com Mina, o rosto ainda mais vermelho do que o do sr. Noh.

— Como você acha que isso reflete em mim? Se você vai agir dessa maneira, nem pense em voltar para casa ou me procurar.

Mina abaixa a cabeça e fica em silêncio. Nunca vi esse lado dela antes. Penso que a qualquer momento ela vai retrucar ou erguer o rosto com aquele olhar raivoso, mas não. Ela só fica ali parada, aceitando a bronca, os ombros encolhidos de vergonha.

— Não sei o que fiz para merecer essa desgraça como filha — continua o sr. Choo. — Se você me decepcionar assim mais uma vez, não vou dar outra chance. Você não será mais minha filha. Compreendido?

— Sim, appa — responde Mina, em voz baixa.

O sr. Choo balança a cabeça, enojado, e sai do auditório, deixando Mina para trás. Ela continua parada no mesmo lugar, trêmula.

— Mina — chamo, assustada, saindo do esconderijo. Na mesma hora ela fica tensa e se vira, os olhos se estreitando. — Ei. Você está bem?

— Não importa o que você tenha ouvido, não pense que isso te torna melhor do que eu — acusa Mina com ódio na voz. Seus olhos estão cheios de lágrimas raivosas. — Eu não preciso da sua pena.

— Eu não penso isso. Só queria saber se você está…

— Não é da sua conta! — Ela seca os olhos e passa por mim com um empurrão, seguindo para o camarim. Então para e se vira com uma expressão de ódio. — Aliás, nós *não* somos amigas. Pode parar de agir como se fôssemos. Só porque cantamos uma música juntas não significa que eu me importo com você. Ou que quero comer patbingsu na merda do refeitório. Isso não é um filme da Disney, Princesa Rachel. Vê se cresce. — Ela cospe essas últimas palavras e sai do palco.

O início da nossa nova era acabou antes mesmo de começar.

Doze

— Todo mundo se segura, vai ficar louco!

Eu quase saio voando do Jeep conforme ele quica na estrada de terra das montanhas Jeju. O terreno irregular está quase tão cheio de altos e baixos quanto minha vida ultimamente.

Depois da confusão no *fansign* da NEXT BOYZ e da apresentação no domingo, mal consegui pensar no treinamento. Por algum milagre e graças a estudos noturnos, consegui me qualificar para o passeio de botânica, com Juhyun e Hyeri. Então fui trazida para a linda ilha de Jeju para admirar as maravilhas da natureza…

E, aparentemente, temer pela minha vida.

— Você não estava de brincadeira. Isso foi, hum, agitado — digo, rindo de nervoso para o motorista ao meu lado. Juhyun, Daeho e Hyeri estão no banco de trás, se agarrando às maçanetas do carro.

O motorista explode numa gargalhada.

— Essa nem foi a pior parte. Se segurem!

Talvez essa viagem tenha mais altos e baixos que minha vida. Na verdade, provavelmente faz minha vida parecer um brinquedo infantil no Lotte World, girando em círculos cuidadosamente projetados. Eu grito ao avançarmos pela estrada. As gêmeas berram no banco de trás, animadíssimas. Daeho parece prestes a vomitar.

O carro faz uma curva repentina para a esquerda e Juhyun quica no banco, as pernas voando, e cai no colo de Daeho. Olho pelo retrovisor e vejo Hyeri fazer uma expressão de tristeza enquanto Daeho fica vermelho como um pimentão. Juhyun dá uma risadinha e se joga de volta no seu lugar.

— Essa estrada é uma loucura!

— Certamente uma loucura total — concorda Daeho, corando até a ponta das orelhas.

Hyeri se inclina para a frente e fala com o motorista:

— Ahjussi, você pode ir um pouco mais devagar, sabe.

— Não se preocupe, sou um motorista experiente! — responde ele, animado. — Agora, todo mundo olhando para a esquerda. Cavalos!

Eu e Hyeri nos entreolhamos pelo espelho e dou um sorriso para ela, que suspira e fica olhando pela janela do Jeep, apoiando o queixo nas mãos. Meu celular vibra e, quando o pego do bolso, tem uma nova mensagem de Jason no Kakao. Meu rosto fica tão vermelho quanto o de Daeho.

Jason: Gostando da vida na ilha?

Ele manda uma figurinha de Ryan, o personagem do Kakao que é um leão sem juba, sentado em uma cadeira de praia com óculos escuros em formato de coração. Abro um sorriso. Por acaso estou usando óculos iguais neste momento.

Tiro uma foto dos cavalos selvagens ao passarmos. Eles parecem felizes, balançando o rabo ao mordiscar a grama e florzinhas do campo.

Eu: Amando, é claro. Fiz uns amigos novos.

Jason: Inveja. Seus amigos são bem mais legais que os meus.

Ele me manda uma foto de Minjun fazendo sinal de paz enquanto enfia um hambúrguer na boca. Dou uma risada. Desde que trocamos telefones, estamos conversando bastante por mensagem. Sempre penso que seria melhor parar, me afastar dele. Sei que não deveria me transformar em um dos exemplos de pessoas que foram expulsas por namorar, usados pelos trainees da DB para assustar os calouros, e, mais que tudo, sei que não deveria mandar um emoji de Apeach para o Jason agora.

Mas todo mundo sabe que, quando se tem o emoji perfeito, é preciso mandar. Além disso, trocar mensagens não é namorar. Não faz mal a ninguém. Não significa nada.

Abraço o celular e sorrio enquanto quicamos pela estrada.

* * *

Jason: Curiosidade: eu já viajei para tudo quanto é canto do mundo, mas nunca fui a Jeju.

Eu: Mentira. Quer dizer que nunca teve a experiência mágica de comer uma hallabong??

Jason: Já comi, só não na ilha de onde veio. Não é a mesma coisa, né?

Eu: Não. Tem que ser na ilha.

Jason: Você está comendo uma agora? Se sim, vou precisar de uma descrição em tempo real. Quero todos os detalhes, tipo desde descascar a tangerina até comer gomo por gomo. Sacou?

Eu: Nada de hallabong por enquanto, mas estamos indo conhecer algumas mergulhadoras, as haenyeo. Quase tão legal quanto comer uma tangerina, né?

Jason: Quase.

Como não poderia deixar de ser na Escola Internacional de Seul, os pais dos alunos insistiram que a escola tinha que nos hospedar no hotel mais luxuoso da ilha durante o passeio. É o lugar mais incrível em que já fiquei (de *longe*), com, tipo, cinco piscinas de água salgada e um jardim tropical no terraço, além de churrascos diários na praia particular do hotel, cheia de cabanas e poltronas confortáveis para as pessoas comerem seus gogi suculentos e perfeitamente no ponto com estilo. Lá dentro, meus colegas estão impacientes para ir ao fliperama da PlayStation e à padaria gourmet no lobby, mas a verdade é que, de todas as coisas desse passeio, a que mais me anima é conhecer as haenyeo.

Só sobraram algumas poucas dessas mergulhadoras lendárias — as sereias de Jeju, é como as pessoas as chamam —, mergulhando todos os dias, catando abalones, mariscos e algas marinhas no fundo do mar. E vamos conhecer três delas hoje. Quando elas entram, eu as observo com atenção, vendo os cabelos grisalhos e as rugas fundas no rosto de cada uma. Estão todas entre os setenta e oitenta anos, mas parecem irradiar um tipo de força especial. Elas começam a falar e eu me inclino para a frente, ávida para absorver cada palavra.

— Esse é um trabalho difícil — diz uma delas, olhando para nós com as mãos estendidas, as palavras se espalhando pelo salão. — Mas nós fazemos isso para sustentar nossas famílias, ganhar nosso dinheiro e dar continuidade a esse legado. Somos a última geração das haenyeo, e temos orgulho disso.

— Apesar das águas geladas e da exaustão que atravessa nossos ossos, a coisa mais importante para nós é lembrar que somos fortes — acrescenta a segunda haenyeo. Sinto meu corpo

ser tomado por arrepios. — Somos corajosas. Somos poderosas. Quando sentimos que não aguentamos mais, lembramos que já fizemos isso antes e vamos fazer de novo.

A terceira haenyeo ergue o queixo. É uma mulher pequena com as costas curvadas, mas irradia autoridade a cada palavra.

— É crucial que nos lembremos da nossa própria força, especialmente como mulheres coreanas. Quem mais vai nos lembrar disso? Ninguém. Cabe a nós sermos independentes, dizermos a nós mesmas do que somos capazes e fazermos tudo que sabemos que nossa força nos permite.

Lágrimas inesperadas surgem nos meus olhos. Eu limpo o rosto com as costas da mão e guardo com cuidado essas palavras no coração.

* * *

Jason: Alguma pérola de sabedoria das haenyeo?

Jason: Sacou? Pérola?

Eu reviro os olhos, mas sorrio com o trocadilho. Então hesito, os dedos pairando acima do teclado do celular. Todas as nossas conversas até agora foram bem superficiais. Não sei muito como expressar algo mais profundo para ele, e para ser sincera nem sei se quero. Uma coisa é mandar emojis no Kakao e fazer piada sobre comer tangerinas. Outra é ser vulnerável sobre algo que marcou meu coração. Algo que parece ter sido destinado a mim neste momento exato da minha vida.

Desligo o celular sem responder a mensagem de Jason e me viro para Hyeri, que está sentada na cadeira de praia ao meu lado, observando os casais em lua de mel ao redor.

— Todos parecem tão felizes, não? — comenta ela, com um suspiro. — Você acha que Juhyun e Daeho vão passar a lua de mel deles aqui um dia?

— Ah, por favor — digo, tentando manter o tom animado, e dou um cutucão no ombro dela. — Você sabe que Juhyun não gosta dele desse jeito.

— Mas Daeho *gosta*, e com o charme dele, é só uma questão de tempo até ela se apaixonar também. — Hyeri escorrega na cadeira de praia, cobrindo o rosto com o chapéu de aba larga. — Eu sou só um fantasma para ele.

— Um fantasma com conhecimentos incríveis de computação! — digo, beliscando sua bochecha para conseguir um sorriso.

Penso no cabelo bagunçado de Daeho, nas calças sociais bem passadas e no fato de que ele sempre tem uma caneta laser no bolso, que inclusive usou para dar uma aula de botânica durante o café da manhã. *Está vendo aquela flor ali?*, perguntou ele, brandindo o laser como se fosse um sabre de luz para o outro lado do jardim do hotel. *É um rododendro, a flor oficial de Jeju-do. Legal, né?* Não é exatamente o que eu chamaria de charmoso. Juhyun mal ergueu os olhos do celular, checando os números de visualizações do vídeo de maquiagem temático da ilha que postou na noite anterior.

— Para ser sincera — prossigo, diplomaticamente —, não acho que ele seja o tipo da Juhyun.

— Quem não é o meu tipo?

Ergo os olhos e vejo a própria se aproximando, linda em uma frente única e uma calça capri cargo, o cabelo comprido preso em um rabo de cavalo esvoaçante. Só Juhyun para fazer calças capri parecerem fashion. Eu pareceria uma mãe de meia-idade.

— Ah, o Kim Chanwoo de *Oh My Dreams* — respondo às pressas. — Total não faz seu tipo, né?

— Verdade, ele é muito “príncipe encantado” para mim — responde Juhyun, torcendo o nariz. Ela olha para o chapéu que cobre o rosto de Hyeri. — Hyeri? É você?

— Aham — responde ela, com a voz abafada e chateada.

— Bom, vamos, eu estava procurando vocês duas. — Ela tira o chapéu da cara da irmã e a puxa da cadeira. — Estou morrendo de fome. Vamos para o bufê!

* * *

O bufê do hotel ocupa toda a extensão do salão de refeições, e a gente se dedica, enchendo os pratos de salmão fresco, aspargos, bok choy salteado, montanhas de arroz selvagem quentinho com castanhas. Vejo um balcão de bibimbap em um canto e tento lembrar de não me empanturrar logo. Juhyun, Hyeri e eu nos sentamos a uma mesa ao lado de um casal jovem que divide uma garrafa de vinho e come salmão. Juhyun dá uma olhada na garrafa e assobia baixinho.

— Romântico — comenta.

— É — concorda Hyeri, olhando o casal com inveja. — Tão romântico.

Dou uma olhada e realmente parece a cena mais romântica do mundo. O casal está com roupas casuais, calças de tecido macio e camiseta. Percebo que a mulher está sem maquiagem por baixo dos óculos Chanel imensos, mas mesmo com ssaengul, sua pele é perfeita. Estou meio impressionada. Ela tem aquele visual chique que tantas celebridades desejam sem nenhum esforço.

Fico horrorizada quando me dou conta de que estou encarando a mulher e desvio o olhar, mas ela nem notou — provavelmente porque está discutindo com o homem sentado à sua frente. Droga. Talvez não seja uma cena tão romântica afinal.

— Por que a gente não pode simplesmente ter um bom jantar sem você ficar falando disso toda hora? — reclama ela, a voz cheia de raiva apesar de estar sussurrando.

— Porque você nunca quer falar sobre isso! Quando vamos ter uma conversa de verdade sobre o nosso futuro? — insiste o cara.

Ele está usando uma camiseta cor de chumbo, o cabelo cortado à máquina de um jeito que faria a maioria dos homens ficar meio assustador, mas nele é só delicado. Ou pelo menos faz a parte de trás da cabeça dele parecer delicada, porque é só o que consigo ver no momento.

A voz deles aumenta, e Juhyun e Hyeri se viram para o casal de sobrancelhas erguidas, preocupadas. De repente, Juhyun arregala os olhos e cobre a boca com as mãos. Ela se vira para nós e fala o mais baixo que consegue:

— Disfarça, mas estão vendo o padrão de conchas e espirais nas unhas dela? É design da Samm.

Hyeri e eu olhamos para ela sem entender, e Juhyun suspira.

— Sério, gente? Samm? A designer de unhas mais popular de Seul? Tão exclusiva que só as estrelas mais famosas conseguem marcar hora com ela? Eu reconheceria o estilo em qualquer lugar.

Hyeri se vira na cadeira para olhar as unhas da mulher, e Juhyun cutuca a irmã nas costelas.

— Falei para disfarçar!

Viro o rosto um pouco mais discretamente para dar uma olhada, enquanto a discussão do casal só piora.

— Agora é o melhor momento para falarmos sobre isso — insiste ele. — Já faz sete anos. Seu contrato está acabando. Você vai poder negociar. Não precisa continuar vivendo assim, trabalhando até tarde, se matando, toda estressada. Agora é o momento de pedir o que você quer. O que você merece. Por favor! Eles te tratam tão mal. Não entendo qual a dificuldade.

— Você sabe que os contratos não funcionam assim. Além disso, o K-pop é tudo que eu sei fazer. Não posso arriscar perder tudo se fizer esse tipo de demanda. E não posso pensar só em mim! E os fãs? Não posso decepcioná-los.

Começo a prestar mais atenção. K-pop?

— Você prefere decepcionar a si mesma que aos seus fãs? — questiona o homem, balançando a cabeça.

— Não ouse colocar a questão como se fosse tão simples — responde ela, irritada. — Eu não posso simplesmente sair da Electric Flower como se não fosse nada. Como você pode me pedir para fazer isso? Eu esperaria que você, de todo mundo, fosse entender.

Electric Flower? De repente uma lâmpada se acende na minha cabeça.

Puta merda. É Kang Jina, a cantora principal da Electric Flower. Não é de se surpreender que ela consiga aquele estilo celebridade *shabby chic* tão facilmente — ela *é* uma celebridade! Eu olho para o cara. A voz não me é estranha, mas não consigo identificar. Por um segundo penso que ele pode ser o empresário dela, mas o homem pega a mão de Kang Jina de um jeito... entrelaçando os dedos. Espera... É namorado dela? Minha testa se franze.

Kang Jina tem namorado?

Penso na entrevista com a Electric Flower que vi com Leah alguns meses atrás. Parte da política de não namorar é obrigar as trainees a decorarem a resposta aprovada sobre esse assunto: estamos ocupadas demais para namorar; só vamos nos casar quando pudermos nos dedicar completamente ao nosso marido — e como todas nós, sejamos trainees ou estrelas, Jina seguiu o protocolo. Fecho os olhos, tentando lembrar a resposta exata dela.

Você sente falta disso?, perguntou o entrevistador.

Nem um pouco, lembro claramente de Jina dizer. *Amo ser solteira! Tudo de que preciso de verdade são as minhas irmãs da Electric Flower. Como eu poderia me sentir sozinha quando elas estão ao meu lado?*

Jina larga o guardanapo no prato vazio e empurra a cadeira para trás.

— Vem, vamos lá para fora. Preciso de ar puro.

Escuto o cara de cabelo raspado dizer algo sobre pagar a conta ao se afastar da mesa, e então ele se dirige para a frente do restaurante.

Jina continua sentada por um momento, encarando as costas do homem, então se levanta da cadeira. Quando passa por nós, dá uma olhada na nossa mesa e vejo que arregala os olhos. Ela para e inclina a cabeça para mim.

— Ei. Rachel Kim, certo?

Hyeri olha para ela de boca aberta. Um pedaço de bok choy cai do garfo de Juhyun.

— Ah… sou eu. Oi.

Engulo em seco e forço um sorriso animado. Ela sorri de volta, erguendo os óculos escuros e dando uma piscadela.

— Eu sou Kang Jina.

Dã.

— Reconheci você do vídeo. Foi uma jogada de mestre. — Ela ri, apoiando a mão na minha em cima da mesa. — Queria ter visto a cara dos executivos quando o vídeo estourou.

Meus ombros relaxam e um sorriso genuíno toma conta do meu rosto.

— Foi épico. Mas assustador. Por favor, me diga como você sobreviveu à DB esses anos todos.

Jina se vira para a gente, o sorriso sumindo do rosto. Ela se inclina, baixando a voz e me olhando nos olhos.

— Você quer meu conselho sobre a DB?

Eu me aproximo, percebendo Juhyun e Hyeri inconscientemente chegando mais perto de Jina também. Ela dá uma olhada rápida para o cara de cabelo raspado, que ainda está distante.

— Não arrume um namorado.

Fico boquiaberta. Será que tem “Não consigo parar de pensar em Jason Lee” escrito na minha testa?

— Do que você está falando?

— Acredite. Não dá para ser uma estrela de K-pop e se apaixonar. Ter um namorado não é só difícil, é perigoso. O sr. Noh está na palma da mão do sr. Choo, e nenhum dos dois vai colocar dinheiro em uma cantora que seja nada menos que perfeita. Solteira e perfeita.

Sr. Choo? O pai da Mina? O que ele tem a ver com qualquer coisa?

Antes que eu possa perguntar, o homem se aproxima da nossa mesa e coloca a mão no ombro de Jina.

— Vamos, jagiya. Já está quase na hora do seu voo.

Ela sorri para ele.

— Estou indo.

Jina assente mais uma vez para mim, séria, antes de se esconder atrás dos óculos escuros e sair do restaurante.

Quando os dois saem, olho para Juhyun e Hyeri. As duas parecem aéreas, como se tivessem passado o dia inteiro no sol. Hyeri olha para a gente e sorri.

— Não acredito que a gente acabou de conhecer Kang Jina!

Juhyun respira fundo e ri.

— Kang Jina?! Não acredito que a gente acabou de conhecer Song Gyumin!

— Song Gyumin? — repito, incrédula. — Tipo, o vocalista da Ten Stars, esse Song Gyumin? Tipo, o que dizem que está gravando um dueto com Ariana Grande, esse Song Gyumin? Do que você está falando?

— Rachel! — exclama Juhyun, balançando a cabeça. — Você não viu quem era o cara que estava com Jina?

* * *

Horas mais tarde, ainda estou impressionada com a estranheza daquela interação. Todos os meus colegas estão na praia do hotel, jogando vôlei ao pôr do sol, as risadas reverberando pela areia. Estou sentada em uma cadeira de praia listrada, um olho em Hyeri e Daeho se divertindo no mar e o outro no celular.

Jason: Ainda esperando os detalhes da hallabong…

Eu: Comi rápido demais. Desculpa! Só comi uma. Bom, talvez três. Tá, foram quatro, eu comi quatro.

Jason: Nossa. Talvez eu tenha que trocar seu apelido de Menina Lobisomem para Monstro da Hallabong.

Paro de digitar, pensando nas palavras de Jina. É mesmo tão perigoso uma estrela de K-pop se apaixonar? Do jeito que ela falou, parece que ter um namorado é como um daqueles filmes com The Rock a que Leah vive assistindo… Além disso, quão perigoso pode ser, se ela está aqui, de férias com o namorado, neste momento? E o namorado também é um astro mundialmente famoso de K-pop? Argh. Minha cabeça está girando. Não sei como lidar com tudo isso.

Levo um susto quando meu celular apita de novo, me tirando dos pensamentos.

Jason: Oi? Ainda está aí, Monstro da Hallabong?

Eu: Ainda aqui. Só estou pensando. Muita coisa na cabeça. As coisas andam intensas ultimamente.

Jason: Hum. Sabe do que você precisa? Um dia de autocuidado.

Eu: Dia de autocuidado?

Jason: É! Um dia para recarregar as energias e parar de pensar em todas as coisas em que você está pensando. Por favor, você é americana! Todo mundo adora autocuidado por lá.

Dou risada.

Eu: Um dia de autocuidado parece exatamente o que eu preciso.

Passa um tempo antes que a próxima mensagem dele chegue.

Jason: Então vamos fazer isso. Eu e você.

Espera… Ele quer um dia de autocuidado? Só nós dois?

Ele manda uma figurinha de Ryan e Apeach rolando em um gramado, totalmente despreocupados. Mordo o lábio. Sei que deveria dizer que não. Já fui longe demais só com essas mensagens. E agora as palavras de Jina não param de voltar à

minha mente. *Não é só difícil, é perigoso.* Começo a digitar “Desculpa, acho melhor não” quando ele manda outra mensagem.

Jason: E obviamente não seria um dia de autocuidado sem a Leah.

Eu hesito. Leah está convidada? Ela nunca me perdoaria se descobrisse que tirei dela a oportunidade de passar um dia inteiro com Jason. Penso no *fansign* e em como Leah estava desesperada para ter com quem ir. Em todas as vezes que ela pediu para ficarmos juntas e eu bati a porta na cara dela porque precisava dormir ou treinar. E agora finalmente posso dar alguma coisa em troca. Algo que faria todo o meu treinamento valer a pena para ela. Além disso, se ela estiver junto, não preciso me preocupar com nada acontecendo entre mim e Jason. Só vou estar lá por ela. Não por ele. Repito isso várias e várias vezes para mim mesma até começar a acreditar, digitando “sim” rapidamente e enviando a mensagem antes de mudar de ideia.

— Ei, srta. Vídeo Viral! — Juhyun se joga ao meu lado, me entregando um coco com um canudinho em espiral. — Esse passeio não vai durar para sempre. Vem se divertir com a gente, por favor?

Eu dou uma risada enquanto ela tira o celular das minhas mãos e me puxa até eu ficar de pé. Dou um gole longo na água de coco e sigo Juhyun até a praia. Ela tem razão. Essa parte da minha vida não vai durar para sempre, então vou aproveitar as ondas de Jeju e esse momento com minhas amigas enquanto posso.

Treze

— Unnie, me segura! Está balançando!

— Leah, a gente ainda nem saiu da pista…

— Ah, verdade. Sou só eu.

Leah para de quicar no assento bege ao meu lado, os olhos girando sem parar, tentando absorver cada centímetro do avião particular em que estamos a caminho do dia de autocuidado com Jason. Ele não quis contar o que vamos fazer hoje. Só mandou um motorista nos buscar às oito da manhã e, antes que nos déssemos conta, estávamos neste avião, com comissários nos servindo tudo do bom e do melhor, de água com gás a cobertores fofinhos e tábuas de frios cheias de frutas frescas e queijo brie.

— Este é oficialmente o dia mais incrível da minha vida — anuncia Leah, enfiando uma uva na boca depois que o avião decola.

Dou risada, mas sinto um frio na barriga. Com certeza estou me sentindo sortuda (além de muito chique), mas quanto mais tempo passamos no ar, mais meu nervosismo foge do controle. Um dia inteiro com Jason. Passei os últimos dias tentando me convencer de que não é nada de mais, que estou aqui por causa da Leah, mas a quem quero enganar? O frio na minha barriga claramente diz o contrário.

Algumas horas depois, a voz do piloto surge pelos alto-falantes.

— Olá, pessoal. Faltam aproximadamente vinte minutos para o pouso. — Leah olha para mim e dá um gritinho animado, enquanto o piloto continua: — O dia está ensolarado e sem nuvens. Obrigado por voar conosco e bem-vindos a Tóquio.

Ele acabou de falar… Tóquio?

* * *

Assim que saímos do avião, vemos Jason esperando por nós, parecendo muito descolado com seus óculos escuros e camiseta preta. Leah sai correndo e se joga em cima dele em um abraço apertado.

— Jason, isso é incrível! — grita ela.

Ele ri e a abraça também.

Eu me aproximo mais devagar, com um sorriso cauteloso surgindo.

— A gente está mesmo em Tóquio?

Ele sorri e abre a porta do carro.

— Vamos descobrir? Podem entrar.

A gente entra no carro, e o motorista sai do aeroporto e pega a autoestrada. Leah abaixa o vidro da janela e enfia a cabeça para fora. Nós passamos por arranha-céus com placas brilhantes de néon e casas de estilo minimalista em ruas residenciais tranquilas. Não acredito. Estamos mesmo em Tóquio.

Pego o celular para mandar uma mensagem para Akari e contar onde estamos, mas Jason tira o aparelho das minhas mãos.

— Ei, ei, nada de celular no dia do autocuidado. Hoje é para relaxarmos.

Eu me sinto culpada, mas deixo que ele guarde meu celular no bolso. Entre os treinos e o passeio da escola para Jeju, ainda não tive tempo de conversar com Akari desde a apresentação na DB, mas tento guardar na memória tudo que estou vendo para adicionar à imensa lista de coisas para contar quando finalmente conseguirmos bater um papo.

Jason sorri para mim como um cachorrinho animado e me pego sorrindo de volta.

— Certo, mestre do autocuidado. Qual a programação?

— O que mais? Almoço!

O carro para. Jason salta e segura a porta para mim e para Leah.

— Vocês já visitaram o Japão antes?

A gente balança a cabeça, e ele sorri.

— Bom, então vocês vão se divertir. Bem-vindas a Harajuku.

Fico sem palavras. Tudo é tão colorido, das placas brilhantes das lojas ao algodão-doce parecendo um arco-íris que as pessoas comem nas ruas. E as roupas! De repente me sinto básica demais

no meu vestido amarelo. Todo mundo está usando saias de tule cor-de-rosa, meias retrô até o joelho, vestidos cobertos de bótons. Admiro uma menina de cabelo violeta degradê com uma jaqueta esportiva metálica e uma bolsa em formato de garrafa de Coca-Cola.

É oficial. Eu amo este lugar.

Jason segura a mão de Leah e a puxa para um restaurante enquanto eu sigo os dois. Parece que entramos em uma caixa de giz de cera. Uma garçonete com cílios postiços brilhantes e uma peruca verde-limão nos recebe com um grande sorriso e um gesto grandioso.

— Bem-vindos ao Kawaii Monster Café!

Ela nos leva para um salão com lustres em cores pastel e paredes listradas em rosa e amarelo. Ao redor tem macarons de plástico gigantes e luminárias de pelúcia azuis e roxas.

Leah aperta minha mão.

— Unnie, acho que estamos no paraíso.

Vemos o menu em um tablet e então pedimos comida demais: macarrão arco-íris, frango com chocolate, sanduíches com molhos de cores diferentes, bebidas explodindo com glitter comestível e um parfait incrível com uma fatia de rocambole colorido e uma casquinha de sorvete por cima. Dou uma olhada em Jason, que ri enquanto nós duas pedimos ainda mais comida, convencida de que ele vai se transformar no Chapeleiro Maluco a qualquer momento.

— Parece que estou comendo um unicórnio — diz Leah, enfiando a colher em tudo. — Eu deveria me sentir mal?

— Não se preocupe. É mais provável que a comida seja feita por unicórnios, não de unicórnios — argumenta Jason.

Eu sorrio enquanto Leah come sem parar, conquistada pelo jeito dele com minha irmã mais nova. Não tem muitos caras que ficariam felizes por passar um dia inteiro com uma menina de treze anos.

Ao meu lado, Leah está terminando um sanduíche e começando o próximo.

— Devagar — falo, cutucando-a. — Você vai ficar com dor de barriga.

Ela obedece e baixa o sanduíche, mas na mesma hora começa a mastigar uma batata frita cor-de-rosa.

Com a animação de estar em Harajuku pela primeira vez, esqueci totalmente meu nervosismo. Mas, sentada ali com o cotovelo de Jason a centímetros do meu, sinto o corpo inteiro arrepiar — tipo aquela sensação quando o sangue volta depois que o pé fica dormente. Ou quando você está fazendo algo que sabe que não deveria fazer, mas não consegue se segurar.

— Então, o que você achou daqui? — pergunta Jason. Quando não respondo de imediato, ele finge estar chateado. — Não me diga que tem um café igual em Nova York. Depois de eu ter me esforçado tanto para encontrar algo único…

Tentando disfarçar minha voz trêmula, eu brinco:

— Ah, é, eu ia todo fim de semana. Basicamente cresci comendo carboidrato de todas as cores do arco-íris.

— Sabe o que isso faz de você? — sussurra ele, se aproximando como se contasse um segredo.

— Parte unicórnio? — sussurro de volta.

— Na verdade, eu ia dizer um leprechaun.

Solto uma gargalhada, o nervosismo passando aos poucos. Talvez eu esteja me preocupando à toa. A DB pode controlar a minha vida quase toda, mas nem eles poderiam dizer que assistir a minha irmãzinha se empanturrar de comida que mais parece cocô de unicórnio é um encontro. Hoje pode ser só um dia divertido e relaxante com Jason. Jason, uma companhia agradável. Jason, que fica tão bonitinho comendo seu mac and cheese cheio de glitter…

Se controla, Rachel.

* * *

— Aonde a gente vai agora? — pergunta Leah enquanto Jason nos guia por uma rua agitada depois do almoço.

— Já jogaram Mario Kart? — pergunta ele.

Eu e minha irmã trocamos um olhar.

— Algumas vezes — digo. — Por quê? A gente vai a um fliperama?

Os olhos de Jason brilham, travessos.

— Não exatamente.

Quinze minutos depois, estamos entrando em carrinhos de kart de verdade para um passeio pela cidade, como se fosse um Mario Kart na vida real. Jason está preparado e até trouxe chapéus: um no formato da cabeça do Yoshi, um do Toad e uma peruca loira de Princesa Peach com uma coroa presa em cima.

— Princesa — diz ele, colocando a peruca em Leah e fazendo uma reverência.

Ela dá risada e sai para ver os karts. Eu pego a cabeça do Yoshi das mãos dele.

— Ei! — reclama Jason, tentando pegar de volta.

— Foi mal, mas o look cogumelo não me cai bem — digo.

Ele suspira e sorri, colocando o chapéu de Toad.

— Ah, mas em mim sim? — Ele vê seu reflexo em uma janela por perto. — Na verdade… estou incrível — diz, virando a cabeça de um lado para outro e ajeitando o chapéu.

— Nem um cogumelo de plástico gigante consegue estragar seu ego — brinco, dando um tabefe na cabeça de Jason, que sai correndo para o seu kart.

— Vamos ver se as irmãs Kim conseguem me alcançar agora! — grita ele ao pisar fundo.

Eu e Leah subimos no nosso kart correndo, e prendo o cinto de segurança dela no banco à minha frente. Quando estou prestes a disparar atrás de Jason, Leah aperta a barriga, virando-se para mim com uma careta.

— Unnie, não estou me sentindo bem.

— Sério? — Eu tiro meu cinto de segurança e me inclino para a frente, com a testa franzida de preocupação. — Você quer parar e…

Antes que eu possa terminar minha sugestão, as bochechas de Leah se enchem e — ai, meu Deus, eu conheço essa cara — ela solta uma onda de vômito multicolorido no meu vestido.

O rosto dela está pálido e esverdeado. Rapidamente tiro minha irmã do kart e a levo para a calçada, ignorando os restos semidigeridos de mac and cheese e batata frita grudados na minha pele. Um estranho passa e nos olha com pena, e imagino a nossa cara: uma menina com um chapéu de Yoshi abraçada a outra com uma peruca loira gigante, ambas agachadas numa calçada de Tóquio cobertas de vômito. Que visão.

— Vocês estão bem? — pergunta Jason, estacionando o kart ao lado do nosso. — Olhei para trás e vocês tinham sumido!

Ele olha para mim, para o meu vestido e em seguida para Leah, entendendo tudo. Por um segundo, me pergunto se ele vai mencionar meu incidente com vômito, mas ele só tira o chapéu de Toad e esfrega as costas de Leah.

— Eu estou bem — sussurra ela, escondendo o rosto vermelho com as mãos e se aproximando para só eu ouvir. — Eu acabei mesmo de vomitar na frente do Jason? — sussurra por entre os dedos, morrendo de vergonha.

— Não se preocupe — digo, piscando para ela. — Já passei por isso.

— Vamos, Leah — incentiva Jason enquanto apoia as mãos nas costas dela e a ajuda a se levantar.

Pela milésima vez hoje, sinto meu coração apertar. Jason olha para mim e sorri antes de se voltar para Leah, os olhos cheios de carinho e proteção de um jeito que achei que só poderia existir em algum K-drama.

— Eu mandei colocarem o novo filme do The Rock no avião para a volta — conta ele.

Ao que parece, vou precisar de um dia de autocuidado para me recuperar desse dia de autocuidado.

* * *

Uma hora depois, estamos de volta ao avião, nós duas com pijamas baratos do Mickey Mouse que compramos em uma banquinha de rua. Leah está enrolada em um cobertor peludo, bebendo chá de gengibre e assistindo em um dos aparelhos de Blu-ray portáteis do avião ao The Rock atravessar Manhattan.

Leah tira os fones e olha para a gente. Ela hesita, girando o fio entre os dedos, parecendo envergonhada.

— Desculpa pela corrida de kart, Jason. E desculpa mais ainda por você ter me visto vomitar.

Ele abre um sorriso generoso para ela e brinca com o seu cabelo.

— Nem precisa se preocupar. Para que serve um oppa?

Leah abre um sorrisão e se ajeita no cobertor. Eu pego o meu aparelho de Blu-ray e começo a ver as opções de filmes.

— Ah, *O serviço de entregas da Kiki*! — comento. — Eu amava todos os filmes do Studio Ghibli. Em Nova York eu tinha uma tradição com a minha melhor amiga de assistir a todos comendo um monte de pretzels de chocolate.

Sorrio, com uma onda de nostalgia. Jason sorri também.

— Eu e os meus amigos também adorávamos os filmes do Studio Ghibli. A gente sempre discutia sobre qual é o melhor: *A viagem de Chiriro* ou *O castelo animado.*

— Com certeza é *O castelo*! — digo, rindo.

— Fato — concorda ele. — O Calcifer é o melhor.

Tento imaginar Jason antes do K-pop, aquele garoto que filmava covers para o YouTube no quarto de casa, vendo filmes com os amigos sexta-feira à noite.

— Você gostaria de voltar? — pergunto.

Ele inclina a cabeça e ergue as sobrancelhas.

— Em certos pontos, sim. Quer dizer, eu nasci em Toronto. Não importa quanto tempo eu more na Coreia, sempre vai ter parte de mim que sente que não sou daqui, sabe? Não sou cem por cento coreano. Sou metade coreano, metade canadense. — Ele para e olha para mim, como se estivesse na dúvida se deveria continuar falando. Eu dou um sorrisinho. — Além disso, você sabe, eu sou metade branco, o que é toda uma outra questão. — Eu concordo com a cabeça, compreendendo, e ele continua, falando cada vez mais rápido, como se esses pensamentos estivessem acumulados há muito tempo e ele precisasse desabafar. — Sinto que estou o tempo todo dividido entre dois mundos. Branco demais para ser asiático, asiático demais para ser branco. É como se eu estivesse enganando todo mundo dos dois lados, tentando convencer que pertenço a determinado lugar, quando na verdade nem eu mesmo sei que lugar é esse. — Ele ri, passando a mão pela cabeça. — Desculpa. Acho que não fez sentido nenhum.

— Fez todo o sentido — respondo. — Eu não sou parte branca, mas sinto as mesmas coisas por ser americana. Às vezes é como se a Coreia não me aceitasse totalmente porque nasci nos Estados Unidos, mas por outro lado lá também não sou aceita por causa da

minha ascendência coreana. É estranho. É como se eu existisse no meio do caminho.

Acho que nunca compartilhei essas ideias em voz alta. No início fico insegura, mas Jason está olhando para mim e assentindo devagar, como se soubesse exatamente do que estou falando, como se ele se sentisse assim também.

— Mas eu não me arrependo — continua ele. — De vir para a Coreia, começar essa história toda de K-pop. — Ele faz uma pausa e abre um sorrisinho. — Mas eu gostaria de ter ido a um acampamento de verão pelo menos uma vez.

— Eu queria ter feito uma road trip.

— Ver filmes em drive-in.

— Jogos de futebol americano do time da escola.

— Empregos de meio expediente no shopping com os amigos.

— Baile de formatura.

Ele ri.

— Sim! Baile de formatura! Por que ninguém faz isso na Coreia?

— Né? As pessoas se dedicam tanto nos Estados Unidos. Me dá seu celular.

Jason me estende o aparelho e eu procuro a hashtag “promposal” no Instagram. Leah adora essas surpresas enormes que as pessoas montam para convidar umas às outras ao baile de formatura, e a gente já passou mais de algumas noites assistindo a vídeos de pedidos envolvendo flash mobs, armários cheios de balões e caças ao tesouro elaboradas.

— Essa é a minha favorita. — Eu mostro uma foto de uma caixa de donuts em formato de letras dizendo BAILE?. Só de ver isso eu fico feliz. — Um clássico. Quem espera encontrar qualquer outra coisa que não donuts em uma caixa dessas? Toda vez isso mexe comigo.

— Sério? — Jason começa a rir, franzindo o nariz. — De todos os pedidos exagerados e românticos, o seu preferido é o da caixa de donuts?

— Como assim?! É genial na sua simplicidade! Além disso, se a pessoa recusar, você pode comer todos os donuts como prêmio de consolação.

Ele sorri e balança a cabeça.

— Minha mãe adoraria esse tipo de coisa. Ela provavelmente contrataria uma cerimonialista para me ajudar a planejar tudo e então apareceria para gravar o pedido. Ela era exagerada a esse ponto.

Meu coração se aperta com essas palavras. Todo mundo sabe que Jason perdeu a mãe quando tinha doze anos. Olho para Leah, que caiu no sono ao meu lado. Está roncando baixinho. Eu tiro o cabelo do rosto dela. Doze anos. É praticamente a idade dela agora. Não consigo imaginar Leah perdendo eomma nessa idade, muito menos tendo esse fato divulgado para o mundo inteiro. Tenho uma vontade súbita de segurar a mão de Jason, mas resisto.

— Ela ficaria tão orgulhosa de te ver hoje, eu tenho certeza — digo.

Jason para, virando-se para mim com um sorriso triste.

— Sabe, acho que minha mãe gostaria muito de você — responde ele.

Suas palavras me surpreendem, e eu fico atônita, tentando pensar em como responder.

— Por que você diz isso?

O momento parece frágil, delicado, diferente de antes. Procuro na mente algo, qualquer coisa, para mudar de assunto, para não ter uma conversa real, para não ficar vulnerável com Jason. Mas não encontro. Só prendo a respiração, sem querer interromper esse momento.

Ele pensa.

— Lembra na sala de treino, quando falei que estava animado para cantar com você? E perguntei se você queria saber por quê?

Eu concordo com a cabeça, sem palavras. Meu coração está batendo mais rápido do que meu cérebro consegue acompanhar, e não quero falar nada de que possa me arrepender amanhã.

— Sinto que posso ser eu mesmo quando estou com você. — Jason olha para mim e, antes que eu me dê conta, está segurando minha mão. — Não importa se estamos cantando ou só conversando assim. — Sinto o calor da sua palma irradiando pelo meu corpo todo. Ele esfrega os nós dos meus dedos com o polegar. — Eu não preciso fingir com você… É bom ficar contigo, simples assim.

Meu coração está tão disparado que ultrapassou meu cérebro e está se afastando cada vez mais. Algo nas palavras de Jason penetrou minha mente: *Eu não preciso fingir com você.* Com um susto, me dou conta de que é assim que me sinto também. Percebo o quanto tenho fingido para todos ao meu redor — as gêmeas, Leah, Yujin, meu pais, todos os executivos da DB. Constantemente sendo a Rachel perfeita, a Rachel bem-comportada, a Rachel talentosa, a Rachel irmã, a Rachel filha. Mas com Jason, hoje, pela primeira vez em meses, sinto que fui eu mesma. Rachel Kim. E a sensação é maravilhosa.

Quero dizer tudo isso, mas algo me impede. Dizer essas palavras ia me levar por um caminho sem volta. Um caminho que colocaria em risco tudo a que me dediquei nos últimos seis anos. Minha vida na DB pode não ser perfeita, especialmente agora, mas ainda é minha vida. A vida da minha família. E não posso dar as costas a isso. A tudo de que eles abriram mão por mim. A tudo que eu quis conquistar. Ainda não.

— Sua mãe poderia ter gostado de mim, mas e seu pai? — digo, brincando, voltando para um território seguro. — Espero causar uma impressão boa na família toda.

Ele ri, mas uma expressão triste passa pelo seu rosto.

— Ele é um pouco mais difícil, mas se tem alguém capaz de conquistá-lo é você. — Sua expressão se suaviza de novo. — Rachel, eu tenho que te contar uma coisa. Eu acho… — Ele hesita, balança a cabeça e ajeita a gola da camisa. — Eu acho… Quer dizer, será que você…

De repente, Leah desperta, bocejando e esticando os braços em cima de mim.

— Unnie, a gente já chegou?

— Ainda não — respondo, feliz pela interrupção. Não sei o que Jason ia me perguntar, mas sei que ainda não estou pronta para responder. — Pode voltar a dormir.

Ela se aconchega e fecha os olhos, e dou uma olhada para Jason, sorrindo.

— Acho melhor a gente descansar também. Foi um longo dia.

— Certo. — Ele me devolve um meio sorriso. — Bom, durma bem.

Vejo nos seus olhos decepção misturada a algum outro sentimento que não consigo identificar. Eu viro para o outro lado, parte de mim desejando que ele segure minha mão e termine o que ia dizer antes de Leah nos interromper. Mas não. Ele não diz mais nada no restante da viagem.

Catorze

Kakao!

Meu celular apita com uma mensagem de Leah. Arrasa!, seguida por mil personagens do Kakao acenando bandeirinhas.

Eu sorrio e mando para ela uma selfie no camarim, meu cabelo bem liso e brilhoso graças ao spray. O lugar está uma confusão, cheio de estilistas, costureiras e treinadores correndo de um lado para outro, se preparando para o show de verão da DB, com destaque para a Electric Flower. Também será onde Mina, Jason e eu vamos gravar o MV da nossa música ao vivo. Mesmo com o calor no camarim, minha pele está toda arrepiada. Quando Yujin me contou que a gente gravaria um MV, não percebi que seria ao vivo. Isso significa que, se eu cometer um erro, vai ficar gravado para sempre na internet. Sem segundas chances. Eu engulo em seco. Não vou cometer nenhum erro. Não vou me permitir.

Mas bem que eu gostaria de um pouco de sorte.

— Quase pronto. — A cabeleireira sorri para mim pelo espelho enquanto prende um arranjo floral no meu cabelo. — Nervosa para a apresentação?

— Não. — Dou risada. — Sim. Talvez um pouco?

Ela sorri.

— Tenho certeza de que você vai se sair bem. Vai cantar com Jason Lee, afinal de contas! Que sortuda!

Engulo em seco.

— Aham. Aliás, será que você consegue enfiar isso em algum lugar do penteado? — Eu entrego para ela um elástico de cabelo vermelho e brilhante que estava no meu pulso. — É meio que um amuleto da sorte.

Sei que pareço ridícula dizendo isso, mas a cabeleireira ri.

— Acho que dá para colocar aqui.

Juhyun e Hyeri compraram o elástico para mim semana passada em Myeong-dong. A gente estava caminhando pelas ruas lotadas, cercadas por centenas de lojinhas e barraquinhas de comida. Juhyun queria encontrar um acessório de cabelo perfeito para fazer seu canal bater três milhões de inscritos.

— Ainda não acredito que o Jason levou você e a Leah para Tóquio em um avião particular — disse Juhyun, balançando a cabeça. — É, tipo, outro nível de paquera.

— Não é paquera — reclamei, ficando vermelha. — Era só um dia de autocuidado.

— Quanto tempo você vai sseom ta-da com ele? — perguntou Hyeri, tomando um sorvete de casquinha branco e verde do tamanho da sua cabeça. — Não dá pra negar que vocês dois têm química.

— Não tem nada disso — insisti.

Mas sei bem que não estou contando tudo a elas. Desde que voltamos de Tóquio, não consigo parar de pensar em Jason. Já matei quatro bonsais na aula de botânica, e Juhyun insiste em ser minha dupla na aula de tênis todos os dias, o que significa que eu fico parada enquanto ela corre pela quadra e acerta todas as bolas. Ando tão preocupada. E, para ser sincera, mesmo quando estou pensando em Jason, não estou pensando nele de verdade.

Estou pensando em Kang Jina.

Mais especificamente, em tudo que ela me disse em Jeju. *Ter um namorado não é só difícil; é perigoso.* Ninguém nunca provou que Suzy Choi foi cortada do programa por ter um namorado. (Na verdade, semana passada um trainee novato disse que a mãe, que trabalha na administração da DB, jurou que a Suzy foi cortada porque sua cirurgia plástica nos olhos deu errado.) E ainda tem Song Gyumin. Quer dizer, Jina estava de mãos dadas com ele. Em público! Então como ter um namorado pode ser tão “perigoso”? Não é que eu não acredite em Kang Jina. Ou que acredite. É só que… Eu não sei o que pensar. E mesmo se soubesse, ainda não sei como me sinto em relação a Jason. E *mesmo* se eu soubesse como me sinto em relação a Jason, ainda não saberia o que fazer. Como um garoto bonitinho que adora a Leah e diz que é bom ficar comigo

pode ser um “perigo”? Mas como eu poderia arriscar minha carreira inteira, meu futuro no K-pop, por um garoto?

Basicamente, está tudo muito confuso.

— Eu nem deveria estar pensando nisso — falei para as gêmeas, abanando as mãos. — A gravação do MV é no fim de semana, e eu estou pirando. Vocês *têm ideia* de quantas câmeras vão estar apontadas para mim ao mesmo tempo?

Juhyun parou, pegando um elástico vermelho e brilhante de um mostruário na loja onde estávamos.

— Aqui. Um amuleto da sorte, presente nosso.

Ela enfiou o elástico no meu pulso enquanto Hyeri pegava a carteira, piscando para mim ao pagar.

— Acho bom você usar no palco!

Olho para o elástico, que agora está no meu cabelo. Na verdade ficou bem legal com a minha roupa. Combina perfeitamente com o meu batom e dá um toque de cor para a calça quadriculada e o top cropped preto. É tipo a versão K-pop da Rainha de Copas.

Tiro outra selfie, virando o rosto para mostrar o elástico, e mando para as gêmeas. Envio a foto para Akari também, com a legenda: Quase pronta para o palco! Com um presentinho das gêmeas Cho. O que acha?

Todos os trainees têm que comparecer ao show, mas ainda não vi Akari. Na verdade, não a vejo desde que voltei de Tóquio. É estranho ficar tanto tempo sem falar com ela, e ainda mais estranho que ela não saiba que fui para o Japão pela primeira vez semana passada.

Olho para o celular e vejo a confirmação de leitura da mensagem, mas Akari não responde. Suspiro, mordendo o lábio. Talvez ela esteja chateada por eu não ter tempo para ela ultimamente. Vou ter que compensar minha ausência de alguma forma.

— Rachel, isso aqui chegou para você. — O sr. Han se aproxima segurando uma caixa de papelão cor-de-rosa com um laço brilhante. Ele me dá um sorriso conspiratório. — Alguém mandou entregar no camarim.

Para mim?

Eu pego a caixa, curiosa, desfazendo o laço e abrindo a tampa. Dentro, há uma sequência de donuts com cobertura rosa-clara formando as palavras BOA SORTE!, com um coração no final.

Uma risadinha escapa dos meus lábios. Jason. O “promposal”. Não acredito que ele lembrou.

— De quem é?

Eu afasto a caixa quando Mina tenta dar uma olhada.

— Não sei — minto.

Ela estreita os olhos, desconfiada. Alguns treinadores e executivos também me encaram com suspeita. Jaehyun, nosso treinador de dança, ergue as sobrancelhas e pergunta:

— Que fofo, Rachel. — Ele se aproxima e espia dentro da caixa. — É um… coração?

Pela milionésima vez nas últimas semanas, as palavras de Kang Jina voltam à minha mente. Apesar de todos os pensamentos conflitantes, sinto um nó de nervoso surgir no meu estômago. Estou prestes a subir no palco e cantar com Jason. Vou gravar um vídeo com o astro de K-pop mais popular da Coreia. Este não é o momento para dar aos treinadores ou a qualquer pessoa da DB motivo para duvidar de mim. Não quando estou tão perto do meu objetivo. Os arrepios na minha pele somem, substituídos por uma onda de calor que me deixa vermelha da cabeça aos pés.

Merda, merda, merda. O que eu digo?

— Eu que comprei — diz uma voz. Eu me viro e vejo Akari entrar no camarim com um sorriso despreocupado. — Um presente de boa sorte para a minha melhor amiga.

Os executivos e treinadores relaxam, abrindo sorrisos felizes e deixando as suspeitas de lado. Mina dá de ombros e se afasta. Eu olho para Akari cheia de gratidão, então corro até ela e a abraço.

— Akari, que bom te ver! Que saudade!

— É bom te ver também. Parece que faz séculos. — Ela me abraça com força e dá um passo para trás, com a cabeça inclinada e um sorriso curioso. Indicando os donuts com um gesto, ela baixa a voz e pergunta: — Então, de quem é de verdade?

Eu hesito, pega de surpresa pela pergunta.

— Eu, hum, não tenho certeza — gaguejo.

Ainda não estou pronta para falar sobre Jason em voz alta. Não até conseguir desfazer o nó de emoções dentro de mim, que parece ficar mais embolado a cada vez que o vejo.

— Saquei — diz ela. Há um silêncio estranho entre nós. Ela relaxa os braços e coça o cotovelo, desviando o olhar. Então Akari olha para mim de novo e aponta para a caixa, comentando com a voz tranquila: — Tem um cartão. Talvez resolva o mistério.

Ela estica a mão como se fosse pegá-lo, mas eu agarro o cartão rapidamente. Meus dedos tremem um pouco ao abrir. Não tem assinatura, só a mensagem: *Me encontra nos bastidores.*

Ele quer me ver. Aqui, agora. Meu coração dá um pulo, e sei que quero vê-lo também.

— Desculpa, Akari, eu tenho que… falar com a Leah rapidinho — desconverso, sorrindo com uma expressão de desculpas.

O sorriso de Akari some, e sinto uma pontada de culpa ao sair correndo do camarim. Mais uma coisa que vou ter que compensar.

A Electric Flower está começando o show quando corro pelos bastidores. Atrás da cortina, vejo flashes do público balançando bastões fluorescentes, Leah bem na frente, cantando junto e gravando tudo no celular. Kang Jina está no centro do palco, impecável em um macacão azul metálico. Suas palavras de Jeju começam a voltar à minha mente, mas eu as ignoro.

Então o vejo. Jason.

Ele está em um canto escondido, assistindo à apresentação. Já está com o figurino, uma calça larga preta e um blazer cinza-claro justo. Como se sentisse minha presença, ele vira o rosto quando me aproximo. Sorri, com um nervosismo que nunca vi antes.

— Oi — digo.

— Oi. — Ele bate os punhos um no outro, olhando para o chão e depois para mim com um sorriso tímido. — Gostou do presente?

Meu coração fica quentinho com a insegurança dele. Por dentro estou gritando *Sim!*, mas por fora apenas concordo com a cabeça e respondo:

— Sim. Gostei muito.

Seu rosto se ilumina.

— Que bom. — Ele respira fundo e dá um passo à frente, tocando minha mão de leve. Quando não me afasto, Jason prende meus dedos nos dele e aperta minha mão. — Olha, eu não quero te pressionar se você não estiver pronta para falar sobre isso… Sobre

nós. No avião, pareceu que… pareceu que você sabia o que eu queria dizer, mas não queria que eu dissesse.

Naquele momento, com nossas mãos se tocando, quase sinto minhas preocupações sumindo. Quero tanto escolher estar com ele. Por um momento isso parece possível, como se todos os nós da minha mente estivessem se soltando, mas em vez de facilitar minha escolha, os fios me puxam em direções contrárias, e não sei para onde ir. Dou uma olhada para o palco, para Kang Jina e a Electric Flower, para o público e para Leah, depois de volta para Jason. Durante os últimos seis anos, ser uma estrela de K-pop era tudo que eu queria. Tudo com que sonhava.

Mas e se isso não for mais o suficiente? E se as horas intermináveis de treinamento e sacrifício, as olheiras profundas do appa, o cansaço na voz de eomma, o olhar triste de Leah simplesmente não valerem a pena? E se eu precisar de mais na vida do que um palco e uma música? Olho para Jason e sei a resposta.

— Você tem razão. Eu não estava pronta. Mas agora estou. — Minha voz está embargada. Ele aperta minhas mãos, com esperança incontida brilhando nos olhos. — Quero me arriscar com você.

Mesmo assim, eu me afasto quando a Electric Flower começa a música mais popular do ano, “Starlight River”. Posso estar pronta para me arriscar a ficar com Jason, mas sem dúvida não estou pronta para fazer isso publicamente.

— Só não… aqui, não com tanta gente em volta.

Ele dá um passo para a frente, eliminando a distância entre nós. Está tão perto que sinto seu peito subindo e descendo com a respiração ofegante.

— Do que você tem medo?

De repente, tudo fica escuro quando uma cobertura preta gigantesca flutua sobre o estádio, envelopando o lugar em uma noite total. Luzes de LED explodem na cobertura enquanto a Electric Flower continua cantando no palco. O público solta um suspiro coletivo, acenando os bastões fluorescentes sem acreditar, o estádio inteiro mergulhado em uma noite estrelada.

Jason não tira os olhos de mim. Exceto pelo brilho suave das estrelas nas maçãs de seu rosto, estamos envoltos em escuridão. Ele toca meu rosto gentilmente e eu fecho os olhos ao me recostar na sua palma.

Sinto seus lábios tocando os meus suavemente. Um calor domina meu corpo quando ele passa a mão pela minha nuca, fazendo arrepios explodirem da minha barriga até a ponta dos dedos.

Se eu achava que cantar com ele era mágico, isso está em outro patamar.

Minha respiração fica instável quando ele passa as mãos pela minha cintura, me puxando para perto, e eu envolvo seu pescoço com os braços. Os lábios dele se entreabrem, e o seu cheiro domina meu coração quando abro a boca para respirar fundo. Menta e bordo.

Mal reparo no barulho da plateia gritando e aplaudindo o fim do show da Electric Flower. A cobertura de noite estrelada é retirada e o sol ilumina o estádio de novo. Eu me afasto de Jason bem na hora em que a luz nos atinge. Ele parece tão arrebatado quanto estou me sentindo.

— Nós somos os próximos — sussurro.

— Ah, é — responde ele, com a voz falhando.

— Achei vocês! — A gente se vira e vê Mina marchando na nossa direção, os saltos estalando no chão do palco. — Vamos, vamos, a gente precisa ir.

Meus lábios ainda estão ardendo quando corro para me juntar a ela, e volto minha atenção para a apresentação, mas minha mente ainda está naquele beijo.

O beijo. Puta merda. Eu acabei de beijar o Jason.

A voz do mestre de cerimônias no microfone ecoa pelo estádio.

— Apresentando pela primeira vez a performance do seu novo single, “Summer Heat”, uma salva de palmas para Jason Lee com participação de Rachel Kim e Choo Mina!

Ouço os gritos de Leah na primeira fileira, aplaudindo com todo mundo. Mina entra no palco desfilando, amando aquela adoração, e estou prestes a ir atrás quando sinto Jason pegar minha mão. Eu me viro e ele sorri para mim, apertando meus dedos. Eu aperto a mão dele de volta e a solto quando entramos no palco iluminado.

Nesse momento, me sinto capaz de enfrentar mil câmeras.

Quinze

Para a maioria das famílias, verão na Coreia significa andar de pedalinho no rio Han, ver os fogos de artifício da praia de Haeundae, em Busan, e acompanhar o desfile de lanternas no aniversário de Buda. Mas para a minha família significa uma coisa: naengmyeon.

Quatro tigelas de macarrão gelado estão espalhadas na nossa mesa, cada uma coberta com fatias finas de pera, pepino, bife e metade de um ovo cozido — exceto a minha, que não tem pepino. Eomma toca a campainha da nossa mesa para pedir ao garçom mais pera para Leah, como sempre. Appa cata as lascas de gelo flutuando no caldo e coloca-as na minha tigela, como sempre. Gelo demais faz seus dentes doerem, e eu gosto do meu especialmente gelado.

— Rachel, você está brilhando ultimamente — comenta appa, sorrindo para mim.

— Não é para menos! A apresentação semana passada foi incrível — diz Leah, acrescentando uma dose extra de vinagre na tigela antes de enfiar um monte de macarrão na boca. — Foi o ponto alto do show! E eu não estou dizendo isso só porque você é minha irmã. Unnie nasceu para o palco.

Eu sorrio.

— Obrigada, Leah.

Eomma permanece em silêncio enquanto corta o naengmyeon com a tesoura. Na verdade, ela mal falou uma palavra comigo desde o dia em que Mina mandou o vídeo do porre que tomei na casa dos trainees. Um nó se forma na minha garganta quando lembro de Leah entrando em casa depois do show, gritando sobre como foi incrível — como a gente acertou todas as notas, todos os passos e fez o estádio inteiro aplaudir no ritmo. Mas eomma não sorriu nem me parabenizou. Ela só olhou para mim e disse:

— Imagino que a DB vá anunciar a Family Tour a qualquer momento.

Eu engulo com dificuldade, empurrando um pedaço de ovo garganta abaixo.

Nesse momento meu celular vibra, e dou uma olhada na tela por baixo da mesa.

Ei, você tá cansada? Porque não parou de aparecer na minha cabeça hoje. Um gif de um coração explodindo aparece logo depois.

Dou uma risada. Acontece que, sem nenhuma surpresa, Jason é o rei das cantadas baratas. Ele me manda mensagens ridículas como essa pelo menos três vezes por dia, e eu estaria mentindo se dissesse que não adoro.

Appa ergue as sobrancelhas.

— Está tudo bem, Rachel? Você está sorrindo como se tivesse ganhado na loteria.

— Não é nada — digo.

Mas ele tem razão. Meu sorriso está tão grande que minhas bochechas doem. Guardo o celular e tento me concentrar na minha família. Já faz um tempo que appa não consegue mais jantar conosco. Por causa das noites na academia seguidas pelas aulas até tarde, suas olheiras estão iguais a de um panda. Dá para ver que eomma está preocupada com appa, porque franze as sobrancelhas toda vez que olha para ele entre um bocado de naengmyeon e outro. Como se quisesse se certificar de que ele não desapareceu no meio da refeição.

Por mais cansados e estressados que estejam, os dois sorriem e escutam Leah, que sabe-se lá como dominou a arte de manter uma conversa perfeita e ficar no celular ao mesmo tempo, curtindo posts no Instagram e lendo seus blogs de fofoca de K-pop favoritos. É assustadoramente impressionante.

Enquanto Leah matraqueia sobre o recente surto de amnésia de Kim Chanwoo em *Oh My Dreams*, minha mente volta para alguns dias atrás, quando eu e Jason fomos escondidos para uma sala de cinema que ele alugou depois do ensaio. (Uma coisa muito boa da cultura coreana é que relacionamentos secretos são bem fáceis de manter — existem salas de cinema privativas, salas de karaokê privativas, até salas de jantar privativas em muitos restaurantes.)

Podíamos escolher o filme. Ele sugeriu *Invasão zumbi*, mas eu nunca fui muito fã de terror e o convenci a assistir a *Digam o que quiserem*. O filme saiu muito antes de eu nascer, mas era o favorito de eomma e a gente sempre via junta em Nova York. Já vi umas trinta vezes, pelo menos. Trinta e uma, agora, com Jason. E continuo amando John Cusack com o aparelho de som em frente à janela da Ione Skye.

— Quer que eu faça uma serenata assim para você? — perguntou Jason, me abraçando no sofá e se abaixando para beijar a ponta do meu nariz.

— Claro — respondi, sem hesitar, totalmente séria. — Mas você acha que conseguiria? Quer dizer, teria que segurar um aparelho de som e ficar parado. Não é fácil. Muito mais complicado que as coreografias de K-pop.

Ele me olhou, também fingindo seriedade.

— Está duvidando da minha capacidade de fazer uma serenata? Você sabe como destruir um cara, Rachel Kim. Vem, vamos. Vou fazer uma serenata para você na rua agora mesmo.

Eu explodi em uma gargalhada, achando que ele estava brincando, mas Jason já estava de pé, me puxando para a porta.

— Jason, para! — quase gritei. — Não podemos sair juntos! Por que você acha que eu insisti para a gente se encontrar aqui? Você sabe como a DB leva a sério a regra de não namorar!

Jason riu, como se não fosse nada.

— Essas regras não são de verdade. Eles só falam isso para nos assustar e nos manter na linha. Pode confiar. — Ele apertou meus ombros. — Vamos ficar bem.

Ergui a sobrancelha, cética. Parte de mim queria acreditar nele e ignorar o aviso de Kang Jina, mas tinha seis anos de treinamento de mídia, ensaios de dança e infinitas horas de agachamentos na parede a meu favor. Só ficar ali com Jason já era arriscado o suficiente. Eu não podia correr mais riscos.

— Jason, não sei em que mundo você vive, mas acho mesmo que a DB…

— Rachel — Jason me interrompeu com um sorriso que fez meu estômago parecer que ia sair voando. — Eu não quero ir a lugar

nenhum. Por que eu ia querer, quando posso estar aqui? A sós. Com você.

Ele deu um passo na minha direção e me derrubou de volta no sofá de couro, entremeando as mãos no meu cabelo ao se inclinar para me beijar…

— Unnie, alô? Você me ouviu?

— Quê?

Eu desperto de volta para o restaurante de naengmyeon. Leah está me encarando com olhos arregalados. Seu rosto está totalmente pálido, como se ela tivesse visto um fantasma.

— Eu perguntei: você sabia disso? — Ela ergue o celular. — Kang Jina está saindo da Electric Flower!

O sorriso bobo some do meu rosto.

— O quê?

Pego o celular da mão de Leah e rolo a tela pelas matérias. Todas as manchetes são iguais: KANG JINA DIZ ADEUS PARA A ELECTRIC FLOWER. KANG JINA DEIXA A DB ENTERTAINMENT. O QUE VIRÁ A SEGUIR PARA A DIVA KANG JINA?

Leah pega o celular de volta e pigarreia.

— Olha isso, Rachel. — Ela começa a ler uma das matérias. — “Kang Jina tomou a decisão difícil, porém necessária, de não renovar o contrato com o lendário grupo feminino de K-pop Electric Flower ao fim do seu contrato de sete anos, que é o tempo limite de duração para contratos de entretenimento na Coreia. Enquanto as outras cantoras da Electric Flower assinaram novos contratos de três anos, Jina está deixando o K-pop para sempre. ‘O luxo, as roupas, a riqueza’, diz uma fonte anônima próxima de Jina. ‘Estava tudo subindo à sua cabeça, então ela se deu conta de que precisava se afastar antes que perdesse o controle. Ela disse que nem conseguia mais se reconhecer. Estava se tornando um monstro do K-pop.’” Dá para acreditar nisso? — comenta Leah, baixando o celular. — Como a Electric Flower vai ficar sem a Kang Jina?

Balanço a cabeça. Não sei o que dizer. Meu cérebro volta para Jeju, quando a conheci. Ela não parecia uma diva fora de controle. Na verdade, ela pareceu bem tranquila, só uma garota querendo aproveitar uma taça de vinho durante as férias. Mas o que eu sei? Talvez depois daquela garrafa ela tenha comprado mais cinquenta.

Ainda assim, sinto um gosto amargo na boca quando Leah continua a ler sobre Kang Jina e a Electric Flower, e não é por causa do naengmyeon.

* * *

Ei, Menina Lobisomem. Se me lembro bem, era para você estar começando um horário vago agora. Verdadeiro ou falso?

Eu me apoio no meu armário e sorrio, digitando rápido. Jason basicamente decorou meu horário de aulas para conversarmos nos intervalos. É ainda melhor do que ano passado, quando a escola trouxe vários cachorrinhos para nos ajudar a relaxar entre uma prova e outra.

Verdade. Quer falar no FaceTime?

Na verdade eu tinha outra ideia.

Meu celular apita de novo e eu olho, esperando a resposta dele, mas na verdade é uma mensagem de Hyeri.

Pode vir para o jardim das roseiras?

O jardim das roseiras?

Claro, respondo, preocupada com a possibilidade de encontrá-la chorando por causa de Daeho.

Corro pelo lounge ao ar livre da escola e atravesso o campo de futebol, procurando Hyeri quando me aproximo do jardim perto do limite da propriedade da escola. Meu celular apita de novo. É o Jason.

Olha para trás.

Eu me viro e encontro Jason parado sob o arco florido. Assim que nos encaramos, ele ergue o celular na horizontal, segurando-o com as duas mãos como se fosse um aparelho de som.

Um sorriso enorme surge no meu rosto.

— Jason — digo, indo até ele. — O que você está fazendo?

— Uma serenata — responde ele, e aperta o play no celular.

“In Your Eyes” começa a tocar, e então ele é John Cusack e eu sou Ione Skye e este é oficialmente o melhor momento da minha vida.

Ele sorri.

— Eu não sou uma gracinha?

Dou uma risada, com o coração disparado. De repente, porém, ouço o sinal batendo para a próxima aula, e percebo que estamos completamente à vista. Qualquer pessoa pode passar por aqui. Sinto um suor de nervoso escorrer pela minha nuca. Puxo a mão de Jason para que ele se abaixe entre os arbustos.

— Jason! Essa foi uma péssima ideia! E se alguém vir a gente? — sussurro, em pânico, o suor escorrendo pelas minhas costas.

— Não se preocupa! Hyeri está de guarda na porta, dizendo para as pessoas que o jardim está fechado para um evento particular — conta ele, erguendo as sobrancelhas para mim.

Resisto à vontade de rir e reviro os olhos.

— Tá, mas isso não significa que as pessoas não estejam por aí. Ou que não possam nos ver das janelas dos prédios. Vem — digo, puxando-o. — Vem comigo.

Levo Jason para a escola, olhando para os dois lados na esquina de todos os corredores. A barra está limpa, e corro com ele para a sala de música, que está sempre vazia a essa hora.

É só quando a porta e as cortinas para o exterior estão fechadas que me deixo ser abraçada por ele, apoiando o rosto no seu peito e quase derretendo. Isso é muito melhor que FaceTime.

— Não acredito que você está aqui.

— Bom, eu não fiz o ensino médio. — Ele sorri e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, então vê um violão no canto da sala. — Perfeito. Agora eu posso fazer uma serenata de verdade — diz, e então pega o instrumento, colocando a alça no ombro. — Pode fazer o seu pedido para o Jukebox do Jason. O que você quer ouvir?

Balanço a cabeça e dou uma risadinha.

— Hum, que tal aquela música ótima, “Love Letters Start With U” — brinco, citando a clássica estreia da NEXT BOYZ.

Sento no banco do piano e cruzo as pernas, esperando enquanto ele afina o violão.

Ele dedilha as cordas e começa a cantar.

— *Let me write a letter, baby, and seal it with a kiss. It starts with U and ends with U ’cause you’re the one I miss, oooooh.*

Jason está fazendo graça, exagerando nas expressões faciais enquanto canta, mas sua voz mesmo assim é incrível, em especial

com o violão. Eu tinha quase esquecido que ele tocava. Antigamente, nos covers do YouTube, Jason sempre cantava com acompanhamento instrumental, mas agora ele só canta e dança na NEXT BOYZ, sem violão. É incrível como ele toca com facilidade, dedilhando como se nem precisasse pensar.

— Próxima música no Jukebox do Jason! — peço. — Alguma coisa clássica bem fofa.

Ele engata na outra música na sequência.

— *I'll be your dream, I'll be your wish, I'll be your fantasy, I'll be your hope, I'll be your love, be everything that you need.*

Caio na risada. É claro. Nada mais clássico que Savage Garden, certo?

— Não sei se você vai conseguir superar isso — digo, rindo.

Seus olhos brilham.

— Ah, é? E essa?

Ele diminui o ritmo, tocando uma melodia que nunca ouvi antes, mas que me conquista na hora.

— *I'm back and forth, the push and pull, I'm falling fast and floating free. I'm a glass half-empty or half-full, caught in between two galaxies. Am I a sandcastle king or a lost boy from the sea? I'm none and everything, a me that's only me. I am the shore.*

A música é calma e forte, a letra mais indie do que tudo que ele tocou até agora: "Estou indo e vindo, empurra e puxa, flutuando em queda livre. Sou um copo meio cheio ou meio vazio, preso entre duas galáxias. Sou o rei de um castelo de areia ou um menino perdido no mar? Sou nada e tudo, alguém que sou só eu. Eu sou a praia."

Ele deixa a última nota se alongar e eu solto um grande suspiro. Sinto como se estivesse saindo de um transe.

— É muito bonita. De quem é?

Jason dá um sorriso tímido, colocando o violão de volta no apoio.

— Na verdade, fui eu que escrevi. Ta-dá! É autoral de Jason Lee.

Fico de queixo caído.

— Eu não sabia que você compunha. — Assim que digo isso, eu me lembro da reação de Jason quando brinquei com ele em Kwangtaek sobre como estrelas de K-pop não podem escrever suas próprias músicas. — Como eu não sabia disso?

— Músicas assim não são muito o estilo da DB. — Ele dá de ombros como se não se importasse, mas seu sorriso triste revela como ele se sente de verdade. — Para ser sincero, é esse tipo de música que eu gostaria de cantar. Coisas que têm significado para mim, que reflitam meus sentimentos da vida real. Essa música é sobre como eu me sinto dividido entre essas duas identidades. — Ele para e olha para mim. — Não é que eu não dê valor à NEXT BOYZ ou à DB ou a tudo que fizeram por mim. Só não é a mesma coisa, sabe?

— Jason, você não precisa explicar…

Mas, antes que eu consiga terminar, a porta se abre com um estrondo. Jason e eu damos um pulo quando as gêmeas Cho entram na sala, as duas ofegantes com os celulares na mão.

— Viu, falei que ela estaria aqui — diz Hyeri, triunfante, tentando recuperar o fôlego.

— Como vocês me encontraram? — pergunto, chocada com a intromissão.

— Bom, vocês não estavam no jardim, então achamos que estariam aqui, considerando que são cantores de K-pop. — Hyeri sorri. — De nada, aliás. — Ela faz uma reverência de leve. — Jason, minhas habilidades de subterfúgio estão sempre ao seu dispor.

Jason sorri de volta.

— Tá bom, chega, isso não importa agora — diz Juhyun, empurrando a irmã. Ela me passa o celular, o rosto brilhando de animação. — A DB postou o vídeo de “Summer Heat” faz uma hora, e já tem mais de vinte milhões de visualizações. Todo mundo adorou a música.

Puta merda.

Eu não tinha ideia de que o MV ia sair hoje, e julgando pela expressão de Jason, nem ele. A gente se aperta para assistir ao vídeo no celular de Juhyun. Jason, com o blusão cinza. Mina, com o vestido cor-de-rosa. E eu.

Eu! Em HD!

— Aquele elástico ficou ótimo no seu cabelo — comenta Hyeri. — De nada, mais uma vez!

Enquanto assistimos ao vídeo, os números não param de subir. Não consigo acreditar. Isso é real?

— Já está no Top 100 — anuncia Juhyun.

— Não — respondo baixinho, sem acreditar.

— Sim! — confirma ela.

Estou paralisada. Ao meu redor, as gêmeas começam a dançar e cantar, comemorando. Jason me abraça e me gira no ar.

As pessoas amam o vídeo. Amam a gente. *Me* amam. Me esforcei tanto por seis anos e finalmente, *finalmente*, está dando frutos. Quando Jason me coloca no chão de novo, meu rosto está dominado por um sorriso incontrolável.

— Precisamos comemorar! — exclama ele, segurando meus ombros e me olhando nos olhos. — Nós dois. Um encontro de verdade.

As gêmeas param de dançar e nos observam como se estivessem vendo um K-drama.

Eu hesito, a felicidade que sentia estoura como uma bolha de sabão. É claro que quero comemorar com Jason, mas… como? Simplesmente não é possível. Balanço a cabeça devagar.

— Jason, a gente já conversou sobre isso. Não podemos. Se sairmos em público juntos, as pessoas vão nos reconhecer. Principalmente agora. — Eu indico o celular de Juhyun.

— Certo — diz Jason, cedendo diante do meu olhar cético. — Então o que você está dizendo é que a gente poderia ter um encontro desde que as pessoas não nos reconhecessem?

— Jason — reclamo com um suspiro exasperado —, você é tipo a pessoa mais famosa da Coreia. Como acha que não vão nos reconhecer?

Ele sorri para Juhyun, que abre um sorriso imenso, entendendo tudo. Ela agarra meus ombros e me faz sentar em uma cadeira, procurando algo na bolsa.

— Podem deixar comigo — diz ela, com um sorriso malévolo. — Nem vocês vão se reconhecer quando eu terminar.

Dezesseis

Nossa primeira parada no Lotte World é uma barraca que vende balões, varinhas de bolhas de sabão e martelos infláveis que fazem barulho quando você bate na cabeça de alguém. Não que eu reconheceria a cabeça de Jason, porque Juhyun certamente cumpriu o prometido. Dou uma olhada no rosto dele, coberto de maquiagem pesada (base teatral branca com grandes bolas pretas e vermelhas), enquanto Jason compra dois martelos da vendedora da barraca, que não desconfia de nada.

— Bum — diz ele. — Disfarçado e armado. Pronta para se divertir agora?

Sorrio, encoberta pela minha maquiagem: vários raios coloridos indo do queixo à testa, além de estrelas metálicas cheias de glitter.

— Pronta.

Sinto o cheiro do algodão-doce, vejo as luzes brilhantes do Carrossel Camelot, ouço a música alta saindo dos alto-falantes e dou um sorriso. Não venho para o Lotte World desde que era criança e visitava a Coreia nas férias. Eu e Leah achávamos que esse era o melhor lugar do mundo. A gente andava de montanha-russa o dia todo, indo e voltando do parque de diversão coberto para a área externa da Magic Island.

Seguro a mão de Jason, achando incrível estar com ele em público como um casal normal. Aos poucos começo a relaxar, apoiando o corpo no dele enquanto seguimos pelos caminhos de pedra para a minha montanha-russa favorita, a Atlantis.

— Ei — diz Jason quando estamos na fila. — Está ouvindo isso?

Presto atenção e reconheço “Summer Heat” tocando nos alto-falantes do parque. Abro um sorriso e me viro para ele, sem saber o que dizer.

— Rachel?

Dou risada, percebendo que estava encarando Jason de boca aberta.

— Sim. É. Estou bem… Estou ótima! É tão surreal.

Ele dá risada, cantando junto baixinho. De repente aperta meu ombro.

— Sabe o que seria maneiro?

— Não. O quê?

— Você vai ver.

Ele vira para um grupo de meninas paradas atrás da gente na fila.

— Ei, o que vocês acham dessa música? Muito boa, né?

Rio ainda mais, batendo no braço dele.

As meninas parecem da nossa idade, todas com arcos fofos do Lotte World com laços gigantes de bolinha, tipo Minnie Mouse.

— Total! Eu estou obcecada — diz a Laço Roxo. — Já decorei a letra inteira.

— Você viu o MV, né? — A Laço Vermelho finge desmaiar, colocando o dorso da mão na testa. — Jason está gato demais.

A Laço Rosa abre o vídeo no celular e dá zoom no rosto dele.

— Sério, quero casar com ele. Como alguém pode ser tão fofo e talentoso ao mesmo tempo?

— Imagina ouvir essa voz te desejando boa-noite todos os dias? — comenta Laço Roxo.

As três dão risadinhas. Elas parecem ter esquecido totalmente que eu e Jason estamos ali, conversando entre si com o MV tocando.

— Ele é solteiro, né?

— De que tipo de garota você acha que ele deve gostar?

— Linda, é claro, provavelmente supertalentosa e madura.

Jason ri, sem esquentar com nada disso. Também forço uma risada, mas estou começando a ficar incomodada. Essa conversa tomou um rumo desconfortável.

— Bem diferente dessas duas que estão cantando com ele. Dá para acreditar? — diz Laço Rosa, com uma careta.

— Né? Umas putas. — Laço Vermelho revira os olhos. — Olha essas roupas. Dá para ver tudo. É nojento. Elas não sabem que crianças veem isso?

O quê? Sinto minhas bochechas queimarem por baixo da maquiagem. As roupas nem são decotadas! Sem contar que nem somos nós que escolhemos. Mesmo que fôssemos, elas não são ninguém para julgar.

— Essa aqui nem tem corpo para usar esse vestido — comenta Laço Roxo, apontando para Mina. — Alô? Por favor, esconde essas pernas de daikon, ninguém quer ver isso.

— E a menina cantando o refrão com o Jason — diz Laço Rosa quando meu rosto aparece na tela, dando uma risadinha. — Ela parece totalmente desesperada. Deve estar tentando seduzir o Jason nos bastidores. Olha só como ela olha para ele! Não dá para ser mais óbvia.

— Elas têm sorte de estarem tão perto do Jason — conclui Laço Vermelho, balançando a cabeça. — Mas, sinceramente, a DB deveria ter escolhido outras pessoas. Essas meninas nem são bonitas o suficiente para compensar a falta de talento.

Chega.

— Acho que não quero mais ir na montanha-russa — digo, lágrimas ameaçando escorrer e estragar a maquiagem.

As meninas estão tão absortas na conversa que nem percebem quando saio correndo da fila, com Jason atrás.

— Ei, ei, ei — chama ele.

Estou andando tão rápido que Jason tem que dar uma corridinha para me alcançar. Ele segura meu cotovelo.

— Está tudo bem? — pergunta ele.

Sério mesmo?

— Você ainda precisa perguntar? Não ouviu o que aquelas meninas estavam falando?

Jason balança a cabeça, compreensivo.

— Pois é, é difícil ouvir as opiniões das pessoas sobre sua performance. Não fica mais fácil com o tempo. — Ele me abraça e me leva para as barracas de comida. — Mas eu sei como te animar: pipoca doce!

Quê? Eu pisco, surpresa por ele ter superado o que as meninas disseram tão rápido. Será que ele não entende? Não tem a ver com opiniões, tem a ver com o quanto elas estavam sendo machistas e cruéis, elogiando o Jason e xingando Mina e eu. Abro a boca para

discutir, mas logo fecho quando percebo o quanto ele está se esforçando para me animar, falando empolgado enquanto pede o maior balde de pipoca doce do cardápio. Até então estava sendo um dia perfeito, e não quero estragá-lo. Afinal, é nosso primeiro encontro oficial.

Então engulo minhas palavras e pego a pipoca.

* * *

— Preciso te apresentar para a outra mulher da minha vida.

— Desculpa, o quê?

Algumas horas mais tarde, depois de anoitecer, estou caminhando com Jason por um bairro calmo ao qual nunca vim — e onde ele jura que ninguém vai nos reconhecer mesmo depois de lavarmos o rosto. Ele me leva para um pojangmacha cuja dona, uma ahjumma com um avental e uma rede de cabelo vermelhos, serve odeng, tteokbokki, mini kimbap e soju. O ar dentro do quiosque coberto por uma lona vermelha está tomado pelo cheiro aconchegante da cozinha coreana tradicional, e meu estômago ronca quando respiro fundo.

— Ah, meu cliente favorito! — exclama a ahjumma, bastante animada, se aproximando para apertar com força as bochechas de Jason. — Você não vem me ver faz semanas! Está magro demais.

— Annyeonghaseyo — responde ele, fazendo uma reverência. Jason para e encara o rosto da mulher, incrédulo. — Imo, eu juro, você está cada dia mais nova. Qual o seu segredo? Se continuar assim, sua barraca logo vai estar cheia de rapazes bonitões chamando você para sair.

Ela ri, nos levando para um par de banquinhos de plástico e entregando um prato de tteokbokki e espetinhos fumegantes de odeng.

— Ah, seu danado. Vai, pode começar a comer com a sua namoradinha.

Jason pisca para mim, depois se volta para ela.

— Namorada? Você acha que ela é minha namorada? Ah, Imo, assim você parte meu coração! Você sabe que eu só tenho olhos

para você.

Ela revira os olhos.

— Aigoo, bobinho. Eu sei o que você quer.

Ela pega um prato de kimbap de atum — o rolinho quase explodindo com o recheio de atum enlatado com molho, folhas de perilla, pedaços de kani, rabanetes amarelos, cenouras, ovos, espinafre e raiz de bardana — e serve na nossa mesa com cerimônia.

— Agora, comam, vocês dois. — Ela abre um sorriso carinhoso para Jason antes de voltar ao seu lugar atrás do balcão improvisado.

Dou uma mordida generosa no odeng, o recheio de peixe me aquecendo da cabeça aos pés. Jason abre um sorriso.

— O que acha? Muito bom, né? Prova o kimbap depois. É o melhor de Seul.

Eu sorrio e concordo com a cabeça. Mas, mesmo com o calor do odeng, ainda não consigo esquecer o que aconteceu no Lotte World. O problema não foi só o que as meninas disseram. Foi como Jason reagiu. Ou melhor, como não reagiu. Balanço a cabeça e dou outra mordida no odeng. *Esquece, Rachel. Só aproveite o dia. Não torne isso maior do que é.*

— Ahjumma! — grita alguém na mesa ao nosso lado. — Outra garrafa de soju!

Eu e Jason damos uma olhada na direção da voz. Três moças estão sentadas à mesa, comendo pratos cheios de dalkbal e gyeran mari, mas uma delas está claramente bêbada, virando soju direto da garrafa, as unhas pintadas com um padrão delicado de espirais e conchas, segurando o vidro verde com força.

Congelo. Onde foi que vi essas unhas antes?

Dezessete

Eu me lembro de quando levei Leah para a sorveteria perto do nosso apartamento, logo antes de nos mudarmos para Seul. Era inverno, e eomma achava que a gente ia à biblioteca do outro lado da rua, mas Leah tinha implorado por “um último sorvete, como lembrança de Nova York”, e eu cedi, como sempre. Só tínhamos alguns minutos antes que eomma desse falta da gente, mas Leah pediu a maior casquinha disponível, engoliu tudo de uma vez e ficou com a cara toda suja de sorvete de morango.

Essa é a imagem que me vem à mente enquanto observo Kang Jina enfiar um pedaço de dalkbal na boca, molho de pimenta pingando pelo queixo. Ela está mastigando com tanta raiva que quase consigo sentir a crocância dos pés de galinha desossados grelhados — mais deliciosos que qualquer asinha de Nova York — entre os dentes. Ela toma um gole de soju para ajudar a comida a descer, limpando a boca com as costas da mão. As duas amigas na mesa tentam convencê-la a diminuir o ritmo, mas ela ignora. Não consigo acreditar, mas é mesmo ela.

— Aquela é…? — Jason não termina a pergunta, tão chocado quanto eu.

Naquele momento, Jina vira o rosto e olha diretamente para mim. Na verdade, é mais como se olhasse através de mim — seus olhos pesados de soju parecem ter dificuldade de focar nas coisas ao redor. Uma das amigas tenta tirar a garrafa de bebida das mãos dela, mas Jina grita:

— É minha! Você não vai arrancar de mim.

Seus olhos estão ferozes, olhando em volta da barraca, até que encontram Jason. Ela se levanta da mesa, a garrafa escorregando de seus dedos com um estrondo, seu olhar fixo em mim enquanto avança em nossa direção como um tigre bêbado.

— Você — diz ela, apontando para mim, a voz arrastada. — Eu te conheço. Rachel Kim. Parece que você está num encontro. Eu não te avisei dos perigos de namorar?

Com isso, ela ergue o polegar, apontando para Jason. Ele arregala os olhos, confuso, sem saber se olha para mim ou para Jina. Não tenho ideia de como responder, então faço a primeira coisa que me vem na cabeça. Puxo uma cadeira.

— Por favor, sente-se — digo. — Como você está? Você está… bem?

Jina solta uma risada raivosa.

— Ah, por favor. Não vem com essa peninha de merda. Eu sei que você sabe que eu fui expulsa da DB. A porra do mundo inteiro sabe. Ou não, foi mal. — Ela se joga na cadeira, cruzando as pernas, perdendo o equilíbrio e quase caindo. Quando se recupera, abre um largo sorriso. — Eu "decidi não renovar o contrato". — Ela faz aspas com os dedos. — Essa é a história que estão contando para todo mundo, não é?

Minha testa se franze.

— Como assim, "é a história que estão contando"?

— Por favor, Rachel — insiste Jina, o sorriso desaparecendo. — Você, mais que todo mundo, deveria saber como o mundo do K-pop é falso. A DB controla todos os aspectos da nossa existência, e de repente sou eu que não consigo lidar com esse estilo de vida? Tudo que eu já vesti, falei ou fiz foram eles que mandaram! Toda essa merda… — Ela ergue as mãos com unhas perfeitas, a voz ficando mais alta. — As roupas caras, a maquiagem, os produtos de beleza, tudo isso é para a DB poder nos transformar em quem *eles* querem, em bonecas perfeitas para o público consumir. E estão dizendo que *eu* é que sou a diva?

Ela puxa a cadeira mais para perto de mim, se aproximando tanto que sinto o cheiro de soju no seu hálito.

— Escuta, Rachel. Saiba no que você está se metendo. Quando assinar o contrato, vai perder dez anos da sua vida…

— Espera, eu achei que os contratos de K-pop só durassem sete anos... Não é a lei?

Jina arregala os olhos, a boca se abrindo em uma risada maníaca.

— Ah, que ingênua. Você acha que a DB não tem como burlar as leis que quiser? Em algum lugar, em um banco da Suíça, em algum cofre, estão as extensões de contrato de três anos que a DB forçou todo mundo da Electric Flower a assinar no dia em que assinamos os contratos originais. Com a data adiantada, é claro, não tem por que desconfiar. — Seus olhos se concentram em mim, numa expressão quase de pena, misturada à raiva, potencializada pelo álcool. — Ninguém nunca te contou? Esse glamour? Essa fama? É tudo uma ilusão criada pela empresa. Pelos executivos. E aí eles tiram tudo de você, te colocam como uma diva irresponsável e exigente, assim nenhuma outra empresa de entretenimento vai querer chegar nem perto. — Ela ri, mas o que sai é um soluço. — Eles vão te destruir e fazer parecer que foi você a porra da idiota que cavou a própria cova. Olha para mim. Minha carreira acabou.

— Mas por quê? — pergunto. Minha mente está girando, tentando compreender o que ela diz. — Por que eles fariam isso com você?

— O que foi que eu te disse, Rachel? — Jina então assassina nosso tteokbokki com um palito de dentes, me encarando. — *É perigoso ter um namorado quando se é uma estrela de K-pop*.

Sinto um nó no estômago.

— E o cara que estava com você em Jeju? Song Gyumin?

Ela balança a cabeça, a voz baixa de repente.

— O grande Song Gyumin. Quando os sete anos dele acabaram, ele renegociou um contrato melhor. Mais dinheiro. Achou que seria assim comigo também. Disse que ia me levar para umas “férias secretas” para conversarmos. Muito secretas, né? Na porra da capital da lua de mel? E agora… Bem, o segredo não é mais segredo. A DB me deu um chute, e ele também.

Ela respira fundo, trêmula, e eu tento processar o que ouvi.

— Quer dizer… Espera. Quer dizer que ele terminou com você?

Jina cobre o rosto com as mãos. Então, de repente, solta um grito e bate o punho no prato, fazendo molho de tteokbokki voar para todo lado, inclusive no meu rosto.

— É claro que ele terminou comigo! É assim que todas essas histórias terminam. A gente arruma um namorado, deixa eles estragarem a nossa vida, e eles seguem em frente, sem uma

mancha no currículo, sem uma culpa no cartório. Você acha que a empresa dele se importa se ele tiver uma namorada? Claro que não. A regra é bem diferente para eles e para nós. A DB sempre fala que somos uma família, mas eles não se importam. Eles não se importam comigo, ou com você. Eles não se importam com ninguém. Só se importam em nos transformar em máquinas de K-pop perfeitas que obedecem cegamente e ganham dinheiro para eles. Bom, a DB pode ir tomar no cu. Sr. Noh, sr. Choo, todos eles. Foda-se! Eu sei de segredos que deixariam o mundo do K-pop no chão!

As amigas de Jina aparecem ao lado dela, cada uma segurando um braço, e a tiram da cadeira.

— Jina, querida, hora de ir — diz uma delas.

Enquanto as amigas a tiram da pojangmacha, Jina me encara e grita:

— Cuidado com o sr. Choo, Rachel. Não se misture com ele ou com a preciosa filhinha dele mais do que já se misturou. Ouviu?

Ela desaparece da barraca, os gritos sumindo na noite. Só neste momento percebo que estou tremendo. O que ela quis dizer com segredos que deixariam o mundo do K-pop no chão? E por que ela vive falando do sr. Choo? Quero esquecer isso, assim como o resto desse encontro péssimo, mas a expressão no rosto de Jina, o som de seus gritos… está tudo permanentemente gravado no meu cérebro. De repente sinto uma dor no corpo inteiro, o kimbap e tteokbokki pesando uma tonelada no estômago.

Olho para Jason do outro lado da mesa, limpando o molho do tteokbokki.

— Pobre Jina — começa ele, balançando a cabeça. — É horrível o que ela está passando. Obviamente está nervosa.

Algo no tom de voz dele me faz encará-lo, tensa.

— Bom, é claro. Você ouviu tudo que ela disse, não? Como ela poderia não estar nervosa?

Ele assente.

— Eu ouvi. Mas, sei lá. Toda história tem dois lados. É verdade que a DB não paga bem, mas é como a Jina falou, eles também compram todas as nossas roupas e alugam os apartamentos. Não é

difícil pagar as contas se você for responsável. — Jason dá de ombros. — Quer dizer, eu sempre fui bem tratado por eles.

— Porque você é Jason Lee — explodo, a frustração aumentando no meu peito quando penso no que Jina falou sobre Gyumin. — É claro que eles te tratam bem! A pior coisa que você já fez foi copiar o laranja customizado do cabelo do Romeo!

— O quê? — Jason olha para mim, perplexo.

Eu suspiro. Esse não é o momento para falar sobre os boatos que correm pela DB.

— Não importa. Mas não me diga que você nunca notou como essa indústria trata homens e mulheres de forma diferente.

Ele franze a testa e eu também, a dúvida de antes voltando com toda a força.

— Você *notou*, né? — pergunto, me lembrando daquele ensaio de semanas atrás, quando Jason entrou atrasado com um saco de batatas fritas, sorrindo casualmente para os executivos.

— Para ser sincero, não. — Ele franze ainda mais a testa. — No fundo, a DB é um negócio. Eles não se beneficiariam em nada se tratassem homens e mulheres de forma diferente.

Sinto um nó na garganta. Ele está falando sério?

— E as garotas no parque? Você mesmo ouviu o tanto que elas te elogiaram e as coisas que falaram sobre mim e Mina.

— Rachel, aquela era só a opinião de algumas pessoas. Todo mundo tem que lidar com isso, até eu. Não significa que a indústria inteira é machista ou preconceituosa ou sei lá o quê.

Eu respiro fundo.

Uau. Minha nossa. Ele está *mesmo* falando sério. Dou uma risada, sem acreditar, passando as mãos no rosto e balançando a cabeça.

— Para alguém que vive no mundo do K-pop, é incrível como você enxerga tão pouco dele.

Ele parece ainda mais frustrado.

— O que você quer dizer com isso?

A abertura da barraca se abre e eu me viro para o casal que acabou de entrar no pojangmacha. Eles estão olhando para mim e Jason com expressões curiosas. Sinto o pânico subir pela minha garganta como bile. Será que nos reconheceram?

Uma sensação de agonia se espalha pelo meu corpo, e percebo que está aumentando desde aquele dia em que fui comer naengmyeon com a minha família. Desde que Leah me contou que Jina não tinha renovado o contrato com a Electric Flower.

Eu estava errada.

Mas Jina também estava. Ela me disse que estar com Jason não seria só difícil, seria perigoso. E é verdade. Mas também é injusto. Eu dei minha vida para a DB, e, no fim, essa decisão — essa decisão que *nós dois* tomamos — vai me destruir. Só a mim. No fim das contas, eu que serei forçada a deixar para trás tudo que me esforcei para conseguir — os fãs, a música, a mágica. Pela primeira vez em muito tempo, sinto os diferentes fios da minha vida se entrelaçando com total clareza. E todos eles apontam para uma conclusão óbvia: eu quero estar com Jason, mas *preciso* da minha estreia. E estar com Jason pode custar minha carreira antes mesmo que ela comece.

A pressão no meu peito aumenta, e tenho dificuldade para respirar.

— Não acredito que deixei as coisas irem tão longe entre nós. Isso vai me destruir.

A expressão de Jason se suaviza. Ele estica os braços por cima da mesa e segura minhas mãos.

— Ei, não diz isso. Não importa o que aconteceu com Kang Jina e o namorado dela. Nós somos diferentes. Vamos dizer para o sr. Noh que temos sentimentos fortes um pelo outro e ele vai entender. Na verdade, ele provavelmente vai ficar feliz.

— Feliz?! — repito, tirando minhas mãos das dele. — Acorda, Jason. Eles podem deixar as regras para lá por você e por Song Gyumin, mas não por mim. Mais um deslize e estou fora da DB. Kang Jina era uma das maiores estrelas deles e não só foi expulsa… A DB *acabou* com ela. Sem pensar duas vezes. Imagina o quanto eu sou descartável, uma simples trainee!

— Qual é, Rachel, você sabe que eles não são assim — insiste Jason. — Eles nunca fariam isso com você só porque a gente está namorando.

Eu olho para Jason e percebo que nada que eu disser vai fazê-lo entender que as coisas são diferentes para mim e para ele. Ele

pode ser o “anjinho” da DB, mas eu tive que lutar por cada vitória, e ainda assim sinto que nada está garantido. A DB não teria o menor problema em me cortar do programa no momento em que encontrasse qualquer falha capaz de macular sua reputação perfeita. E um relacionamento com Jason seria uma mancha irreversível.

— Acabou, Jason — digo, ficando de pé. — Não posso mais fazer isso. Trabalhei demais pelos meus sonhos para deixar qualquer coisa ameaçá-los. Até você.

Ele me encara, completamente em choque.

— Não acredito na tempestade em copo d’água que você está fazendo.

Meu coração é destroçado por essas palavras. Eu não sei o que queria que ele dissesse, mas com certeza não era isso. Saio do pojangmacha sem olhar para trás. Ouço Jason me chamando, mas o ignoro. Depois que saio na rua, começo a correr. Só paro quando estou no metrô, sem fôlego e de coração partido.

Engulo o nó na garganta e me recuso a chorar. Eu fiz a coisa certa.

Penso em Yujin e em como ela colocou sua carreira em risco para me ajudar a fazer aquele vídeo, como ela me apoia mesmo quando causo problemas. Penso na minha família. Sinto vergonha ao pensar que quase os decepcionei de novo. Que quase joguei fora tudo pelo que trabalhei nos últimos seis anos.

Eu me deixei levar pelas minhas emoções, mas chega. Só faltam algumas semanas para a DB anunciar a Family Tour, e eu preciso me concentrar. Daqui em diante, não vou pensar em mais nada.

Só em mim, na minha vida de trainee, e em como evitar totalmente Jason Lee.

Dezoito

Meu plano para evitar Jason era simples: dar meia-volta quando ele estivesse no mesmo corredor que eu, não fazer contato visual durante os ensaios e, mais importante, visualizar a cara dele no saco de boxe na academia do appa.

E *funcionou*. Cinco dias depois, já fiz mais horas na academia do que nos últimos seis meses.

— Ai! — reclama appa quando dou um soco forte, o saco afundando na barriga dele. — Cuidado. Seu velho aqui já não é tão resistente quanto antigamente.

— Desculpa, appa — digo, tirando um segundo para limpar o suor do rosto, mas logo em seguida voltando para a posição de luta.

— O que você acha de um intervalo? Estou com medo de você quebrar uma costela.

— Minhas costelas estão ótimas.

— Não é com as suas que estou preocupado. — Appa abre um sorriso e se joga no chão, dando um tapinha no espaço ao seu lado, gemendo de cansaço. — Então… — diz ele quando me sento. — Está pensado no quê?

Solto um suspiro. Tenho pensado em muitas coisas, mas nada que eu queira compartilhar. Com ninguém.

— Em nada, appa. Está tudo bem.

Ele estreita os olhos, observando meu rosto cansado e o sorriso forçado nos meus lábios. Depois de um momento, porém, parece aceitar minha resposta.

— Tudo bem. Se você diz.

— É verdade. Agora… por que você não me diz o que está havendo com você?

— Na verdade, tenho mesmo algo para contar.

Ele enfia a mão no bolso do moletom e tira um cartão branco amassado, me entregando com um sorriso tímido. Curiosa, eu pego,

desdobrando devagar. Quando leio as palavras, meus olhos se iluminam.

— Appa! É o convite para a sua formatura da faculdade! É semana que vem!

— É. E eu gostaria que você fosse.

Eu concordo com a cabeça, lágrimas se formando nos cantos dos olhos quando appa estica os braços e me puxa para o seu peito.

— Vamos ficar bem, Rachel. Vai ficar tudo bem.

Por um momento, eu me permito acreditar.

* * *

Uma semana depois, sorrio enquanto appa atravessa o palco na sua formatura, sorrindo ao aceitar o diploma de Direito. Ele acena para mim e eu aceno de volta — infelizmente, ele não pode me ver. Só está acenando para a câmera que filma a cerimônia, e eu estou assistindo a tudo pelo Wi-Fi a bordo. Porque — *surpresa!* — no dia seguinte ao convite do appa para a formatura, a DB anunciou que mandaria a gente para uma turnê promocional de “Summer Heat” em Toronto.

Isso mesmo. Eu, Jason e Mina. Juntos. Por cinco dias.

A ideia de passar tanto tempo com Jason deixou meu coração apertado, mas não havia como dizer não para a DB e ainda ter alguma chance de estrear.

Então aqui estou.

Mina insistiu em usar o jatinho do pai, que é ainda mais luxuoso do que o que Leah e eu pegamos para Tóquio. Estamos todos em sofás de veludo, e cada um tem o próprio par de chinelos acolchoados com suas iniciais, além de máscaras de dormir de seda e fones de ouvido sem fio.

Mina está no estúdio de ioga na parte de trás do avião, tendo uma aula com seu instrutor pessoal, enquanto o sr. Han, nos acompanhando na viagem, está sentado no bar de vinhos, com uma taça de merlot na mão e os fones no ouvido, digitando no iPad. Já eu estou encolhida no meu lugar, com uma pilha de dever de casa extra na mesa (foi só isso, além do fato de estarmos de férias da

escola por duas semanas no momento, que fez eomma concordar em me deixar vir nessa viagem). Normalmente, eu tiro as tarefas de literatura de letra, mas desta vez estou tendo um pouco mais de dificuldade…

— Você não podia mesmo deixar o Shakespeare em casa? — pergunta Jason, se jogando no sofá ao meu lado, enfiando uma colherada imensa de mousse de chocolate na boca.

Ele claramente não adotou a mesma tática de "me evitar a todo custo" depois daquela noite desastrosa no pojangmacha. Na verdade, parece que ele tem se esforçado ainda mais para estar por perto. Infelizmente, o garoto fofo e sensível que encenou *Digam o que quiserem* para mim sumiu, e estou presa com o cara metido e sarcástico que conheci do lado de fora da casa dos trainees meses atrás.

Eu tento ignorá-lo, me concentrando no grande solilóquio de *Macbeth*.

— Acho que você tem mesmo um gosto pelo drama — continua ele. — Se bem que eu sempre achei as peças do cara meio arrastadas. Você entende o que eles estão falando? Ou só finge entender e aí procura tudo na internet depois?

— Você pode, por favor, me deixar ler? — reclamo, perdendo a calma.

Ele se demora lambendo o chocolate da colher, depois larga o talher no pote com estardalhaço.

— Ah, perdão. — Ergue as sobrancelhas, fingindo surpresa. — Estava tentando se concentrar?

Eu controlo a vontade de jogar o livro na cabeça dele.

De repente, Jason olha para mim com uma expressão triste.

— Rachel, eu sinto mui…

Mas meu celular apita com uma mensagem no Kakao, e ele se afasta. Eu pego o aparelho, feliz por ter outra desculpa para ignorar Jason. Vejo que appa me mandou uma selfie com o diploma, um sorrisão no rosto.

Seu velho finalmente se formou!

Meu coração fica apertado, e eu logo respondo.

Estou tão orgulhosa!

Eu suspiro e me reclino no assento, desejando poder estar lá com ele. Por fim resolvo mandar todos os emoji de coração que

existem. Ele merece. Se esforçou tanto — fazendo aulas noturnas depois de longos dias na academia e mantendo tudo escondido de eomma e Leah, só para não dar falsas esperanças a elas. Eu me pergunto se agora ele vai contar que se formou, ou se vai esperar até arrumar um emprego. Conhecendo appa, provavelmente será a segunda opção.

Instintivamente, penso em mandar uma mensagem para Akari e compartilhar a boa notícia. Mas meus dedos se afastam antes mesmo de digitar a mensagem. Entre os ensaios, a escola e Jason, mal nos falamos em semanas.

Na última vez que a vi, infelizmente foi como conversar com uma estranha.

Foi no fim de semana passado, quando Yujin me chamou no escritório dela. Akari já estava lá, regando as plantas na janela. Naquele momento, tudo que desejei foi me sentar com Akari no sofá de Yujin, comer Pepero, beber vitamina de banana e conversar por horas, como se fôssemos crianças outra vez. Queria contar a ela sobre Tóquio, Jeju, Kang Jina, Jason e até sobre as meninas no Lotte World. Mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Yujin me agarrou.

— Sua música com Jason e Mina fez tanto sucesso que a DB vai mandar vocês para Toronto para promover o single! — anunciou Yujin. — Você é internacional!

— Nossa, que ótima notícia — disse Akari, com um sorriso que não refletiu alegria em seus olhos. — Você deve estar tão animada.

— Animada. Sim. — Forcei uma risada, dando um soco no ar. — Tão animada! Oba!

Eu não podia contar para Yujin como estava me sentindo de verdade de jeito nenhum. Na melhor das hipóteses, ela me falaria para engolir o choro e não deixar Jason atrapalhar minha carreira. Na pior, iria direto até o sr. Noh e me faria ser expulsa do programa. Então eu sorri até minhas bochechas doerem e deixei Yujin fazer um brinde com uma taça de suco de framboesa com gás.

Foi só depois, quando Akari e eu saímos do escritório de Yujin, que deixei o sorriso desaparecer do rosto. Eu me virei para ela, mordendo o lábio.

— Akari, olha, eu tenho que te contar uma coisa.

Ela hesitou do lado de fora.

— Preciso voltar para o treino… — disse, olhando para o corredor.

— Por favor? — implorei. — Preciso matar a saudade da minha melhor amiga. Talvez até envolva alguma comida de graça para você.

Ela se virou para mim com um sorrisinho divertido.

— Não sou eu que não consigo recusar comida de graça, boba.

Juntei as mãos sob o queixo e fiz uma expressão de coitadinha.

— Tá bom, tá bom. — Akari riu. — Dez minutos. Sabe, eu também queria falar com você sobre uma coisa…

— Rachel Kim! — Uma voz explodiu no corredor, e nós duas nos viramos para Grace, que vinha marchando. — Melhor você estar preparada para perder mais alguns centímetros nessas coxas! Camarim! Agora! E aproveita para fazer uns polichinelos no caminho.

Eu virei para Akari.

— Desculpa. Acho que… tenho que ir — falei, a voz cheia de culpa.

— Sim — respondeu ela, mas sua voz estava vazia, sem emoção. — Claro. Todas temos coisas importantes para fazer.

— Te mando uma mensagem de noite? — perguntei, hesitante, mas ela já estava se afastando e não pareceu me ouvir.

Não nos falamos desde então.

Rolo a tela do celular, vendo as mensagens que mandei há dias, ainda sem resposta. Lágrimas surgem inesperadamente nos meus olhos. Desde o dia em que Akari chegou à DB, somos melhores amigas. Sempre tivemos uma vida agitada, mas encontrávamos tempo para bater papo entre um treinamento e outro, e à noite sempre conversávamos por mensagem. Sei que estive mais ocupada que o normal recentemente, mas se alguém deveria entender, é Akari. A vida de trainee é assim e ponto final. Mas desde que essa história da música com Jason começou, é como se houvesse um muro entre nós, e eu não sei por quê.

Meu celular apita de novo e olho para a tela.

Também te amo, filha.

— Tudo bem? — Jason está me olhando com uma expressão suave. Ele parece ter notado a mudança no meu humor. Por um segundo, penso em mostrar a foto do appa. — Sabe — continua ele, antes que eu pegue o celular —, *Macbeth* não é tão complicado assim. É só a história de um cara inocente que foi enganado por uma menina bonita.

Vejo um indício de mágoa nos seus olhos, mas isso logo é substituído pelo seu sorriso presunçoso de sempre. Então Jason se levanta e vai para o PlayStation do outro lado do avião.

Pisco. O momento passou.

Revirando os olhos, enfio os fones nos ouvidos, aumentando o volume de *Lemonade* e deixando Queen B me acalmar antes que eu enlouqueça.

* * *

Mal pousamos em Toronto e já somos sugados por um furacão de cabelo, maquiagem e mudanças de roupa.

— Tenho uma lista de entrevistas e apresentações para vocês três aqui, e depois vamos para o norte, para um festival de música — explica o sr. Han, olhando nossa agenda. — No final dessa turnê, todo mundo no país vai saber o nome de vocês.

— Tenho certeza de que todo mundo já sabe nossos nomes — diz Jason, com um sorriso confiante. — Agora só não vão conseguir esquecer.

No quarto dia da turnê, estamos em um estúdio bem iluminado, filmando uma entrevista para um talk show matutino local. O entrevistador é um homem de meia-idade que lembra o nosso treinador de mídia da DB. Todo escorregadio e metido, só que com dentes mais brancos e um bronzeado artificial irregular. Eu e Mina estamos sentadas em banquinhos, usando jaquetas de couro e saias camufladas, enquanto Jason está sentado em uma poltrona entre nós, com uma calça camuflada e camiseta preta. Parece que tem câmeras grudadas em nós vinte e quatro horas por dia, mas na verdade nem sempre as percebo. Talvez seja porque toda a minha energia está sendo canalizada para evitar Jason enquanto o sr. Han

nos força a ser praticamente gêmeos siameses, ou talvez seja por causa do tipo de pergunta que os entrevistadores insistem em fazer para mim e para Mina.

— Mina e Rachel — chama o entrevistador com um sorriso amarelo, e tenho que forçar os músculos da face para não fazer uma careta. — Quem demora mais para se arrumar para um show?

Eu resisto à vontade de revirar os olhos, e ao meu lado sinto Mina ficar tensa. Tem sido assim a semana toda. Ontem, durante um programa de rádio, um fã ligou para falar conosco.

— Rachel, seu inglês é tão bom! Você deve ficar muito orgulhosa!

— Bom… Eu sou dos Estados Unidos — respondi, com uma risadinha educada, mas por dentro estava fervendo.

Se eu ganhasse um dólar toda vez que ouvi "seu inglês é tão bom!" nessa turnê, provavelmente já poderia comprar um avião particular.

Pelo menos foi melhor que a repórter de uma revista que não conseguia se controlar perto do Jason. Estávamos na suíte da DB no hotel Four Seasons no nosso primeiro dia em Toronto, e ela estava praticamente babando, perguntando sem parar sobre sua ascensão meteórica e seus desafios criativos. Quando o sr. Han interrompeu e sugeriu que ela fizesse algumas perguntas para Mina e para mim, a mulher mal conseguiu tirar os olhos de Jason por tempo suficiente para nos perguntar se a gente já tinha brigado pela atenção dele.

De volta ao presente, abro a boca para responder à pergunta do apresentador com a resposta pré-aprovada pela DB ("*Nós nos arrumamos juntas, é claro, como melhores amigas fazem!*"), mas Jason coloca a mão na minha perna e abre um meio sorriso para mim.

— Acho que vou responder essa, se você não se importar — diz ele, se virando para o apresentador. — A resposta é… eu! — O entrevistador ri, adorando, com aqueles dentes brancos demais, e Jason continua: — É claro que eu sou a pessoa que dá mais trabalho nesse grupo. Especialmente no que diz respeito à minha rotina de cuidados com a pele.

O apresentador ri de novo enquanto Jason finge passar creme no rosto, mas logo se recompõe e pergunta:

— Jason, como é voltar para sua cidade natal? — Ele assume um ar sério. — Você pensa mais na sua mãe quando está aqui?

Ao meu lado, ouço Jason prender a respiração ao ser pego de surpresa. Raramente jornalistas falam sobre a mãe dele. Eu olho para Jason e meu coração fica apertado na hora. Sua expressão está vulnerável e sincera — é o Jason que tocou sua própria composição para mim, o que segurou minha mão no avião voltando de Tóquio.

Mas ele se recupera em um segundo, pigarreando e abrindo um grande sorriso. Meu coração volta ao normal.

— É ótimo estar em casa — afirma ele, evitando a pergunta como um mestre. — Não existe lugar como Toronto! Queria que a gente pudesse ficar mais tempo aqui. Logo vamos para Nova York, para a segunda parte da turnê. — Ele olha para mim. — É outro lugar especial para a gente porque foi onde a Rachel cresceu.

Eu e Mina nos viramos para ele, ambas tentando disfarçar o choque. Nova York? Ninguém nos avisou que iríamos para Nova York.

— Que incrível! — exclama o apresentador. — Tenho certeza de que os fãs em Nova York estão muito animados para conhecer vocês. Que surpresa maravilhosa para eles!

É uma surpresa, com certeza, e não só para os fãs.

Depois que a entrevista termina, o sr. Han se aproxima.

— Rachel, Mina, vou precisar do passaporte de vocês para resolver algumas questões antes de irmos para os Estados Unidos — informa ele, todo profissional.

Fico paralisada, sem conseguir me mexer.

— Passaporte? — repito devagar. — Mas ninguém falou para a gente que… *ai!* — reclamo quando Mina discretamente pisa no meu pé com seu salto.

— Ah, sim! A música está indo tão bem que decidimos acrescentar mais uma cidade na turnê — explica o sr. Han, esfregando as mãos. — Os fãs estão adorando vocês três. Então depois da apresentação no festival de Brantwood amanhã, vocês vão para Nova York!

Jason sorri, batendo o punho no do sr. Han.

— Estou tão animado. Faz milênios que não vou a Nova York.

O sr. Han sorri também. Quando eu e Mina não reagimos de imediato, ele olha para nós duas ligeiramente irritado. É uma regra subentendida que trainees de K-pop não têm permissão para reclamar de nada. Não só isso, mas é esperado que sejamos gratos por tudo — pelas longas horas de treinamento, pelas punições que recebemos nos corredores, pelas dietas forçadas e especialmente por viagens surpresa para Nova York.

— Vocês não estão animadas? É uma ótima notícia.

Mina abre a boca como se fosse falar alguma coisa, mas logo fecha de novo. Em vez disso, dá um grande sorriso e responde:

— É claro que estou animada! Sempre quis visitar Nova York!

Ela ri e bate palmas.

— Eu sabia que você ia ficar contente! — diz o sr. Han, seu rosto relaxando ao acompanhar a risada dela.

Nova York. Eu deveria estar feliz, como Mina e Jason. Mas neste momento só consigo pensar em tudo que o K-pop já exigiu de mim. Me mudar para um país do outro lado do mundo, perder a formatura do meu pai. Treinar o tempo todo. Sorrir o tempo todo. Mesmo quando você tem que terminar com seu namorado. O único garoto que te compreendia. Que sabia como essa vida é. Cujos sonhos são parecidos com os seus. Sonhei em voltar para casa por anos, mas nesse momento não vejo Nova York como meu lar. Só vejo como mais uma coisa que o K-pop está exigindo de mim. Vá para outra cidade, sem aviso e sem reclamação. Eu deveria estar dando pulinhos de alegria, mas a sensação não é como eu imaginei. Nada é como eu imaginei.

Os três se viram para mim, e logo transformo minha expressão em um sorriso cativante, como se eles fossem meus melhores amigos no mundo, como o restante das pessoas acredita.

— É uma notícia maravilhosa, de verdade — digo. — Um sonho.

Dezenove

— De acordo com o Google, Brantwood é uma pequena cidade turística de classe alta ao norte de Toronto, famosa pelo festival de música Blue Mountain que acontece no verão — recita Leah durante nossa videochamada na manhã seguinte.

Solto um gemido enquanto escovo os dentes. Não consegui dormir ontem à noite, então por volta das cinco da manhã desisti e liguei para Leah, que passou a última hora me contando o que aconteceu nos seus K-dramas e lendo fatos sobre Brantwood para mim.

— Deve levar umas três horas para chegar lá — comenta ela, animada. — Três horas no carro com Jason! Você tem tanta sorte.

— Aham. Demais.

Eu não contei nada do que aconteceu entre mim e Jason, é claro. Até onde ela sabe, somos só melhores amigos que a levam para o Japão às vezes.

Pego o celular e vou até minha mala, escolhendo uma calça de moletom e uma camiseta laranja larga.

— Unnie, meu Deus! — reclama Leah no telefone.

— O quê?

— Essa não é a camiseta que você usa quando a gente fica vendo filmes em casa? Você precisa colocar uma roupa mais fofa!

— O quê? Para com isso! Não tem problema. O sr. Han falou que a gente pode usar qualquer coisa na viagem de carro — retruco, na defensiva. — Além disso, é confortável, e eu passei os últimos quatro dias em minissaias apertadas e sapatos de salto.

— Sei — responde Leah, sem acreditar, erguendo as sobrancelhas.

Ela parece pronta para começar um discurso sobre a importância de manter uma boa aparência, então mudo logo de assunto.

— Ei, você não vai para Everland hoje? Eomma disse que umas meninas do colégio te convidaram.

Leah desvia o olhar.

— Ah, sim… Eu ia, mas… não vou mais.

Franzo a testa.

— Como assim?

— Bom… — começa ela, hesitante. — Todo mundo ia dormir aqui em casa depois. Mas aí elas descobriram que você não estava, e aí… — Ela para de falar. — Mas tudo bem! A gente pode ir quando você voltar?

Sinto um nó na garganta, e tenho que apertar os olhos para segurar as lágrimas antes de conseguir responder.

— Claro! Assim que eu chegar em casa vamos ser eu, você e o T Express.

Isso, é claro, faz Leah começar um monólogo animado sobre todos os seus brinquedos favoritos em Everland, e após alguns minutos ouço eomma chamá-la para fazer o dever de casa. Desligo e desço para o lobby, enfiando na bolsa os dois chocolates que colocaram no travesseiro do hotel, pensando em comê-los no carro mais tarde.

Quando chego no lobby, vejo Jason alguns metros adiante, andando de um lado para outro perto das janelas, falando no celular. Respiro fundo. Eu estava torcendo para ele ainda não estar aqui, mas acho que não fui a única que não conseguiu dormir. Estou prestes a tentar passar por ele sem ser notada quando de repente ouço sua voz, tensa e irritada, o celular grudado na orelha. Eu me escondo atrás de um vaso de planta gigante.

— Mas eu não entendo. A última vez que a gente se viu foi dois anos atrás, e eu mal consegui passar um dia em Toronto. Você nem foi para Seul quando eu ganhei… Não, eu sei que você tinha que trabalhar… Eu *sei*… Mas essa é minha última noite aqui.

Hesito. Não deveria estar ouvindo a conversa dele, mas se eu me mexer agora ele vai perceber. Jason para a centímetros de mim, passando a mão pelo cabelo enquanto fala.

— Como assim você não põe o pé em Brantwood de jeito nenhum? Não era para você ser o adulto aqui? Sabe de uma coisa, nem precisa responder… Aham, saquei. Entendi. Tá. Tchau.

Ele desliga e solta um suspiro frustrado. Não sei com quem estava falando, mas pareceu tenso. Tenso demais para seis e meia da manhã. Uma folha de bananeira enorme cutuca minha cara, e percebo que ainda estou me escondendo. Saio de trás do vaso às pressas, tentando entrar no elevador e voltar para o quarto, mas Jason se vira de repente e quase me dá um encontrão.

Ele arregala os olhos, surpreso.

— Rachel. Oi. Você está aqui há muito tempo?

Engulo em seco.

— Hum… Não muito. Eu só não… consegui dormir.

Jason me encara, desconfiado.

— Sei. — Olho para ele com uma expressão bem inocente, e Jason dá de ombros, relaxando um pouco. — É, nem eu. Também não consegui dormir.

Sua voz está baixa, mas percebo uma tensão que nunca ouvi antes. Ele abre a boca mas fecha de novo, como se quisesse dizer outra coisa. Em vez disso, dá um passo para trás e enfia as mãos no bolso.

Nesse momento Mina aparece no lobby, o cabelo preso em um rabo de cavalo alto e brilhoso. Com um cropped rose-gold metálico e brincos com pedras de âmbar, parece que está prestes a fazer compras em Paris, e não a passar três horas em um carro. Suspiro, olhando para minha calça de moletom. Talvez Leah tivesse razão.

— Ah, ótimo, vocês dois já estão aqui — diz ela. — Estou pronta. E vou precisar comprar o café da manhã no caminho. Esses bufês de hotel me dão vontade de vomitar. — Ela percorre o lobby com o olhar. — Cadê o sr. Han?

— Está na recepção — respondo, apontando para onde ele e outros membros da equipe da DB estão organizando as coisas para a apresentação de hoje.

— Bom, pode avisar que estou pronta — diz, olhando para mim. — Senão vamos acabar tendo que comer ovos mexidos de café da manhã. Sério, é como se as pessoas desse hotel só soubessem fazer ovos de um jeito.

— Tenho uma ideia melhor — retruca Jason. — Vamos alugar um carro e dirigir até lá, nós três. Vou dizer ao sr. Han que a gente encontra eles lá.

Eu e Mina o encaramos.

— Do que você está falando?

— Eu preciso gastar energia — explica ele, olhando de um lado para outro do lobby como se estivesse prestes a explodir.

— Hum, está de sacanagem? — pergunta Mina. — Você acha que vão deixar a gente perambular sozinho por aí? Além disso, o sr. Han já alugou um carro para nós.

— Não vamos perambular sozinhos por aí. Só vamos encontrar eles no festival. — Jason se apoia no balcão, revirando os olhos. — Você está se preocupando à toa. Vai dar tudo certo.

Quantas vezes já ouvi Jason dizer isso antes?

— E o figurino para o show? — pergunto.

Deixamos as roupas com o serviço de lavagem a seco do hotel ontem à noite, e só ficam prontas daqui a meia hora.

— Olha, eu vou falar com o sr. Han agora.

Ele atravessa o lobby a passos largos. Eu e Mina ficamos observando. O sr. Han coloca a mão no ombro de Jason, assentindo compreensivamente. Depois de alguns minutos, Jason volta, sorrindo.

— Pronto. O sr. Han disse que não tem problema e que vai levar as roupas. Vou pegar um carro. Vocês vêm?

Mina aperta os lábios.

— Tá. Se o sr. Han disse que tudo bem, estou dentro.

Do outro lado do lobby, o executivo grita para nós:

— Mina, Rachel! Ainda tem espaço no carro da DB se vocês quiserem ir com a gente. Jaehyun mandou alguns exercícios de dança simples para vocês praticarem na viagem.

Fecho os olhos considerando as opções. Três horas com Jason fazendo comentários babacas e Mina criticando minhas roupas, ou três horas fazendo exercícios de perna num carro apertado com o sr. Han.

— Rachel?

Consigo ouvir o tom de desespero na voz de Jason. Ele precisa disso. Não sei com quem estava falando ao telefone, mas a conversa claramente o abalou. Talvez um tempo sozinho com a gente vá deixá-lo mais tranquilo antes do show.

— Tá bom, estou dentro — respondo, abrindo os olhos. — Vamos.

* * *

— Dá para ligar o ar-condicionado, por favor? Tá quente demais. — Mina seca o suor da testa, torcendo o nariz de nojo.

— Sem chance — responde Jason, rindo e apoiando o braço na janela aberta do Camry alugado.

Era o único carro disponível tão em cima da hora. Jason parece totalmente relaxado segurando o volante, e tenho a impressão de que ele sentiu falta disso. Como todas as estrelas da DB, ou ele é levado para todo canto da Coreia por um motorista, ou pega o metrô, o que significa que não existem muitas oportunidades de dirigir.

— Não tem nada melhor do que dirigir de janela aberta, com o ar fresco entrando.

— Tem, sim — retruca Mina. — Se chama ar-condicionado. — Ela olha para mim pelo retrovisor. — Por favor, Princesa Rachel. Eu sei que você também está suando.

Em geral as reclamações incessantes de Mina me incomodariam mais do que a temperatura, mas meus braços estão praticamente grudando no banco do carro. Eu me desgrudo com cuidado e me inclino para a frente.

— Está mesmo meio calor.

Jason suspira, fechando as janelas e ligando o ar.

— Satisfeitas?

— Eu ficaria mais satisfeita se soubesse para onde estamos indo — rebate Mina, estreitando os olhos para o celular. — Não parece que estamos no caminho certo.

— Relaxa — diz Jason. — Eu dirigia por aqui o tempo todo. Sei o que estou fazendo.

Quanto mais seguimos para o norte, piores as estradas ficam; definitivamente não estamos mais na cidade. De repente, Jason sai da rodovia principal e pega uma estradinha de terra. Mina se endireita no banco, agarrando o braço dele.

— O que diabos você está fazendo?

— Já falei, eu conheço o caminho — insiste ele. — É um atalho. Confia em mim.

Mordo a língua, sem querer me meter na briga dos dois. Contanto que a gente chegue em Brantwood, é o que importa. Só preciso me concentrar na apresentação de hoje à noite. Fecho os olhos e começo a repassar a coreografia mentalmente.

De repente, minhas costas atingem o banco com força quando o carro para.

Abro os olhos de imediato.

— Por que a gente parou?

Os pneus giram em falso. Terra e lama voam pelas laterais do carro, mas não avançamos um centímetro.

Ah, não.

— Hum — diz Jason. — Acho que atolamos.

Ah, não, não, não.

— Não me diga, gênio — reclama Mina, irritada. — Tudo bem. O seguro do meu pai é internacional. Eles vão mandar um reboque. — Ela pega o celular. — Ai, meu Deus. — Sua voz vai de irritada a apavorada. — Estou sem sinal.

Eu me assusto.

— O quê? Deixa eu ver meu telefone.

Tiro o aparelho da bolsa e meu coração dispara quando vejo que também não tenho sinal.

Não podemos chamar um reboque. Não podemos nem mandar uma mensagem para o sr. Han.

Acho que vou vomitar.

Jason tenta dar ré de novo, mas não adianta. Ele tamborila no volante enquanto pensa.

— Certo — diz por fim, desligando o carro. — Fiquem calmas. Eu vou buscar ajuda.

— Como assim, vai buscar ajuda? Estamos no meio do nada! — grita Mina.

— Passamos por um posto de gasolina alguns quilômetros atrás. Tenho certeza de que tem alguém lá que pode nos ajudar.

— Jason — digo, tentando manter a calma. — Não temos tempo para achar alguém. Precisamos voltar para a estrada e seguir

viagem, tipo, agora.

— Então é melhor eu ir logo — responde ele, com uma piscadela. — Não se preocupem, meninas, seu príncipe no cavalo branco vai voltar logo!

— Do que você está falando? Foi você que enfiou a gente nessa! — Mina berra para as costas de Jason, que já está se afastando em direção à estrada principal.

Nós duas ficamos sentadas no carro abafado.

— Eu sabia que era uma péssima ideia — diz ela, por entre os dentes. — Cacete, que desastre.

Ela sai do carro e bate a porta. Continuo parada por um momento, considerando se prefiro sufocar dentro do carro ou sair e ficar com Mina. No fim, ela ganha, mas por pouco.

Ficamos paradas do lado de fora, observando a estrada que Jason pegou, sem falar nada.

Meu estômago ronca. A gente acabou não comendo nada. Enfio a mão na bolsa, procurando os chocolates do hotel. Mesmo um pouco derretidos, ainda estão bons. Eu sabia que viriam a calhar.

Quando abro o primeiro, percebo Mina me observando atentamente. Eu a encaro de volta.

— Você quer um?

— Não — responde ela. — Só é falta de educação não me oferecer quando estamos nós duas aqui com fome.

— Eu literalmente acabei de te oferecer — digo, sem paciência. — Aqui.

Jogo o outro chocolate para ela, que pega por reflexo.

— Está derretido — reclama Mina, fazendo uma careta.

— Ótimo, pode devolver então.

Ela hesita, segurando o chocolate com mais força.

— Você vai dar o chocolate para o Jason? Porque, se for, eu prefiro comer. — Ela faz uma careta e resmunga: — Isso é tudo culpa dele, mas ele nem vai ter problemas. Aquele idiota não merece chocolate.

Dou uma risada, a careta de Mina me faz lembrar das caras de Leah quando matam um personagem que ela gosta em algum K-drama.

— O quê? — quer saber Mina, tensa.

— Nada — respondo, segurando o riso. — É só que você tem razão. Ninguém vai nem reclamar com ele. É capaz de aplaudirem por Jason ter se oferecido para nos levar.

— Rá. — Mina bufa. — Nem me fala. Se descobrirem o que aconteceu, provavelmente vão chamar *a gente* de descuidada e dar a *ele* um carro de presente e transformá-lo no garoto propaganda do turismo no Canadá.

Ela se contém, como se não acreditasse que acabou de dizer tantas palavras para mim sem me insultar.

— É, não dá nem para comparar como tratam a gente e como tratam ele. — Eu reviro os olhos. — Tipo nas entrevistas. Dá para acreditar que perguntaram quanto tempo a gente demora para se arrumar?

Mina concorda antes que possa segurar a própria língua.

— Achei que só eu tinha notado isso! — diz, arregalando os olhos. — Por que ninguém pergunta coisas interessantes para a gente? Parece que só o Jason fala.

— Né? E essa história de irmos para Nova York? Quer dizer, não é que eu não queira ir, claro, mas eles poderiam, sei lá, ter nos *avisado*. Qual será a próxima? Surpresa, vamos mandar vocês para a Antártica!

— De salto alto!

— E é melhor vocês sorrirem o tempo todo!

A gente ri, e depois Mina suspira, se apoiando no porta-malas e cruzando os braços.

— Sinceramente, eu já deveria estar acostumada.

Eu me lembro do rosto lívido do sr. Choo depois do nosso ensaio geral.

— Por causa da sua família, você diz?

— É… — Ela dá de ombros, sem olhar diretamente para mim. — “Não tem necessidade de tomar suas próprias decisões; é só sorrir e fazer o que mandam” é basicamente o lema da minha família. Não sei por que ainda me surpreendo. Sempre foi assim. — Mina está com as bochechas vermelhas e solta um suspiro fundo. — Às vezes eu nem sei por que ainda estou fazendo tudo isso.

— É, eu entendo — digo, pensando nas últimas semanas, deixando a frustração e a tristeza crescerem em mim. Perder Jason.

Perder a formatura do meu pai. Não falar com Akari. Leah não ir para Everland. — É, tipo, o que mais eles vão pedir para sacrificarmos antes de deixarem a gente estrear? Minha família inteira simplesmente se mudou de país e deixou toda uma vida para trás por mim, e já faz seis anos e nada. Agora minha mãe está me enchendo o saco querendo que eu faça faculdade, e, sabe, não importa o quanto eu me esforce, nada que eu fizer nunca vai ser o bastante para ela. — Eu paro de falar e olho para o chão, evitando contato visual com Mina.

Ela solta um pigarro.

— Parece com o meu pai.

Uma risada escapa quando me dou conta de quantas coisas tenho em comum com Mina.

— É. Ela não é o tipo de pessoa que você quer decepcionar. Até meu pai tem medo demais dela para contar que cursou faculdade de Direito nos últimos dois anos. Ele acabou de se formar e me fez jurar que eu não contaria até ele arrumar um emprego.

Mina solta um assobio baixo.

— Nossa. Bom, tenho certeza de que ele logo vai arrumar um emprego. Quer dizer, se ele tem a mesma dedicação da Princesa Rachel, com certeza será o melhor advogado de Seul. — Ela abre um sorrisinho travesso para mim.

Solto uma risada inesperada. Nunca achei que ouviria Mina usar esse apelido para outra coisa que não me torturar.

— Então, você acha que Jason morreu ou só está sequestrado em algum lugar? — pergunta Mina, meio rindo, meio suspirando. Ela ergue o pulso para olhar o relógio, os rubis engastados brilhando ao sol. — Se ele não voltar logo, nunca vamos chegar a tempo.

Bem nessa hora ouvimos uma buzina adiante na estrada de terra e vemos Jason sentado no banco do carona de um guincho branco enferrujado.

— Ei! — grita ele, enfiando a cabeça para fora da janela. — A ajuda chegou!

— Finalmente! — Mina grita de volta. — Eu estava começando a achar que a gente ia morrer aqui.

Enquanto nós três esperamos o carro ser preso ao guincho, meu estômago começa a roncar. Acho que um quadradinho de chocolate

não foi suficiente para matar minha fome.

— Quando a gente voltar para a estrada, podemos parar e comer? — peço.

Jason se anima.

— Não precisa! — Ele se aproxima do guincho, fazendo um sinal para o motorista parar, então se enfia dentro da caminhonete e tira duas caixas do banco. — Eu trouxe comida!

— Ah, ainda bem — diz Mina. — Eu faria de tudo por um *pain au chocolat* e um espresso. — Quando ela abre uma das caixas vermelhas e amarelas, seu sorriso é substituído por uma expressão de horror. — Isso aqui *não é* o que eu tinha em mente — reclama, me mostrando o conteúdo da caixa. — São… os buracos dos donuts?

— Claro que não — responde Jason, com um sorriso tranquilo. — São Timbits.

— O que é um *Timbit*? — pergunta ela, com uma careta de nojo.

— Uma especialidade canadense.

Mina faz careta de novo, e dou uma risada, enfiando um Timbit de mel na boca.

— Vai, não é tão ruim. Aqui. — Eu entrego um café cheio de creme e açúcar para ela. — Você vai gostar.

— Duvido.

— Ah, e não esquece de guardar o copo quando acabar! — diz Jason, animado. — Você dobra a borda e pode ganhar um prêmio!

Mina revira os olhos, mas seu estômago ronca e ela pega o café.

— Tem gosto de coisa barata — anuncia, estremecendo.

— Aqui, tira o gosto com isso. — Jason estende a caixa de Timbits, balançando os doces para ela.

Mina pega uma bolota coberta de açúcar com a ponta dos dedos e dá uma mordidinha.

— Não acredito que estou comendo isso.

— Também não acredito. A gente deveria filmar — brinco.

— Nem se atreva — diz ela, comendo o restante do Timbit de uma vez só.

O carro está de volta à estrada principal, e jogamos os copos vazios em uma sacola de plástico que o motorista do guincho nos deu.

— Mina — chamo —, você quer o resto dos Timbits?

Ela se aproxima e dá uma olhada na caixa.

— Talvez um ou dois — diz rapidamente, pegando várias bolotas e embrulhando num guardanapo. — Sabe, para a viagem. Caso a gente fique atolada de novo.

Abro um sorriso.

— Claro. Para a viagem.

Vinte

Todo aquele açúcar e café parecia uma boa ideia quando estávamos presos no meio de Ontario, mas quando chegamos a Brantwood sinto que meu coração está prestes a explodir no peito. Ao meu lado, Mina está praticamente vibrando. Mal acabamos de sair do carro quando o sr. Han vem correndo até nós.

— Finalmente! Sabem quantas vezes eu liguei para vocês três?

— A gente estava sem sinal — diz Jason, em tom de desculpas.

— Bom, se apressem e vão se arrumar. Vocês entram em uma hora! Estão com o figurino?

O figurino? Eu olho para Jason com a testa franzida, que por sua vez está olhando para o sr. Han com a testa franzida.

— Você não disse que ia cuidar disso? — pergunta.

O sr. Han encara Jason como se não soubesse se ele está brincando ou não.

— Não — responde, bem devagar. — Eu disse que vocês poderiam vir sozinhos contanto que *vocês* esperassem para pegar as roupas na lavanderia do hotel.

Há um momento de silêncio confuso. Mina olha de um para outro, ficando pálida.

— Quer dizer que ninguém pegou nossas roupas?

O sr. Han balança a cabeça, sem acreditar.

— É o que parece.

— Isso não pode estar acontecendo. — Ela avança na direção de Jason, o rosto contorcido em uma mistura de pânico e ódio. — Nossa apresentação está arruinada por sua causa! Você estava ocupado demais planejando seu passeiozinho pelo Canadá para lembrar de pegar nossas roupas! Será que alguma coisa entra nesse seu cérebro de merda?

Jason fica boquiaberto, mas não retruca. Pelo menos tem a decência de parecer envergonhado.

Mina leva as mãos ao rosto, erguendo a voz.

— Nossa apresentação está arruinada. Ai, meu Deus. O que meu pai vai dizer?

— Vai ficar tudo bem. Vamos pensar em alguma coisa — diz o sr. Han, mas sua voz está insegura.

Em pânico, Mina fica com os olhos cheios de lágrimas, as mãos tremendo ao secar o rosto.

— Mas o que meu pai vai dizer? — insiste ela, meio sussurrando, meio gemendo.

Mordo o lábio. Talvez seja por que, pela primeira vez desde que a conheci, sinto que finalmente entendo um pouco pelo que Mina passou, ou talvez seja por causa da minha própria necessidade de fazer todo o possível para salvar nossa performance, mas eu me viro para Mina e digo:

— Não se preocupe. Eu vim preparada.

Enfio a mão na minha bolsa e tiro um par de sandálias de salto e um vestido laranja curto e brilhante.

— Desde o incidente na casa dos trainees, sempre trago um reserva — brinco. Mina fica vermelha, parecendo realmente envergonhada. Estendo o vestido para ela. — Aqui. Coloca isso.

— E o que você vai usar?

Eu sorrio e dou uma voltinha.

— Este look aqui, é claro. — Dou uma risada, ajeitando a camiseta laranja larga. — Pelo menos vamos estar combinando. É o que importa, não é?

O sr. Han dá uma olhada em Jason, que está todo de preto. Ele dobra a barra da calça, revelando meias laranja.

— É o destino — diz.

Mina bufa.

— Só me faz um favor e não fala mais comigo.

O sr. Han assente para nós, sério.

— Vai servir. Vamos.

* * *

Depois de fazermos o cabelo e a maquiagem, eu saio do camarim em busca de ar fresco, observando a paisagem das montanhas ao fundo e o imenso lago que dá para o terreno do festival. Foi difícil chegar aqui, mas a cidade é realmente muito linda.

— Aigo! Eles não estão te alimentando direito por lá!

Eu levo um susto quando ouço alguém falando coreano atrás de mim, e me viro. Mas não é comigo.

Estão falando com Jason.

Ele está no meio de um grupo de três mulheres mais velhas, todas com o cabelo cacheado de permanente, se alternando para abraçá-lo e dar tapinhas no seu rosto. Como se sentisse meu olhar, uma das mulheres se vira e me encara. Está usando uma jaqueta leve amarelo-néon e um colete com calças de caminhada, como se tivesse acabado de fazer uma trilha. Eu desvio o olhar, mas é tarde demais. Ela acena para mim. Dou um passo para trás como se dissesse: *Não, tudo bem, não quero me meter*, mas antes que eu possa fugir, a mulher vem para o meu lado e agarra minhas mãos.

— Olá, amiga do Jason! Eu te reconheceria em qualquer lugar. Do vídeo! Vem, vem, vem se apresentar — diz ela, me levando até as outras.

Jason sorri, meio envergonhado.

— Rachel, essas são minhas tias. Essa que você acabou de conhecer é Chaerin imo, essas são Saerin imo e Yaerin imo. Imo, essa é a Rachel. Ela é minha…

Jason se detém, e minhas bochechas ficam vermelhas. Um silêncio desconfortável se estende por um segundo, e por fim ele decide completar com:

— … cocantora. Ela canta a música comigo. É um terço do nosso trio.

As tias de Jason se entreolham, todas de sobrancelhas erguidas, enquanto a gente ri, sem graça. Estou morrendo de vergonha.

— Você quer jantar com a gente depois do show? — pergunta Chaerin imo, segurando minhas mãos de novo.

Estou prestes a recusar educadamente quando o sr. Han reaparece.

— Jason, Rachel! É a vez de vocês.

Jason se despede das tias com um abraço, e elas saem para encontrar seus lugares.

— Sabe, você não precisa ir no jantar — comenta Jason enquanto caminhamos para o palco.

— Ah, tudo bem.

— Minhas imo só estão animadas por me ver. Elas podem ser um pouco… exageradamente receptivas.

— Sei.

Sinto uma dor no peito, mas a ignoro quando chegamos aos bastidores. Mina está dando voltinhas no meu vestido laranja. Ela sorri para mim, e eu retribuo.

— Certo, minhas estrelas! Hora de deixar a DB orgulhosa!

O sr. Han nos deseja sorte quando subimos no palco. As luzes estão apagadas enquanto Jason canta o primeiro verso a cappella, e o público permanece em silêncio, a voz aveludada dele dominando o espaço como se fosse um feitiço, envolvendo a todos.

De repente, o palco se ilumina, tomado por luz branca, e a música aumenta conforme os holofotes se acendem e a banda atrás de nós começa a tocar. Mina e eu surgimos, cantando o refrão, e vejo as tias de Jason cantando e dançando na primeira fileira. E não são as únicas. Todos na plateia se animam, agitando os bastões fluorescentes e gritando nossos nomes.

Chega a hora do solo da Mina, e por um segundo, enquanto a observo, esqueço completamente onde estou. Ela atravessa o palco a passos largos, se movendo em perfeita harmonia com a música, a voz rouca e poderosa ao cantar. Ela se aproxima de mim e pisca, pegando minha mão e me puxando para uma dancinha. A plateia adora. Sinto o estresse do dia desaparecer. Nem nossos figurinos improvisados estão tão ruins assim. Tirando as imo de Jason, a plateia é composta basicamente de pessoas brancas. Mas elas amam a gente. Quando olho para o público, vejo a maioria cantando junto, mesmo as partes em coreano. A plateia está repleta de celulares gravando nossa apresentação, mas até que me sinto relaxada na frente de tantas câmeras. Uma onda de calor toma o meu corpo quando lembro por que amo tanto o K-pop. Como é especial poder compartilhar minha língua e minha cultura com pessoas do mundo inteiro e fazê-las realmente enxergá-las.

Compreendê-las. Amá-las. Sinto um sorriso surgir, e meu coração está leve e livre pela primeira vez desde que a turnê começou. Eu me lembro do motivo de estar aqui. De amar tudo isso.

Mina está do lado oposto do palco quando entramos na última estrofe. Ela começa bem, cantando e girando para os braços de Jason, mas assim que ele estica a mão para segurar sua cintura, vejo um dos pés dela bambear. Mal tenho tempo de registrar o que está acontecendo e o salto quebra, fazendo Mina cair no chão, ralando as mãos no palco. A plateia prende a respiração, mas ela gira de lado e faz uma pose. A plateia grita e comemora, e ela fica de pé num pulo, chutando o salto para longe. Não para de sorrir, mas percebo uma tensão de dor nos seus olhos e vejo que ela está mancando de leve na perna direita quando fazemos uma reverência para a multidão vibrando e saímos do palco.

Nos bastidores, ela se vira para mim e empurra meus ombros.

— Sua vaca! Você fez de propósito!

— O quê? — Minha voz fica presa na garganta.

— Você me deu seus sapatos quebrados. Você tentou me sabotar!

— Não! — retruco, chocada. — Mina, eu sinto muito, eu realmente não sabia…

Ela me empurra de novo, e eu tropeço para trás. Jason se mete na frente dela e a segura.

— Mina, se acalma.

— Me larga! — Ela o empurra, irritada, e vira para mim de novo com fúria nos olhos. — Eu deveria ter imaginado que você faria uma coisa assim.

— Mina, você está bem? — O sr. Han corre até ela, amparando-a pela cintura. Seus olhos se arregalam ao ver o tornozelo dela, que está inchando rapidamente. — Parece que foi sério.

Mina faz uma careta, a raiva dando lugar à dor.

— Está… está doendo. — Ela engasga com as palavras, como se não conseguisse admitir. — Mas eu estou bem. Só preciso colocar gelo.

— Acho que é melhor irmos para o hospital — diz o sr. Han, sério, levando-a em direção à porta.

— Não! Eu estou bem! — insiste ela. — Só preciso… andar um pouco, sei lá.

Mina ajeita a postura e tenta dar alguns passos, tropeçando assim que apoia o peso no pé direito.

— Hospital. Agora — diz o sr. Han, com firmeza.

Mina me lança mais um olhar de ódio enquanto ele a guia até a porta.

Por dentro, estou surtando. *Por que eu fui dar os sapatos para ela? Por que não verifiquei como estavam antes de colocar na mala? Por que não usei os sapatos eu mesma? Eu é que deveria estar indo para o hospital agora…* Mas antes que eu me perdesse ainda mais nesses pensamentos, as tias de Jason aparecem, abraçando nós dois.

— Que apresentação incrível! — elogia Chaerin imo. — Temos que comemorar com um belo jantar para vocês dois.

— Ah, por favor, fiquem à vontade — digo, olhando para Jason, que se recusa a me encarar. — Não quero me intrometer no jantar de família.

— Não seja boba — diz Yaerin imo, ajustando sua faixa de cabelo de veludo preto com os dois C da Chanel em diamantes. — Jason quase não vem nos visitar. Temos que aproveitar e alimentar vocês dois… Estão só pele e osso!

— Além disso, eu conheço o restaurante perfeito — concorda Saerin imo, pegando o iPad para tirar uma selfie rápida comigo. — Cinco estrelas. Melhor restaurante de Brantwood.

Sou carregada pelo conhecido furacão de tias coreanas, chantagem emocional misturada à compaixão genuína, me fazendo pensar em todas as reuniões familiares dos Kim. Olho para Jason, que desta vez está me encarando. Ele dá de ombros.

— Se minhas tias dizem para comer — afirma ele, com um sorrisinho envergonhado —, não há nada a fazer além de comer.

* * *

O centro de Brantwood talvez seja o lugar mais fofo que já vi. As ruas são de paralelepípedos, e os prédios parecem casinhas de

biscoito. Até as lojas mais comuns são uma graça, como se tivessem saído de um livro de contos de fada. Chaerin imo diz que, no inverno, a neve faz tudo parecer ainda mais mágico.

Enquanto caminhamos para o restaurante, as tias de Jason parecem conhecer todo mundo que passa, parando a cada poucos metros para cumprimentar alguém ou bater papo. Quando chegamos ao restaurante (“Melhor salada Caesar do Canadá! É bem apimentada!”, segundo Yaerin imo), imediatamente somos levados para o que parece ser o melhor lugar da casa, uma mesa de mogno com cadeiras de couro de espaldar alto. Ao redor da mesa, janelas se abrem para a vista das montanhas.

Olho para Jason, impressionada pelo tratamento VIP, mas ele nem parece notar. Sinto uma onda de irritação. Típico. Reviro os olhos e no último segundo ele se vira para mim, uma expressão confusa no rosto.

— Qual é o problema? — sussurra ele, se inclinando para longe das imo.

— Eu não tenho problema nenhum. Só não estou acostumada a ser paparicada por fãs aonde quer que eu vá.

Ele estreita os olhos.

— Você não sabe do que está falando.

Agora é minha vez de ficar confusa.

— Como assim, eu não sei…

Neste momento, o garçom se aproxima com uma garrafa de vinho branco.

— É tão bom ver vocês! — diz ele para as tias de Jason, servindo uma taça para cada uma. — Chegaram em ótima hora. Acabamos de receber suprimentos do nosso fornecedor de vinho e estávamos guardando essa garrafa para vocês. Sabemos bem quanto gostam da safra de 2001.

Saerin imo dá uma risadinha e levanta a taça.

— É claro! As melhores coisas do mundo foram feitas em 2001.

Ela pisca para Jason, que fica todo vermelho. Eu sorrio quando me dou conta de que ele nasceu em 2001.

— É verdade! — comenta Yaerin imo, antes de tomar um gole. — Isso é uma delícia.

— Só o melhor para as senhoritas! — responde o garçom, feliz da vida.

Franzo as sobrancelhas enquanto tento entender aquela cena. Talvez as pessoas não sejam fãs de Jason, e sim das tias dele? Será que as tias dele também são famosas?

— Então, Rachel… — pergunta Yaerin imo, depois que pedimos a comida. — Como é trabalhar com o Jason? Ele sempre quer ser o centro das atenções? Quando era criança, ele sempre fazia um escândalo se ninguém estivesse prestando atenção nele.

— Por favor, imo, quando foi que eu fiz isso? — pergunta Jason, corando.

— Nosso Jason é bonitão, não é? — diz Chaerin imo, olhando para o sobrinho com carinho e me dando uma piscadela nada discreta. — Ele ficou com todos os genes bons da família!

Dou um sorriso educado, desta vez conseguindo me controlar para não revirar os olhos.

— Sim, ele é muito popular na Coreia.

Saerin imo se inclina na minha direção.

— Conta mais sobre você, Rachel. O que seus pais fazem?

— Imo! — reclama Jason.

— O quê? Só quero conhecer melhor sua amiga.

Dou um sorriso, hesitando, então começo a contar sobre a minha família e nossa vida em Nova York, mas para falar a verdade fico aliviada quando a comida chega. Algumas semanas atrás, conhecer a família de Jason seria um sonho, mas agora é só mais um lembrete de tudo que perdi.

Não que suas tias pareçam perceber isso, com todos os olhares sugestivos que lançam para nós dois.

— Você está mimando a gente! — brinca Saerin imo quando o garçom traz mais vinho e cinco porções grátis de tiramisù.

— Só o melhor para os Lee! — diz o garçom, alegremente.

Meu garfo para no meio do caminho quando as peças de repente se encaixam. Os Lee. Penso em todas as lojinhas bonitas por que passamos quando caminhávamos pela calçada: Farmácia Lee, Mercado Lee, Lavanderia Lee. O tratamento especial neste restaurante. Como as tias do Jason conheciam todo mundo. Essas são as irmãs da mãe dele, e todo mundo sabe que Jason passou a

usar o sobrenome dela depois que ela morreu, então as tias também devem ser Lee… Eu me viro para Jason e baixo a voz.

— A família da sua mãe é, tipo, dona da cidade? — sussurro, meio esperando que ele ria da minha pergunta ridícula.

— Não.

— Ah, desculpa, só achei que…

Ele olha para mim e suspira.

— Não que seja da sua conta. Mas se você tem mesmo que saber, não é a cidade toda. Só… a maior parte.

Meu queixo cai.

— Sério? Mas como você nunca…

— Um brinde! — Chaerin imo me interrompe, erguendo a taça. — A Jason e Rachel e seu show maravilhoso. — Ela fica com os olhos cheios de lágrimas. — Sua mãe estaria tão orgulhosa de você, Jason.

— Ei, ei, bobona, nada de lágrimas — diz Yaerin imo, pegando a taça da irmã. — Você já bebeu demais. Está ficando chorona.

— Você tem razão, você tem razão! — diz Chaerin imo, secando os olhos.

— Tim-tim! — diz Saerin imo. Ela olha para mim e sorri. — Rachel, pode vir nos visitar sempre que quiser.

Jason e eu erguemos nossas taças, e vejo que os olhos dele também estão úmidos.

— Tim-tim!

* * *

Eu e Jason ficamos sentados em silêncio nos degraus aos fundos do espaço do show, enquanto a equipe da DB arruma as vans da turnê. Nós saímos do restaurante cada um com uma sacola imensa, cheia de sobras do jantar, que as tias dele insistiram que levássemos para termos o que “beliscar” durante a viagem. Parte de mim quer perguntar mais sobre Brantwood e a família de Jason, mas não faço isso. Ele também não diz nada. É como se nós estivéssemos tentando manter distância depois do jantar.

— Parece que eles voltaram do hospital — anuncia Jason, ficando de pé.

O sr. Han está caminhando na nossa direção, com Mina vindo atrás devagar, apoiada em duas muletas. Meu coração fica apertado enquanto eu e Jason vamos correndo encontrá-los.

— Ela torceu o tornozelo — explica o sr. Han. — O que significa que não vai poder ir com vocês para Nova York. Vamos mandá-la de volta para a Coreia hoje à noite, para descansar em casa.

Dito isso, ele se afasta para ir supervisionar a equipe.

Mina se vira devagar para mim, os olhos brilhando com lágrimas raivosas.

— Espero que você tenha conseguido o que queria.

É como um soco no meu coração. Como ela pode achar que eu queria que isso acontecesse?

— Mina, eu não fiz de propósito… — começo a explicar, mas sou interrompida pelo celular dela.

De início, ela o ignora, mas o aparelho toca sem parar, até que enfim ela desiste e atende. Mal diz “alô” quando a voz do sr. Choo vem aos berros do outro lado da linha.

— Uma vergonha! Uma vergonha completa! Você nem consegue terminar uma música sem tropeçar nos próprios pés? Você é imbecil? Porque essa é a única explicação para esse nível de desgraça. Você não é uma Choo. Você não é minha filha.

Mina só ouve, cabisbaixa, lágrimas escorrendo pelo rosto. Jason e eu desviamos o olhar, mas por dentro parece que meu coração está se despedaçando. Quando a ligação finalmente termina, ela desliga o celular e enfia o aparelho no fundo da bolsa, piscando para conter as lágrimas.

— Mina… — tento de novo.

Mas não adianta. Ela ergue o rosto, me ignorando, dá meia-volta e vai se sentar em uma das vans.

— Ei — diz Jason quando começo a ir atrás dela. — Você pode voltar comigo no carro alugado. Sabe, se quiser manter distância da Mina.

Eu considero. É tentador. Mas Jason é imprevisível no momento. E já tenho coisas imprevisíveis demais na minha vida por ora. Mina pode me odiar, mas pelo menos sei exatamente o que esperar dela.

— Obrigada, mas acho que vou na van. A gente se vê em Toronto?

— Tá bom — diz ele, assentindo e acenando. — Até.

Eu vou até a van e me sento. Quando me viro para afivelar o cinto de segurança, vejo que Jason ainda está parado lá atrás, me olhando.

Vinte e um

— Então, qual é a desse lugar? — pergunta Jason, nossas cabeças quase se tocando, os dois sentados na beirada da Bethesda Fountain.

Atrás de nós, os pombos empoleirados na estátua da Angel of the Waters nos observam com uma intensidade assustadora.

— Bom… — digo. — É um marco histórico incrível do Central Park. — Passo o braço em torno dos ombros de Jason e o aperto. — Além disso, é perfeito para tirar fotos para o Instagram. Dá até para checar seu reflexo na água antes de tirar uma selfie. Sorria!

Eu pego meu celular e tiro uma foto de nós dois sentados na fonte, as mãos erguidas em sinais de paz.

— Corta!

Jason e eu continuamos parados, enquanto o diretor e a equipe de filmagem mudam o ângulo da tomada.

— De novo, pessoal! E, dessa vez, por favor, vamos focar mais no rosto do Jason… Vamos usar o que funciona, pessoal!

Baixo o celular com uma careta. Não sei bem o que eu esperava desses dias em Nova York, mas certamente não era isso. É meio-dia do nosso primeiro dia e já estou na frente das câmeras faz oito horas, filmando um comercial que a DB arrumou de última hora, em que mostro Nova York para Jason, levando-o para os meus lugares favoritos.

Só que não estamos indo a nenhum dos meus lugares favoritos de verdade. O dia inteiro foi programado pela empresa, inclusive aonde vamos e o que falamos. O único ponto positivo é que estou tão exausta e faminta que nem tenho energia para ficar nervosa na frente das câmeras.

— Vamos colocar a Rachel em outro figurino para o brunch — avisa o diretor.

Outra roupa? Argh. Toda vez que mudamos de local, tenho que fazer cabelo e maquiagem de novo. Adoro um figurino bem pensado, mas isso é ridículo. Enquanto isso, Jason está usando a mesma calça jeans o dia todo. A única coisa que ele troca são os óculos escuros. E ninguém entrou em uma discussão de vinte minutos sobre o que combinaria mais com *aviators*: um meio coque ou uma trança rabo-de-peixe?

Depois de fazerem cachos no meu cabelo e me colocarem em um vestido envelope azul-gelo (“Perfeito para um brunch casual!”), vamos para o que teoricamente é meu restaurante favorito desde a infância, mas na verdade é um restaurante francês tão chique que nem sei pronunciar o nome.

— Lembre-se, você vai levar um bom tempo lendo o menu e então vai pedir a sopa de cebola — explica o diretor, olhando para mim. — Jason, pode pedir o que quiser. E… ação!

Eu preferiria os waffles de pato confit — ou melhor, a Xícara da Alice, uma casa de chá antiga com tema de *Alice no País das Maravilhas* aonde eu ia com Leah nos nossos aniversários, para comer *scones* e beber chá com os dedinhos levantados, nos sentindo como princesas. Em geral ando cansada demais para sentir qualquer coisa ultimamente, mas do nada uma pontada de saudades de casa me atinge com tanta força que quase caio da cadeira. Forço as pernas para me equilibrar e finjo observar o cardápio de brunch francês por um tempo desnecessariamente longo, enquanto Jason logo escolhe e pede os waffles de pato confit. É claro. Quase penso em pedir um pedaço, mas depois do jantar em Brantwood, as coisas entre nós estão mais estranhas do que nunca.

O diretor faz um gesto para eu me apressar e dizer logo minha fala. Ergo meu copo e sorrio.

— Saúde!

Só consigo me forçar a olhar para Jason por meio segundo quando tocamos os copos. Quando isso acontece, meu estômago ronca de fome, e ouço Jason prender uma risada. Desvio o olhar, bebendo um gole da minha bebida (nem sei o que é. Limonada rosa? Suco de toranja?) para disfarçar o fato de que estou me segurando para não virar minha sopa em cima do meu coadjuvante.

— Chal mokkesseumnida — diz Jason, embora já tenha engolido quase metade dos waffles.

— Você precisa falar como os franceses — respondo, animada, sorrindo para a câmera. — *Bon appétit*!

Mal levei a colher à boca quando o diretor grita:

— Corta! Perfeito. Vamos para a próxima locação.

— Mas eu ainda nem comi — reclamo.

— Vamos embalar tudo para viagem — responde o diretor, distraído. — Precisamos seguir se quisermos terminar a gravação hoje. — Ele se vira para o assistente. — Outra troca de roupa para a menina?

Olho chateada para a minha sopa de cebola. Jason me encara com preocupação.

— Aqui — diz ele, me empurrando seu prato. — Come o resto.

Estou com fome demais para discutir. Pego o prato dele, engolindo os últimos pedaços de waffle tão rápido que mal sinto o gosto, e antes que se possa imaginar sou enfiada em calças de couro justas e sapatos de salto fino e largada no meio da Times Square. O sol está tão forte que mal consigo encostar no topo da minha cabeça sem queimar os dedos. Quem quer que tenha decidido que calça de couro e salto alto eram uma boa combinação para o lugar mais lotado de Nova York deveria repensar seriamente suas escolhas.

Um grupo de garotas para a alguns metros de nós, gritando e tirando fotos com os celulares.

— Ai, meu Deus, é o Jason Lee da NEXT BOYZ!

— Argh, mas ele está com aquela tal de Rachel Kim — reclama uma delas, me encarando. — A Coreia do Sul não é famosa pelas cirurgias plásticas? Se eu fosse ela, pagava para trocarem a minha cara inteira.

As fãs do Jason estão nos seguindo por toda parte. Desde que a primeira pessoa nos reconheceu e postou nossa localização nas redes sociais, somos acompanhados por hordas que aparecem do nada para babar em cima do Jason.

Estou revivendo o dia no Lotte World, e o suor não para de escorrer pelas minhas pernas, mas as câmeras ainda estão em ação e não tenho escolha senão abrir um sorriso e mantê-lo no

rosto. O diretor nos faz parar no meio da Times Square e nos posiciona no primeiro degrau da arquibancada da TKTS, gesticulando para que eu declame minha fala sobre como este é o meu lugar favorito na cidade e aonde eu vinha para imaginar meu futuro como estrela de K-pop. (Só para deixar claro: não é verdade, e nenhum nova-iorquino que preze pela própria saúde mental viria para a Times Square voluntariamente.)

Passamos por um carrinho de comida halal, e o cheiro das carnes assando na grelha quase me derruba. Eu me lembro de eomma e appa comprando shawarma e falafel toda sexta-feira à noite do moço do carrinho a dois quarteirões da nossa casa. Eles diziam que aquele homem tinha vindo para os Estados Unidos para conseguir uma vida melhor, igual a nós. Era tão gostoso, o pão pita macio, o frango grelhado, o molho tzatziki fresco e azedinho…

De repente, os braços de Jason estão me segurando, e minha bochecha está apoiada no peito dele.

Eu franzo a testa. O que aconteceu?

— Você está bem? — pergunta ele, o rosto preocupado. — Você meio que balançou, parecia que ia cair.

— Sério? — pergunto, estreitando os olhos contra a luz do sol.

Coloco a mão na testa, me sentindo tonta.

Jason se vira para a equipe de filmagem e grita, irritado:

— Parem de filmar! Não estão vendo que ela precisa de um tempo?

— Mas, Jason, o nosso horário está apertado — insiste o diretor, relendo as anotações da próxima cena.

— Não estou nem aí para o horário — retruca Jason. — Vocês parariam na hora se eu dissesse que preciso de um tempo.

O diretor ergue os olhos imediatamente.

— Jason, você está bem? Você precisa de um tempo? Corta! Pessoal, vamos cortar. E alguém traz água para ele, por favor?

Jason balança a cabeça, furioso.

— Não! O quê?! É exatamente disso que estou falando. A estrela do seu vídeo quase desmaiou por falta de água e comida e você está mais preocupado comigo.

— Porque você é Jason Lee. O maior astro da DB…

— Sabe de uma coisa? — interrompe ele. — Você tem razão. Eu sou Jason Lee. E eu decidi que a gente vai tirar o resto do dia de folga.

Ele pega uma calça de moletom, uma camiseta e um par de tênis da arara onde estão minhas roupas pré-aprovadas para a filmagem e me puxa para longe da equipe. Os fãs estão pirando, tirando mil fotos no celular e sem dúvida postando tudo, mas não me importo. Passei tanto tempo em frente às câmeras na última semana que mal as notei hoje.

Jason sorri e estende a mão para mim, dizendo as três palavras mais lindas que se pode dizer para alguém:

— Vem, vamos almoçar.

* * *

Solto um suspiro de alívio enquanto ataco meu segundo hambúrguer do Shake Shack, meus pés embaixo do assento do nosso Uber na Madison Square Park. Ao meu lado, Jason está com a janela aberta, tirando fotos de turistas que estão dando batata frita para um grupo de esquilos particularmente gorduchos.

— Então… como é a sensação de estar de volta a Nova York? — pergunta ele, devagar.

Agora que já comi, o fato de eu e Jason estarmos a sós pela primeira vez desde aquela noite no pojangmacha parece pesar sobre nós.

— É estranho — admito depois de alguns instantes.

Sem saber mais o que dizer, dou outra mordida no hambúrguer, a saudade de casa ainda pesando no meu coração.

Jason assente, os olhos indo de um lado para outro do parque, se recusando a me encarar.

— Em que sentido?

Eu suspiro, pensando em como as coisas são diferentes para mim e para minha família desde que nos mudamos para a Coreia do Sul.

— Não sei. Em todos os sentidos. — Quase sem pensar, pego meu celular e mostro a selfie do appa na formatura. — Meu pai

acabou de se formar em Direito. Eu sou a única pessoa da família que sabe, porque ele quer guardar segredo até ter certeza de que vai ter sucesso. — Olho para o rosto sorridente do appa na tela. — E eu entendo. Sinto muita pressão também. Se essa história toda de K-pop não der certo, todos os anos de treinamento terão sido em vão, e fico apavorada só de pensar nessa possibilidade.

Os olhos de Jason se arregalam, e fico em silêncio de novo, mas então ele assente, compreensivo.

— É, eu entendo essa pressão.

Tento dar uma risadinha, mas não consigo esconder o tom descrente na minha voz.

— Acho que suas fãs e nosso querido diretor discordariam.

Jason passa a mão pelo cabelo, pensativo.

— Eu sei como deve parecer visto de fora. Mas pense no quanto você está se esforçando agora, na pressão para estrear. Essa pressão se multiplica por um milhão depois da estreia.

Eu quase engasgo.

— Eu estava tão preocupada em saber se ia conseguir estrear que acabei não pensando muito em como seria quando isso acontecesse… *se* acontecer.

— Vai acontecer — diz Jason, olhando nos meus olhos. — E você terá sua família inteira ao seu lado, aplaudindo em cada show. Leah vai fazer questão, não tenho dúvida. — Ele abre um sorrisão.

— Olha quem fala! Suas imo deixam minha irmã no chinelo!

Jason sorri para mim de novo, mas está menos alegre.

— É. Desculpa por aquele jantar, aliás… Eu sei que aquelas três são meio intensas. Especialmente quando tem uma garota bonita envolvida.

Sinto uma fagulha daquele calor conhecido se acender no meu peito, mas ignoro.

— Como foi voltar para Toronto?

— Estranho. Eu amo minhas imo, mas raramente volto para casa hoje em dia. É… difícil.

Eu hesito, sem querer me intrometer, mas também sentindo falta das nossas conversas tão fluidas.

— Por causa da sua mãe?

Jason se vira para mim e dá de ombros, tão de leve que é quase imperceptível.

— Sim. Mas também… — Ele hesita. — Tenho certeza de que você reparou que meu pai não apareceu enquanto estávamos no Canadá.

Eu concordo com a cabeça.

— Quando eu era criança, sempre fomos eu e minha mãe de um lado e meu pai do outro. Não era de propósito nem nada. Era só que minha mãe, como eu, amava música, especialmente K-pop. Ela cantava músicas antigas da Chung Yuna antes de me colocar para dormir. Era uma coisa só nossa. — Ele abre um sorriso triste. — Mas meu pai odiava. Ele não queria que ela falasse coreano comigo em casa ou fizesse comidas coreanas. Sempre dizia que ela deveria adotar a cultura de Toronto, já que tinha se mudado para lá na adolescência. Ele não entendia por que era tão importante para ela, e para *mim*, manter essa conexão.

Jason dá um suspiro demorado, girando uma batata frita entre os dedos.

— Depois que ela morreu, nós dois meio que nos afastamos. Eu queria manter a memória dela viva, então cantava as músicas que ela me ensinou. Mas toda vez que meu pai me ouvia tocar qualquer música coreana, ele pirava. Era assustador o quanto ficava irritado por causa de uma música. Uma simples música coreana.

Sinto um nó imenso na garganta e percebo que estou prendendo a respiração, esperando ele continuar.

— Minhas imo ainda moravam todas em Brantwood, onde minha mãe cresceu. Eu ligava para elas chorando toda vez que tinha uma briga com meu pai, e isso começou a acontecer com tanta frequência que elas pediram minha guarda. Elas sempre me disseram que ele brigou muito pela guarda, mas eu descobri a verdade logo antes de ir para Seul. As três venderam algumas das propriedades da família e ofereceram uma bolada para o meu pai não insistir no processo, e ele aceitou. Sem pensar duas vezes. E pronto. Eu me mudei para Brantwood e passei a usar o sobrenome da minha mãe. As coisas com o meu pai são… complicadas desde então. Achei que podia tentar vê-lo desta vez, mas ele disse que não conseguiu folga no trabalho.

Minha mente volta para a ligação tensa que ouvi no lobby do hotel alguns dias atrás. Tudo faz sentido agora.

Eu engulo em seco, mas o nó na minha garganta não desaparece. Quero estender a mão e tocá-lo, dizer que sinto muito, que meu coração dói por ele, mas em vez disso digo apenas:

— Jason, eu não fazia ideia.

— Quase ninguém sabe — responde ele, como se não fosse nada. — Mas todo mundo sabe o que aconteceu depois. Minhas imo me deram força para continuar cantando, especialmente K-pop, como forma de lembrar da minha mãe e me sentir ligado a ela. Eu comecei a fazer os covers no YouTube. E aí a DB me descobriu. E agora — conclui ele, abrindo os braços —, cá estou, na Madison Square Park. Vendo os esquilos mais gordos do mundo comerem batata frita.

Dou risada, pressionando os olhos com as palmas das mãos.

— Foi uma jornada e tanto.

— Foi, né? — Jason sorri, mas logo sua expressão muda. — Sinto muito, Rachel — diz ele de repente.

— Por quê? Por quase me fazer chorar?

Ele dá um sorrisinho e balança a cabeça, o rosto sério.

— Sobre como as coisas são injustas. Você tinha razão. Depois do que Kang Jina falou naquela noite, eu estava convencido de que você estava sendo exagerada, paranoica. Mas… eu estava errado. Deveria ter te ouvido. Deveria ter prestado atenção. Mas eu só não percebi porque não queria perceber. Não queria ver como as pessoas tratam você, Mina e Jina diferente. — Ele para e engole em seco. — Era para eu ser seu… namorado. — Suas bochechas ficam vermelhas quando ele tropeça na palavra, mas Jason continua: — Mas eu não fui nem um bom amigo. Não reparei no que estava acontecendo há anos bem debaixo do meu nariz. E isso me torna tão culpado quanto os executivos, os fãs… todo mundo. Mas quero que você saiba que agora eu percebo, e estou do seu lado. Não importa o que aconteça. E eu sinto muito por ter sido um completo babaca.

— Você foi mesmo — digo, com um sorriso. — Mas obrigada por dizer isso. Amigos? — completo, estendendo a mão para ele.

— Amigos — concorda ele, e aperta minha mão.

Jason abre a boca como se fosse falar mais alguma coisa, mas então só fecha os dedos em volta dos meus por um momento e aperta com força.

Vinte e dois

Acordo na manhã seguinte com alguém batendo com força na porta do meu quarto no hotel. Será que a DB me mandou café na cama ou algo assim? Abro a porta e mal tenho tempo de soltar um gritinho de susto antes de ser atacada por uma nuvem de perfume de flor de macieira e grampos de cabelo de arco-íris.

— Surpresa!

— Meu Deus! — grito quando Juhyun e Hyeri pulam em cima de mim. — O que vocês duas estão fazendo aqui?

— Uma prima vai dar uma festança de noivado no Brooklyn para exibir a aliança — explica Juhyun, se jogando na minha cama. — Então pensamos em passar aqui para ver nossa estrelinha internacional!

— Eu diria que nossa surpresa foi um sucesso — comenta Hyeri, sorrindo, vitoriosa. — Ah, olha, você está chorando!

Dou uma risada, os restos da minha máscara noturna de chá verde escorrendo com as lágrimas. Tenho sentido tanta saudade de Nova York que esqueci o quanto sinto falta de Seul… E as gêmeas são um pedacinho de casa entregue bem na minha porta.

— Você não está ocupada, né? — pergunta Juhyun.

Dou uma olhada por cima do ombro para a pilha de dever de casa na mesa do hotel. O dever que eu deveria fazer hoje, meu único dia de folga nessa turnê maluca.

— Bom…

— Porque a gente estava pensando em ir às compras!

Meus olhos se iluminam.

— Compras?

— Temos uma sala particular na Saks Fifth Avenue esperando por nós… — diz Juhyun, erguendo as sobrancelhas.

Uma sala particular? Na Saks Fifth Avenue?

— Só um segundo — digo, correndo para a mala.

Eu me enfio no banheiro e volto um minuto depois, usando um short jeans branco e uma blusa de seda verde-menta, o cabelo em uma trança rabo-de-peixe frouxa e a bolsa pendurada no ombro.

— Vamos lá, podem ir na frente.

* * *

— O que acham desse? — Juhyun gira em um vestido de seda branco com babados na bainha e mangas longas em um tecido franzido e translúcido.

Eu me reclino na poltrona de veludo da nossa sala particular, bebericando uma taça de cristal cheia de água com gás e limão.

— É bonito, mas em geral convidadas evitam usar branco nesse tipo de evento. Meio que é a cor da noiva.

— Fala sério, é só uma festa de noivado — retruca Juhyun, mostrando a língua para mim. — Além disso, não é para hoje. É para o baile da Molly Folly. Você já sabe o que vai usar?

O baile. Tinha esquecido completamente. Os pais das gêmeas dão essa festa todo verão, e eu sempre vou, mas com tudo que aconteceu nos últimos tempos, era a última coisa na minha mente. Eu giro a água na taça, olhando para baixo.

— Talvez eu não… consiga ir esse ano.

— Nãããão, Rachel! — reclama Hyeri. — Você tem que ir!

— É — concorda Juhyun. — É, tipo, nossa tradição de melhores amigas. Eu faço a maquiagem de vocês, a gente come um monte de sushi enquanto vemos nossos pais puxarem o saco dos ricos e pentelhos de Seul, depois vamos para casa e assistimos a *Garotas malvadas* ainda de vestido de festa!

Sorrio, sentindo uma pontada de culpa.

— Eu sei, e amo fazer tudo isso. Só não sei se vou ter tempo dessa vez.

— Não vai ter tempo para sushi de graça e Lindsay Lohan? — insiste Juhyun, de queixo caído. — O K-pop roubou sua alma por acaso? Você está trabalhando tanto que parece que esqueceu como se divertir.

Eu dou risada, mas por dentro não consigo evitar a tristeza. Juhyun pode estar só brincando, mas não sabe como está perto da verdade.

— Já sei do que você precisa — diz Hyeri, decidida. Ela pega um vestido de chiffon com estampa de bolinhas do cabide e estende para mim. — Você precisa de um vestido para a festa de noivado.

— O quê? Eu não posso ir na festa da sua prima! Eu nem conheço ela!

— Claro que pode — responde Juhyun, sem se abalar, escolhendo mais alguns vestidos para eu experimentar.

— Não adianta discutir, Rachel. — Hyeri sorri. — Pense nisso como uma interdiversão.

— Tá bom, tá bom — cedo, erguendo as mãos. — Eu me rendo.

— Que bom — diz Juhyun, jogando um vestido tomara que caia prateado para mim. — Vamos começar com esse.

* * *

Da última vez que estive aqui, o Brooklyn Bridge Park não tinha uma fonte de rosé em formato de unicórnio, nem uma piscina de bolinhas cor-de-rosa inflável cheia de miniglobos de discoteca. Também tenho bastante certeza de que o Diplo não estava fazendo live-streaming de sua apresentação no segundo andar de uma casa na árvore de acrílico, coberta de glitter iridescente.

Estou de queixo caído, absorvendo a cena, e me viro para as gêmeas:

— Como?!

— Nossa família alugou o parque e transformou tudo para a festa de hoje — explica Juhyun. — Tudo isso só vai ficar aqui esta noite, então é melhor aproveitar enquanto dura!

Ao lado do grande carrossel que conheço da minha infância, foram montados uma mesa imensa, coberta de macarons em formato de aliança, e um balcão de algodão-doce artesanal, com toppings que vão de glitter comestível a balas de morango. A silhueta da cidade brilha ao fundo, e todos os convidados parecem estar reluzindo com o que só posso descrever como uma alegria

pura e radiante. Ou talvez sejam só as coroas iluminadas que todos estão usando. Conforme atravessamos o parque, vejo Jason parado perto da fonte de unicórnio, olhando a multidão como se estivesse procurando alguém. Eu perco o fôlego.

Não esperava encontrá-lo aqui.

Quando Jason me vê, seu rosto se ilumina e ele sorri, e então eu me dou conta de que ele estava esperando por mim.

Demoro um instante para perceber que Jason não está sozinho. Para a minha surpresa, Minjun e Daeho estão ao lado dele, se servindo de taças de rosé na fonte. Minjun me vê e sorri, erguendo a taça na minha direção.

— Já estava na hora de você chegar, Rachel — diz ele, cutucando Jason. — Esse cara aqui estava prestes a surtar.

— Oi, Rachel — cumprimenta Daeho, bebendo o rosé.

— O que está acontecendo? — pergunto, olhando para os três, depois para as gêmeas, que sorriem para mim com expressões conspiratórias.

— O Jason vai explicar tudo — responde Hyeri.

Ele me lança um sorriso tímido, o olhar suave.

— Eu queria que você tivesse algumas memórias boas de estar em casa. Quando pensar na sua primeira turnê, quero que se lembre de mais do que longos dias de filmagem sem comer e com mil trocas de figurino. Quero que você tenha memórias que não deseje esquecer. Então pedi ajuda das gêmeas Cho, e elas disseram que estavam vindo para a festa de noivado da prima, então… — Ele dá de ombros como se não fosse nada, mas sua expressão inegavelmente é de satisfação. — A surpresa meio que tomou forma. Minjun e Daeho vieram com as gêmeas para aproveitar a festa com a gente.

— Jason…

Penso em tudo que eu quero dizer: *Isso é tão fofo. Obrigada. Não acredito que você fez isso. É incrível.* Mas de repente sinto uma onda de ansiedade enquanto observo as pessoas ao redor. O parque está lotado de convidados. E se alguém for fã da NEXT BOYZ?

O sorriso de Jason diminui quando ele vê minha expressão.

— Qual o problema?

— É só que… Por mais que eu ame isso tudo… E se alguém nos reconhecer?

Com Jason e Minjun aqui, só imagino a confusão que poderia acontecer. E não sei se estou com paciência para ser xingada pelos fãs deles hoje. Ou para explicar para a DB por que uma foto minha com Jason em uma festa no Brooklyn apareceu no Instagram. Não quando as coisas entre nós finalmente parecem normais de novo.

— Rachel, a gente está no Brooklyn — intervém Juhyun rapidamente, apertando meu braço. — Qualquer pessoa aqui preferiria morrer a admitir que sequer reconhece um astro de K-pop perfeitinho, que dirá *gostar* de um. Não precisa se preocupar.

Eu olho em volta e vejo que ela tem razão. Ninguém está disfarçadamente tirando fotos do DJ famoso, ou lançando olhares curiosos para o cantor de vinte e poucos anos recém-saído da sua primeira turnê mundial, que está aos beijos com sua linda noiva ruiva, uma estrela de Hollywood, na piscina de bolinhas de discoteca. Começo a relaxar.

— Você tem razão — digo. Olho para Jason e sorrio. — E isso é incrível. Obrigada.

— Certo, certo — interrompe Minjun. — Então será que a gente pode se divertir agora? Vamos começar antes que esse cara fique bêbado de suco de unicórnio!

Ele aponta com o polegar para Daeho, que já está vermelho depois da primeira taça.

— Estou com uma cara tão ruim assim? — pergunta ele, colocando a mão na bochecha.

— Acho que você está perfeito — diz Hyeri, corando por um motivo bem diferente.

Minjun balança a cabeça.

— Amigo, você é praticamente uma maçã na Grande Maçã!

Jason se vira para mim, os olhos brilhando de animação.

— O que você quer fazer primeiro? — pergunta, se aproximando.

Sorrio, sentindo aquele frio na barriga surgir quando ele apoia a mão nas minhas costas.

— O que você acha?

Nós dois gritamos ao mesmo tempo:

— Balanços de donut!

Corremos pelo parque até os imensos balanços em formato de donut, e Minjun tenta sair de um deles com uma cambalhota (caindo, ainda bem, em um pula-pula em formato de ilha tropical atrás dele), antes de seguirmos para a casa na árvore. Minjun passa o braço pelos ombros de Hyeri enquanto berram a letra de “Sucker”. Meu cabelo gruda na nuca, meus pés doem de tanto dançar, mas estou tão feliz por estarmos todos juntos em Nova York em uma festa em que ninguém sabe quem somos. Jason e eu não nos largamos, e com um grito ele me abraça, me envolvendo em uma nuvem quente de bordo e menta.

A música acaba, e a voz do DJ ribomba dos alto-falantes.

— Quem aqui está apaixonado?

Na frente da multidão, vejo a prima das gêmeas e o noivo gritando, os amigos todos aglomerados ao redor.

— É isso que eu gosto de ouvir! Agora, a próxima música pode ser novidade para vocês, mas acabou de alcançar a primeira posição nas paradas de K-pop, e sei que vocês vão se apaixonar ao som dela. Sai do chão!

Os convidados gritam ainda mais quando a música começa a tocar. Reconheço a voz do Jason saindo dos alto-falantes e perco o fôlego.

Não é uma música de K-pop qualquer.

A música número um nas paradas de K-pop é a *nossa*!

Cubro a boca com as mãos, paralisada.

Jason parece chocado, mas ergue os braços como se fosse um campeão olímpico.

— É a gente! — grita ele. — Estamos em primeiro lugar!

Mal consigo ouvir suas palavras em meio à confusão dos convidados, que estão gritando animados com a música e dançando com grandes sorrisos. Estão adorando.

Eu grito, dando vários pulinhos.

— Estamos em primeiro lugar! Estamos em primeiro lugar!

Jason solta uma gargalhada, então me abraça e me gira no ar várias vezes.

Sentindo as mãos dele na minha cintura, algo em mim se abre, e todos os sentimentos que eu mantive presos explodem.

Então eu compreendo algo.

Na primeira vez que beijei Jason, foi por medo. Medo de que esse sonho ao qual me dediquei tanto não fosse o suficiente ou de que eu não conseguisse realizá-lo. Medo de decepcionar meus amigos, Yujin, minha família. Mas medo não alimenta sonhos.

Medo só alimenta mais medo.

E se eu quiser ser alguém que segue o próprio coração e se arrisca? Alguém que consegue ignorar o julgamento constante e a competitividade dessa indústria? Alguém que não tem medo de ser feliz, de todas as maneiras? E isso que existe entre Jason e eu, seja o que for, acende uma fagulha em mim. Não mereço seguir essa luz e ver no que dá? Ser essa garota que anda de mãos dadas e ri sem medo com o menino que faz seu coração cantar?

Mesmo se isso signifique ter que abrir mão dos meus sonhos? Ou talvez só aceitar que tenho outro sonho?

Quando Jason finalmente se vira para mim, seu rosto iluminado de um jeito tão dele, parece que mil fogos de artifício explodem no meu peito. A gente se reaproxima e, antes que nossos lábios se toquem, ele para por um segundo. Tudo que aconteceu entre nós flutua no ar. Mas eu não me afasto. Pelo contrário, jogo meus braços ao redor dele e o beijo com força. Ouço nossos amigos gritarem e assobiarem, mas, neste momento, somos só eu e Jason.

Neste momento, tudo está perfeito.

Vinte e três

O episódio de *Oh My Dreams* favorito da Leah é o que Park Dohee e Kim Chanwoo têm seu primeiro encontro. Ele se atrasa para encontrá-la no restaurante, e começa a chover. Ela acha que ele mudou de ideia e não vai aparecer, então começa a voltar para casa, sem guarda-chuva… mas na metade do caminho, a chuva para de atingi-la. É Chanwoo. Está segurando seu guarda-chuva acima da cabeça dela, se molhando todo e carregando uma sacola de mercado no braço. Na verdade, ele tinha chegado mais cedo ao restaurante, mas descobriu que o prato preferido dela tinha acabado, então foi correndo de loja em loja procurando os ingredientes para o chef poder preparar a comida de Dohee, e por isso se atrasou.

Sempre que Leah assiste a esse episódio, seu rosto se ilumina de felicidade e ela suspira.

— Isso que é amor verdadeiro.

Eu sorrio ao pensar na minha irmã, tão contente com suas histórias, mas sei que agora tenho uma história ainda melhor para ela: a minha com o Jason. As coisas ainda são frágeis e recentes entre nós, e nem sei o que será esse “nós” quando voltarmos para casa, mas tenho esperança, como em muito tempo não tinha.

Quando abro a porta do nosso apartamento, mal posso esperar para ver minha família. Sei que appa vai pirar com seu presente de formatura, um caderno de capa de couro com a silhueta de Nova York bordada. Estou animada até para ver eomma e dar para ela o globo de neve com um táxi dentro para sua coleção.

— Cheguei! — grito, tirando meus sapatos e calçando os chinelos de casa.

— Rachel? — chama eomma lá de dentro. — Estamos na sala.

Eu entro, toda feliz, arrastando minha mala.

— Se prepare, família, trouxe presentes…

— Oi, Rachel! — cumprimenta Mina, com um sorriso doce. — Como foi o resto da turnê?

Eu congelo. Como eomma avisou, estão todos na sala. Appa, eomma, Leah… e o sr. Choo e Mina. Estão todos sentados ao redor de uma mesinha de chá dobrável, com xícaras de bori-cha e um prato de fatias bonitas de pera com garfinhos em miniatura. Dá para perceber, pelo prato intocado e pelo chá ainda fumegante, que estão aqui faz pouco tempo.

Além disso, Leah está com um picolé Melona pela metade, e eomma jamais deixaria ela abrir um picolé quando temos visita.

— Foi ótimo — respondo, devagar. Faço um esforço enorme para manter a confusão no meu rosto no nível "surpresa agradável", em vez de "choque e pavor", diante dos Choo no nosso apartamento. — Como você está, Mina? E o tornozelo?

— Nunca estive melhor! — responde Mina, sorrindo docemente. — O papai contratou o melhor fisioterapeuta de Seul, e estou mais forte do que nunca.

— Na verdade, Rachel, você chegou no momento perfeito — diz o sr. Choo, sorrindo para a filha e, com um gesto, me convidando a sentar.

Eu arregalo os olhos, mas logo me recupero, ardendo de raiva por ter sido convidada a me sentar na minha própria casa. É ele quem está fora de lugar, com seu cabelo duro de gel e blazer de abotoamento duplo. O sr. Choo abre um largo sorriso e se vira para appa.

— Eu estava prestes a oferecer um emprego ao seu pai, como consultor legal na Choo Corporation.

Um silêncio toma conta da sala. Meu coração para no peito, e me viro para Mina. Ela armou isso. Eu contei a ela sobre a formatura de appa quando estávamos atoladas perto de Brantwood. E agora ela está usando essa informação para tentar me destruir. Mas como? Dando um emprego para o meu pai? Não faz sentido.

O sr. Choo continua, ignorando a ausência de resposta:

— Quando descobri que você se formou em Direito recentemente, percebi que seria uma ótima oportunidade para nós dois. Estou procurando um consultor faz tempo, mas não encontrava o candidato certo. Alguém dedicado e confiável, que vai

manter os valores da nossa empresa familiar. Pelo que ouvi do senhor, sr. Kim, seria perfeito para o cargo.

— Eu não sei o que dizer — responde appa, sua expressão igual a de Leah, um sorriso imenso abrindo no rosto. — Seria uma oportunidade incrível para mim.

— Sim, uma oportunidade incrível — repete eomma, mas seus olhos estão furiosos.

Ela pode estar enganando sr. Choo e Mina com as fatias de pera e a postura de boa anfitriã, mas eu conheço minha mãe. Por dentro, ela está fumegando por ter sido pega de surpresa com a notícia de que appa estava estudando Direito.

— Espera, então appa vai trabalhar para o sr. Choo como advogado? — pergunta Leah, agitando as mãos, animada. Gotas de sorvete derretido se espalham pelo chão, mas ninguém percebe. — Nossa! Que incrível!

O sr. Choo dá uma risada contente, mas seus olhos são frios e calculistas.

— É realmente uma oportunidade extraordinária. Somos uma família na Choo Corporation. Agora vocês todos farão parte dessa família também. Ligados para sempre.

Por que isso soa como uma ameaça?

Subitamente, lembro de Kang Jina me avisando para tomar cuidado com o sr. Choo. Minha mente volta para todas as placas de PATROCINADO PELA FAMÍLIA C-MART que vi na DB, o avião da Choo Corporation que nos levou para Toronto, as muitas vezes que ouvi o sr. Choo explodir de raiva com Mina.

Meu estômago dá um nó. Ele é um homem poderoso, se meter com ele não é boa coisa. Não gosto da ideia de estar ligada a ele ou à sua empresa para sempre. Eu sei o que isso significa. Não somos uma família.

Somos sua propriedade.

O sr. Choo se levanta, estendendo a mão para appa.

— Vou mandar alguém trazer a papelada em breve. Sinto muito não poder ficar mais para conversar, mas o trabalho chama, como sempre.

— É claro, é claro — responde appa, se levantando e apertando a mão dele. Eomma também se levanta. — Muito obrigado

novamente. Estou honrado.

Leah e eu nos levantamos e fazemos uma reverência para o sr. Choo, mas minhas mãos estão cerradas. Ele assente e vai até a porta. Appa e eomma vão atrás, para acompanhá-lo, pisando sem querer na poça grudenta de sorvete de Leah, deixando pegadas verdes no chão.

Eles nem percebem a merda em que acabaram de pisar.

— Isso é maravilhoso, não é? — diz Mina, animada, mastigando uma fatia de pera. — Somos uma grande família feliz agora. E, Rachel, você sabe como eu estava *louca* para conhecer sua irmã.

— Sério? Estava? — pergunta Leah, de olhos arregalados.

Ela já ouviu histórias suficientes sobre Mina para saber que precisa ficar ligada, mas percebo que está lisonjeada com a ideia de Mina querer conhecê-la. Dou um passo em direção a minha irmã, querendo protegê-la, e olho com raiva para Mina.

— É claro — insiste ela. — Eu sempre quis ter uma irmã mais nova. Várias das unnie da Electric Flower me tratam como uma irmãzinha, e eu quero fazer o mesmo. Elas me dão os melhores conselhos. — Ela baixa a voz para um sussurro, como se estivesse contando um segredo. — Mas cá entre nós, algumas das unnie deveriam seguir os próprios conselhos. Estão sempre me dizendo para cuidar da saúde, mas por acaso sei que uma das meninas esconde doces nas costuras de todos os figurinos dos shows, porque não consegue ficar sem! Não quero falar mal de ninguém, mas Joo Semy deveria tomar cuidado. Ouvi dizer que a DB está gastando uma fortuna com os tratamentos dentários dela!

Os olhos de Leah estão quase pulando do rosto de tão arregalados. Ela se inclina para perto de Mina, e percebo que está se deixando conquistar.

— Não acredito.

— Pois acredite.

Sinto vontade de gritar. Isso não pode estar acontecendo.

— Bom, melhor eu ir também. — Ela sorri para mim. — Me leva até o elevador, Rachel?

— Com prazer — digo por entre os dentes.

Ela se despede de Leah e dos meus pais, então vamos para o elevador. Assim que a porta do apartamento bate, seu rosto se

ilumina num sorriso maligno.

— Não sei por que você está fazendo isso, Mina, mas vou contar tudo para o meu pai. Ele não vai aceitar o emprego quando souber que pessoa horrível você é.

— Ah, Rachel, você não devia pensar assim. Você ouviu meu pai: somos uma grande família feliz agora. É preciso ser respeitoso. E nós duas sabemos o quanto esse emprego significa para o seu pai. Você não vai querer estragar isso, né?

Eu estreito os olhos para ela, meu corpo ardendo de raiva. Por mais que eu queira entrar em casa e contar tudo para o appa, sei que não posso. Sei que esse emprego significa tudo para ele.

— Então, como você e o Jason comemoraram a notícia em Nova York? — pergunta Mina, interrompendo minha sequência de pensamentos sombrios.

— Comemorar? — Eu pisco, confusa, esquecendo por um momento que a turnê sequer existiu. De repente, Nova York parece estar a anos-luz de distância. — Ah, quer dizer o primeiro lugar nas paradas?

Ela inclina a cabeça, erguendo as sobrancelhas ao apertar o botão do elevador.

— Não, não é dessa notícia que estou falando.

Eu franzo a testa, e um sorriso satisfeito se abre no rosto de Mina.

— Espera, quer dizer que você ainda não sabe da última? Sério mesmo? — pergunta ela, mal conseguindo controlar o enorme prazer ao ver minha expressão confusa. — Ah, Princesa Rachel, você realmente ainda tem muito a aprender sobre o mundo.

Ela tira o celular do bolso e vira a tela para mim. O site de fofocas de K-pop favorito da Leah está aberto. Eu estreito os olhos para ler as manchetes.

JASON LEE EM CARREIRA SOLO!

NEXT BOYZ JÁ ERA! VIDA LONGA A JASON LEE.

DB ANIMADA PARA EXPLORAR O FUTURO MUSICAL DE JASON LEE EM SUA CARREIRA SOLO.

Fico paralisada, minha cabeça girando enquanto a porta do elevador se abre.

— Obrigada por me acompanhar, Rachel — diz Mina, enquanto a porta se fecha, com um sorriso maligno iluminando o rosto. — Ah. E

bem-vinda de volta.

Vinte e quatro

Encaro a porta do elevador, sem conseguir me mexer. Jason vai começar uma carreira solo? Por que ele não me contou? Essa é uma notícia incrível!

Ligo para ele, querendo ser uma das primeiras pessoas a dar os parabéns — além, é claro, de saber detalhes de como tudo aconteceu —, mas a ligação cai direto na caixa postal. Mando uma mensagem no Kakao e bato o pé no chão, ansiosa por uma resposta. Passado um minuto, não aguento mais esperar.

Em caso de dúvida, consulte o Instagram.

Digito #JasonLee na barra de busca e uma sequência de fotos aparece, postada por fãs stalkers cinco minutos atrás. Ele está entrando em um prédio familiar.

A sede da DB.

Nem me toco que ainda estou usando as roupas desarrumadas do avião e os chinelos com listras vermelhas e brancas de ficar em casa, e saio correndo para a estação de metrô mais próxima. Meu corpo está tremendo de animação e só consigo pensar em uma coisa: preciso ver Jason.

Assim que entro no metrô, meu celular começa a vibrar furiosamente no bolso. Imagino que seja o Jason retornando minha ligação, e na pressa para pegar o telefone quase o deixo cair no meio do vagão. Mas não é o Jason.

É a Akari. Ei, você pode falar?

Meu cérebro freia bruscamente ao ler a mensagem, os pensamentos sobre Jason desaparecendo. A Akari não falava comigo desde aquele dia no escritório da Yujin. Meus dedos ficam paralisados em cima do teclado. Tenho tanta coisa para contar que nem sei por onde começar. Ou como explicar. Mas, quando estou prestes a começar a digitar, uma adolescente sentada à minha

frente ergue os olhos e faz uma expressão surpresa ao me reconhecer. Ela se inclina para a amiga e sussurra:

— É ela! Aquela menina é a amante do Jason!

Eu perco o fôlego. O que foi que ela disse?

Meu sangue gela. Fecho o aplicativo do Kakao e procuro “Rachel Kim” no Google. Na mesma hora, minha tela é tomada pela última manchete: JASON LEE, DIVIDIDO ENTRE DOIS AMORES.

Sinto meu corpo ficar tenso da cabeça aos pés.

Como assim?

A matéria está cheia de fotos de nós dois no dia de autocuidado em Tóquio. Andando por Harajuku; comendo no Monster Café; eu amparando Leah nos karts. Mas, ao lado das nossas fotos, há uma série similar de Jason com Mina. Jantando em um restaurante à luz de velas, rindo com as cabeças próximas; caminhando nas margens do rio Han ao pôr do sol, os rostos iluminados pela luz dourada; dividindo um sorvete com duas colherzinhas.

Minhas mãos ficam geladas e úmidas. Não entendo nada.

Como se estivesse em piloto automático, vou rolando a matéria, lendo o mais rápido que consigo. Capto algumas palavras como “escolha impossível” e “dividido entre duas garotas”. Uma onda de bile se revira no meu estômago e quase chega à garganta. Parece que vou vomitar.

Jason estava saindo com Mina esse tempo todo?

Ao meu redor, ouço as pessoas sussurrando. Elas olham para os celulares, depois para mim.

— Ei, essa não é a Rachel Kim?

— É, sim. Você leu isso? “Rachel Kim é famosa especialmente por brincar de mildang com o coração de Jason Lee, dando sinais contraditórios para mantê-lo interessado. Um segundo ela não tira os olhos dele, no seguinte nem o olha nos olhos.”

— Nossa. Dá para acreditar? O Jason merece coisa melhor.

Minha nuca se arrepia, e sinto as câmeras dos celulares focando em mim. Rapidamente cubro o rosto com as mãos e me encolho no assento. Quando o metrô para, eu dou um pulo do assento e saio correndo entre as pessoas esperando para entrar, disparando até a sede da DB. Mas lá dentro não está muito melhor. Os jovens

trainees reunidos na entrada sussurram e apontam quando eu passo.

— Você viu quem era?

— Ouvi falar que ela está grávida do Minjun, e é por isso que o Jason terminou com ela.

— Ouvi dizer que ela e a Mina tentaram se estrangular com as tiras dos saltos durante a turnê.

Bom, pelo menos a DB não está com falta de boatos.

Mais por hábito do que qualquer outra coisa, vou para o corredor das salas de ensaio e ouço uma música familiar.

A música do Jason. A que ele tocou para mim na sala de música do colégio.

Abro a porta com um estrondo e me deparo com Jason sentado em uma cadeira, o violão a postos. Minjun estava fazendo uma coreografia boba de dança moderna ao som da música. Os dois erguem os olhos ao mesmo tempo, e Jason abre um sorriso enorme ao me ver.

— Ah, a pombinha respondeu à canção do seu amado — brinca Minjun, colocando a mão no peito. — Que lindo.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta Jason, animado, erguendo os braços como se esperasse um abraço. — Senti sua falta.

Ele *sentiu minha falta*?

Um milhão de pensamentos vêm à minha cabeça, se embolando em um imenso nó. Tudo parece acontecer rápido demais, e meu cérebro não consegue conectar o meu Jason, sentado ali casualmente com o violão, dizendo que sentiu minha falta, com o Jason que vi nas fotos de tabloide, rindo e tomando sorvete com Mina. Estou nervosa e magoada, e um cata-vento de papel conseguiria colocar mais ar no meu corpo que meus pulmões… mas, acima de tudo, estou furiosa.

Abro a boca, prestes a despejar tudo nele, mas nada sai. Agora que estamos cara a cara, não tenho palavras. Estou totalmente paralisada. O choque finalmente me venceu.

Minjun olha para nós dois, percebendo a mudança no clima.

— Vou deixar vocês a sós. — Ele sai da sala e fecha a porta com um estalar suave.

Jason franze o cenho.

— Rachel, está tudo bem?

É então que eu percebo. Ele ainda não sabe que eu sei. Ele não viu a matéria. Não podemos usar o celular durante o treino.

Em silêncio, estendo meu celular para ele, as fotos com a Mina abertas na tela.

Jason pega o aparelho. Seu rosto passa de confuso para horrorizado, os olhos se arregalando quando compreende a situação. Ele engole em seco.

— Rachel, não é o que parece. Por favor, me deixe explicar — pede ele, devagar, com cuidado.

Sim, por favor, me explique, tenho vontade de dizer. *Me diga algo que vai me tirar desse redemoinho pelo qual fui sugada desde que entrei no metrô. Me diga algo, qualquer coisa, que impeça meu coração de se partir, porque neste momento ele está por um fio. Quero acreditar que isso é um mal-entendido, ou melhor, um sonho do qual vou acordar e esquecer no dia seguinte.*

Por favor, só me diga algo que faça isso parar.

Mas não digo nada disso. Só olho para o chão e respondo, com a voz rouca:

— Pode falar, então. Explica.

Ele respira fundo e seca as mãos na calça. Em geral, quando vai dizer algo importante, Jason me olha nos olhos, mas agora está encarando tudo menos eu.

— Uns seis meses atrás, eu mostrei minha música para a DB, aquela que eu toquei para você. Eu queria seguir carreira solo e queria que aquela música fosse minha estreia.

As palavras escapam dos meus lábios antes que eu consiga impedi-las.

— Mas e a NEXT BOYZ? E o Minjun?

Jason suspira.

— O Minjun entendeu. E os outros… O que posso dizer? Eu te contei da minha mãe, do quanto o K-pop significava para ela. O quanto significa para mim. Eu queria que minha música tivesse significado de novo.

Balanço a cabeça devagar.

— Eu entendo essa parte. O que não entendo é o que isso tem a ver comigo e com a Mina.

Jason engole em seco.

— Bem... Os executivos concordaram, mas com uma condição: eles queriam ver se eu conseguiria mesmo me dar bem sozinho. — Ele ergue os olhos para mim. — Queriam que eu gravasse um novo single com uma trainee.

— A nossa música — completo, começando a entender.

— Isso. Foi decidido que eu faria um dueto de teste com a Mina, mas depois que aquele nosso vídeo viralizou, eu… — Ele hesita, olhando para os sapatos. — Eu pensei que cantar com vocês duas criaria mais burburinho.

Meu coração fica apertado com essas palavras.

— Foi ideia sua?

Penso no sr. Han me defendendo diante dos outros executivos, quando parecia que não havia mais esperança.

Jason assente devagar, como se mal conseguisse acreditar no que fez.

— Eu falei com o sr. Han depois que cantamos juntos.

— Claro. Mais mulheres ao redor do grande Jason Lee.

— Não, Rachel! — Ele me encara com as sobrancelhas franzidas. — Não foi assim. Eu amei cantar com você. Foi como se…

— A gente tivesse sido feito para cantar junto? — completo, sem emoção.

— Exatamente. Como se fosse o destino.

— E o resto? — pergunto, apontando para o meu celular, que continua nas mãos dele.

— A DB estava exigindo que eu fizesse todo o possível para aumentar o burburinho em torno da música — responde ele, falando rápido. — Você sabe como a DB é com publicidade. Então marcaram encontros com você e com a Mina e contrataram paparazzi para nos seguir. Mas, Rachel, por favor, entenda. — Ele segura minhas mãos e me olha nos olhos. — Com a Mina foi tudo encenação, como era para ser. Mas com você foi diferente. Naquele dia em Tóquio, no avião, eu estava falando sério. E venho falando sério desde então. Eu amo estar com você. Eu te…

— Não! — grito. — Não diga isso. Você não pode me dizer isso agora. — Minha mente está a mil. Não sei no que acreditar nem o que sentir. — A Mina sabe?

Ele hesita.

— O pai dela contou tudo sobre o plano desde o início — admite. — Durante o dia no rio, ela estava só fingindo para as câmeras. Nós dois estávamos.

— Por que ninguém me contou?

Jason esconde o rosto com as mãos por um instante, antes de olhar para mim e segurar minhas mãos outra vez.

— Os executivos sabiam que você tinha dificuldade com as câmeras. Não queriam que você estragasse os planos… — Ele para de falar, desanimado.

Então Mina sabia de tudo antes que eu sequer desconfiasse. Eu penso em cada momento dos últimos meses — nosso dia em Tóquio, Jason entrando escondido no meu colégio, nosso jantar com as imo em Brantwood, a festa de noivado no Brooklyn —, e me sinto mais humilhada a cada segundo. Eu estava tão deslumbrada pela minha intimidade com Jason que não percebi como estava sendo estúpida. Como estava sendo inocente, tão disposta a abrir mão do meu futuro por um cara que só estava pensando na própria carreira o tempo todo. Será que nada daquilo foi real?

— Não acredito em você. — Afasto minhas mãos das dele. — Tudo que você me falou naquele dia no parque, sobre me apoiar, sobre não querer ser como os executivos… Na verdade você é pior. Pelo menos eles não mentem sobre quem são. Você me fez acreditar que isso era real.

— Por favor, Rachel, também não é assim — implora ele, a voz desesperada. — Desde aquele dia em Tóquio, estou pagando os paparazzi para não divulgarem as fotos. Eu não queria que você descobrisse desse jeito. Estava planejando te contar tudo em breve, mas… — Ele olha para o meu celular. — Claramente alguém decidiu vazar a história.

Mais e mais matérias não param de surgir, todas as manchetes pintando Jason como um astro de K-pop apaixonado e inocente. SERÁ QUE JASON LEE SUPERA ESSE TÉRMINO? ASTRO DO K-POP JASON LEE DIVIDIDO ENTRE DOIS LADOS. O GAROTO DE OURO DA COREIA NO MEIO DE UM TRIÂNGULO AMOROSO ÉPICO.

— Por favor, não leia isso — pede ele, mas é tarde demais.

— “Trainees da DB têm reputação de serem impiedosas, dispostas a fazer qualquer coisa para chegar ao topo, mas Rachel Kim e Choo Mina levaram isso a outro nível, manipulando o astro Jason Lee para conseguirem uma chance de brilhar.” — Eu paro, furiosa demais para continuar. — Não consigo acreditar. Sabe, eu vim aqui para te ver e comemorar sua carreira solo. Só que essa bomba estourou no exato momento que…

Eu paro, as palavras de Jason voltando de repente. *Você sabe como a DB é com publicidade.*

Então me dou conta de tudo.

— Foi a DB. Eles vazaram as fotos. — Eu o encaro, as peças finalmente se encaixando. — Você achou que estava impedindo os paparazzi de postarem as fotos, mas não era por sua causa. Eles estavam só esperando um sinal da DB para enviá-las no momento certo.

— Do que você está falando?

— Pensa, Jason! — grito. — “Summer Heat” não passou de um esquenta para a sua carreira solo. Eles criaram essa narrativa de que você está de coração partido, dividido entre duas garotas, para, quando você cantar sua linda musiquinha solo, as pessoas ligarem a letra à sua vida sem pensar duas vezes. E é claro que me jogaram num triângulo amoroso com a Mina. Nós duas não passamos de trainees descartáveis! Se o público ficar contra nós, não importa!

— Mas isso não faz sentido — argumenta ele, de sobrancelhas franzidas. — Você ouviu a música. A letra é sobre identidade, sobre estar dividido entre dois mundos. Não é sobre um triângulo amoroso.

— Você acha mesmo que a DB ia te deixar cantar sobre a porra da sua identidade? — pergunto, encarando-o, sem acreditar. — “Estou indo e vindo, empurra e puxa, flutuando em queda livre. Sou um copo meio cheio ou meio vazio, preso entre duas galáxias”? — A letra sai fácil dos meus lábios. — Acorda, Jason. Indo e vindo, empurra e puxa? Duas galáxias pode ser facilmente interpretado como duas garotas. Sua rainha do castelo e a amante do oceano. Por que você acha que eles fizeram isso com a gente?

— Não. — Ele balança a cabeça, pânico e nervosismo surgindo em sua voz. — Eles não fariam isso comigo. Estou te dizendo, não fariam! Eles me ligaram assim que eu saí do avião. Disseram que tinham ótimas notícias, que eu podia começar a ensaiar minha música solo, porque… porque… — Ele para, perdendo o ânimo, reconhecendo que tenho razão. — Rachel. — Ele olha para mim com aquela cara de cachorrinho que se perdeu na mudança, e pela primeira vez não sinto nada. — O que eu vou fazer?

Não tenho mais nada a oferecer.

— Não sei — respondo, com a voz trêmula. — Mas sei que você não vai mais mentir para mim.

Então me viro, pronta para ir embora.

Mas Jason estreita os olhos.

— Olha quem fala. Nós dois sabemos que eu não fui o único a mentir nesse relacionamento — retruca ele, com a voz amarga.

— Se você está se referindo à faculdade de Direito do meu pai, não tinha nada a ver com você…

— Estou falando do vídeo. Em Kwangtaek. — Perco o fôlego quando ele continua. — Eu sei que você planejou tudo com a Yujin para conseguir a atenção dos executivos. Como isso é diferente do que eu fiz? Achei que você entenderia quando eu explicasse tudo.

Sinto um peso nos ombros.

— Você tem razão. E talvez eu tivesse entendido. Mas não assim.

O fio que mantinha meu coração intacto se rompe, e eu desmorono. Penso no meu passado — em todas as minhas versões mais jovens que mantiveram esse sonho vivo em mim. Na Rachel de onze anos que queria isso mais que tudo: seu amor pelo K-pop e alegria com a música iluminaram meu caminho, me mostrando aonde ir, o que fazer. Mas ela mal passa de um sussurro no meu coração agora. A traição do Jason me destruiu.

— Adeus, Jason.

Minha voz não treme ou falha. Está totalmente firme enquanto deixo a sala de ensaio. Só quando já me afastei cubro a boca com a mão, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ele não tenta me impedir.

Vinte e cinco

É incrível como a vida pode desmoronar por completo e ainda assim permanecer quase igual. Algumas horas atrás Jason Lee era meu namorado secreto, eu tinha um hit no primeiro lugar das paradas de K-pop, e minha família estava feliz. Agora o país inteiro pensa que estou namorando Jason (quando não estou mais), ainda tenho um hit no primeiro lugar das paradas, e minha família parece mais feliz que nunca (embora eu tenha quase certeza de que eomma não está falando com appa e a gente agora dependa da família da minha maior inimiga).

Será que as coisas realmente eram como eu pensava? Ou o mundo inteiro não passa de uma mentira? Uma fantasia elaborada para permitir que meninas de onze anos acreditem que sonhos podem virar realidade, só para serem destruídos, em um instante, depois que elas já decidiram dedicar sua vida a eles.

Os comentários nos sites não param e não têm limites.

Como essas míseras trainees ousam partir o coração do Jason?!

Quem elas pensam que são?

Essas vadias merecem morrer por magoar nosso bebê.

Quero esfregar a cara feia delas no asfalto!

Não existe a menor chance de a DB me deixar estrear agora, não com todo o ódio dos fãs e o escândalo. E pensar que foram eles que me meteram nessa confusão. Me treinaram por anos e depois me tornaram inútil de acordo com seus próprios padrões.

É tão absurdo que quase dá vontade de rir. Quase.

Desligo o celular. Não quero ler nenhuma outra matéria, nem mais um comentário. Minha carreira pode ter acabado, mas não preciso ser lembrada disso a cada cinco segundos.

Entro em modo automático. Saio andando sem rumo por Seul, a mente tomada por uma névoa de entorpecimento, até que me deparo com o prédio das gêmeas. Se alguém vai conseguir me distrair de tudo que aconteceu, com certeza serão elas.

Sou recebida por Hyeri, o cabelo enrolado em bobs cor-de-rosa gigantescos no topo da cabeça.

— Rachel! — grita ela, parecendo surpresa mas feliz em me ver, e me convida a entrar no apartamento. — Então você mudou de ideia sobre o baile. Chegou na hora certa!

— Você disse “Rachel”? — Ouço Juhyun perguntar do banheiro. Ela coloca a cabeça para fora, as sobrancelhas feitas pela metade. — Oi. Você chegou! Que ótimo. Senta aí e não pensa em nada. Vamos te ajudar com o cabelo e a maquiagem assim que terminarmos!

O lugar está um caos, com vestidos jogados nas costas dos sofás de couro marrom, bolsas de maquiagem cheias como baús de tesouro na mesinha de centro e mais embalagens de rímel e batom caídas no chão. Eu tinha esquecido completamente que o baile da Molly Folly era hoje. Percebo que as gêmeas estão tão ocupadas se arrumando que ainda não viram as notícias. Ainda bem. Quanto mais tempo eu puder ficar sem falar disso, melhor.

— Foi mal a bagunça — diz Hyeri, me levando até a cozinha, onde uma fileira de garrafas de bebida está arrumada na mesa, pronta para o esquenta das gêmeas. Ela puxa uma cadeira e dá um tapinha no assento antes de voltar correndo para se arrumar na sala, gritando por cima do ombro: — Fica à vontade!

Obedeço, desabando na cadeira e deitando a cabeça na mesa laca. Sou uma ameba. Uma ameba gigante e desanimada.

Não sei quanto tempo fico nessa posição até perceber que as gêmeas estão paradas à minha frente, suas sobrancelhas perfeitamente desenhadas franzidas em expressões idênticas de preocupação. O cabelo de Juhyun está preso em um coque de princesa, e o de Hyeri está solto em cachos largos às costas. Parecem prontas para a festa, tirando o fato de ainda estarem de pijama.

— Está tudo bem, Rachel? — pergunta Hyeri.

— Sim.

— Com “sim”, você quer dizer “não”?

— Sim.

As gêmeas se entreolham.

— Você quer falar sobre isso? — pergunta Juhyun.

— Não. — Eu deito a cabeça na mesa de novo. — Não quero estragar a noite. Vocês têm uma festa para ir.

Elas começam a protestar, mas eu faço um gesto para deixarem pra lá.

— Está tudo bem, sério. Só preciso beber um pouco. Aqui, pronto.

Eu tiro a tampa da garrafa de tequila. Ainda curvada sobre a mesa, como uma preguiça se recusando a largar o galho, tomo um gole direto do gargalo. Juhyun e Hyeri me encaram enquanto viro a garrafa, mal fazendo careta com o gosto forte da bebida.

— Certo… Cadê a Rachel e o que você fez com ela? — exige saber Juhyun.

— Se você vai fazer perguntas, pelo menos beba comigo — digo, limpando a tequila do queixo.

— Tá bom — concorda Hyeri. Ela abre a garrafa de makgeolli de pêssego. — Obviamente você está triste com alguma coisa, e não tem nada mais triste que beber sozinha. Então vamos nessa. Jjan!

Juhyun ergue uma lata de cerveja.

— Jjan!

A gente brinda e vira as bebidas.

Uma hora depois, estou alta.

Talvez até meio bêbada. Mas só um pouquinhozinho de nada.

Quando comento que Juhyun e Hyeri parecem prontas para uma festa do pijama chique, elas gritam e insistem que eu me produza também. As duas fazem babyliss no meu cabelo e passam maquiagem no meu rosto, um delineador gatinho perfeito e batom vermelho. Juhyun até pinta minhas unhas com um desenho de galáxia que aprendeu a fazer. A certa altura, uma de nós tem a ideia de nos vestirmos para a festa, mesmo se não formos, então a gente coloca os vestidos de gala e se joga no sofá com uma garrafa de vinho e um pacote gigante de batatas sabor lula, os sapatos de salto apoiados na mesa de centro de mármore e vidro.

— De quem foi essa ideia mesmo? — Eu dou uma risada e soluço na minha taça de vinho.

— Sua! — gritam Juhyun e Hyeri ao mesmo tempo.

Caímos na risada. Eu me ajeito no sofá, apoiando a cabeça no ombro de Juhyun. Não sei se é por causa do álcool ou se ainda não

caiu a ficha de que a DB provavelmente vai me expulsar, mas neste momento sinto um alívio estranho.

Eu me sinto livre, normal até.

Imagino essa sendo a minha vida. Me arrumando para uma festa com as minhas amigas, sem me sentir culpada por não aproveitar cada minuto livre para treinar, rindo de Hyeri jogando batatinhas para cima e tentando pegá-las com a boca, enquanto Juhyun as bloqueia. É tão descomplicado. Eu poderia me acostumar com uma vida assim.

Talvez seja disso que sempre precisei.

De repente alguém bate na porta, e nós três gememos.

— Nãããão — reclamo, me afundando ainda mais no sofá. — Estou tão confortável.

— Eu também — concorda Juhyun. Ela cutuca Hyeri com o dedão do pé. — Vai atender, você é a mais nova.

— Você é só dez minutos mais velha! — reclama Hyeri.

— Não interessa, maknae — insiste Juhyun, enquanto batem à porta de novo.

— Ai, tá bom, mas vou levar isso aqui comigo — cede Hyeri, pegando o saco de batatas sabor lula.

Carregando o pacote nos braços como se fosse um bebê, ela tropeça nos saltos no caminho até a porta e abre de uma vez.

Daeho está do outro lado, muito bem-vestido, com um smoking de veludo azul. Ele está bonito, com o cabelo penteado para trás e um buquê de rosas vermelhas. Acho que até passou um BB cream. Arrasou, Daeho.

— O… Oi — gagueja ele, claramente nervoso.

— Daeho. — Hyeri arregala os olhos. — O que você está fazendo aqui? — Então uma expressão de compreensão surge em seu rosto, e ela dá um passo para o lado, apontando para Juhyun, sentada no sofá comigo. — Você deve ter vindo buscar a Juhyun.

— Juhyun? — pergunta Daeho, um olhar confuso. — Na verdade… — Ele respira fundo e enfia o buquê de rosas nos braços de Hyeri. — Eu vim buscar você.

Hyeri fica tão chocada que deixa o pacote de batatas cair. Salgadinhos sabor lula se espalham pelo chão de madeira.

— Eu?

— Tem um cartão — avisa Daeho, esfregando a nuca.

Hyeri tira o envelope do meio das rosas e lê em voz alta.

— “Demorei um milhão de anos para dizer isso, mas penso em você todos os dias. Meu coração já é seu, então aceita ser minha namorada?” — Ela encara Daeho com os olhos arregalados. — Você está falando sério?

Ele fica pálido.

— Por quê? É brega demais? Ou é bizarro? É bizarro e brega?

Do sofá, Juhyun grita:

— Brega!

— Ninguém te perguntou! — berra Hyeri de volta, balançando a cabeça vigorosamente. — Ignora ela, por favor. — Hyeri aperta o cartão junto ao peito. — É perfeito. É só que… eu sempre achei que você gostasse da Juhyun.

— Quê?! — Agora é a vez de Daeho balançar a cabeça. — Não, não. Eu gosto de você, sempre gostei. Mas nunca soube como te dizer. E achei que era importante ser legal com a sua irmã, porque sei como vocês duas são próximas. — Ele franze a testa. — Errei no cálculo?

Juhyun e eu estamos abraçadas no sofá, assistindo à cena. Ouço alguém fungar ao meu lado, e vejo ela ficar com os olhos cheios de lágrimas.

— Não, você não errou no cálculo — diz Hyeri, baixinho. — Eu também gosto muito de você, Daeho.

— Sério? — Ele abre um sorrisão. — Porque eu não sabia o que você sentia, e nós somos amigos há tanto tempo, então eu não queria estragar…

Hyeri se joga em cima dele e o beija com força. Juhyun e eu gritamos quando Daeho a abraça e corresponde o beijo, as batatinhas de lula sendo esmigalhadas aos seus pés.

— Sabe, eu nunca tinha pensado nisso, mas eles ficam fofos juntos — sussurra Juhyun. — Os dois combinam.

— É. — Eu dou risada. — Combinam mesmo.

* * *

A luz da manhã entra pela janela. Abro os olhos, me sentindo meio grogue e de ressaca. Estou na minha cama, no meu quarto.

Como cheguei aqui?

Penso na noite passada, revirando as lembranças. Ah, é. Depois de Juhyun e eu insistirmos em fazer uma limpeza de pele completa em Daeho, ele me trouxe para casa, e até me deu seus sapatos quando reclamei que os meus estavam me machucando.

Pensar em Daeho e Hyeri juntos me faz sorrir, mas o sorriso some quando me lembro do que mais aconteceu ontem: Jason. As fotos vazadas. Os comentários.

O fim de tudo pelo que me esforcei.

Eu suspiro e me reviro na cama, a cabeça martelando. Vejo uma pilha de papéis saindo da gaveta do meio da minha mesa de cabeceira e pego a papelada. São as fichas de inscrição para a faculdade que eomma me deu meses atrás, exatamente no mesmo lugar em que as deixei. Nem toquei nelas desde então.

Eu folheio as páginas e paro em uma lista de perguntas pessoais.

Como você se descreveria?

Onde você se vê em dez anos?

Quais são as suas maiores paixões?

Me dá um branco. Como responder isso quando minha vida na DB acabou? Sem o K-pop, será que sei quem eu sou ou o que quero? Será que tenho alguma outra paixão? Parece que meu futuro se tornou uma interrogação gigante, depois de tanto tempo sabendo exatamente o que queria que acontecesse.

Talvez esteja na hora de imaginar outra coisa.

Eu saio da cama e me sento à escrivaninha, prendendo o cabelo em um coque frouxo. Estou preenchendo as fichas aos poucos quando ouço uma batida na porta. Eomma enfia a cabeça pela porta do quarto.

— Oi — diz ela, baixinho. — O que você está fazendo?

Indico as fichas na mesa sem erguer os olhos.

— Me preparando para a faculdade.

Minha voz falha na última palavra, e a dimensão do que está acontecendo finalmente me atinge. É como se a pergunta de eomma tivesse furado a bolha de entorpecimento que eu estava usando como escudo, me permitindo sentir toda a dor.

É tanta dor.

— Acabou — digo, e eomma entra no quarto e se senta na minha cama. — Essa história toda de K-pop acabou. Nada aconteceu como eu achei que aconteceria. Eu pensava que sabia exatamente no que estava me metendo quando comecei, mas não sabia de nada. Eu estava errada. Sobre tudo.

— Você tinha onze anos — responde eomma, gentilmente.

— Eu não tinha ideia dos sacrifícios que teria que fazer por essa vida — prossigo, secando os olhos. — É demais. Não sirvo para isso. Talvez nunca tenha servido.

Sinto mais lágrimas surgirem, ameaçando rolar. Eomma continua sentada na minha cama, me observando com atenção. Por mais que esteja triste por me ver assim, acho que parte dela deve estar aliviada. Ao deixar o K-pop para trás, vou poder me concentrar na escola e na faculdade, como ela sempre quis.

Acho que minha mãe vai me ajudar com as inscrições, mas em vez disso ela se levanta e sai do meu quarto. Ouço-a remexer na cômoda dela, e quando volta está segurando um álbum de fotos antigo.

— Eomma, o que é isso?

— Dê uma olhada.

Pego o álbum e começo a folhear as páginas com cuidado — são inúmeras fotos da minha mãe, no decorrer do que devem ser uns quinze anos, jogando vôlei quando era jovem, de pé em pódios, recebendo medalhas e troféus. Sinto algo pesado no final do álbum, então o viro e vejo uma medalha de ouro presa no verso. Diz “Primeiro lugar em vôlei feminino, Campeonato Nacional Universitário da Coreia do Sul, 1989”.

Fico sem palavras.

— Eomma…

— Eu deveria ter te contado isso muito tempo atrás, Rachel. Que o vôlei era mais do que um passatempo para mim. Halmeoni não aprovava, é claro. Ela queria que eu estudasse, arrumasse um emprego de verdade… mas eu não ouvi. Queria ir para as Olimpíadas. — Ela solta um suspiro. — Mas isso não aconteceu. Eu era boa, mas não o bastante. Infelizmente, levei tempo demais para perceber e sofri com isso…

— Eomma, você não precisa mais se preocupar comigo. Eu… também não sou boa o bastante. Vou largar o K-pop.

Eomma segura meu rosto e sorri.

— Minha filha, você não entendeu. Por que acha que a gente se mudou para a Coreia?

Dou de ombros.

— Sei lá. Halmeoni morreu. Acho que nunca quis perguntar o que fez você mudar de ideia.

— Você tem razão. Halmeoni morreu e vim para a Coreia por causa do funeral. Eu não via minha mãe fazia anos e, embora quisesse chorar por ela, ficar triste, na verdade senti raiva. Senti tanta raiva por ela não ter apoiado meu sonho, não ter me incentivado a seguir minha paixão. E eu não queria que isso acontecesse com nós duas, então decidi que nossa família se mudaria para cá, para você seguir o seu sonho. — Há lágrimas nos seus olhos agora. — Mas acho que filho de peixe, peixinho é, porque eu não fui muito boa em apoiar você. É que esse é um mundo tão competitivo! E que mãe quer que seu filho sofra? Eu sabia que você enfrentaria muitas dificuldades nesse caminho, e quis protegê-la. Como minha mãe tentou me proteger.

Ela pega o celular e dá play em um vídeo, virando o aparelho para mim. É minha apresentação com Jason e Mina no Estádio Olímpico de Seul. Uma versão trêmula e focada só em mim, capturando cada passo, nota e expressão facial. Olho para eomma, que está com um sorriso melancólico.

— Leah me mandou isso — explica ela. — Eu não fui boa o bastante para realizar meu sonho, mas *você é.* Você tem talento para isso, Rachel. Sempre teve.

Ela estende a mão para mim e eu a seguro, inesperadamente pensando no pai de Jason.

Eu e eomma podemos brigar, mas eu nunca a imaginaria me abandonando por nenhum motivo. Independente do que aconteça, sempre tive certeza do amor dela por mim e sempre soube que ela só quer que eu esteja feliz e segura, mesmo que isso não fique claro às vezes. É fácil esquecer como tenho sorte por ter uma mãe como ela.

— Eu tenho muito orgulho de você — continua. — E sua eomma sente muito por ter demorado tanto tempo para te dizer isso.

As lágrimas finalmente começam a escorrer pelo meu rosto. Parece que tudo que faço ultimamente é chorar, mas essas são lágrimas boas, do tipo que deixam você se sentindo um pouco mais inteira do que antes.

— Obrigada, eomma. — Eu aperto a mão dela com força. — Então quer dizer que você não está mais preocupada comigo?

— Estou apavorada! — Ela ri. — E não sei se isso vai passar. Faz parte de ser sua eomma. Mas você merece sua chance, Rachel. Você se esforçou tanto. Não deixe que ninguém tire isso de você.

Eu balanço a cabeça e puxo minha mãe para um abraço.

Antes que eu me afaste, a porta do quarto se abre com um estrondo.

— Já acabaram de chorar? Estou esperando há *séculos* para entrar! — grita Leah ao subir na cama e se enfiar entre mim e eomma.

Dou risada e limpo as lágrimas.

— Sim, já acabamos, prometo. — Aperto Leah com força e sorrio para eomma por cima da cabeça dela. Sinto uma leveza no coração pela primeira vez em muito tempo, mas ainda não é completa. Ainda preciso me entender com uma pessoa. Coloco as mãos nos ombros de Leah e a observo. — Você me odeia? Odeia morar aqui? Sei que você não pediu para se mudar para cá, mas veio mesmo assim, e…

Leah bufa e abana a mão.

— Unnie. Eu estou bem.

— É sério, Leah. Eu sei que a vida aqui não tem sido muito… fácil para você — digo, pensando nas colegas malvadas dela.

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas outra vez, mas Leah me dá um empurrão de leve.

— Sem chorar! Você prometeu!

Eu engulo um soluço e dou risada.

— Não estou chorando!

— Sabe, Rachel, para uma irmã mais velha você é bem boba às vezes — diz Leah, com um sorrisinho. — Você acha que eu ligo para o que as meninas da escola pensam? Você é minha irmã. Seus

sonhos são meus sonhos. E isso é mais importante que qualquer outra coisa. — Ela inclina a cabeça para eomma e abre um sorriso travesso. — Além disso, os testes para a DB estão chegando… e agora que tenho treze anos, acho que está na minha hora de começar a treinar para ser uma estrela de K-pop. Assim Rachel não vai ficar sozinha na família!

Fico de queixo caído, e pelo canto do olho vejo eomma empalidecer. Mas então o celular dela toca, e eomma estende a mão para atendê-lo, sem tirar os olhos de Leah, que parece ter entrado no seu estado desligado de sempre, vendo as fofocas de K-pop no Instagram. Eomma me cutuca.

— É a Yujin. Ela disse que está tentando falar com você.

Percebo que ainda não olhei meu celular desde que o desliguei ontem. Quando ligo o aparelho, aparecem várias ligações perdidas de Yujin, assim como uma sequência de mensagens urgentes no Kakao.

Venha para a sede da DB AGORA! Preciso falar com você!

Vinte e seis

Yujin está me esperando no saguão quando chego à sede da DB. Assim que me vê, ela vem correndo e me dá um abraço apertado.

— Rachel! Fiquei sabendo de tudo que aconteceu.

— De tudo?

Meu coração quase para. Inclusive do meu namoro com Jason? Meu Deus, espero que não.

Yujin dá um passo para trás, com raiva nos olhos.

— Soube que Jason vai começar a carreira solo e que a DB usou você e Mina para promovê-lo. — Perspicaz como sempre, ela ergue as sobrancelhas e me observa atentamente. — Por quê? Tem mais alguma coisa que você queira me contar?

Eu balanço a cabeça, segurando um suspiro de alívio.

— Não, só isso.

Ela me encara, desconfiada, mas então sua expressão se suaviza.

— Olha, Rachel, eu realmente não tinha ideia de que a DB estava planejando tudo isso. Se eu soubesse, teria feito qualquer coisa para impedi-los. — Yujin pressiona os lábios como se estivesse tentando se manter sob controle. — Sinto muito por não ter feito mais para te proteger.

Meu coração aperta ao ver que Yujin se sente responsável por tudo aquilo. Nunca achei que ela pudesse estar envolvida, e se tem alguém que deveria se desculpar pelo que aconteceu, definitivamente não é ela.

— Por favor, não diga isso. Você me apoiou desde o início. E, considerando as circunstâncias, eu estou bem.

É só uma meia verdade.

— Mesmo? — Yujin me encara de novo. — Tem certeza de que não tem mais nada que você queira me contar?

Ela me conhece bem demais. Por um segundo, penso em como seria bom abrir o jogo sobre mim e Jason. Seria tão bom desabafar. Nada de segredos. Nada de mentiras.

Mas então imagino a decepção no rosto dela e dou meu melhor sorriso.

— Mesmo. Não se preocupe.

Yujin suspira.

— Nem adianta me dizer isso. Sempre tem alguma coisa com que me preocupar.

Do outro lado do corredor, duas trainees do segundo ano saem do refeitório, conversando sem parar.

— Você soube do que aconteceu com a Akari?

— Sim, nem acredito! De todas as meninas da DB, eu nunca imaginaria…

Eu tento ouvir o que estão dizendo, mas suas vozes somem ao seguirem pelo corredor. Me volto para Yujin.

— Você ouviu isso? O que houve com a Akari?

— Então você não sabe? — pergunta Yujin, surpresa, erguendo as sobrancelhas. Quando eu a encaro sem entender, ela morde o lábio, com uma expressão triste no rosto, como se sentisse muito por ter que me dar a notícia. — A Akari teve que trocar de empresa. Ela não está mais na DB.

Sinto meu estômago revirar.

— O quê?!

Não. Não pode ser verdade. Se fosse, eu saberia. Não é?

Mas no instante em que penso isso, sei que estou errada. Estive tão ausente da vida de Akari nos últimos tempos que *como* eu saberia? Minha boca fica seca quando lembro da mensagem que ela me mandou ontem, bem na hora em que tudo aconteceu. Eu a ignorei completamente.

De novo.

Pego o celular e mando uma mensagem para ela, mas não é entregue. Eu tento ligar e até fazer uma chamada no FaceTime, mas nada funciona. A linha foi desconectada.

Akari se foi.

— Vem — diz Yujin, com a voz gentil, segurando meu cotovelo e me guiando pelo corredor. — É dia dos novatos. Eu sei que você

não está animada, mas vai ser uma boa distração. Vamos.

Eu a sigo até o auditório no automático, minha mente em branco. Yujin me empurra em direção ao palco, onde todos os trainees estão enfileirados, esperando para receber as reverências dos novatos. Todo mundo, menos Akari. Meu coração fica ainda mais apertado.

Ela deveria estar aqui. Não acredito que Akari foi mesmo embora.

No palco, Eunji me encara de cima a baixo.

— Olha só quem decidiu aparecer.

Ela estoura uma bola de chiclete sabor melancia.

— A gente achou que você já tivesse morrido de vergonha a essa altura — diz Lizzie, estreitando os olhos quando me dirijo para a frente da fila.

— Por favor, Princesa. — Mina abre um sorriso, exibindo os dentes, e para no meu caminho. Se está abalada pelo recente escândalo, não demonstra. Parece tão confiante como sempre. — Achei que você já tivesse aprendido qual é o seu lugar.

Esse comentário me deixa focada de novo. Ela tem razão.

Eu sei qual é o meu lugar.

Paro na frente da fila, bem ao lado de Mina, exatamente onde me encaixo na hierarquia dos trainees.

— Acredito que tenho direito a este lugar — digo.

O palco fica em silêncio enquanto Mina e eu nos encaramos, a tensão entre nós praticamente ricocheteando nas paredes. Parece que todos estão prendendo a respiração, esperando para ver o que vai acontecer. Mas, assim que os calouros entram e começam a fazer suas reverências, o sr. Noh entra atrás, e Mina desvia o olhar.

Todo mundo suspira aliviado.

Eu ajeito minha postura, com a coluna ereta, determinação correndo pelas veias. Não vou deixar ninguém pisar em mim hoje.

Não quando me esforcei tanto para estar aqui.

Não quando mereço estar aqui.

Nem os executivos da DB podem tirar isso de mim, penso, quando eles param na minha frente com sorrisos enormes, mas implacáveis.

— Rachel — diz a srta. Shim.

Faço uma reverência.

— Srta. Shim — respondo, antes de me virar para o sr. Noh.

— Como você está? — pergunta ele, um toque de hesitação na voz.

Vejo meu rosto pálido e cansado refletido nos seus óculos.

— Sim — interrompe o sr. Lim, mal conseguindo conter seu desdém. — Nós não tínhamos, hum, certeza de que você apareceria hoje.

Eu os encaro com os dentes trincados. Há um brilho raivoso nos olhos do sr. Lim, e o sr. Noh está remexendo o lenço de cetim no bolso do paletó. De repente, percebo que eles sabem que eu sei de tudo, e estão tentando descobrir como vou jogar minhas cartas. Bom. Quando se trata de joguinhos, eu aprendi com os melhores.

Afinal, fui treinada pela DB.

— Eu não perderia a cerimônia por nada. E não pretendo ir a lugar algum tão cedo. — Eu abro um sorriso, a imagem da trainee perfeita, e me volto para o sr. Noh: — Nós somos uma família, lembra? E família é para sempre.

O sr. Lim fica paralisado, mas o sr. Noh dá um sorrisinho resignado.

— Não esperava menos de você.

Ele está com um olhar calculista, que não sei o que significa, mas então segue em frente, se afastando de mim. Não relaxo até descermos do palco e nos sentarmos para ouvir os anúncios. Fico nos fundos, sozinha, e relaxo. Fecho os olhos, me reclinando na poltrona de veludo. Pelo menos o pior já passou.

Sinto a cadeira ao meu lado se mexer quando alguém a ocupa. Abro os olhos de supetão.

É o Jason.

Por um momento, ficamos nos encarando. Não sei o que dizer e, pelo seu jeito tenso — a perna quicando no assento —, percebo que Jason também não. Ele parece cansado e derrotado, uma sombra do seu eu anterior, que tinha confiança de sobra e sabia sem dúvida que o mundo inteiro era seu melhor amigo.

— Rachel… — começa ele, então para. Faz menção de segurar minha mão, mas se controla e aperta o braço da poltrona. — Parabéns — diz ele por fim, com um sorriso tenso. Então se levanta e desaparece pelo corredor.

Fico encarando suas costas, confusa. Parabéns?

Parabéns pelo quê?

O sr. Noh sobe no palco para fazer os anúncios. Estou tão ocupada tentando processar o que acabou de acontecer com o Jason que quase não escuto o que ele está dizendo.

Mas o dia ainda guarda mais uma surpresa.

— Estamos muito animados — começa o sr. Noh, a voz ecoando pelo auditório — em anunciar o novo grupo feminino da DB, Girls Forever! Uma salva de palmas para as nove garotas, as novas caras e vozes, que tenho certeza de que se tornarão as maiores estrelas da Coreia!

O auditório fica em alvoroço, com trainees e treinadores esticando o pescoço para ver quem está presente, tentando adivinhar quem serão as escolhidas. Eu me endireito no lugar, o choque atingindo meu corpo como um raio.

Eu não fazia ideia de que a DB ia anunciar o novo grupo hoje. Julgando pelas expressões surpresas de todos, mais ninguém sabia.

— Vou chamar as meninas para o palco — continua o sr. Noh. — Primeiro, Shin Eunji, cheia de energia em tudo que faz. Ryu Sumin, a imagem da graça e elegância. Yoon Youngeun, uma harmonizadora excepcional. Lee Jiyoon, uma artista criativa. Shim Ari, uma voz potente à altura de qualquer canção. Im Lizzie, dançarina extraordinária. Choi Sunhee, a melhor rapper da turma dos trainees.

Ele faz uma pausa dramática, olhando em volta. O ar está tão carregado de tensão que posso sentir no meu peito. Mina está inclinada para a frente, as unhas enfiadas nos braços da poltrona. Ele não nos chamou ainda.

Será que esse é o momento em que seremos expulsas da DB? Será que o sr. Noh vai anunciar isso na frente de todo mundo, depois de apresentar as novas integrantes da Girls Forever? Que forma mais cruel de nos expulsar, mas, ao mesmo tempo, seria a cara da DB. Eu me preparo para o que quer que ele vá dizer a seguir.

— Por fim, gostaria de anunciar as duas últimas meninas com um orgulho especial. — Ele abre os braços, o retrato de um pai orgulhoso. — Essas duas jovens já trouxeram muito sucesso para a

DB. Simbolizam tudo que somos como família, e tenho certeza de que continuarão sendo um modelo do que é uma estrela perfeita da DB daqui para a frente. — Seu sorriso parece o de um tubarão, a ameaça mal disfarçada nas palavras. — É um prazer anunciar Rachel Kim como vocalista principal e Choo Mina como dançarina principal da Girls Forever!

É um prazer anunciar Rachel Kim como vocalista principal. As palavras se repetem na minha cabeça, e minhas pernas ficam totalmente paralisadas. Não sei como, mas consigo descer o corredor e chegar ao palco. Meus joelhos tremem como gelatina, mal registro os gritos que ecoam no auditório.

Hoje de manhã, eu achava que minha carreira tinha acabado.

Agora estou prestes a estrear.

O sr. Noh aperta minha mão com um sorriso largo.

— Parabéns — diz ele. Então, como se lesse meus pensamentos, completa: — Seus sonhos estão se tornando realidade.

Só percebo que estou chorando ao sentir minhas bochechas molhadas, então rapidamente limpo o rosto com as costas da mão. Isso está mesmo acontecendo. É real. Finalmente.

Quase por reflexo, procuro Yujin na plateia. Ela está aplaudindo e chorando também. Quero sair correndo para abraçá-la, mas sei que ainda não é o momento. Também vejo Jason, de pé no fundo do auditório. Levo um susto ao perceber que o sr. Choo está ao seu lado. Ele se inclina e sussurra algo no ouvido de Jason, que assente, decidido. Quando o anúncio do novo grupo termina, o sr. Noh desce do palco e vai até eles. Jason aperta a mão dos dois com uma expressão séria e determinada.

Sinto um frio na barriga. Por isso que Jason me parabenizou mais cedo. Ele já sabia que eu estrearia hoje. Que eu não seria expulsa da DB. Mas como?

E o que ele precisou fazer para me colocar aqui?

— Parabéns, Rachel.

Eu me viro e encontro Mina na minha frente, com Lizzie e Eunji ao lado.

— Vocalista principal — comenta Lizzie, a voz cheia de falso entusiasmo. — É um título impressionante.

— Vai ser ótimo estar num grupo com todas vocês — completa Eunji. — Imagina como a gente vai se divertir!

— Meninas, me deem um minuto a sós com a Rachel — pede Mina. — Quero dar meus parabéns.

Sempre obedientes, Lizzie e Eunji desfilam para fora do palco. Mina se volta para mim, toda sorrisos, mas reconheço o brilho maldoso em seu olhar.

— Aquela palhaçadinha na cerimônia das reverências foi fofa, Rachel — sussurra ela. — Mas isso não muda nada sobre seu lugar de verdade. Agora que vamos estrear juntas, Yujin-unnie não vai mais estar por perto para te proteger. Você pensa mesmo que vai conseguir sobreviver por muito tempo sem ela?

— Acho que sei me cuidar, Mina — respondo, cruzando os braços. — Afinal, eu sou a cantora principal.

Ela continua sorrindo, sem se abalar.

— Eu não deixaria o título subir à cabeça, Rachel. É bom não ficar confortável demais. Você nunca sabe quando pode… tropeçar.

Ela pega o celular, dá play em um vídeo e vira a tela para mim. É outra gravação tremida do show no Estádio Olímpico de Seul, mas desta vez é a Electric Flower cantando “Starlight River”. Franzo a testa e encaro Mina sem entender. Por que ela está me mostrando isso?

Então eu percebo. Quando a cobertura de céu estrelado é recolhida, assim que as luzes se acendem, bem ali, no canto da tela, há um vislumbre de Jason me beijando nos bastidores. Dura só meio segundo, mas não dá para negar que somos nós.

— Onde você conseguiu isso?

Minha voz está tremendo tanto que é impossível fingir que não estou assustada.

— Com a Leah — responde Mina, sem hesitar. — Naquele dia em que visitei a sua casa. Antes de você chegar, ela me mostrou alguns vídeos que fez do show, e eu por acaso notei algo muito interessante nesse aqui. Então pedi que ela me mandasse. Você sabe como eu sou fã da Electric Flower.

Eu engulo em seco, os dentes trincados. Se esse vídeo se espalhasse, eu estaria arruinada, como a Kang Jina. Jason tinha certeza de que a indústria do K-pop estava mudando, mas se os

últimos dois dias me ensinaram alguma coisa, é que não está mudando rápido o bastante para fazer diferença para mim.

— Você não faria isso — digo, mesmo sabendo que é claro que faria. Sem nem hesitar.

O que significa que ela me tem na palma da mão.

Mina sorri, guardando o celular no bolso da saia.

— Parabéns de novo, Rachel. O próximo ano vai ser *tão* divertido.

Vinte e sete

— Meninas, vocês estão prestes a entrar no palco para o *show de estreia*! Como foi o último mês de preparação para esse momento?

Estou sentada com as outras oito meninas da Girls Forever, todas combinando em roupas azul-elétrico com estampa de flores néon. Meu vestido frente única é justo, com pétalas rosa-choque subindo pelas laterais. Estou usando meias brancas até a coxa e tênis de cano alto brancos, imaculados. Jogo o cabelo perfeitamente cacheado para trás e sorrio para o entrevistador, piscando.

Cabeça erguida, pernas cruzadas. Barriga para dentro, coluna ereta. A câmera dá zoom no meu rosto, transmitindo-o ao vivo para milhões de pessoas em toda a Coreia do Sul.

— Foi um desafio, mas treinamos muito, e estamos mais prontas do que nunca — digo com facilidade, gesticulando para as outras meninas. — É uma grande inspiração trabalhar com pessoas tão talentosas. Aprendi muito com todas elas.

Tipo, como ficar alerta durante todos os segundos de todos os dias. Desde o chiclete na minha escova de cabelo, que Eunji jura que não era dela, aos meus sapatos, que desaparecem misteriosamente toda vez que temos uma prova de figurino, minha vida pré-estreia foi uma sequência interminável de treinamentos, noites sem dormir e pegadinhas horríveis de que precisei escapar, armadas pelas garotas que o mundo inteiro acredita que sejam minhas melhores amigas.

Sorrio para a câmera.

Se ao menos as pessoas soubessem como nossa vida realmente é.

Todas as meninas fazem “owwwwn” com o meu comentário. Sumin e Lizzie chegam até a se inclinar, uma de cada lado, para me dar um abraço em grupo. Eu as aperto com força, como se a gente se amasse muito. Suas unhas longas arranham meus braços, mas o

entrevistador continua sorrindo, com os olhos brilhantes e dentes brancos.

— Parece que vocês se dão muito bem — comenta ele.

— Com certeza — diz Mina, em um tom perfeito de entusiasmo bem treinado. — Não consigo pensar em ninguém melhor para compartilhar essa jornada. — Ela olha para nós com carinho, o olhar se demorando no meu, e sorri. — Temos uma linda estrada à nossa frente.

* * *

Estou de pé nos bastidores, antes da apresentação, respirando fundo. Este último mês passou voando, como um furacão, e finalmente é o dia da estreia. Mundo, aí vamos nós.

Finalmente chegou a hora de mostrar do que somos capazes.

Risadinhas chamam minha atenção, e quando me viro pego Mina mostrando um vídeo no celular para as outras meninas. Estão todas juntas, rindo e se empurrando para ver melhor.

— Puta merda, isso é incrível.

— Não acredito que ela conseguiu filmar isso!

Sinto um nó na garganta. É o que estou pensando?

Eu corro até elas e arranco o celular das mãos de Mina. É um vídeo no Instagram de uma garota tocando um dueto no piano com o cachorro. Nota a nota. Meu rosto fica vermelho.

— Que porra é essa, Rachel? — reclama Eunji. — Qual é o seu problema?

— Não liguem para ela, meninas — diz Mina tranquilamente, bebendo um copo de água. — A Princesa Rachel não gosta de vídeos virais que não são com ela.

Eu aperto o celular com força. Mina pode estar guardando aquele vídeo para me chantagear, mas isso não significa que eu precise me ajoelhar aos seus pés. Jogo o celular dela dentro do copo de água, fazendo todas as meninas gritar e pular para trás quando gotas voam para todo lado.

Mina fica de queixo caído.

— Ops, desculpa, Mina — digo, docemente. — Escorregou. Mas, sabe, talvez seja melhor assim. Você sabe as regras sobre redes sociais… Não quero que você tenha problemas!

Dou meia-volta, mas então paro e olho para trás, encarando o pulso de Mina, onde está o relógio coberto de rubis do sr. Han — a herança inconfundível do avô. Eu reconheci o relógio em Toronto, mas não falei nada. Nem sei por que está com ela.

Mas posso imaginar.

— Aliás, você sabe que horas são? — pergunto, inocentemente.

Mina arregala os olhos. Corando, ela baixa os olhos para o relógio, escondendo-o com a mão.

— É, hum, quase uma hora.

— Obrigada. Está quase na hora da apresentação, meninas.

Elas olham para mim, depois para Mina, tentando entender o que ficou nas entrelinhas. Eunji e Lizzie trocam um olhar, então vêm na minha direção.

— Estamos prontas!

Pelo canto do olho, vejo a expressão chocada de Mina, mas já estou me afastando.

Tenho uma apresentação para fazer.

Recebemos os últimos retoques de maquiagem e nos posicionamos no palco, esperando a cortina se abrir. Estou na minha marcação, no centro do palco, com quatro meninas de cada lado. Há câmeras apontadas para nós de todas as direções, e ouço o público gritando por trás da cortina.

As pessoas estão animadas para nos ver. Ergo o queixo. Tudo certo.

Estamos prestes a fazer uma apresentação inesquecível.

Se alguém tivesse me contado, quando eu tinha onze anos, tudo que teria que sacrificar para chegar a esse momento, tudo que me seria roubado, eu acharia que estava descrevendo um K-drama. O caminho para chegar aqui se revelou mais difícil do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado, mas cá estou eu.

Apesar de tudo, cheguei à minha estreia.

Penso nas haenyeo: *Quando sentimos que não aguentamos mais, lembramos que já fizemos isso antes e vamos fazer de novo.*

Penso em Leah: *Seus sonhos são meus sonhos.*

Penso em eomma: *Você merece sua chance, Rachel. Você se esforçou tanto.*

Quando a cortina se abre, tomo uma decisão. Encarando a câmera central, dou um grande passo para a frente, deixando as outras meninas enfileiradas atrás de mim, e paro sob os holofotes sozinha.

Chegou minha chance de brilhar.

E não vou deixar ninguém me impedir.

AGRADECIMENTOS

Tenho tantas pessoas a agradecer por terem ajudado a realizar este sonho! Preciso começar com minhas Golden Stars, pelo apoio e entusiasmo inesgotáveis e épicos. Vocês me mantiveram encorajada e inspirada durante todos os momentos!

Também quero agradecer a toda a equipe da Simon & Schuster, o lar deste livro nos Estados Unidos, principalmente minha editora maravilhosa, Jennifer Ung. Jen, você realmente ajudou a fazer este livro brilhar (por dentro e por fora)! Obrigada também a incomparável Mara Anastas; às equipes poderosas de marketing e publicidade, incluindo Caitlin Sweeny, Alissa Nigro, Savannah Breckenridge, Anna Jarzab, Emily Ritter, Nicole Russo e Cassie Malmo; e, por último, mas certamente não menos importante, um obrigada gigante a Sarah Creech, a designer espetacular que criou a linda capa cheia de estrelas e que deixou cada raio de luz perfeito.

Sou eternamente grata aos incríveis representantes na United Talent Agency — Max Michael, Albert Lee e Meredith Miller —, por terem ajudado este livro a chegar a tantos países; já estive em vários deles e mal posso esperar para me conectar com seus leitores. Sou igualmente grata ao talentoso Stephen Barbara, da Inkwell Management, por ter acreditado neste projeto desde o início, por ter encontrado o primeiro lar para o livro e por sempre ter lutado por ele.

Eu não teria chegado até aqui sem as mulheres fabulosas da Glasstown Entertainment. Obrigada a Lexa Hillyer, que ouviu muitas histórias recheadas de fofocas (sempre com uma xícara de chá ao lado), e também à inigualável Rebecca Kuss, que se certificou de que os mínimos detalhes estivessem to-tal-men-te perfeitos. Quero agradecer a Laura Parker e Lynley Bird, da Glasstown, assim como a Matt Kaplan, Max Siemers e toda a equipe da Ace Entertainment, pelo trabalho árduo para transformar esse meu bebê em uma história que, com sorte, vai chegar às telas em breve! Obrigada

também a Sarah Suk — você é uma estrela de verdade, e seu trabalho transformou este livro numa melodia incrível.

Além disso, tenho uma dívida enorme de gratidão com toda a minha família, por ter acreditado em mim incondicionalmente. Com meus pais, que sempre estiveram ao meu lado e permitiram que eu me tornasse quem eu queria ser. E, especialmente, com Krystal, a melhor irmã do mundo. Eu amo vocês do fundo do meu coração.

Por último, quero agradecer ao Tyler. Você esteve comigo durante grande parte da minha jornada, e eu não teria conquistado tudo isso sem você. Sua paixão e disposição em ajudar são excepcionais. Mal posso esperar pela próxima aventura.

SOBRE A AUTORA



©Coridel Entertainment

Jessica Jung é uma cantora, atriz, estilista e influenciadora americana de ascendência coreana. Nascida em São Francisco, Jessica cresceu na Coreia do Sul, onde treinou para ser cantora de K-pop por sete anos até debutar como membro do lendário grupo feminino Girls' Generation em 2007. Em 2014, Jessica saiu em carreira solo e lançou sua linha de moda, Blanc & Eclare. Desde então, apareceu em capas de revistas internacionais e também em projetos no cinema e na televisão. *Shine: Uma chance de brilhar* é sua estreia na literatura.

Leia também



Para todos os garotos que já amei
Jenny Han



Contato de emergência
Mary H. K. Choi



Quase uma rockstar
Matthew Quick



As férias da minha vida
Clara Savelli



Amor & gelato
Jenna Evans Welch